D. João da Camara

EL-REI

ROMANCE ILLUSTRADO

POR

F. VILLAÇA

LISBOA

Empreza Editora Mello d'Azevedo & C.ª

Travessa do Alecrim, 1

1895

EL-REI

EMPREZA EDITORA MELLO D'AZEVEDO & C.TA

EL-REI

ROMANCE ORIGINAL

DE

JOÃO DA CAMARA

LISBOA
TYPOGRAPHIA DO «COMMERCIO DE PORTUGAL»
35 — Rua Ivens — 41

1894

CAPITULO I

A acclamação

Acabára-se tudo.

E nos olhos verdes de Martha marejavam lagrimas saudosas d'um sonho desfeito em luto.

O povo apinhava-se nas ruas esperando a passagem do Cardeal que ia ser acclamado. Nas janellas fulgia o oiro das colchas bordadas e as damas vestiam fatos de gala; o povo preparava-se para gritar: — «Real, real, real, pelo serenissimo principe D. Henrique, rei de Portugal!» Era a manhã de vinte e nove de agosto; manhã de verão, céu ardente, azul purissimo. Os pardaes em revoadas alegres vão pousar nas altas torres d'onde mais tarde em debandada hão de fugir ao repique alegre dos sinos. E Martha chorava e era para todos um dia de luto aquelle.

Acabára-se tudo? Talvez não. Nem que os seus olhos d'ella o houvessem visto barbaramente mutilado, apodrecido ao sol africano no areal ardentissimo, nem que as suas mãos tremulas houvessem lançado na cova os primeiros punhados de terra sobre o cadaver, nem que ella mesma houvesse soluçado o *amen* ao ultimo

requiescat, lhe seria possivel acreditar que o peloiro d'um perro, peloiro estupido, perro infiel, pudesse desfazer em nada tanto castello sonhado, tanta mocidade, tanta vida!

Havia treze dias que o Cardeal chegára d'Alcobaça. Até então o desbarate era um boato apenas sobresaltando as almas, encanecendo as frontes, deixando ainda nos corações uma esperança. Mas o boato confirmou-se. D. Sebastião dera batalha em Alcacer-Kibir. A carta de Belchior do Amaral trazia a nova da morte d'El-Rei.

O velho Cardeal vai ser acclamado.

Dentro em pouco aos ouvidos de Martha hão de chegar, tristes como dobres, as acclamações do povo: — «Real, real, real, pelo serenissimo principe D. Henrique, rei de Portugal!» Que rei de Portugal aquelle! Que rei de Portugal o outro! A velhice a herdar da mocidade, o braço que brandia a espada de D. Affonso Henriques deixando cahir o sceptro nas mãos tremulas d'um padre velho!

— Sabeis que desde Melchisedech nunca tal acontecêra? perguntou D. Lourença á sua velha amiga Joanna da Fonseca.

— Como assim! exclamou esta. Pois nenhum outro mortal alcançou reunir tão distinctas e supremas dignidades?

— Sacerdote e rei! Que dizes a isto, Martha?

E D. Lourença, erguendo um pouco a voz, voltou-se para o lado da janella, onde a sobrinha, apoiado o braço ao peitoril, rosto na mão, devaneava tristemente.

Lagrimas não regam esperanças; a esperança murchara-lhe no coração.

— Minha tia! respondeu ella voltando um pouco o rosto e com os dedos sacudindo uma lagrima.

— Não chores, filha, disse carinhosamente D. Lourença. Deus sabe o que faz e os seus designios são impenetraveis. Felizmente não tinhamos parentes chegados em Alcacer. Não tens por quem chorar.

— Pelos que choram, minha tia.

— Deus, permittindo que subisse ao throno um sacerdote tão notavel pela santidade dos seus costumes e

ardente na exaltação da santa fé catholica, quiz mostrar-nos que mais piedosamente ha de agora volver para nós os seus olhos.

—Desde Melchisedech, Martha, desde Melchisedech!

E Joanna da Fonseca promettia contar o facto a todas as amigas que tinha nos muitos conventos de Lisboa.

—Mas quem vos fez notar D. Lourença, a distincção que o nosso reino mereceu a Deus?

Martha, novamente á janella, olhava distrahida para a multidão. Um rapaz muito novo ainda, de pequeninas barbas turquescas e grandes guedelhas de estudante, parára em frente da casa e olhava embebecido para Martha.

—Eu vos digo, Joanna, contava D. Lourença. Foi o dr. Jorge Serrão, que conhece profundamente a historia de todos os reinos, quem m'o affirmou.

—Mais uma gloria para Portugal. Mas, dizei-me, contou-vos elle tambem como o Cardeal recebeu a nova do desbarate do nosso exercito?

—Como sabeis, foi o doutor mandado pelos governadores a Alcobaça com cartas narrando a Sua Alteza o successo da batalha e pedindo-lhe com muita pressa se viesse a Lisboa. Sabendo nova de tanto sentimento começou o santo velho em prantos como menino.

—Tinha a seu lado quem o soubesse consolar, observou Joanna da Fonseca, convicta admiradora do provincial da Companhia de Jesus.

— Elle o tirou do abatimento em que o poz a infausta nova e o consolou em sua agonia.

—Para as dôres que nos ferem n'este valle de lagrimas não ha consolação que valha a assistencia d'um theologo a nosso lado.

E Joanna da Fonseca escolheu no prato da China o bolinho d'ovos, seu predilecto, sabia preparação das freiras do convento de Santa Joanna, onde Martha fôra educada.

— Confesso-vos, continuou ella, limpando a bocca ao lenço bordado, confesso-vos, D. Lourença, que desde aquella temivel apparição do cometa, com aquelle grande rabo virado para as partes do meio dia, signal evidente que Deus reprovava a jornada, nunca mais,

D. Lourença, nunca mais, deixei de temer os seus effeitos.

— A cega mocidade d'El-Rei, que Deus haja, foi causa da orphandade d'este reino. Nosso Senhor mandou-lhe avisos a que El-Rei respondeu com trocadilhos. Os signaes do céu devem ser respeitados e interpretados sómente pelos que conhecem os segredos da astrologia.

— Então que disse El-Rei ao vêr o temivel presagio?

— Que o cometa dizia: accommetta.

— Padre, Filho, Espirito Santo! exclamou Joanna da Fonseca arripiada pelo horrivel trocadilho. E os grandes exercitos de figuras, que pareciam esquadrões marchando pelos ares e foram vistos em Penamacôr? Bem dizeis, D. Lourença, era cego El-Rei.

— Outros prenuncios houve da má sorte das nossas armas. Que melhor indicio querieis que o apparecimento d'aquelle homem morto atravessado no esporão da galé de El-Rei, quando em Lagos levantou ancora e os forçados começaram de vogar?

Joanna da Fonseca com um bolinho nos dedos tornou a benzer-se:

— Padre, Filho, Espirito Santo!

Fóra, na rua, em filas compactas, apinhava-se o povo esperando a passagem do novo rei.

N'aquella manhã de verão cheia de cantos d'aves, que pareciam hymnos de mocidade voando pelos ares luminosos, perfumada pelo aroma das ultimas flôres, tepida e formosa, um silencio de cemiterio pesava soturno e ameaçador sobre toda a multidão. Cada peito era um tumulo, cada coração um cadaver.

O sol ia subindo. Da janella de Martha avistava-se o Tejo resplendente, socegado como lago enorme e solitario. Fôra d'ali que ella vira desapparecer, havia pouco mais de dois mezes, a frota de novecentas vélas. Mas as lagrimas que então lhe correram pelas faces encontraram-lhe aos cantos dos labios a prega gentil d'um sorriso de esperança. E a solidão do Tejo rutilante, onde nem uma véla pequenina branquejava, augmentava agora a tristeza do quadro, prolongava-a ao longe até onde o azul mergulhava nas aguas. Tudo era luto. Se o luto dos corações pudesse ennuvear o céo, que céo d'inverno pesaria sobre a cidade!

A casa de Joanna da Fonseca era ao cimo da Calçada de S. Francisco, no caminho que o Cardeal devia seguir para das casas do Duque de Bragança, onde se aposentára, se dirigir para a egreja do Hospital. Ali fòra sagrado para a primeira prelasia que teve do arcebispado de Braga, ali quiz receber a corôa real, o sceptro dos reis d'Aviz.

— Deus a salve, minha senhora, disse Martim Corrêa, entrando na sala.

O pae de Martha, irmão mais novo do alcaide de Castello de Vide, era um velho soldado da India, amigo e conselheiro do Cardeal. Em Lisboa, havia mezes, desde que Martha deixára o convento, fôra um dos chamados pelo Infante D. Henrique para o ouvir sobre as resoluções a tomar em vista das novas incertas que havia sobre os acontecimentos d'Africa.

Mal entrára, Joanna da Fonseca ergueu-se e foi respeitosamente ter com elle. Bastava-lhe saber que esse homem se approximára por vezes do santo sacerdote para sentir-se junto d'elle tão perturbada como quando no seu oratorio beijava as mais devotas reliquias.

Martim Corrêa comprimentou-a e logo dirigindo-se a D. Lourença:

— Animo, minha irmã. Perdida uma esperança, outra nova ha de brotar. Contava morrer mais socegado. Vejo no céo um ponto negro, signal d'outros proximos lutos. Tudo parece que vai decrepitando, mas devemos deixar-nos d'agoiros e ter confiança em Deus.

— E o nosso santo principe já o viu hoje? perguntou a amiga de D. Lourença, emquanto esta, carinhosamente, com os dedos aristocraticos, onde brilhavam perolas e diamantes da India, concertava as pregas da golilha do irmão.

— Ha cinco dias que o não vejo, desde que me chamou para juntamente com outros fidalgos e senhores, vereadores da camara e desembargadores do paço e os da mesa da consciencia e mais tribunaes de justiça, nos consultar sobre se havia de ser alevantado por curador, governador e successor dos reinos de Portugal. A nova infausta da morte d'El-Rei D. Sebastião a mais que tudo o elevou.

Martha não dera pela entrada do pae. Este diri-

gia-se a ella, quando Joanna da Fonseca lhe perguntou:

— E diga-me, sr. Martim Corrêa, como lhe falou o santo velho? Bem é de suppôr que a nova dignidade de que hoje vão revestil-o nem sequer perturbasse tanta santissima humildade.

— «Não vos pareça que é de animo fraco verdes-me correr estas lagrimas dos olhos», dizia-nos elle, tremulo, tão tremulo por certo pela dôr da morte, já então mais que provavel, d'El-Rei, seu sobrinho, como pela confusão em que o põe a sua velhice que uma fatal doença transformou em temerosa decrepitude.

— Tão santo e tão modesto talvez receba a nova dignidade mais como castigo do que recompensa de Deus, disse D. Lourença, que tendo já concertado a golilha a seu gosto, desvanecia-se ao vêr o garbo marcial que, apezar de vergado pelos annos e pelos ferimentos, Martim Corrêa conservava ainda.

— Elle mesmo o disse que nenhum mais severo lhe pudera dar Deus na edade em que se vê. E tão achacado, pobre velho! Nada o aquieta já de sobresaltos. «Grande sacrificio, accrescentou, é tomar agora o peso do amparo d'este reino, posto em estado de grandes trabalhos, e eu já debilitado, sem forças, não me ficando mais que para tratar da morte, de que já me vêdes tão visinho».

— Pobre velho! disse D. Lourença.

— Querido santo! accrescentou devotamente Joanna da Fonseca. E ninguem o consolou n'esse humilde receio, duvida tremenda de não poder arcar com tantos trabalhos como esses que o sceptro lhe impõe?

— Que lhe houveramos de dizer? Um silencio mortal respondeu ás palavras d'El-Rei, que hoje o ha de ser. Chorámos todos com elle.

— E depois? perguntou D. Lourença.

— Depois...

Martim Corrêa encolheu os hombros e apontou com os olhos o céo.

— A Providencia que nos não ha de desamparar.

Approximou-se da janella e bateu carinhosamente no hombro de Martha.

— Adeus, Martha.

— Meu pae! disse ella estremecendo e como que acordando.

Durante todo o tempo conservára os olhos fitos no extremo horizonte, na linha luminosa onde o céo cahia sobre as aguas, ali, onde ella vira desapparecer a frota, n'aquella esplendida manhã de junho, ainda tão proxima no tempo, e já tão longe!

No movimento de cabeça que fez para offerecer a testa ao beijo do pae, fitou o olhar, por instantes, nos olhos negros do estudante que os não despregara d'aquella janella. Um ligeiro rubor tingiu-lhe rapidamente as faces queimadas pelas lagrimas.

— Vamos, Martha, que tens? Precisas conformar-te com a vontade do Senhor, disse-lhe Martim Corrêa afagando-a. Porque choras? Nenhum dos teus lá ficou. Deus não quiz... o Cardeal não deixou que eu lá fosse dar o resto das minhas poucas forças em serviço d'estes reinos. És nova; ainda has de vêr a aurora de dias muito melhores. Emquanto a mim...

Martha não respondeu. Pesava-lhe o segredo sobre o coração mal deixando-o bater. Se ella pudesse grital-o a todos ou pelo menos murmural-o a alguem! O seu segredo!

— Adeus, filha. Sua Alteza deve estar terminando a missa que hoje diz no oratorio do Duque. Tenho de acompanhal-o. Virei depois jantar comtigo e á noite recolheremos a casa. Não quero vêr essa carinha triste. Animo, minha filha. Adeus.

Martim Corrêa apertou a filha contra o peito, enxugando-lhe as lagrimas com beijos; despediu-se depois de D. Lourença e de Joanna da Fonseca, e, aprumando-se quanto as perras articulações lh'o consentiam, desceu a escada, fazendo tilintar a espada nos degráos de cantaria. Pouco depois Martha via-o desapparecer na volta do Largo, caminho dos paços do Duque de Bragança.

Passada meia hora correu de extremo a extremo a nova de que o Cardeal se encaminhava para a egreja. Um movimento de curiosidade fez volver as cabeças para o alto da Calçada. O borborinho augmentou; o povo dispoz-se em duas filas compactas de encontro ás casas. Os trombeteiros a cavallo assomaram á esquina do Largo.

A' medida que o Cardeal vinha andando, o borborinho diminuia, como, se em vez d'um cortejo de gala, se tratasse d'uma procissão funebre. As exclamações afogavam-se nos peitos.

Era a patria que ia a enterrar.

No céo fulgia o mesmo sol que tantas vezes doirára a bandeira das quinas, orgulhosa, alto-erguida nos mastros das caravelas. Seguia agora indifferente o seu destino, enchendo de luz faiscante a poeira do caminho por onde El-Rei de Portugal, velho decrepito, seguia para ir buscar o sceptro que as suas mãos brancas, exangues, sem forças, mal poderiam suster.

Joanna da Fonseca e D. Lourença approximaram-se da janella, sorrindo, esperançadas n'um favor divino que bem longe estava de dever descer sobre Portugal. Martha fitára os grandes olhos claros na cavalgada que vinha descendo, quasi aterrada pelo contraste da tristeza funebre d'esse cortejo com as alegres cavallarias de ha mezes na Corredoura e na Rua Nova.

Vinham silenciosas às trombetas e mudos os atabales sobre tres azemolas com gualdrapas riquissimas, quarteadas de branco e vermelho. Logo hão de tanger alegremente, quando o povo responder a D. João Tello: — «Real, real, real, pelo serenissimo principe D. Henrique, rei de Portugal!»

Seguiam-se os seis porteiros com as massas de prata, e os nove reis d'armas todos a cavallo, melancolicos, carpindo o rei morto antes que dispostos a acclamar o rei moribundo. Vinham adeante de D. João Tello, que trazia a bandeira real enrolada na hastea.

Mais atraz o Duque de Bragança, dobrado pelo desgosto, com o rosto inundado de lagrimas e o coração oppresso pelo mais negro dos presagios, levava o estoque na mão, talvez pensando no velho condestavel, seu avô, cuja obra grandiosa acabára de ter o fim soturno nos areaes ardentes de Alcacer.

Vinha passando El-Rei. Martha estremeceu ao verlhe o rosto macerado. D. Lourença e Joanna da Fonseca dobraram o joelho em terra.

Vestido de vermelho, com uma loba de chamalote de seda sobre o rochete e barrete vermelho de cantos na cabeça, mal sustinha o corpo fatigado sobre a muli-

nha preta, cujas redeas eram levadas pelos Condes da Castanheira e de Sortelha. Os olhos azues, muito sahidos, tinham, sós, alguma vida ainda n'aquelle corpo pequenino, enfezado, sustentado a leite de mulher. D'um lado e outro das faces pallidas, desciam de sob o barrete vermelho do Cardeal, raras madeixas de cabello, branco e loiro, sem forças. Esse espectro era El-Rei de Portugal, o que havia herdado a corôa de Aviz d'aquelle que o grande Camões promettera cantar em poema ainda mais grandioso que os *Lusiadas*.

Seguiam-se a pé os velhos fidalgos que haviam ficado, todos cançados, nem um só d'elles com força para brandir uma espada.

A mula caminhava a passo, mas os solavancos da azemola pareciam fatigar dolorosamente o velho rei. O beiço inferior descahido n'um gesto amargo de soffrimento dava-lhe um aspecto de senilidade exaggerada para a sua velhice. Os olhos azues, sahidos, queimados pelas lagrimas, interrogavam a multidão, que olhava silenciosa, e pareciam dizer-lhe: — «Não é verdade que tudo isto é morte?»

O cortejo passou; o povo seguiu-o. A rua ficou deserta.

Ao longe ouvia-se ainda um tenue murmurio de muitas vozes falando baixo.

D. Lourença e Joanna da Fonseca recolheram-se á sala. Uma ao lado da outra, tirando das algibeiras os rosarios, começaram murmurando baixo os Padre-Nossos e as Ave-Marias, D. Lourença dizendo a intenção dos mysterios, Joanna da Fonseca respondendo-lhe.

Martha não se arredara da janella. Nem sequer reparou no pae que no grupo confuso dos velhos fidalgos lhe enviára um beijo com a ponta dos dedos. Mal viu desapparecer o cortejo, volveu novamente os olhos para onde ainda uma tenue esperança lhe fazia adejar o coração. Longe, muito longe, punha a vista, como se alguma vela branca ainda pudesse trazer o balsamo d'uma esperança á sua alma tão mal ferida. Ali tivera os olhos postos quando havia partido a frota de mil velas. Anoitecera, e os olhos n'essa noite não se haviam despregado do horizonte, onde, uma por uma, iam mergulhando as estrellas.

— Martha! chamou D. Lourença. Não queres rezar comnosco?

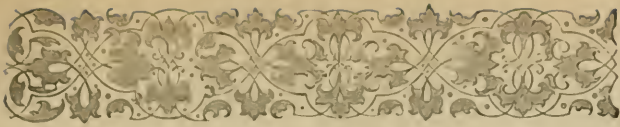
Então respirou fundo, sacudiu a cabeça, enxugou rapidamente as lagrimas.

Os grandes olhos negros do estudante nem por um momento haviam deixado aquella janella, elle só na rua deserta.

Novamente o rubor subiu ao rosto de Martha. Retirou-se para dentro.

Ao longe tocaram alegremente os atabales e cornetas. A multidão gritou: — «Real, real, real, pelo serenissimo principe D. Henrique, rei de Portugal!»

Martha, n'um choro convulso, cahiu sobre uma cadeira.

Acabára-se tudo.

CAPITULO II

Sonhos

Davam nove horas na torre da Sé, quando Martha, acompanhada por Martim Corrêa e D. Lourença, sahiu de casa de Joanna da Fonseca.

Nem um só murmurio quebrava o silencio da noite, que lentamente descera sobre Lisboa; apenas de quando em quando o passo cadenciado e somnolento das patrulhas. Ao silencio juntara-se a treva, duas irmãs soturnas entristecendo ainda mais a cidade. As torres da Sé negrejavam n'um tenue clarão do céo, prenuncio da lua, que, no minguante, só mais tarde havia de nascer.

Martim Corrêa, D. Lourença e Martha, dirigindo-se para a casa que habitavam junto da Sé, caminhavam apressados e silenciosos. Martim Corrêa, com a mão esquerda na espada, que lhe erguia por detraz a ampla capa, offereceu á irmã o braço direito, que ella apertava receosa da solidão. Martha caminhava um pouco á frente, junto d'elles.

Cada qual levava as suas tristezas, profundava a seu modo os seus desgostos; mas uma só desesperára,

d'uma só pareciam não ter consolação no mundo as lagrimas dolorosas d'uma saudade infinita. Martha sentia agora como que um vasio horrivel no coração: era a esperança que a tinha abandonado.

Ao sahirem da Rua Nova, cujos eccos os passos dos caminhantes haviam acordado, Martha lembrava-se de quanto bulicio n'outras noites, áquella mesma hora avançada, quanta alegria, estrondeavam por aquellas lojas abertas, nos joalheiros, nos livreiros, nos commerciantes d'objectos da India, em todos aquelles andares illuminados, d'onde vinham até á rua cantos alegres, musicas festivas. Agora a treva, o silencio, o luto.

Já proximo de casa, reparou Martim Corrêa n'um homem embuçado, que seguia em sentido opposto, descendo rapidamente a calçada. Ao passar junto dos trez, ergueu a capa, como querendo esconder o rosto.

O seu ar miseravel, apezar do traje ser quasi de cavalleiro pelo talhe do vestuario e pela amplidão da capa, inspirou desconfiança a Martim Corrêa, que, deixando o braço da irmã, levou a mão direita aos punhos da espada.

Mas o embuçado passou, e Martim Corrêa já se afastára uns vinte a trinta passos, quando ouviu gritar:

— Soccorro! Soccorro!

A estes gritos respondia uma outra voz pouco animadoramente:

— Ah! marrano! Até que emfim!

— Perdão! Perdão!

— E' tarde!... Vingo-me! Ladrão! Judeu!

Ouviam-se as bordoadas valentes d'um cacete cahindo sobre as costas magrissimas da victima.

— De que te serve o punhal?.. Dize!... Toma!

— Soccorro! Soccorro!

Ouviram-se os passos rapidos das patrulhas acudindo. Martim Corrêa, apesar de D. Lourença que o retinha, correu para junto dos contendores, seguido por Martha, atrahida pela curiosidade.

A porta d'uma taberna abriu-se e sahiu d'ella um homem obeso, vermelho, desbarretado, com uma vasta cabelleira ruiva até aos sobr'olhos.

— Conheci-lhe a voz, disse elle para o que batia. Fuja. Já vem correndo as patrulhas. Fuja.

E accrescentou baixinho:

— Espero-o em casa da Marianna a Santa. Fuja.

As patrulhas vinham proximo. O outro fugiu; mas ao passar por defronte da porta, deu-lhe no rosto a luz da candeia e Martha reconheceu o estudante que durante a manhã a contemplára embebecido.

No chão estava estendido um homem magro, de grandes barbas grisalhas. O taberneiro acudiu com uma lanterna a requisição de Martim Corrêa. O ferido tinha no alto da cabeça uma brecha profunda; o sangue corria-lhe pelas faces pallidas, avermelhando-lhe o bigode. Na mão tinha um punhal de que não pudera servir-se.

Martim Corrêa reconheceu-o:

— O Ayres Gomes.

E voltando-se para o taberneiro:

— Deita-lhe uma gota d'agua na ferida. Não será nada. Vamos, Martha.

— Quem é, meu pae? perguntou esta, quando chegaram perto de D. Lourença, que resava assustada.

— Um christão novo, um homem do Cardeal. Deus me perdoe se levanto falsos testemunhos, mas aquelle espião...

D. Lourença apertou-lhe o braço.

— As paredes teem ouvidos.

— Um onzeneiro. Algum devedor consciencioso acabou talvez hoje de lhe pagar a divida. Vamos. As ruas da cidade não são seguras a estas horas. Vamos depressa.

Eram nove horas e meia, quando Martha, tendo pedido a bençam ao pae e depois a D. Lourença, recolheu ao quarto.

Ao entrar, soltou um profundo suspiro de alivio. Era só finalmente! Podia agora chorar, lamentar-se, sonhar á vontade!

Abriu a janella d'onde se avistava uma nesga do Tejo por entre as altas casarias do outro lado da rua. No quintal fronteiro as arvores sussurravam muito mansamente e entre as copas arrendadas fulgiam e desappareciam as estrellas como dançando ao compasso da branda canção do vento. Volitavam na atmosphera as petalas perfumadas das ultimas rosas das tre-

padeiras. O relogio bateu dez horas. Na torre da Sé riu-se uma coruja. A lua minguada vinha a nascer.

Quantas vezes ouvira bater compassadamente o grave sino d'aquella torre! Tantas vezes, ali, sentada n'aquelle mesmo poial, áquella janella, passára horas e horas esquecida, sonhando, anciosa pela decifração d'um misterio, que lhe alegrava n'uma caricia immensa o coração, delicioso segredo, que não confiava a ninguem, que não sabia perceber e cuja revelação lhe trouxeram finalmente as novas da morte d'El-Rei. Agora, sim, sabia que misterio era aquelle; tinha-o quasi adivinhado na tarde em que El-Rei partira e corára de pudor; sabia-o bem agora, e dois dias antes, quando o licenciado Lourenço Marques havia quebrado o escudo nos degráus do taboleiro da Sé, Martha chorara de desespero.

Parecia-lhe ainda ouvir as altas e dolorosas vozes: «Chorae, senhores, chorae, cidadãos, chorae, povo, a morte do vosso bom rei D. Sebastião.» Levantara-se um pranto commovedor em toda a gente, e os gemidos agudos das mães, que tinham os filhos na Africa eram como gritos de feras. E Martha chorava de desespêro e só pensava n'elle, indifferente á dôr dos outros, como se á vista da sua dôr empallidecesse a de todos.

Martha sahira do convento, completa a educação, não havia ainda cinco mezes. Começara os estudos com pouco mais de seis annos e até aos dezoito ficara entregue aos carinhos d'uma tia velha, irmã de sua avó materna e abbadessa do convento de Santa Joanna.

Adentro d'aquellas grades mal chegavam rumores do mundo. A memoria da sua primeira infancia em Castello de Vide fôra-se pouco a pouco apagando. Martha, ao sahir, conhecia apenas as estrellas do céo e as poucas arvores da cerca. O mais eram sonhos de romances, lendas religiosas, historias de santos. O mundo assustava-a. Sabia, porque lh'o contavam, que as tentações se lhe haviam de erguer sob os pés, e tremia d'esses misterios todos, não sabendo que seducções seriam essas para que não estava prevenida, receosa sempre de uma traição diabolica. Foi triste a despedida das companheiras e das mestras, que tão boas historias lhe contavam e a faziam sonhar deliciosamente com jardins

esplendidos e vastos, floridos e perfumados, onde Nossa Senhora, toda de branco, sorria aos seus devotos.

Tudo isso ia deixar. A porta pesada rangeu sobre os gonzos perros e Martha cahiu nos braços do pae, que a esperava tremulo na portaria do convento.

Foi logo para casa de D. Lourença. Uma curiosidade aguda, um tremor do desconhecido mal a deixaram dormir essa noite. Levantou-se pé ante pé e abriu a janella. Olhou sorrindo para a cidade que ouvia respirar lá em baixo como um animal fantastico, enorme, um monstro d'essas lendas romanticas, que as mais velhas lhe contavam ás vezes ás escondidas, e em que entravam sabios, gigantes, anões, fadas, princezas e cavalleiros.

Começou a pensar e teve medo. Na parede havia um crucifixo. Martha ajoelhou e resou um Padre-Nosso devotamente: «Não nos deixeis, Senhor, cahir em tentação; mas livrae-nos de todo o mal. Amen.» E mais socegada, deitou-se a pensar que tentações seriam aquellas tão espalhadas cá por fóra e que ninguem nunca lhe dissera quaes eram.

Martim Corrêa adorava a filha. Da ultima vez que a vira, havia mais de trez annos, tinha-a deixado criança ainda, desageitada no vestido freiratico de educanda.

—E uma senhora, agora! Uma senhora! dizia elle, mirando-a e remirando-a, encantado pela juvenil elegancia de Martha.

E sentava-se e pegava-lhe nas mãos e passava horas olhando-lhe enternecido os olhos verdes, os cilios largos, os sobr'olhos negros.

—Olha para mim, filha. Parece-me o olhar de tua mãe!

E veiu-lhe uma vaidade immensa dē mostral-a, desvanecido quando alguem pela rua, do meio da multidão, formulava um pouco mais alto o que todos pensavam baixinho.

—Não será difficil achar-lhe um noivo, minha senhora mana, dizia elle sempre, quando voltava dos seus passeios.

—Cuidado, recommendava D. Lourença, cuidado. Coração virgem não discute o amor.

Estava-se nas vesperas da partida para Africa. O movimento em Lisboa augmentara extraordinariamente.

Todos os dias desembarcavam novos forasteiros: os soldados que chegavam da provincia, os que mandára El-Rei Catholico, os tudescos e riquissimos estrangeiros, fidalgos aventureiros, que vinham tentar fortuna, seduzidos pelo renome d'El-Rei de Portugal.

Apezar de velho, e vendo portanto toda a temeridade da jornada, Martim Correia sentiu communicar-se-lhe o enthusiasmo que a loucura contagiosa de D. Sebastião despertava em todo o reino.

—E' um exercito de valentes, dizia elle apertando nervosamente a espada. Quero que os vejas, Martha.

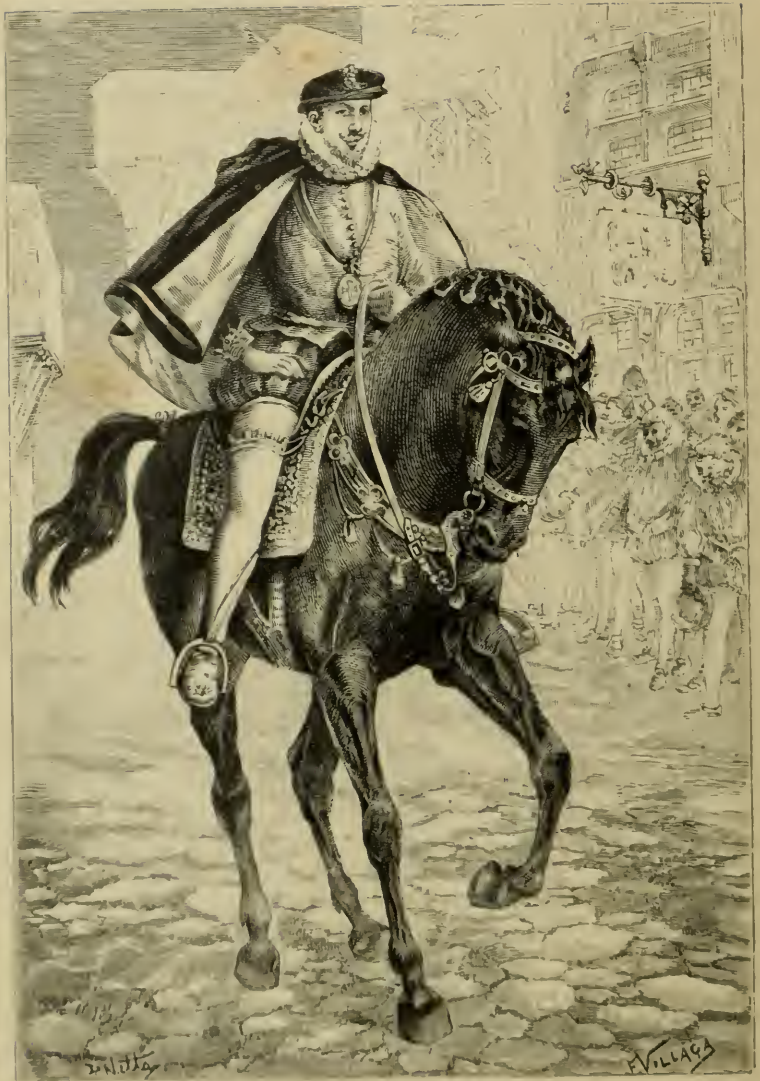
E sorrindo accrescentava, galanteador:

—E que te vejam a ti.

Um dia levou a filha á Rua Nova.

Martha teve um estremecimento de surpreza. Pelo centro da rua, a cujos lados se apertava a multidão, uma cavalgada seguia ostentando o mais opulento luxo que a viva imaginação d'um romancista poderia sonhar. Mais de trezentos cavalleiros faziam seus caracoes, alegremente, fitando os olhos, onde refulgia a certeza da victoria, nos rostos juvenis que os admiravam das janellas colgadas de riquissimas colchas de brocado. Cumprimentando, tiravam os chapéos guarnecidos de diamantes, perolas e esmeraldas. Os cavallos levavam quasi todos cabeçadas de prata, esmaltadas d'oiro e azul; as estribeiras e peitoraes cheios de borlas d'oiro; as machilas cobertas de franjas d'oiro e prata. Seguia a cavalgada alegremente acompanhada por um numero infinito de escudeiros, pagens, lacaios e escravos, cada qual com a libré de suas côres, quasi todos de calças e gibões de seda. Os vivas estrugiam pelos ares e Martha não sonhára nada tão bello, quando os seus olhos meditabundos se fixavam nas paginas fantasticas dos encantadores romances de cavallaria.

— Fala, Martha, dize alguma coisa. Vês tu? Já fui assim tambem. Deus irá com elles, que o valor é virtude. Deus ha de perdoar-lhes a temeridade.

Mas Martha, em cujos olhos fulgia a curiosidade e cuja fantasia se exaltava pensando na facilidade da victoria de tão garbosa gente sobre perros africanos, alarves infieis, sentia entretanto o coração tranquillo. Muito a exaltava, nada a commovia. Um leve rubor

El-Rei

tingira-lhe as faces; um sorriso gracioso puzera-lhe uma covinha aos cantos da bocca, um nadinha grande, cheia de bondade. Nenhuma perturbação, porém, sentia n'alma, e devotamente resava ao Santissimo pedindo-lhe a victoria das armas christãs.

Os vivas que se levantaram cessaram de repente. A cavalgada parou abrindo alas. Dos lados do Castello desciam cincoenta alabardeiros vestidos de negro, com capas até meia perna, saios com faldas pelo joelho e botas largas de cordovão preto. Uma centena de cavalleiros descia a calçada, todos tão ricamente vestidos como os que já ostentavam sua galhardia pelas ruas de Lisboa.

— El-Rei! disse Martim Corrêa.

E entre a multidão, que se afastava respeitosa, fugindo dos cavallos irrequietos, procurou sitio d'onde Martha pudesse á vontade observar quanto eram justos os enthusiasticos panegyricos a toda a hora cantados sobre o valente moço, luz e espelho de toda a cavallaria.

— Ahi o tens, repara, dizia Martim Corrêa alvoroçado. Poetas são prophetas, e Camões apontou-lhe os campos de Ampelusa para n'elle edificar o throno glorioso.

Martha sentiu n'esse momento bater-lhe apressado o coração. A viva fantasia já lhe retrata El-Rei como um d'esses heroes thaumaturgos das novellas. N'uma confusão do maravilhoso, a que uma leitura d'um volume dos *Lusiadas*, truncados pela mão pudibunda de D. Lourença, a haviam adestrado, via-o invulneravel como Orlando, protegido, não por Belonia ou Urganda, mas pela Virgem, Nossa Senhora, em pessoa, que havia de descer do céo, a rogos d'ella.

A uns vinte ou trinta passos de distancia da luzida comitiva, fazia El-Rei caracolar o seu fogoso cavallo mursello, que mordia desesperado o freio doirado coberto de espuma, sacudindo na cabeça os pendentes d'oiro cheios de pedras preciosas. Espada, cinto, estribos, esporas, tudo era oiro e a sella de velludo preto recamada d'oiro e perolas. El-Rei trazia uma capa negra e o capuz com riquissimos botões de perolas, diamantes e rubins. Eram de diamantes as abo-

toaduras do saio. Trazia um barrete chato, com um cordão onde reluziam as mais bellas joias, carregado para a testa, quasi a cobrir-lhe o sobr'olho direito. Seguia um pouco dobrado sobre o cavallo, attento á revista, e o sobrecenho altivo parecia ás vezes illuminar-se de desacostumada benignidade, quando punha os olhos em cada um dos fidalgos, que de cabeças descobertas, um pouco inclinadas pelo respeito, sentiam o olhar d'El-Rei reaquecer-lhes os animos. Os olhos azues de D. Sebastião fulgiam de contentamento ao vêr tanta gente garbosa disposta a favorecer-lhe com as vidas o sonho doido do imperio do globo. A sua bocca grossa sorria vaidosamente e o sol no apogêo enchia-lhe de scintillações d'oiro os cabellos ruivos.

Alguns do povo ajoelharam e Martha, fóra de si, n'um tremor convulso, sentiu vergarem-se-lhe os joelhos. Os seus olhos verdes, cheios de devoção, ergueram-se em extasis para o ungido do Senhor, que deixava, de quando em quando, cahir distrahidamente um olhar cheio de mansidão sobre os humildes vermes que se rojavam pela terra.

Tudo isso lhe lembrava agora, sósinha n'aquelle quarto, ouvindo o canto misterioso da noite, sempre o mesmo, agora como d'antes, acompanhando-lhe agora as lagrimas tal qual como d'antes lhe acompanhara os sonhos. Era a noite que fazia seus descantes lá fóra, mas eram toques de alvorada os que ella sentia no peito. Era um romance vago, confusamente architectado, que a fazia ás vezes córar de pejo, e que entretanto, sentada áquella janella, ia entretecendo, bordando-o de joias, no tear fantasioso dos seus desoito annos. Era aquella mesma musica que então sussurrava nas altas ramarias dos ulmeiros; era aquelle mesmo perfume das ultimas rosas que se espalhava pela atmosphera tepida. N'um gesto doloroso de cabeça olhou para o céo. Eram tambem as mesmas estrellas um pouco mais altas agora, áquella hora. Quantas vezes vira despontar as Tres Marias que estavam agora quasi no zenith. E ella pensava ás vezes que os tres astros deviam de andar apaixonados pelo sete-estrello, que na mesma linha lhes fugia, fugia sempre, como a ella agora lhe fugira o sonho.

E a indifferença das coisas, sempre eguaes, no mesmo caminho fatal, aguçava-lhe a dôr d'aquelle horrivel despertar.

Tinha n'alma guardada desde aquelle dia a imagem d'El-Rei.

— Eternamente!... disse em voz alta.

E estremeceu.

Aquellas cinco syllabas tinham-lhe soado funebremente aos ouvidos. Era um dobre de defuntos; era o morrer dos sonhos; era um cantochão soturno cantado sobre um coração de desoito annos.

— Eternamente!... murmurou em tom cavo.

O relogio pela noite fóra continuava a bater as horas. A coruja ria. Martha, sentada á janella, continuava a chorar.

Era horrivel o mundo sem elle!

E veiu-lhe então um desejo violento de deitar-se aos pés do pae, rogando-lhe que a deixasse voltar para o seu convento, desilludida, não vendo mais que trevas no futuro, cega pela primeira paixão, com o peito em chaga viva pelo arrancar brutal da primeira flôr que n'elle abrira.

Vinha rompendo a manhã. As estrellas, uma por uma, apagavam-se no céo muito frio. A nesga do Tejo parecia uma enorme saphira engastoada na cidade. Uma ligeira neblina, que subira do rio, fazia estremecer os contornos dos montes, muito longe, azulados pela distancia.

A cidade acordava pouco a pouco. Tenues penachos de fumo subiam mansamente das chaminés no ar socegado da madrugada. Martha, n'aquella idéa de voltar para dentro das suas queridas grades, quiz despedir-se do mundo em que vivêra, da cidade, onde por alguns dias fôra feliz, tão feliz como só no céo, se um dia o merecesse pela santidade da sua vida.

As ruas começavam a animar-se. Abriam-se as portas das tabernas. Homens de trabalho passavam apressados, batendo com os tamancos na calçada. Alguns paravam conversando com mulheres que os esperavam ás esquinas. Ouviam-se ao longe os pregões das pretas vendendo mariscos e peixe. Os sinos tocavam para a missa das almas, e bandos de mendigos passavam, com

as tigellas sob as capas, a caminho das portarias dos conventos.

Uma rapariga formosa, de menos edade que Martha, estava lá em baixo á porta da casa desde que a manhã rompêra. Olhava anciosamente para o alto da rua. Um homem d'officio desceu apressado e parou a conversar com ella, segurando-lhe carinhosamente as mãos; depois olhou em volta e, vendo a rua deserta, beijou-a apaixonadamente. Correu com mais pressa e ella ficou-o olhando amorosamente, com um sorriso alegre, e um gesto carinhoso: — Até logo! Até logo!

Martha recolheu-se ao quarto.

A manhã parece que lhe trouxera um balsamo ao soffrimento. Tinha os olhos enxutos, a respiração mais livre.

Na parede, em frente do crucifixo, puzera-lhe a tia o toucador. O espelho, traste defeso absolutamente no convento, fôra para Martha nos primeiros dias o maior engodo, o mais atrahente dos passatempos. Temera que fosse essa uma das taes tentações tão falladas, mas a imagem de Jesus reflectia-se n'elle e só isso lhe socegou os escrupulos.

N'essa manhã, quando começou a despir-se, o espelho atrahiu-a. Principiou vaidosamente a desfazer os bastos cabellos negros, afagando-os, contente de vêr-se, acreditando, vendo que era certo o que o pae lhe contava, que sim, que era formosa. Gostava de vêr os olhos, que nunca pensára fossem tão bellos como lh'os cantavam as companheiras. Não conhecia outros assim, tão verdes, tão bem sombreados pelos cilios enormes e negros. As sobrancelhas escuras, bem arqueadas acabavam delicadamente n'uma penugem tenuissima ao pé das fontes, onde a pelle era tão fina que se lhe podiam contar as veias.

E Martha mirava-se e começou a despir-se. Pareceu-lhe então que a imagem de Christo se offendia. Puxou a camisa para o pescoço e pondo-se de joelhos fez a oração da noite.

Quando acabou, vinha quasi a nascer o sol.

Contemplou ainda a cidade por instantes e murmurou:

— Um dia novo!

Cerrou mansamente a janella, para que a tia que dormia ao lado a não ouvisse, e, pé ante pé, dirigiu-se para o leito.

Ahi de novo lhe acudiu á lembrança a imagem do formoso rei. Estava decidido. Entraria para o convento outra vez. Que mais poderia ella ter no mundo senão desgostos, agora que elle morrera? Levaria uma vida santa, cheia de penitencias, rogando a Deus que cedo se lembrasse de a chamar e no céo a juntasse ao escolhido da sua alma.

Benzeu-se, persignou-se e sempre pensando n'elle deitou a cabeça sobre a almofada murmurando:

— *Requiem æternum dona ei, Domine, et lux perpetua luceat ei.*

Um jorro de luz entrou alegremente pelo quarto e veio bater de chapa no crucifixo.

Então Martha sonhou com um estudante de grande cabelleira e barbinhas turquescas que fitava n'ella amorosamente os grandes olhos negros.

CAPITULO III

O Bazaruco

Quando a patrulha acudiu aos gritos de soccorro, que o judeu reconhecido por Martim Corrêa soltava antes da cajadada que o emmudeceu, já o estudante deveria ir correndo pelas ruas de Alfama, direito á estalagem da Marianna a Santa, como lhe fôra indicado pelo homem da farta cabelleira ruiva.

Só elle, o primeiro que sahira da taberna, poderia informar o official da ronda.

—Era um homem alto; mas a escuridão mal m'o deixou ver. Grandes barbas. A côr não sei. Fugiu para ali, quando me viu. Medo provavelmente.

E apontava para os lados da Ribeira, exactamente o ponto contrario áquelle para que o estudante se dirigira.

Ayres Gomes continuava estendido no chão. Da brecha profunda corria-lhe um fio de sangue que lhe vinha tingir de vermelho as barbas grisalhas e a ponta do nariz mergulhada no bigode como bico de passaro n'um comedouro.

Formára-se grupo em torno do ferido e todos commentavam o conflicto.

O taberneiro, com natural repugnancia, enchia as bochechas com agua que tomava d'uma pucarinha, e borrifava a cara do judeu.

—Diabos o levem, dizia já cançado, temendo talvez que o judeu morresse e achando de molde um principio de necrologio.

—Borrifa-o com vinho; talvez se dê melhor, disse o ruivo.

Os outros riram. O official da ronda continuava pedindo informações, que ninguem lhe sabia dar.

—Já disse a V. Mercê e mais não sei. Tinha barbas e fugiu para ali, quando lhe deu o medo ao ver-me. Dois goles de vinho e passa tudo.

O taberneiro, enjoado d'agua e cançado dos borrifos, disse então:

—Ajuda-me aqui a levantal-o, ó Bazaruco.

O homem ruivo approximou-se; acocorou-se atraz do ferido e metteu-lhe as mãos sob o manto mais remendado que capa de pedinte. Uma alegria repentina illuminou-lhe o rosto, um riso alegre, mas silencioso, escancarou-lhe a bocca. Remexia as mãos sob a capa, como não atinando com o geito de levantar o pezo d'aquelle corpo desfallecido.

—Vá!... Ajuda! disse o taberneiro.

O Bazaruco metteu os braços sob os sovacos do judeu e disse:

—Vá!

A cabeça de Ayres Gomes cahiu-lhe sem forças sobre o hombro.

—Raios o partam! commentou o taberneiro, approximando a lanterna do rosto do ferido e vendo que este continuava com os olhos fechados.

—Bom lanho! disse um dos do grupo olhando a brecha.

—Mas feito d'alto a baixo. Estes senhores não querem aprender, disse o Bazaruco com ar entendido. Se lhe dá trez dedos mais ao lado e trez dedos mais baixo e de baixo para o alto, já hoje poderia dormir descançado que este marrano não diria nada. Ora até que emfim abriu os olhos. Adeus. Borrifa-o com vinho.

E, mettendo as mãos no cinturão, foi-se por ali acima devagarinho, ensoando de improviso n'uma cantiga desafinada os versos do raposo no auto das Fadas:

D'este se devem guardar,
Que se finge manco e torto,
E ás vezes se faz morto,
Por caçar.

Logo, porém, que dobrou a esquina, parou o canto, e, apressando o passo, metteu-se pelas vielas de Alfama direito a S. Vicente, monologando baixo e soprando de cançasso pela subida.

—D'alto a baixo! Não aprendem. E ámanhã estás servido, Gonçalinho. Ah! não fôra a Providencia!... Trez bazarucos valem dois reis e, porque eu não valia nada, me chamaram Bazaruco. Eu lhes direi quanto vale um bazaruco. Minha sina, triste sina, até que vou ver-te mudada!

E, sempre com musica improvisada, poz-se outra vez a cantarolar:

Eu, senhor, vos digo eu
Que vou sempre por espinhos.
Se o bem tem mil caminhos,
Sempre acerto o que não é meu,
E vou cahir de focinhos.

Inda a chuva está no ar,
Quando eu cá escorrego.

E entre as grandes casarias, tão silenciosas que até ellas pareciam estar dormindo, o Bazaruco, a caminhar rapido, continuou o seu monologo, alegremente:

—Pois sim; mas isso era d'antes. Bazaruco, Bazaruquinho, tua sorte emfim mudou. Vais espantar as tabernas de Alfama e as da rua da Ferraria. Tens um anno de vinho! A não ser que...

E parou como se idéa terrivel lhe tivesse de repente acudido ao espirito.

—Gonçalinho, Gonçalinho, nunca has de ter juizo. Se lhe dás mais abaixo, o marrano estava agora com Belzebú conversando, e era um socego para todos, até para o diabo já farto de esperar.

Mas logo, criando coragem:

—Adeus, adeus! Passaremos oito dias conversando com o vinho da Arruda que lá tem a Marianna a Santa. Corre como um velludo e, emquanto corre, veremos o que se passa...

E, como estivesse em frente da porta da estalagem, bateu duas punhadas vibrantes que eccoaram na vasta cozinha abobadada.

Uns passos arrastados vieram do fundo approximando-se.

—Bazaruco. Abre.

E a Marianna a Santa abriu a porta.

A cosinha vastissima era quasi deserta áquella hora. Raros freguezes se encostavam ás grandes mesas de pinho, dispostas ao longo da casa, como nos refeitorios dos conventos. Suspensa d'um comprido gancho de ferro sobre cada mesa occupada esmorecia tristemente uma candeia mortiça. A lareira era ao fundo, a um canto. Do outro lado, a uma mesa mais pequena estava encostado o estudante, quasi na sombra, apenas illuminado de esguelha por uns toques de luz no perfil, quando algum clarão mais vivo se reflectia na bateria de cobre areada luxuosamente e disposta como troféos na cantareira caiada.

Um cheiro bom de refogado e loiro fez estremecer de goso, logo desde a porta, as ventas gulosas do Bazaruco; mas, dando com os olhos em quem buscava, dirigiu-se ao fundo da cosinha e tocou ligeiramente no hombro do amigo, que de olhar fixo nos clarões que passeavam pelos ladrilhos, com o rosto entre as mãos, absorto n'um pensamento unico, nem déra pela entrada do novo freguez.

—Então? perguntou, como acordando.

—Vivo! respondeu o Bazaruco, encolhendo os hombros.

—Tanto melhor. Não quiz matal-o; mas só tomar vingança do muito que soffri: vinguei-me, estou satisfeito.

—Andou bem V. Mercê. Olhe que fez uma cavallaria digna de ser cantada pelo Chiado em farça a fazer rebentar de riso toda essa gente de Alfama. E ámanhã o Ayres Gomes amarra um linho á cabeca, vai ter com o Cardeal-Rei,—oiça bem: *Rei*—e V. Mercê, sr. Gonçalo Vaz, licenceado futuro se um dia houver juizo, vai aprender a havel-o em alguns mezes de carcere.

—Que me importa? Em carcere vive a minh'alma. Peior que os ferros d'El-Rei...

—Hum! Hum!

E o Bazaruco tossiu ironicamente.

—Outra moira encantada surgiu esta manhã aos olhos apaixonados do sr. Gonçalo Vaz, cavalleiro andante nas florestas do amor!

Gonçalo ficou silencioso retomando a posição em que o Bazaruco o encontrára. A Marianna acocorada adeante do lume soprou com força. A lenha crepitou e um vivo clarão reflectiu-se nas cassarolas espelhadas, enchendo as mesas de grandes borboletas luminosas e fantasticas, que voavam pelas paredes, desappareciam, apagavam-se nas trevas profundas da abobada.

N'uma banca perto da porta, um lavrador do Alemtejo adormecêra ante o prato sujo e o cangirão vasio, assentando sobre o peito o queixo papudo. N'outra mais proxima trez cavalleiros farroupilhas, avelhentados, de grossos narizes vermelhos, discutiam com punhadas sobre a meza os ultimos successos d'Africa.

—O peixe! berrou um d'elles.

A Marianna a Santa, esfogueada, com as madeixas grisalhas pendentes sobre o refogado, respondeu com uma praga.

—Já ceou? perguntou o Bazaruco.

Gonçalo abanou a cabeça.

—Tenho a bolsa vasia e muito cheio o coração.

—Não o entorne, disse o Bazaruco a rir. Já sei que temos pratica d'amores, sermão de lagrimas. Não come nem eu como; ora hoje... tenho fome.

—A sede já a mataste que t'o conheço nos olhos e no halito.

—Máu vinho. Não vale o da Arruda cá da nossa Santinha. E a sede é só do bom.

—Como fazes que todas as noites te embriagas? Ha oito dias pelo menos que não tens dinheiro.

—Perdão, sr. Gonçalo; ha oito dias tinha dez reis, e, como escudeiro de estudante,—triste vida!—tive que poupal-os até hoje.

—Como?

—Segredos! Misterios! Mas eu lh'os conto, que podem servir-lhe um dia. Muito cavalleiro que se embebeda pelas tabernas d'Alfama sabe as regras do bem viver. Não é preciso ter nascido, como eu, na casa fidalga do sr. João Vaz, seu tio, nem ser escudeiro fa-

minto do muito nobre sr. Gonçalo Vaz, que por não trazer a espada ao lado deixa vivo na refrega o porco immundo que lhe roubou o morgado.

—Deixa de falar empolas e conta, se queres.

—Ora, ha oito dias, comprei dez réis de pevides. Fiz trez madrigaes á preta e ella vendeu-me oito medidas tão cheias, que nem sabia onde metel-as. Sabe V. Mercê, melhor do que eu, quanto as mulheres são sensiveis á poesia.

E voltando-se para o lado:

—Marianninha, olhos de perlas finas, minha menina dos meus olhos, traze de tudo, pão, azeitonas, peixe e muito vinho.

A Marianna rosnou duas pragas. O Bazaruco ergueu-se cheio de dignidade.

—Deixa-a, disse Gonçalo aborrecido. Estou farto de comer á custa dos teus amores. Ha mais de quinze dias que não lhe pagamos, e não é repetindo endeixas, que roubas a quanta farça ouviste, que ella compra vinho e pão.

O Bazaruco tornou a sentar-se. Poz o chapéo sobre a meza e, passando as mãos pela vasta cabelleira, continuou:

—Fui visitando as tabernas, e creia V. Mercê que não ha ramo de loiro na Alfama, Ribeira, Ferraria, rua de S. Gião e dos Fornos ou travessa do Mata-porcos, que não conheça de vista e de fama o valente Bazaruco. Valente e cavalleiro. Eu sei das graças e ademanes para metter a mão no bolso e tirar com delicadeza tres pevides que se offerecem a um cavalleiro rico.—«Desculpe V. Mercê, sr. cavalleiro.» A's vezes tão fidalgas eram as minhas maneiras, que me tornavam o *V. Mercê* e alguns até a *Senhoria*.—«Se alguma coisa acha na meza de seu gosto lance V. Mercê mão d'ella.» E eu lançava mão do vinho... por delicadeza.

Gonçalo riu-se, e logo encolhendo os hombros:

—Adeus. Vou deitar-me, disse pondo-se de pé.

—E a ceia?

—Como havemos de pagal-a?

—Se V. Mercê houvesse hoje trazido sua espada cearia mais descançado, juro-lh'o eu.

—A minha espada! Não me deixaram pol-a ao serviço d'El-Rei, trahiram-me...!

—Olha o grande sentimento! Que lucrava em estar morto agora, sepultado aos bocadinhos nos ventres dos corvos e dos cães? Melhor prazer encontrará decerto nos manjares delicados da Marianna a Santa. Sente-se V. Mercê que não se vive de amar, amar, amar sempre.

E erguendo a voz outra vez:

—Marianna, Marianninha, que não attendes ao teu amor!

E batendo no cinturão fez tinir o oiro d'uma bolsa.

A taberneira arrebitou a orelha, arreganhou a bocca, e, com um sorriso amavel ostentou o unico dente, muito comprido, amarello, com pontos negros.

Gonçalo tornou a erguer-se.

—Como tens esse dinheiro?

—Schiu!... disse o Bazaruco olhando desconfiado.

Mas o lavrador dormia a somno solto e decerto que os seus roncos eccoariam nas abobadas se a calorosa discussão dos outros e as punhadas sobre a meza não abafassem qualquer ruido.

—Cem annos de perdão. Pertence-lhe este dinheiro.

—Não te percebo. Foi meu tio...?

O Bazaruco poz a mão sob a meza, occultando-a das vistas perigosas dos maltrapilhos. A bolsa abarrotava d'oiro.

—Olhe, disse elle. Entrou em bom caminho este oiro que tão máu o levava. Pertence-lhe. Juro.

Marianna a Santa veiu estender a toalha de linho, a melhor e mais limpa, sobre a mesa, á qual os dois conversavam.

—O cangirão maior! berrou o Bazaruco.

—Explica-te, disse Gonçalo.

—O judeu nada sentia. Ajudei a levantal-o. Percebi-lhe o inchaço no gibão. Tirou-lhe elle bastante para que acceite agora V. Mercê esta restituição da mão da Providencia.

—Roubaste-o! disse Gonçalo. E pensas talvez que...

—Como queira, disse o Bazaruco friamente, guardando o dinheiro no cinturão. Por bem fazer, mal haver. Marianninha, volve a mim teus olhos d'anjo.

E pondo o chapéo, com ademanes de cavalleiro, traçando a capa, foi-se intrometter na conversação sobre

a guerra, falando da India, repuxando os bigodes, contando façanhas e já quasi a fazer em estilhas o pinho da meza com soccos enormes que emmudeceram os outros, quando a Marianna com a voz fanhosa, muito amavel, lhe berrou de longe:

—Sr. Bazaruco, a caldeirada.

O Bazaruco repuxou as guias do bigode, carregou o chapéo para a testa, traçou novamente a capa e rematou, como ponto final indiscutivel:

—Foi assim mesmo.

Gonçalo, que não comia havia vinte e quatro horas, com o cheiro apetitoso da caldeirada sentiu crescer-lhe agua na bocca.

—Dinheiro roubado! Dinheiro roubado! disse ao Bazaruco, que se sentára do outro lado da meza e já mettia no tacho a grande colher de páo. E pensavas tu que eu acceitaria...

—Sirva-se V. Mercê, sr. Gonçalo Vaz. Ovelha que bala, bocado perde. Seu tio, o sr. João Vaz, entregou-me V. Mercê á minha guarda de velho escudeiro fiel e honrado, e quero dar conta do meu recado. Coma V. Mercê que o vejo andar murchando como roseira no outomno.

Gonçalo começou a comer com repugnancia. Havia quinze dias que se lhe acabára o dinheiro que o tio lhe mandára com mil protestos de ser o ultimo, e, não fossem os amores do Bazaruco com a velha Marianna, teria quinze vezes morrido á fome. Mas a Marianna fartara-se de madrigaes e o Bazaruco não se fartava de comer. O espectro negro erguia-se medonho e não fosse um roubo...

—Cem annos de perdão, dizia o Bazaruco adivinhando o pensamento de Gonçalo.

As caldeiradas da Marianna eram afamadas na cidade, Gonçalo tinha vinte e quatro annos, e havia muita hora que não comia.

—Uma boa golada, vá, meu senhor.

Gonçalo convencido bebeu e devorou.

A Marianna a Santa perdera completamente o ar rabugento. Com os punhos sobre a meza contemplava-os desvanecida. Bazaruco mastigando mansamente, inchando as bochechas, approvava com a cabeça, n'um gesto de entendido, o apuro da caldeirada.

— Foi assim mesmo

Os cavalleiros tinham-se calado, obrigados ao silencio pelas punhadas vigorosas com que o Bazaruco acompanhara a sua rhetorica e na cosinha ouvia-se distinctamente o ruido das maxillas dos dois famintos, sobre o roncar compassado do alemtejano a digerir.

Quando no prato de Bazaruco o monte das espinhas crescia mais alto que o Monte Junto e já Gonçalo imitára o escudeiro com todo o ardor d'uma fome de vinte e quatro horas, o cangirão, que por duas vezes voltára á adega, achava-se de novo completamente vasio.

— Bom seria cuidarmos agora de pontos serios da nossa vida, disse gravemente o Bazaruco, inclinando o mocho de pinho sobre os pés de traz, encostando á parede as costas vastas como lombo de boi e alargando o cinturão com um gesto satisfeito. Podemos falar á vontade que os mais são mudos. Desembuxemos, que ambos temos que desembuxar e conversemos todos tres, nós dois e o cangirão.

E, batendo sobre a meza, berrou:

— Vinho, Santinha!

Marianna a Santa, contente, dengosa, ostentando o dente, saracoteando a saia amarella remendada, desceu a escada que por um alçapão conduzia ao subterraneo e, fazendo estalar nos degraus de cantaria as alpercatas acalcanhadas, respondeu amavel:

— Ahi vae, meu anjo.

Gonçalo, que durante a ceia se conservára silencioso, respirou fundamente.

— Tivemos então vista de avesinha nova? perguntou o Bazaruco, piscando o olho malicioso.

— Prohibo-te que me fales n'ella, respondeu Gonçalo tremulo, d'olhos fitos no ar, como invocando uma visão. Se tu soubesses!... A tua bocca mal costumada a termos de taberna...

E logo o Bazaruco com ironia emphatica:

—Y en Flerida hablais vos?
Nadie es dino de vella,
    Ni osamos,
Porque nos defiende Dios
Que no pensemos en ella,
    Que peccamos;

Y manda, no sé porqué,
Que por do vaya ó esté
La tierra sea sagrada
Y sea luego adorada
La pisada de su pié.

Gonçalo pôz-se a rir.

— Ora ainda bem que o vemos desennuveado, senhor meu amo e senhor. Conte-me V. Mercê o seu dia e de como por tal maneira desde manhã me fugiu das vistas e dos conselhos, que a não ser astro que surgisse por essas janellas armadas de gala, não sei porque tão longe andou dos guisados da Marianninha.

E, como esta chegasse com o cangirão, o Bazaruco repetiu:

Nadie es dino de vella,
Ni osamos,
Porque nos defiende Dios
Que no pensemos en ella,
Que peccamos.

E, abraçando-a pela cintura, chamou-lhe *Flerida,* dando aos olhos avinhados uma expressão dulcissima.

—Quieto! disse ella a rir-se, deffendendo-se a murros.

—Se a visses! dizia Gonçalo.

—Se a visse! Se a visse! Era talvez a primeira que eu via! E nem será, se Deus quizer, a ultima, que a morte vem longe, agora que a vida se nos antolha bella. Nunca vi coração d'homem tanto de mulher como esse com que a natureza brindou a V. Mercê. E' mariposa atraz de quanto luzinha...

— Um sol agora! murmurou Gonçalo desvanecido, d'olhos meio cerrados, na invocação d'um sonho.

— Quantos soes tem lá esse firmamento ou a quantas candeias chama sol V. Mercê? Mas conte, conte, porque, emquanto fôr contando seu romance, irei acompanhando-o n'esta musica do glu-glu, que vale guitarras, pentens, telhinhas e tudo o mais. A' sua bella, meu amo e senhor!

E, erguendo o copo, bebeu-o d'um trago.

— Pode V. Mercê começar.

—Ah! se não fosse aquelle marrano que tão mal aproposito veio ao meu encontro...

—Agora, sim, tem V. Mercê razão. Que maldito! Assim erguer o cajado e deixal-o cahir na cabeça de V. Mercê!

E deixando o tom ironico:

—Não lhe bastava fazer o mal, deu-lhe agora para tambem fazer a caramunha!

—Conheci-o pelo nariz de ave de rapina pousado sobre a dobra do manto e pelos olhos redondos de passaro nocturno que brilhavam na escuridão da noite sob o chapeu puchado até aos sobr'olhos. Que vergonha a minha, Bazaruco! Um só não vi da minha edade, podendo levar uma espada ao lado; nem um só encontrei hoje pelas ruas da cidade! Com elles deveria eu estar, morto ou captivo, que importava? Morto com gloria, captivo com honra! E só por elle, por causa d'elle...! Judeu!... Ladrão!... Marrano immundo!

—Antes se queixe V. Mercê do seu coração que o trahiu.

—Se era tão formosa! Que desgraçado fui! Se mais não valia estar morto com o coração, que tanto me fez soffrer, atravessado por um peloiro de alarve e finalmente quieto!

—Gosto mais de vinho. Com menos vivos de rhetorica e mais um copo contava V. Mercê sua historia mais depressa.

—Minha historia quero recordal-a no exame de consciencia que hei de fazer para purificar minh'alma.

—Tarde lhe chegou a quaresma, sr. Gonçalo Vaz.

—Sempre é tempo para o arrependimento e vi hoje o céo de que peccados negros me affastaram.

—Lá voltamos. Comece V. Mercê pelo principio e deixe para o fim o que mais custa a esfollar.

—Lembras-te de quanto amei essa mulher...? Aurelia se chamava. Aurelia! Quantas vezes pronunciei este nome...!

—Adeante, senhor, adeante, que mal lhe vae recordal-a.

—Soffri muito depois bem sei, mas o dobro soffreria de boa vontade se a certeza pudesse haver de novamente...

—Pois ainda...?

—Assim pensava hontem, Bazaruco, pensava-o em meio de meu odio; transformaria os meus beijos em

mordeduras suffocando-a no abraço derradeiro. Vê que traição a d'ella e que vergonha a minha...! Quando a conheci em Coimbra...

— Quando V. Mercê a conheceu em Coimbra já seu tio, meu senhor, grande santo! lhe negára, havia muito, as remessas de dinheiro. Quem o avisou nunca soubémos, mas eram notorias na cidade as musicas que V. Mercê dava de noite ás amantes dos cathedraticos, os quaes nem de vista o conheciam. Bellas endeixas compoz, formosos madrigaes, mas deixe falar quem fala, que por vezes as musas fazem damno aos doutores. Nenhuma voz cantára mais suavemente sobre os gemidos da guitarra, nunca os eccos do Mondego repetirão canções mais lindas. Era a sua fama tanta que, nos saráus, d'outrem não falavam as donzellas e ella foi contar ao sr. João Vaz o bom caminho em que estava V. Mercê para licenceado. Trez avisos lhe mandou em carinhosas cartas, e cada vez que eu lia os bons conselhos do meu Senhor e que o dinheiro não voltaria, punham-se-me os olhos rasos d'agua. Quantas amou não sei, sei que o dinheiro sumiu-se e que V. Mercê sabe menos latim do que eu, que ao menos sei dizer *hoc non potest esse.*

— Quantas mulheres amei? Se de todas tenho a memoria perdida! Desde que vi Aurelia apagaram-se as imagens das outras, mais brilhantes fossem do que a estrella da manhã. Como era linda!

— Nariz de ave rapina, olhos redondos de passaro nocturno a brilharem na escuridão da noite...

— Que dizes?

— O retrato do senhor seu pae, o muito virtuoso Ayres Gomes.

— Tens razão talvez; mas então não soube vel-o. Tinha a avidez no olhar e eu, insensato, julgava ser o amor que lhe via marejar nos olhos. Na bocca tão graciosa, tão fina, que eu julgava fechada pelo pudor quando lhe contava os meus sonhos e lhe cantava os meus villancetes, os dentes brancos, pequeninos, cortantes como navalhas afiadas, estavam dispostos a morder! Sabes tu, Bazaruco? Cuidei fazer d'ella minha esposa.

— Da filha do judeu?

— Da filha do Ayres Gomes.

— De todos os vicios, disse o Bazaruco com a gravidade que lhe era especial, o peior é a mulher. Beba, sr. Gonçalo Vaz, e, quando o casamento vier tental-o, afogue em vinho a tentação.

Gonçalo calou-se um momento.

— E se houvesse casado? disse por fim. Agora que eu a vi!...

— Quem?

— A que eu vi hoje, a que eu seguia quando Ayres Gomes me appareceu e que, sempre fatal no meu caminho, me fez perder... talvez para sempre!

— Se eu lhe houvesse contado as paixões...

— Esta agora!... Ah! mas tu não sabes, Bazaruco!...

— Se V. Mercê m'o repetiu pelo menos cem vezes! Barato é o saber que se compra com primeiro errar. Errou V. Mercê cem vezes, nada sabe e grita-me então: — «Ah! mas tu não sabes, Bazaruco!» Sei tudo, senhor, melhor que V. Mercê, que d'umas para outras esquece, e eu não. Boa lição lhe deu o Ayres Gomes, e, se V. Mercê tivesse mais algum juizo das orelhas para cima, pudera ser licenceado em materias d'amor.

— Que me importa agora a chaga horrivel que uma mulher barbara e perversa poude abrir na minh'alma, se um olhar tão só d'aquelles olhos verdes tão bellos foram-me balsamo suavissimo e milagroso? Não, não é da traição da amante que eu me queixo agora. Bemdita seja! Mas attende, se pódes. Teus olhos somnolentos e avinhados mostram que não vais perceber as minhas razões.

— Fale V. Mercê.

— Quando conheci Aurelia, é certo, como disseste, que havia muito que meu tio cessára de enviar-me o dinheiro com que em Coimbra me sustentava. Ayres Gomes, porém, sabia que nobre familia era a minha e informando-se soube mais que era eu o herdeiro do morgado da Aramenha, sr. João Vaz, meu tio. Vendo a impressão de amor que sua filha produzia em todo o meu ser... Que lindos olhos, Bazaruco!

— Adeante, senhor.

— Foi elle quem veio ter comigo. Disse-me conhecer os angustiozos transes em que me via longe dos meus,

sem um maravedi para comprar umas sopas, sempre a cargo de amigos e ao teu, meu pobre Bazaruco, que achavas maneiras milagrosas de me dares o pão de cada dia.

—Adeante, senhor.

—Tratava-se então da guerra. Sabes com que enthusiasmo pensei acompanhar a esses campos africanos o desventurado rei. Que importa o máu successo da batalha? Era meu dever, dever de portuguez, dever de christão.

Gonçalo calou-se um momento, depois, sacudindo a vasta cabelleira como querendo atirar fóra um pensamento que o maguava, continuou:

—Para captar a minha confiança Ayres Gomes emprestou-me algum dinheiro liberalmente. O amor, que pouco a pouco penetrava na minh'alma, cegára-me os olhos para quanto elle não fosse. Contei-lhe sem rebuço como meu tio me abandonára, como não me atrevia a escrever implorando-lhe perdão, como desejaria partir com El-Rei, embora apenas soldado. Ayres Gomes censurava o proceder de meu tio encolhendo generosamente os hombros ás minhas loucuras de mocidade. Doidamente, entretanto, crescia no meu peito a paixão cega.

—Mulheres! Mulheres! rosnou o Bazaruco.

—Um dia disse-me Aurelia:—«Porque ha de ir soldado? E' fidalgo e cavalleiro. Porque não pede a meu pae que o auxilie na sua empreza?» E os seus olhos promettiam-me o paraizo se eu voltasse victorioso a depôr-lhe aos pés a minha espada tinta em sangue dos alarves. Quantas vezes me falou na victoria que era certa, na gloria que havia de colher, nas orações que ergueria ao céo por minha tenção! Sabes como perdi os rendimentos do morgado que hei de herdar e de que roubo infame fui victima. Como fidalgo e cavalleiro partiria com El-Rei! Tu mesmo não te conhecias na esplendida libré com que te vesti. Melhores armas do que eu ninguem as levava. N'isso gastei o dinheiro que Ayres Gomes me emprestára a troco d'aquelle papel que traiçoeiramente me fez assignar.

—E tão lindo fidalgo, que tão altas cavallarias deveria fazer contra o Maluco, deixou-se ficar nos braços da sua Aurelia...!

— Se a visses chorar como eu vi...! Os braços d'ella foram a cadeia onde deixei presa a minha honra. El-Rei partiu e eu fiquei como um ebrio estendido a sonhar n'um lodaçal!

E duas lagrimas de raiva e de vergonha desceram lentamente pelas faces de Gonçalo Vaz.

— Mentira! Tudo mentira! Juras, protestos, chóros, mentira! A minha morte antes da do meu tio arruinava-lhe a vil mercancia do pae! Era preciso que eu vivesse e cuidavam-me da vida e enchiam-me de beijos e de caricias a minha deshonra! No mesmo dia em que partia de Lisboa a ultima véla, Ayres Gomes e a filha sahiam de Coimbra, abandonando-me ao meu desespero. Ah! tens razão, Bazaruco, devera trazer a espada ao lado que a teria vingado hoje no sangue venenoso do judeu!

Bazaruco com os labios muito estendidos, passeando os dedos pelos bigodes fartos, parecia meditar profundamente.

— Mulheres! disse por fim.

E calou-se, olhando para Gonçalo.

Depois concluiu:

— E' por isso que temos outra.

— A primeira na minha vida! exclamou Gonçalo.

O Bazaruco poz-se em pé. Os olhos pequeninos piscavam cheios de admiração. Com os punhos sobre a mesa, o corpo vergado, approximára o rosto do rosto de Gonçalo, observando-o.

— Agora sim, raiou no meu peito o amor purissimo! Quando o seu olhar d'ella baixou sobre mim penetrou até ao intimo da minh'alma, reaquecendo-a, dando-lhe a vida, como o sol que transforma a geada fria e mortal em milhares de brilhantes facetados. São verdes os olhos d'ella, verdes da côr do mar em bonança. Pensar n'aquelle seu olhar traz-me lagrimas aos meus olhos...

O Bazaruco inclinou a cabeça a corroborar o facto.

— Uma gota a mais, rosnou com philosophia descrente.

— Lagrimas de alegria, Bazaruco: Era cego, vi hoje a luz e a luz encandeou-me! O coração bateu-me apressado no peito offegante. Os olhos d'ella! Os olhos d'ella!

E o Bazaruco poz-se a cantar:

Das lagrimas caldo faço,
Do coração escudella.
Esses olhos são panella,
Que cose bofes e baço
Com toda a mais cabidella.

Na mesa proxima os tres farroupilhas, que haviam adormecido, acordaram sobresaltados, quando o Bazaruco em estylo de arripiar, composição de improviso em que se cria notorio, começou a atirar desafinadamente ás resonancias da abobada a quintilha de Camões.

—Linda voz tendes, Bazaruco, disse um d'elles; mas não me parece o dia para cantigas nem memorias de comedias.

—Tendes razão, senhor disse Gonçalo Vaz erguendo-se .Foi hoje dia de tanto luto que nem a mascara de gala poude occultar as tristezas de todos nós.

O Bazaruco, vendo como Gonçalo dera immediata razão ao interruptor da musica, julgou dever calar-se. Cambaleando um pouco, coçando a cabelleira emmaranhada, approximou-se da mesa onde os outros escabaceavam tristemente deante do cangirão vasio. O alemtejano ao longe continuava ressonando, de cabeça pendida, com o queixo sobre o peito. O lume amortecêra na lareira e nas tres unicas candeias accesas sobre as bancas a luz criára grandes morrões vermelhos. Marianna a Santa levantava as mesas e, afóra o arrastar das suas alpercatas, só o resonar compassado do alemtejano quebrava o silencio na vasta cosinha.

Gonçalo poz-se a passear ao longo da casa e passeando scismava.

A imagem de Martha afugentára-lhe para muito longe, para um passado longinquo e brumal, os loucos devaneios com outras mulheres formosas. Uma só agora era senhora absoluta de toda a sua alma. Com as azas da fantazia poz-se a voar alto, muito alto, cimentando um alto castello de ventura, opulento em côres como as nuvens do poente, alto como ellas, como ellas tocando o céo. Na torre altissima havia de elle desfraldar aos ventos o pendão orgulhoso do seu alto amor. E com a cabeça cheia das leituras dos poetas, poeta elle mesmo, cahia nas loucas contradicções a que um louco amor

obriga as almas. Voava, sentindo-se preso, avassallado, e adejando, com a sêde febril do ar purissimo das altas regiões luminosas, beijava gratamente as pesadas cadeias que o prendiam na terra.

Gonçalo scismava e sentia-se feliz. Que lhe vira elle marejar nos olhos? Fôra triste o dia e muitos choravam; mas a dôr nos olhos d'ella não era como a dôr dos outros. Se um dia pudesse conquistar o amor d'essa mulher, chamar-lhe sua...! No fundo escuro d'uma noite sombria a imagem de Martha apparecia-lhe luminosa, d'uma luz propria que só ella possuia. Era uma sensação nova que lhe acalentava suave, as suas dôres, tão suave como talvez só o fôra ha muito, ha muito, o cantico amoroso da mãe sobre o berço em que dormia. Uma paz tranquilla inundava-lhe a alma e elle sonhava, sonhava...

Havia de procural-a, saber quem era. Por isso a ia seguindo e não fôra aquelle homem...

A idéa do Ayres Gomes fel-o parar de subito. Milhões de pensamentos acudiram-lhe ao espirito em tropel. N'um instante reviu o seu passado em Coimbra, Aurelia, os enthusiasmos pela jornada, a ruina da fortuna, a cobardia na hora da partida, a traição da amante e a sua vergonha d'elle. A imagem de Martha fugiu amedrontada e o espectro da deshonra ergueu-se-lhe vingativo ante os olhos horrorisados.

E ella? Ella que pensaria d'elle ao vêl-o ali tão só... entre só velhos?

Bazaruco e os outros conversavam atabalhoadamente sobre a politica do tempo, sobre o futuro de Portugal. Gonçalo, que parára junto da mesa, ouvia-os discutir, murmurando com as vozes avinhadas, teimosas, os nomes do Prior do Crato e do Duque de Bragança.

— A minha espada! A minha espada! disse elle dolorosamente.

— Socegue V. Mercê, respondeu o Bazaruco. Bom foi que não ficassem todas n'esses campos dos alarves. Tenho conversado com amigos e sabe-se que El-Rei de Castella...

—El-Rei de Castella! exclamou Gonçalo. Mas o Prior do Crato, D. Antonio?...

—O Prior é bastardo... talvez morto a estas horas, e El-Rei D. Felippe ha de querer succeder a seu tio, o Cardeal.

—D. Felippe!... Como? Porque? perguntou Gonçalo.

— Porque é d'elle o direito e só d'elle a razão, disse uma voz ao fundo.

Voltaram-se todos pasmados. A candeia apagára-se. A porta da taberna abriu-se nas trevas profundas da noite e o alemtejano sahiu.

CAPITULO IV

Alcacer-Kibir

Começavam finalmente a vir novas mais certas do grande desastre da batalha. Chegaram as primeiras cartas dos captivos, balsamo tristemente consolador para a mágoa enorme que despedaçava os corações no reino em luto. Atoardas de morte voavam; as familias despiam para sempre os fatos de gala, todos em ancias de pormenores que mortalmente tardavam. Haviam-se espalhado os captivos pelos differentes aduares d'Africa, e os irmãos não sabiam dos irmãos, nem os paes dos filhos. Não havia serenar. Muitos que tinham vendido as fazendas ao desbarate para, lisonjeando El-Rei, dar luxuosas armas aos que haviam partido, agora empenhavam miseravelmente o pão da bocca para salval-os do captiveiro, prisão horrivel, que n'um pesadelo de cada hora comprimia barbaramente os corações das mães e das esposas.

As cartas de Belchior do Amaral, que declarava ter enterrado D. Sebastião, não apagaram a fama de El-Rei ser vivo. Diziam alguns, que uma noite ás

portas de Arzila haviam batido uns embuçados, invocando, para que lh'as abrissem, o nome de D. Sebastião, que vinha com elles. E mais diziam que voltára na esquadra e desembarcára no Algarve, com pejo da derrota que soffrera, andando agora a monte em penitencia de seus erros.

E' que se alguns fidalgos affirmavam haver reconhecido o cadaver mutilado, com cinco profundos ferimentos na cabeça e duas arcabusadas n'uma ilharga, podiam ter mentido, podiam ter-se desbarretado e ajoelhado com respeitosa hypocrisia ante o corpo morto e despido d'um vulgar soldado, para que El-Rei, se vivo fosse, mais a salvo pudesse ou tomar em fuga o caminho da patria ou depois mais facilmente livrar-se da cruel agonia do captiveiro.

E as vozes corriam e alguns juravam que outros o haviam visto.

Entretanto continuavam em durissima escravidão mais de quinze mil portuguezes todos espalhados pelas differentes provincias da Berberia. Um dos primeiros cuidados d'El-Rei D. Henrique, doído dos perigos que tantos padeciam, foi escolher entre os religiosos da Trindade os que mais aptos pareceram para levar a tanta dôr as consolações da fé na religião e da esperança de cedo serem soccorridos com a liberdade.

Em meio do espanto causado pela nova do desbarate e da dôr profunda que alanceava os peitos dos amigos e parentes de tantos que por lá tinham ficado, um novo espectro veio esfriar os corações em Portugal moribundo. Dos lados de Castella batia a Morte á fronteira de Portugal.

D. Henrique velho, alquebrado, doente, pela edade e pela doença incapaz de geração, por pouco tempo susteria nas mãos anemicas as redeas do governo. Felippe II esperava ancioso a herança. Quando El-Rei D. Sebastião partira para Africa, deixando seu casamento ajustado com a filha d'El-Rei de Castella, dissera este que da batalha sempre algum bem lhe viria, da victoria um bom genro, da derrota um bom reino.

Foi por isso que, em meio da noite espessa que lugubremente ensombrava o futuro de Portugal, o povo recebeu com a alegria do raiar d'uma aurora, a nova

que o Prior do Crato era vivo, livre do captiveiro, são e salvo em Arzila. Era numerosa no reino, sobretudo no povo, a parcialidade de D. Antonio que todos vencia pelo genio aventureiro, afabilidade, cortezia de suas maneiras e bizarra liberalidade com que usava tratar quantos se acercavam d'elle. Á nobreza do caracter juntava a lucidez da intelligencia e tantos dotes reunidos n'um só homem grangearam-lhe as sympathias de muitos que mais pensavam no bem do reino que na conveniencia de suas fortunas pessoaes.

Logo que o correio entregou a carta a El-Rei D. Henrique, espalhou-se pelo reino a feliz nova de que o filho do infante D. Luiz se achava salvo em terra de christãos. E o povo gritava — milagre! vendo n'elle o eleito do Senhor, que havia de afastar de Portugal as garras de Castella promptas a precipitar-lhe o estertor.

E quasi milagre fôra aquella liberdade tão cedo adquirida, que nenhum antes d'elle voltou do captiveiro a Portugal.

Tendo-lhe cabido em sorte ser captivo d'um pobrissimo alarve do aduar do Xeque Talemaco, tão honrados companheiros teve que de quarenta que eram nem um só o descobriu. Mandára o Xerife que todos os fidalgos fossem levados á sua côrte, como senhor de todos elles, e certa a recompensa, se um traidor houvesse, ganharia com a traição.

Mesquinho e tão miseravel era o senhor de D. Antonio que mal o podia sustentar e o abrigava na propria cama sob os farrapos d'uma só coberta. Era o officio do filho do Infante escolher trigo e ir em busca dos cardos para accender o lume. Tão desimaginado o moiro andava da qualidade do seu captivo!

Manuel de Fontes e Gaspar da Gram, cavalleiros de Tanger, foram-se um dia ter com elle e lhe disseram que aquelle homem era clerigo tendo no reino bons beneficios e rendas, os quaes, a demorar-se o resgate, seriam providos n'outro. Abrahão Gibre, judeu de Fez, a quem D. Antonio, quando em Tanger, fizera mercês varias, ficou por fiador dos trez mil cruzados que o pobre alarve pediu a medo. E n'essa mesma tarde D. Antonio montava o cavallo de Gaspar da Gram e punha-se a caminho de Arzila, d'onde escreveu ao reino.

A nova da liberdade tão milagrosamente conquistada pelo Prior do Crato trouxe a luz viva d'uma esperança ao coração de Martha, que não podia crer na crueldade da desgraça que lh'o esmigalhasse para sempre. Reagia contra todas as provas bem como contra a morte um quasi afogado que lança mão para suster-se d'uma palha que vai boiando.

A memoria d'aquelle dia tão curto, em que o sol mal nascido logo se eclipsou, estonteava-lhe todo o ser, e sobre a lembrança d'aquelle sentimento tão mal revelado e tão confusamente sentido pairava uma dòr que o seu coração não deixava que fosse um desespero.

No egoismo do sentimento que a dominava, não havia dôr que a compungisse afóra a sua, nem pensamento que não se afogasse no mar revolto dos pensamentos da sua dôr. O luto do reino, a sua temida perdição sob o jugo de Castella, o despontar da esperança que desopprimia os peitos, a salvação do principe em que os mais zelosos de independencia punham toda a fé das suas almas, tudo que não fosse o seu amor, as suas lagrimas, as suas saudades, que lhe importava?

Martim Corrêa já por vezes falára em voltar para Castello de Vide chegando a marcar dia para a jornada. Os bens que Martha herdára de sua mãe tinham ficado entregues á administração do alcaide, irmão mais velho de Martim, e este queria allivial-o d'um serviço em demasia pesado para a sua edade avançada. Martha, porém, entristeceu tão mortalmente que D. Lourença supplicou do irmão o adiamento da partida.

Martha queria ficar onde com menos demora pudesse colher as novas que iam chegando, quasi sempre incertas, por vezes contradictorias, agora abrindo-lhe o caminho, cerrando-lh'o brutalmente depois á sua esperança, que, n'um vendaval, ora se atiçava em clarões fugidios, ora esmorecia moribunda quasi. Em Lisboa queria ficar até saber se deveria declarar ao pae o proposito que fizera de ir com o coração viuvo procurar a paz dentro das grades do seu querido convento.

Uma manhã bateram á porta da casa de D. Lourença. Era Braz de Pina, velho soldado de Tanger, antigo companheiro d'armas de Martim Corrêa e um dos

cincoenta que na desgraçada batalha de Alcacer escaparam de mortos ou prisioneiros.

Recebeu-o Martim Corrêa com lagrimas de alegria por sabel-o vivo e ao mesmo tempo commovidas de vel-o alquebrado, roto, faminto, prostrado pelo cançasso da longa jornada a pé, desde o campo da batalha até Arzila e desde o Algarve até Lisboa.

Ferviam perguntas, mas Braz de Pina extenuado apenas poude começar falando depois que D. Lourença por suas proprias mãos fidalgas lhe serviu o almoço opiparo da casa. Então já ninguem o calava. E Martha impacientava-se contra o velho egoista, já bem comido, tranquillo, saboreando o conchego em que se via, falando de si, contando a sua historia, os perigos em que estivera e como quasi ás portas de Arzila passara quatro dias sem comer, sem dormir, sem atinar como pudesse romper pelas filas dos barbaros que cercavam a praça. Que lhe importava o mal dos outros? Que lhe importava a batalha e a derrota? D'El-Rei queria saber e só d'elle.

— Como castigo de Deus devemos respeitosamente acatar todo o mal que sobre nós cahiu, observou D. Lourença.

— Deus permittiu que El-Rei se obdurasse em seu funesto intento, disse Martim Corrêa. E não sei que sopro de má peste passou sobre todos nós que até eu, velho e alquebrado...

— O quê? perguntou Braz de Pina.

— Orgulhava-me da victoria que tinha como certa.

— Não viu V. Mercê o que eu vi, sr. Martim Corrêa. De tantos mil homens, que lá foram, quantos os coroneis juntaram no reino eram bisonhos, sem experiencia e mal providos d'armas.

— Levavam com elles El-Rei! exclamou Martha. Elle só deu valor ao exercito.

— Lá isso..! O que prova que o valor não basta. E depois quem o mandou lá defender esse tal Mulei-Hamet, que de mais a mais nasceu com mofina e já fôra desbaratado em vinte e trez batalhas? Eu creio na mofina, sr. Martim Corrêa. Faltava-lhe uma para as duas duzias. Até eu córei de pejo, quando vi esse mulato, com o nariz muito grande e quasi nenhuma barba

nas queixadas, entrar na galé e beijar no hombro El-Rei, que o recebeu de chapéo na mão!... El-Rei de Portugal!

— Mulei-Hamet tinha por elle a justiça.

— Pois não valia o tio, que esse, sim, era um homem! Commandava os nossos inimigos, mas, á fé! que prefiro vêr os moiros pela frente a vel-os á minha ilharga.

— Mas tu entre quem te bateste?

— Ao pé dos meus, da gente de Tanger, que toda El-Rei levou. Não era o nosso exercito de menos de vinte e cinco mil homens. Bello terço, sim bello, o dos aventureiros, homens esforçados, os mais dos quaes haviam sido capitães ou soldados na India e Africa. Com esses podiamos ir á guerra, e não fosse Pero Lopes, o sargento d'elles, que fôra meu capitão em Tanger... Eu creio na mofina, sr. Martim Corrêa.

— Conta-me d'El-Rei, pediu Martha.

— Logo em Arzila, para onde partimos depois que recebeu em Tanger ao Xerife mulato, fez elle suas rapazias. Armado o arraial fóra dos muros, n'elle mandou levantar sua tenda. O alcaide de Alcacer-Kibir com dois mil homens de cavallo veio fazer suas correrias até á vista da nossa gente e logo El-Rei lhe sahiu ao encontro, pondo-o em fuga. Deu segundo rebate o general da cavallaria do Maluco que com cinco mil de cavallo vinha descobrir campo. Sahiram-lhe os moiros nossos aliados e logo El-Rei atraz de D. Duarte de Menezes, que commandava a cavallaria de Tanger, sem consentir que D. Duarte travasse d'elles, sofrego de ser o primeiro em commetter. Mal lhe veio, porque lhe cahiu o cavallo de cançado e com estas fragueirices nem elle os desbaratou nem deixou que os nossos tirassem tamanha força aos inimigos.

— Entretanto que fazia D. Antonio? Sabes que chegaram boas novas de estar livre do captiveiro?

— Folgo com isso, sr. Martim Corrêa, porque em toda a campanha foi um valente. Em Arzila alojou-se no cabo do exercito da parte do facho. Aggravado como estava d'El-Rei por umas palavras que tivera com o valido Christovam de Tavora, quiz mostrar-lhe que para o servir escolhera o logar onde era o perigo maior.

— Não era intento d'El-Rei, quando chegou a Africa, atacar Larache pela banda do mar?

— D'isso não sei, minha sr.ª, nem porque mudou de conselho. Sei que nós portuguezes pelejamos melhor no mar do que em terra, onde não sabemos guardar a arte da milicia. Não podia nunca ser com arremettidas impetuosas, cada um por onde póde, que haviamos de desbaratar um poderoso exercito de muito mais de cem mil homens entre os quaes quarenta e tantos mil de cavallo.

— Entretanto consta, diz-se, que a victoria foi quasi nossa, que El-Rei...

— El-Rei..! disse Braz de Pina, sorrindo melancolicamente para Martha. Foi quasi nossa, foi, e houvera-o sido, se El-Rei quizesse.

E encolheu os hombros.

— Mofina! Mofina! que era razão para tudo.

— Não sabes que motivos decidiram o accommettimento de Larache por terra? Não creio que o exercito fosse bem apparelhado para tão longa marcha, disse Martim Corrêa.

— Encurtou-a o Maluco vindo esperar-nos em Alcacer-Kibir. Bem fez elle, que de Arzila partiu o exercito portuguez com mantimentos para cinco dias e eram já sete de marcha e nem soldados nem cavallos tinham de comer. Entretanto bem fôra não dar batalha. Muitos moiros do inimigo se passariam de noite para o nosso campo e Mulei Maluco andava tão enfermo que, posto no ultimo da vida, todos esperavam que morresse aquelle dia. Morreu com effeito. Perdeu-se um homem.

— Entretanto que decidia El-Rei? perguntou Martha.

— Chegou-se á tenda d'elle o capitão Aldana e com toda a fonfarria castelhana, começou-lhe a prégar que tudo se perdia se não desse a batalha; e poz-se a bradar mais alto que todo o alarido dos moiros e a dar punhadas no peito e a morder as mãos...! Eram dez da manhã. Se esperasse meia duzia d'horas...! Mofina! Mofina!

— Como havia de ser bello ao dar o Santiago! disse Martha, como falando comsigo, tão enlevada em seu pensamento que toda se poz córada ao vêr de novo Braz de Pina dirigir-se a ella.

— Tarde de mais o deu, que os moiros, mal viram que El-Rei abalava para commettel-os, começaram a estender as pontas da lua com que haviam de cercar o exercito dos christãos. Bom conselho fôra não nos movermos d'ali e esperar o ataque onde a nossa rectaguarda era defendida pelos rios. El-Rei entretanto mandou marchar e os moiros começaram carregando pelas costas e lados. Só a dianteira não abalava, porque estava de guarda á artilheria escondida n'um milharal. Fez d'ali a pouco a sua descarga e quando a nossa, que ia adeante, lhe quiz responder, tal era a revolta e a confusão das gentes, que nem atinaram a pôr-lhe fogo. Acabada a fumaça viu-se uma manga de arcabuzeiros castelhanos que se ia retirando dos mosqueteiros dos moiros e querendo impedir-lhes a fuga João Gomes Cabral, capitão da guarda, o qual estava junto d'El-Rei, foi o primeiro de cavallo que cahiu morto. Então El-Rei deu o Santiago e valha a verdade, acommetteu como um leão!

— Depois? perguntou Martha anciosa.

— Quasi ao mesmo tempo arremetteu com a sua gente o Duque de Aveiro, que estava no corno direito, e juntos rompendo pelos esquadrões de infanteria dos moiros, matando n'elles, entraram por meio dos esquadrões de cavallaria que logo começaram a retirar. Acommetteram tambem os aventureiros e eu lá me fui atraz d'elles com a manga dos soldados de Tanger que juntos com os castelhanos, tudescos e italianos eramos seus visinhos dos lados. Esteve em nossas mãos a victoria n'aquella hora! Conhecia-a muita vez, como bem sabe, sr. Martim Corrêa; conhecemol-a juntos. Não a soubemos seguir então e eu não sei porquê. Pero Lopes, vendo cahir o seu capitão, Alvaro de Tavora, começou a bradar: — «Ter! Ter!... Volta! Volta!» E todos começaram a virar... tambem não sei porquê. Sebastião de Sá deu exemplo a seguir gritando: — «O meu cavallo não se sabe voltar.» E não appareceu mais. Era seguir-lhe o exemplo. Começaram os moiros a criar animo e voltaram nas costas dos nossos, dos nossos cheios de confusão e pavor!

— Mas não havia maneira de suster a furia do inimigo e novamente ordenar o nosso exercito?

— Que lhe direi, sr. Martim Corrêa? Tudo era desordem e confusão; não havia vozes de commando e ninguem já se entendia. O exercito não tinha um chefe que valesse aquelle dos moiros, que, até já com o veneno a roer-lhe as entranhas e a morte ante os olhos, se levantou do coche onde estava e, montando a cavallo, poz-se com a espada na mão deante dos que retiravam e os animou a que voltassem á batalha. Cahiu em terra morto, mas glorioso!

— Póde haver gloria n'um desbarate, disse Martha offendida.

— Triste gloria, minha senhora; mas essa teve-a El-Rei de Portugal.

— E tu? perguntou Martim Corrêa.

— Mas El-Rei? disse Martha.

Braz de Pina tinha acabado de almoçar e um sorriso de satisfação animava-lhe agora a face pallida, a bocca descahida, os olhos encovados. D. Lourença encheu-lhe novamente o copo e elle poz-se a admirar o topasio brilhante d'aquelle vinho generoso, fazendo reluzir ao sol, que entrava pela vasta janella, as facetas de cristal onde a luz se iriava. E sorria.

— D'este não havia em terras d'Africa. Ha quantos annos...!

Bebeu o vinho e disse:

— É bom viver!

— Viste a morte bem perto muita vez, disse-lhe Martim Corrêa.

— Não assim como agora, que nem sei se morto estive.

Martha impacientava-se. Sempre que Braz de Pina falava d'El-Rei a anciedade reluzia-lhe nos olhos verdes; a bocca entreaberta bebia-lhe as palavras; no peito offegante mal podia acalmar o bater precipitado do coração. Podia perguntar, informar-se, vir a saber talvez agora, mas tinha o pudor do seu segredo e temia n'um impeto de impaciencia descobril-o.

E Braz contente de espirito, satisfeito do bom almoço, ia agora falar da sua pessoa, narração talvez cheia de pormenores aborrecidos. E ella que lhe importava?

Deu um ah! de satisfação e, respondendo a Martim Corrêa, Braz continuou a historia:

— Quasi ao fim da batalha vi junto de mim o sr. D. Antonio, Prior do Crato, afogado em calma, com o cavallo todo ferido sem já se poder bolir. Pediu-me que o ajudasse a despir as armas e, sentando-se n'uma pedra esperou serenamente o captiveiro. Antes morte que tal sorte, pensei eu ainda disposto, apesar do campo já ir todo de vencida, a procurar uma desforra embora a vida me custasse. El-Rei passava n'este momento e disse-lhe o sr. D. Antonio: — «Ah! senhor, não estou em estado de poder seguir a V. Alteza, que me falta o cavallo.» E mostrou-lhe com o dedo uma abertura onde os moiros eram poucos e por onde El-Rei talvez pudesse ainda salvar-se. Eu...

— E não tornaste a vêl-o? peguntou Martha anciosa.

Mas Braz queria contar a sua historia e, como se não ouvisse a Martha, nem visse a anciedade da pergunta, continuou:

— Queria sahir d'ali, mas as pernas mal me arrastavam. Era extenuado. A fadiga, a calma, a fome, tiravam-me as forças. O cavallo d'um moiro que vinha pelo campo em alarido de victoria lançou-me a terra abrindo-me na cabeça uma brecha profunda cujos signaes aqui vêdes.

E, separando o cabello grisalho que lhe cahia sobre a testa, mostrou a cicatriz.

— Havia vinte e quatro horas que não comia, o sol abrazava, a sêde era mortal. A perda de sangue trouxe-me um desfallecimento contra o qual quiz reagir. Por trez ou quatro vezes tentei erguer-me e recahi sem forças. Olhei e vi que levavam o sr. D. Antonio. Os moiros vencedores faziam correrias alegres pelos campos e os ultimos dos nossos entregavam as armas. Uma carreta passou-me sobre o corpo e nada mais soube de mim até alta noite.

— Como escapaste então? perguntou Martim Corrêa.

— E do fim da batalha que mais vistes? D'El-Rei que mais soubestes? perguntou Martha, anciosa sempre.

— Nada mais vi; alguma cousa soube.

Martha ergueu-se. Era pois certo que já no fim da batalha ainda El-Rei vivia! Aquelle tinha-o visto. Tambem D. Antonio passára por morto e elle ahi estava

quasi de volta. Mas aquelles fidalgos que tinham visto o corpo d'El-Rei? E o resgate do real cadaver de que se andava tratando? E emquanto Braz ia descrevendo a sua historia, Martha passeava pelo quarto, embebida nos seus pensamentos, d'ouvido á escuta para quando ouvisse pronunciar o nome querido.

Braz de Pina continuou:

—Alta noite senti frio e acordei. Estava nu. Nem a camisa me queriam deixar. Estremunhado, ainda incerto do que me acontecêra, apenas abri os olhos, reconheci no ladrão um renegado portuguez, Acambei, condemnado ás galés em Tanger, d'onde se havia evadido com meu auxilio.

—Com vosso auxilio! Um renegado! exclamou D. Lourença com indignada surpreza.

—O pobre homem tinha mulheres e filhos e um soldado ignorante, como eu, nem sempre está de acordo com a justiça. Fiz mal talvez, mas Deus recompensou-me o bem que suppuz fazer dando-me com a ajuda d'esse homem a salvação da minha vida e da minha liberdade, que ainda mais préso.

—E elle não te havia conhecido? perguntou Martim Corrêa.

—Na pressa do roubo e tratando-me como a cadaver d'infiel, creio que nem me olhara a cara nem sentira bater-me o coração dando mostras de eu ser vivo. —«Braz de Pina!» disse-lhe eu.—«Silencio!» murmurou elle ao meu ouvido. A gratidão não floresce apenas nas almas christãs. Ao renegado devi a minha vida. Perto andavam outros, todos pertencentes a esses bandos de miseraveis, companheiros dos corvos, que se vão atraz dos exercitos. Para que lhes hei de eu contar o resto? Levou-me d'ali, arranjou-me um fato de moiro e caminhando comigo de noite, acompanhando-me sempre, arrastando-me ás vezes, porque eu mal tinha forças para suster-me, trouxe-me até ás portas de Arzila.

E cançado, como se outra vez houvesse feito aquella jornada violenta, respirando fundamente:

—Mais um copo de vinho, minha senhora, que é para eu matar saudades.

—E nada mais soubestes, nem do final da batalha nem da sorte d'El-Rei? perguntou Martim Corrêa.

—Pelo renegado alguma coisa soube e em Arzila pelo que lá me contaram.

Martha voltou a sentar-se á mesa. Queria erguer a alma a Deus, ouvindo o resto d'aquella historia em meio d'uma oração, que afugentasse da sua alma o desespero, lança cruel a remexer n'uma chaga aberta.

—A sorte d'El-Rei!...

E Braz de Pina encolheu os hombros.

—Ninguem a sabe.

—Como?... Pois não morreu! exclamaram ao mesmo tempo Martim Corrêa e D. Lourença.

Martha anciosa, offegante, não despregava os olhos dos labios de Braz, como querendo adivinhar-lhe as palavras ainda antes de pronunciadas.

Então Braz de Pina contou vagarosamente, bebendo o vinho a pequenos goles.

—Máo capitão foi decerto, mas um valente soldado. Com quaesquer que o seguissem, muitos ou poucos, de pé ou de cavallo, mettia-se pelos inimigos, e era um desbarate onde apparecia. Poz a perigo todo o exercito que assim ficou sem commando, e os capitães e os fidalgos andavam doidos pelo campo á procura d'El-Rei em vez de tratar dos homens que lhes eram confiados. Ia já perdida a batalha, quando alguem lhe perguntou:—«Senhor, que havemos de fazer?» E elle respondeu:—«Morrer!... Mas devagar!» O ultimo que o viu foi Luiz de Brito que trazia o estandarte e a quem El-Rei disse:— «Abraçae-vos com elle e morramos sobre elle!» E lá partiu em novas correrias apesar dos esforços de Christovam de Tavora e Luiz de Brito, que queriam que se deixasse prender. Seguiram-o elles, mas pouco depois, ainda na persuação de que El-Rei lhes seguiria o exemplo, deixaram-se aprisionar pelos inimigos. Luiz de Brito, volvendo os olhos para o caminho que El-Rei tomára, viu-o ir-se afastando do campo, sem haver moiro que o seguisse nem outros que adeante lhe apparecessem. Ora o caminho não levava ao rio e era muito distante do logar onde depois disseram que fôra achado o seu cadaver.

—Mas esse não foi reconhecido por tantos fidalgos de cuja palavra...?

—Se El-Rei houvesse de ter fugido nada lhe poderia

auxiliar a fuga como o reconhecimento d'esse cadaver.

—Contae o que sabeis! disse Martha supplicante.

—Estava o Xerife, irmão de Mulei-Maluco e herdeiro do throno, gosando a sua victoria, vendo estendido n'uma esteira a seus pés o cadaver do mulato, seu sobrinho, que depois mandou fosse esfolado para cheio de palha o levar a Fez em triumpho. Foi então que Bastião de Rezende, moço da guarda roupa d'El-Rei, disse que sabia onde este fôra morto. Deram-lhe uma azemola e trouxeram n'ella o cadaver a que Rezende, por achal-o nu, vestiu a propria camisa e as ceroulas. Disseram os fidalgos que ali estavam que era aquelle o corpo d'El-Rei D. Sebastião; mas, dias depois, quando Belchior do Amaral o veio sepultar a uma lagea do alcaide Habraem-Sufiani, Martim de Castro dos Rios, que ali se achava, não foi capaz de reconhecel-o.

—Talvez que a decomposição adeantada..., observou D. Lourença. Entretanto ouvi dizer que os corpos de todos os christãos mortos n'esse dia se haviam conservado milagrosamente, signal evidente da bemaventurança eterna das suas almas.

—Mais uma razão, minha senhora. O corpo seria d'algum perro, que até os fidalgos, a quem sua guarda foi confiada, tiveram, de noite, que pol-o fóra da casa em que dormiam, tal era o fetido que espalhava.

Martha scismava. Não! Aquelle cadaver encontrado nu, á beira do rio, trazido sobre uma azemola até aos pés d'um barbaro ignorante e orgulhoso, apodrecido depois, posto sacrilegamente fóra da casa onde os fidalgos portuguezes queriam dormir, não podia ser o d'aquelle Rei que ella vira um dia, coberto de pedrarias, passar entre o povo ajoelhado, fazendo caracolar o fogoso cavallo mursello, bello, tão bello e tão altivo que nem siquer em sonhos romanticos podia haver visão que o egualasse. Em extasis contemplára o ungido do Senhor e n'um extasis de esperança o revia agora bello, tão bello e tão altivo como n'esse dia, o primeiro que lhe parecia ter vivido.

—E assim morreste, Portugal! murmurou Martim Corrêa.

—Altos designios de Deus! Disse com devota resignação D. Lourença.

Braz de Pina esvasiou o copo e, pondo-o sobre a mesa:

—Mofina! disse. E' que de tanto viver com moiros ia dando em fatalista.

CAPITULO V

O Onzeneiro

As novas que todos os dias iam chegando da Barberia, os boatos politicos que iam correndo, as pretenções de Felippe, rei de Castella, a chegada do Prior do Crato, tudo emfim quanto n'esse tempo desasocegava os corações ou entretinha as fantasias, tudo com alvoroço era discutido durante o dia pelo povo e á noite pelos cavalleiros abancados em casa da Marianna a Santa.

Gonçalo, que, por conselhos do Bazaruco receioso da vingança do onzeneiro, raras vezes punha pé fóra de casa, assistia mudo ás discussões e, cheio de impaciencia, esperava occasião, que cedo chegaria, para desaggravar do epitheto de cobarde a virgindade de sua espada.

O Bazaruco, depois de minuciosamente informado, fòra por elle encarregado, de procurar pela cidade essa mulher tão bella de cuja memoria tinha a alma cheia. Passaram-se porém os dias e de cada vez que o escudeiro entrava para a ceia era sèmpre a mesma pergunta anciosa:

— Então?

Mas o Bazaruco, logo no dia seguinte, encontrára fechada a casa de Joanna da Fonseca, em viagem desde madrugada para os arrabaldes de Santarem, onde n'um convento severo costumava penitenciar-se d'algum peccado mais grave commettido na capital durante o tempo em que vinha fazer uso dos banhos do Tejo. As portas estavam cerradas e ninguem da visinhança sabia dar conta das visitas que mais costumava receber.

Andava pois o Bazaruco, sempre de nariz no ar, correndo as ruas de Lisboa na esperança de encontrar, meio occulto atraz d'uma gelosia, o rosto encantador dos taes olhos verdes, lindos como soes, tão decantados por Gonçalo. E assim passava a vida com grande paz na alma, ora assobiando por entre dentes, ora monologando com ar profundo, conforme o vinho lhe dava para a jovialidade ou para a philosophia. Emquanto houvesse oiro na bolsa corria a vida tranquilla e o dinheiro parecia inexgotavel.

— Santo ladrão! dizia o Bazaruco. Foi bom assim. Eu sabia em minha consciencia como fôra armada a traição, que não ando costumado a metter as mãos nos bolsos dos outros nem sequer nos meus, que nem já para me assoar tinha um lenço. Ora como foi, foi muito bem. Deus, condemnando a usura e a má fé, trouxe ao meu caminho o onzeneiro traidor para que eu entregasse o seu a seu dono. O seu dono não o quiz, logo administro-lh'o eu, que o sr. Gonçalo Vaz foi entregue á minha guarda e aos meus cuidados. Eu sou portanto um instrumento da Providencia.

E, muito cheio do papel, onde via ramo de loiro entrava logo.

Apenas uma nuvem ligeirissima vinha por vezes toldar aquelle céo aberto. Se Ayres Gomes haveria reconhecido Gonçalo? Se alguem lhe fôra contar o que depois se passára? Mas em Coimbra o judeu nunca tinha visto o escudeiro, nem elle nas adegas se descosêra a contar a vida e de quem era servidor. Pelo sim pelo não, não voltára á taberna a cuja porta se déra o conflicto, tanto mais que o vinho ali não valia um bazaruco.

Gordo como um chouriço, bem tratado pela Marianna, boiava na vida socegado, tão feliz como no banho te-

pido da luz d'uma aurora. A felicidade, a falta de preoccupações, a bolsa cheia, aquelle vinho por toda a parte ás ordens, trouxeram-lhe á sua alma ternuras que desconhecia. Dava esmolas aos pobres e afagava as crianças.

Durante o verão de S. Martinho, á hora poetica das Ave-Marias, gostava de percorrer os pontos altos da cidade, sempre d'olho á espreita, nariz no ar. Via descer o sol no céo alaranjado, já perdidas as côres opulentas e, sentindo uma grande consolação na melancolia que pouco a pouco o ia invadindo, limpava com os dedos grossos e sardentos uma lagrima avinhada que lhe vinha tremeluzir nos olhinhos piscos e vermelhos. Então, muito terno, convencido de que mais nascêra para artista do que para escudeiro, punha em musica os versos que de manhã encontrára sobre a mesa de Gonçalo á bella dos olhos verdes.

— Então? perguntava este ao vel-o chegar.

. — Sete olhos verdes. Dois n'uma velha, outros dois n'uma bexigosa, mais dois n'um conego da Sé e um n'um gato que era cego do outro. Olhos verdes em menina bonita, nem alta nem baixa, cabellos pretos, sobrancelhas pretas, cilios longos, bocca mais que regular, covinhas na face, nem meio. Fui até á Graça.

Ás vezes trazia uma esperança. Mas a mulher tinha um signal ao canto da bocca, não podia ser.

E Gonçalo esperava.

Não se sentia infeliz. Durante a revolta dolorosa contra o que elle chamava a traição da mulher por quem tudo sacrificara e a quem atribuia toda a desgraçada vergonha da sua vida, buscara furiosamente um atordoamento salutar que lhe aniquilasse n'um delirio incessante a memoria sempre alanceando-o com o desespero d'uma estulta saudade. Para isso, pelo primeiro preço offerecido vendera as armas para que já difficilmente achára comprador depois da partida de todo e exercito.

— Foi manteiga em nariz de cão, observou o Bazaruco, quando, um mez depois, Gonçalo lhe declarou que já não tinha dois ceitis.

D'esse atordoamento febril acordára Gonçalo moído, com a alma ainda mais chagada, a colera e a saudade em lucta mortifera, não podendo dar vazão áquella nem

esquecer o sonho de que despertára quando na quéda das altas regiões luminosas viera partir as azas n'uma esterqueira.

Agora sentia um renascimento que tinha toda a serena alegria d'uma convalescença. Vira de bem perto a morte de todos os sentimentos bons da sua alma e chamára a loucura em soccorro para com a guizalhada d'um bobo abafar o cantochão funebre que a consciencia lhe cantava pelas tabernas e lupanares. Depois de gasta a ultima moeda de cobre, veio a pobreza atassalhar-lhe ainda mais o coração, impedindo-lhe essa derradeira lucta dos fracos, a busca do esquecimento. Cahira então n'um marasmo doentio. O Bazaruco encontrava-o sempre com os cotovellos sobre a mesa, o rosto encostado aos punhos fechados, o olhar vago, o beiço inferior pendente, sem forças para reagir. Sonhava confusamente com o tempo que passára n'um doce engano da sua alma, revia os olhos negros de Aurelia fitos nos d'elle e aspirava-lhe, n'uma invocação dolorosa, todo o perfume da sua bocca. E desejava-a como um louco na inconsciencia da villeza.

D'esse adormecimento da alma enferma, gemebunda como um mocho na feia noite que o envolvêra, acordára um dia de repente, não aguilhoado por uma idéa de desforra ao virem as primeiras novas de Alcacer, mas pelo raio de luz que o reanimou, ao fitar pela primeira vez os olhos n'outros olhos brilhantes de dolorosas lagrimas.

E Gonçalo não consultou a memoria para contar quanta vez um novo amor mergulhára velhas paixões da vespera no esquecimento. A noite desfez-se, a aurora nasceu. Um sopro tepido de manhã de abril dispersou em ligeiros flocos brancos as nuvens pesadas, e a descrença que lhe obdurava o sentimento murchou, murchou, onde florira o novo amor. A' luz d'aquelle olhar pareceu-lhe que a sua alma tomava banho n'um ether purissimo, de que sahia purificada. E logo, apoz o amor, quasi no mesmo instante, veio-lhe o remorso e a vergonha. Eram todos os sentimentos bons que novamente desabroxavam, e Gonçalo não precisava consultar a memoria para saber que nunca sentira a consolação de tão milagroso orvalho.

Eram memorias d'ella que o tinham agora acordado até alta noite. Revia-a linda, chorosa, e jurava vingar-lhe aquellas lagrimas, cada vez que olhava para a espada que, por deshonra sua, não mergulhára no sangue dos infieis.

Occasião de vingança não faltaria. Christovam de Moira, fidalgo portuguez ao serviço d'El-Rei de Castella, viera a Lisboa tratar dos negocios de seu amo; os partidarios do Prior do Crato moviam-se contra o enorme poderio de Felippe II. E Gonçalo, sempre na esperança de rever a mulher a quem devia toda a transformação que se operára n'elle, sentia impetos de ir ligar-se ao bastardo do infante D. Luiz e pedir-lhe de joelhos que o desafrontasse.

N'essa esperança d'amor, n'essa fé de portuguez, Gonçalo sentia-se feliz.

Já no inverno, uma tarde, o Bazaruco entrou esbaforido.

— Meu dito, meu feito!

— Viste-a? perguntou Gonçalo, erguendo-se n'um movimento cheio de anciedade.

— A elle o vi.

— Quem? O pae?

— O pae.

— Conta. Onde móra?

— No inferno devia de morar a estas horas.

— Quem?

— Elle.

— Mas quem viste?

— O pae d'ella. O pae d'essa mulher...!

— Como falas, Bazaruco? Pois não sabes...?

— Sei que se lhe houvera dado d'outra maneira...

— De quem falas?

— Do Ayres Gomes, pois de quem?

— Viste-o?

— Por meus peccados.

— Só?

— Só, ou acompanhado pelo diabo, não sei. Accusa-o de roubo, queixou-se ao Cardeal que o protege e não tarda talvez por ahi a justiça.

— Defender-me-hei.

— Assassinato e roubo, eis as suas queixas.

— Roubo?
— Roubo. Como se este dinheiro não fôra seu!
— Bazaruco, o que fizeste...!
— Salvei-o. Temos de partir quanto antes.
— E ella! exclamou Gonçalo dolorosamente.
— Ella quem? A filha...? Não a vi.
— Conta o que sabes.
— Sei que comprei dois cavallos, que dentro de meia hora estarão aqui á porta, apparelhados e promptos.
— Fugir...!
— Fugir.
— Nunca! Quantas vergonhas passei não valem essa.
— Não vê V. Mercê os calculos do onzeneiro. Primeiro do que á vingança, olhou aos lucros.
— Não é d'elle quanto era meu?
— Ainda não, nem o será emquanto vivo fôr o sr. João Vaz, seu tio.
— Nada já tem comigo. Quer vingar-se, esperal-o-hei.
Mas o Bazaruco tivera um dia fóra de seus habitos. Tendo que seguir, passo a passo, o caminho de Ayres Gomes, e de procurar conhecer os segredos da teia que este andára tecendo, não pudera, máu grado seu, entreter-se em conversações familiares com os toneis seus conhecidos, e trouxera, caso unico na vida, o espirito lucido com que sahira de manhã.
— E ámanhã, sr. Gonçalo Vaz, a morte entra no quarto onde a S. Alteza, El-Rei, não fará surpreza, e o sr. D. Felippe manda o Duque d'Alba entrar pela fronteira. Entretanto V. Mercê olhará para a sua espada e ha de sacudir como um leão as grades da gaiola. O Ayres Gomes estima-lhe muito a vida para deixar que a vá expôr em pró de quem fôr, Duqueza de Bragança ou Prior do Crato.
— Julgas então...?
— Julgo que não ha meio de lhe escapar das unhas senão este. Os dois cavallos não tardam. Fugiremos.
— Para onde?
— Para onde os cavallos nos levarem.
— Fugir! Fugir!
— Cesteiro que faz um cesto...
— Cala-te. Prepara os alforges. Irei comtigo.

E, emquanto o Bazaruco trepava pela escada ingreme que por um alçapão dava entrada no quarto de Gonçalo, este passeava ao longo da cosinha, impaciente, tremulo de raiva, vendo as razões do escudeiro, tendo perdida para muito tempo a esperança de rever a luz d'aquelles olhos que o havia transformado e morto no peito a sua cobarde indolencia.

Pararam dois cavallos á porta. O sino da Sé bateu dez horas.

— Prompto! disse o Bazaruco, apparecendo no alto da escada ajoujado sob o peso de dois alforges. Cinja a sua espada; eu cá tenho a minha, e partamos.

A cabeça boquiaberta da Marianna a Santa appareceu no alçapão que conduzia á adega. O Bazaruco deitou-lhe uma moeda d'oiro.

— Adeus, Mariannninha!

— Que é isto? disse ella espantada.

— Dois estorninhos que fogem ao milhafre. Saudades.

O Bazaruco trepou com difficuldade para cima d'um cavallinho branco, pequeno, d'onde a queda era mais curta. Gonçalo d'um pulo saltou para a sella do outro.

— Vamos, disse.

E metteu esporas ao cavallo.

O Bazaruco, todo para traz, a dar aos braços, seguia Gonçalo no galope desenfreado.

Marianna a Santa á porta, illuminada fracamente pela luz da candeia, dizia adeus com o avental.

CAPITULO VI

A jornada

Os cavallos iam em carreira furiosa pela estrada. Durante a primeira hora Gonçalo e Bazaruco foram mudos, aquelle caminhando adeante, este seguindo-o, cruelmente sacudido sobre a sella.

—Basta, senhor, basta! gritou dorido, vendo que Gonçalo tomava uma larga deanteira e observando-lhe o vulto já quasi perdido na escuridão da noite. Que rins tão duros tem este demonio...! E eu então pelo contrario...!

Gonçalo, ouvindo aquelles berros afflictivos, moderou o andamento do cavallo. O Bazaruco poz o d'elle a chouto e, cançado, mal podendo falar, gemendo, approximou-se do amo.

—Para quem tão contrario se mostrou á fuga vejo-lhe zêlo de mais, sr. Gonçalo.

—Nem me lembrava que iamos fugidos á justiça d'El-Rei. Encontrava não sei que novo prazer na rapidez d'esta carreira. Parecia-me que era de mim mesmo que ia fugindo.

— Não se me ponha V. Mercê com rhetoricas que são mal cabidas. Pensemos com socego sobre o que mais importa agora e diga-me primeiramente aonde vamos.

— Ao Deus dará.

— Ou não dará, que já deu uma vez e não dá sempre. A bolsa levou hoje uma sangria, que tive de peitar muita gente de justiça e comprar para V. Mercê um dos poucos bons cavallos que puderam escapar da guerra d'Africa. Se não sabe aonde vamos, sabe onde estamos pelo menos?

— Descendo para Sacavem.

— Caminho que leva a toda a parte. Terra de mau vinho. Ora ponha o seu cavallo a passo mais socegado que o choutosinho do meu dá-me cabo das entranhas e de tudo o mais. Conversemos. Antes da madrugada estaremos em Villa Franca. Emquanto andarmos por estradas, onde passa por vezes a gente de justiça de Lisboa, bem faremos em caminhar de noite.

E com um suspiro, ageitando-se na sella, não lhe encontrando o commodo:

— Diabo de galope! Diabo de chouto! Diabo de vinho que vamos encontrar! Não valerá em toda a jornada o elixir da Marianna a Santa! A não ser que passemos no Cartaxo...

— Em que pensas, quando eu...!

— Em que penso! disse o Bazaruco offendido.

Eu só quero prantear
Este mal que a muitos toca,
Que estou já como minhoca
Que puzeram a seccar.

— Cala-te com a tua mana Maria Parda, disse Gonçalo impaciente, e conta-me o que se passou com o Ayres Gomes.

— Andava eu no cumprimento da missão de que V. Mercê me encarregou...

— Perdida agora talvez para sempre...! murmurou Gonçalo.

O Bazaruco encolheu os hombros e, parodiando o modo de falar do amo:

— Em que pensa, quando eu...!

— Conta, disse Gonçalo.

— Escuta-me V. Mercê?

— Escuto.

E tornou a murmurar raivoso, n'um gesto de desespero chicoteando o cavallo:

— Perdida! Perdida!

O cavallo deu um galão; o do Bazaruco arrebitando as orelhas começou ás upas pequeninas.

— Escuta-me V. Mercê? perguntava elle, com a voz sacudida, equilibrando-se, afagando o pescoço do cavallo, todo dobrado sobre a sella. Olhe que eu não sou de ferro e fui de infanteria.

— Conta, Bazaruco, disse Gonçalo. Esta idéa...! Se nunca mais...!

— Ora como o tempo vai frio, eu fui provar do vinho novo á taberna do Lisuarte, fronteira ás casas de Martim Affonso de Sousa, onde El-Rei se acha hospedado. Conversava á porta com dois cavalleiros, quando avistei o Ayres Gomes, que sorrateiramente se esgueirava, muito cosido com a parede, embrulhado na capa remendada. Acompanhavam-o, de guarda-costas, tres homens, caras suspeitas, uns ares d'aquella gente que rodeia os de toga e que eu não gosto de encontrar no meu caminho.

— Sahia do paço?

— Por uma porta pequena por onde se servem os mais intimos de S. Alteza.

— E reconheceste-o logo?

— Pudera! que mais procurava eu vel-o para precatar-me do que de achar a fada dos olhos verdes que ha de aliviar as penas do meu amo. E a pêllo vem dizer-lhe que a cacetada foi das boas; o homem anda mais chupado e amarello que um espargosinho do monte sequinho, sequinho. Tambem lhe daria abalo o oiro que lhe falta na bolsa, mas tudo n'elle diminuiu, afóra o nariz que ainda cresceu e talvez as unhas, que essas não vi.

— Para onde seguiu depois?

— Fui-lhe no encalço, sempre a medo, dando as voltas que o via dar. Os outros, os guarda-costas, seguiram-o até uma casa perto do Castello, onde o deixaram e que supponho ser a pousada do judeu. Voltei então na piogada da velhacada que vinha farejando.

Quantos passos elle déra tantos dei a revez. Com ademanes e peitas, *Vossas Mercês* e *Senhorias* e o tlimtlim da minha bolsa fui recompondo toda a historia. Olhe, sr. Gonçalo Vaz, o seu dinheiro entreguei-o á justiça; o Ayres Gomes agora que lh'o peça.

— Então que soubeste?

— O homem esteve doente, mas conserva fresca a memoria. Ai, sr. Gonçalo, sr. Gonçalo! não lhe ter dado mais baixo, que já não dizia nada! E vai d'ahi disse tudo, o que vira e o que não vira, contando que V. Mercê lhe déra para lhe ficar com a bolsa.

E o Bazaruco falou baixinho não o ouvisse alguem que se occultasse nas sombras das oliveiras.

— Que elle é lá do Santo Officio e o Cardeal... Escuta-me, sr. Gonçalo Vaz?

Gonçalo não lhe respondeu. Iam atravessando a povoação. O Bazaruco calou-se.

Ao chegarem ao rio, tornou a perguntar:

— Escuta-me, sr. Gonçalo Vaz?

— Fala.

— Se V. Mercê me não ouve e vae pensando em sua dama, melhor será deixarmos a narração e vou de vez á peroração do meu discurso.

Os cavallos atravessaram a ponte de madeira, batendo com as ferraduras sobre as travessas.

— Fala, disse outra vez Gonçalo. El-Rei interessa-se pelo andamento do processo?

— Ora ahi está. E dentro de um mez, ou não ha justiça nos reinos de Portugal e Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, ou V. Mercê, sr. Gonçalo Vaz, está nos ferros d'El-Rei. Tratemos, pois, de safar-nos. Temos dinheiro para seis mezes. Pense V. Mercê onde quer ir, que o Bazaruco...

— Obrigado, disse-lhe Gonçalo estendendo-lhe a mão.

Eram duas horas da madrugada, quando chegaram a Villa Franca, e o Bazaruco, cheio de fome, de frio e sobretudo de sêde, bateu alegremente á porta da estalagem.

— Esconda V. Mercê o seu rosto e demos um descançosinho pequeno ás cavalgaduras. Não nos conveem as povoações; antes da madrugada tratemos de encher

os alforges, e, logo que ser possa, mettamo-nos pelas charnecas.

O moço abriu a porta. Gonçalo embrulhou-se na capa.

— Um quarto, disse o Bazaruco.

E, como a candeia era tão mortiça que a mais d'um palmo não alumiava, Gonçalo subiu, sem que o moço lhe observasse o rosto.

— Ajuda-me agora a tratar d'estes cavallos. Vamos á estrebaria. Quero eu mesmo dar-lhes a ração.

Gonçalo entrou no quarto, onde um homem roncava, de costas sobre um catre de madeira. Sem mesmo tirar as botas, deitou-se n'um outro ao lado. Sentia-se cançado. O pensamento não achava socego, vagueando da saudade para a esperança e d'esta para o desespero. Aonde iria agora? Que vida seria a sua? Para onde corria com tanta azafama, se não para a morte, a morte, longe d'ella, que toda a vida lhe tinha? As palpebras fechavam-se de cançadas e elle temia sonhar, invocando ao mesmo tempo os sonhos.

O Bazaruco, acompanhado pelo moço, depois de ter acommodado os cavallos na estrebaria, perguntou o caminho da adega, onde precisava aclarar um pouco as idéas. Tiritava com frio e, logo que a madrugada rompesse, teriam de seguir caminho; bom era prevenir-se com meia canada no ventre e seis na borracha que levaria no alforge. Ao mesmo tempo metteria um bom pão de milho, duas gallinhas cosidas, paio, chouriço, azeitonas... Decididamente o tempo ainda não ia tão mal.

O moço da estalagem era homem de poucas falas; acompanhava o Bazaruco, servindo-o passivamente e bocejando cheio de somno atrazado. Pouco importava isso ao escudeiro, cujos pensamentos o entretinham e que, por entre dentes, emquanto carregava os alforges, ia monologando, conforme o costume:

— A' fé de quem sou, quando havia de eu cuidar que, mancebo tão dotado, saltasse o demonio n'elle? D'onde se esperava um licenceado, sahiu-nos um foragido. Bem faço eu, que não creio em sonhos, que não sou como o sr. João Vaz, que já via o seu menino pelo menos, pelo menos... Não o trocaria pelo thesoiro de

Veneza!... Bella gallinha! Logo, com umas rodinhas de paio!... Que a fome vae apertando, mas na charneca hemos de comer mais descançados... N'isto é que é pensar, que a vida é isto. Para onde vamos agora? Marianninha, Marianninha, vão matar-me saudades dos teus caldos, dos teus braços e do teu vinho! Se o demonio saltou n'elle, ainda havemos de correr atraz d'uns olhos verdes, como os reis magos atraz da estrella.

O moço, cabisbaixo, de olhar pensativo, ia tambem rosnando qualquer discurso, entrecortado de profundos suspiros. Pouco attento ás considerações do Bazaruco, ouvia-lhe de quando em quando alguma palavra solta, e no fim perguntou-lhe com um suspiro:

— Tambem são da familia?

— Quem? De qual familia?

— Cuidei ouvir falar em olhos verdes e...

— Tem-os a tua noiva?

— Prouvera a Deus que ella o fôsse, sr. escudeiro!... Minha noiva!... Noiva d'um moço de estalagem!

— De quem falas então?

— E' que outros não ha em rosto humano e a não ser que os anjos...

— Tambem tu...!

— E quantos a virem, senhor! Por isso perguntei se eram da familia. Passou aqui n'uma carreta, com o pae e a tia. Pelo que ouvi aos criados, iam a caminho do Alemtejo.

O Bazaruco deu-lhe uma pancada o coração.

— Olhos verdes?

— Como esses campos orvalhados.

— Cabellos pretos?

— Como a noite.

— A bocca um bocadinho grande?

— Com duas covinhas aos cantos.

— A figura...?

— D'uma fada.

— E' ella! exclamou o Bazaruco. O pae e a tia.... Lá vamos nós de reis magos, se elle suspeita do encalço! E é que se a encontra...! Dizes tu que iam a caminho do Alemtejo? Sabes quem são?

— Tão parvo me quedei ao vêl-a, sr. escudeiro...

— Que nem lhe soubeste o nome! Ha quantos dias passaram?

— Hontem pela tarde.

— Procura saber quanto te devo, e caluda!

E, deixando o moço a devanear, subiu ao quarto, onde encontrou Gonçalo adormecido.

— Deixal-o descançar ainda uns instantes, disse, sentando-se n'um escabello entre os dois catres. Antes da madrugada não virão de Lisboa em nosso encalço e levamos quatro leguas de deanteira. Deixemos os cavallos levantar a ração, que a jornada é longa.

Gonçalo ao entrar no quarto pendurára a candeia n'um prego da parede junto da cama; o seu rosto era alumiado fracamente pela luz mortiça. Sorria mansamente, remexendo devagar os labios.

— Pobre sr. Gonçalo! disse cheio de carinho o Bazaruco.

E como o outro roncasse cada vez com mais força, temendo que a desafinação da musica viesse interromper o sonho do amo, o Bazaruco assobiou devagarinho aos ouvidos do dorminhoco.

— Que diabo! pensou. Eu já ouvi uma roncaria assim.

O homem incommodado pelo assobio virou-se para o outro lado, roncando cada vez mais.

— Diabos te levem! disse o Bazaruco.

E olhando para Gonçalo:

— Sonhas, Gonçalinho! Se tu soubesses!... Não serei eu quem t'o diga, que te pões correndo atraz d'ella e vais cahir como doninha distrahida na bocca immunda do sapo do Ayres Gomes. Trata da pelle e depois dos amores, que demais para noivo já me andas esfolado. Miseria nossa! Vais rindo adeantado em sonhos e bem fazes, que muita lagrima tens certo, apezar do Bazaruco á tua ilharga.

E como o outro continuasse a roncar:

— Eu bem digo que já ouvi uma roncaria assim.

E assobiou-lhe outra vez inutilmente.

— Aqui vais, Bazaruco, cançado da vida, moido da sella, chagado no corpo e ainda mais chagado na alma! Se em vez do teu genio aventureiro te ter dado para andar da India para a Africa e, peior ainda, da Africa

para Coimbra, velho soldado feito escudeiro de estudante, te houveras contentado com os feijões da tua horta e o vinho da tua vinha, eras talvez o modêlo dos maridos, dos paes talvez e talvez dos avós; eras o Bento, como te baptisaram, em vez do Bazaruco, e tinhas a tua alma tranquilla e o teu corpinho socegado na engorda, em vez de ter o pousadeiro como o espirito agora, ambos cheios de afflicções.

E olhando outra vez, muito terno, para Gonçalo adormecido:

— Pobre mancebo! Vou cortar-te o sonho, que vem já perto a manhã. Eh! meu amo! disse-lhe baixo ao ouvido, sacudindo-o.

Gonçalo espertou.

— Sonhava tão bem! disse.

— Pois deixe em paz os sonhos e toca a andar. Vem já rompendo a madrugada.

— Tenho fome.

— Tudo está prevenido. Bom será que nos não vejam de dia em povoações. No primeiro pinhal que encontrarmos almoçará como um principe e descançaremos depois.

E baixo ao ouvido:

— Não tem idéa d'um roncar assim?

Pegou na candeia e pôz-se a observar o roncador. Era um homem gordo, papudo, sem barba. Estendeu o beiço, procurando recordar-se e abanou devagarinho a cabeça.

— Não conheço. Confusões minhas: Diabos o levem. Vamos.

Montaram e logo Gonçalo chegou esporas ao cavallo.

— Segue, Bazaruco.

O moço gritou-lhes:

— Adeus! Se encontrarem esses olhos verdes...

O mais não puderam ouvir no meio do tropel dos cavallos a galope.

— Que disse aquelle homem? perguntou Gonçalo.

— Foi decerto V. Mercê que sonhou de rijo, respondeu o Bazaruco, cujo martyrio recomeçára, parecendo-lhe que a sella já tinha pontas de lança.

Tendo almoçado no primeiro pinhal cerrado que encontraram e ahi descançado sobre o matto durante al-

gumas horas, que o Bazaruco dormiu a somno solto, depois de alongarem a jornada para não terem de atravessar Azambuja e o Cartaxo, chegaram quasi ao cahir da tarde ás primeiras casas do Valle de Santarem, onde Gonçalo determinára descançar durante parte da noite, visto a falta de vocação do Bazaruco para as cavallarias lhes não permittir maior pressa na jornada.

Sahindo tres horas antes do nascer do sol, tencionavam, ainda de noite, atravessar o Tejo na Ribeira de Santarem e entranhar-se na vasta charneca, onde facilmente poderiam, até que a sorte mudasse, fugir ás perseguições da justiça.

— Vê se n'essa choupana nos querem dar abrigo. Descançaremos ahi. Emquanto eu trato dos cavallos, irás á aldeia fornecer os nossos alforges, que bem precisam.

Uma velhinha triste, muito triste, veiu abrir-lhes a porta. Gonçalo saudou-a.

— Salve-a Deus, santinha.

O Bazaruco pediu-lhe abrigo.

— Na estalagem melhor ficariam, meus senhores, que eu aqui só tenho para dar-lhes parte escassa da minha assorda, mas, se a quizerem, terão de mistura a boa vontade, que é de sobejo.

— Mercês, respondeu Gonçalo. Dae-nos apenas abrigo por umas horas, que o meu escudeiro irá tratar-nos da ceia.

— João! chamou ella com voz tremula. Recolhe no palheiro esses cavallos.

E, voltando-se para Gonçalo:

— Olhe para elle, meu senhor. E' meu neto. Desde esta manhã que anda assim, que ou elle começa agora a hervilhar ou algum máo olhado lhe lançaram. Nem um motreco de pão tem querido comer e não faz senão papear coisas que não entendo. Pois ainda hoje acordou alegre como os cochichos, e agora tão amarellinho e chupado...!

O rapaz conduzia os cavallos pelas redeas.

— Veja V. Mercê como elle anda!

E a velhinha desconsolada apontava para o neto que, com as redeas no braço, caminhava d'olhos baixos, pensativo, arrastando as pernas, tropeçando nas estevas, sem vêr onde punha os pés descalços.

— Máo olhado! máo olhado! dizia ella accendendo o lume. Sahiu tão contente para o trabalho e, não tardaram dois credos, voltou-me assim areado!

Gonçalo sentou-se á lareira; o João entrou e sentou-se do outro lado. Puzeram-se ambos a olhar para o lume que crepitava alegremente e principiaram uma musica de suspiros.

O Bazaruco voltou radeante. Trazia da aldeia os alforges carregados. Que ceia opipara, dentro de meia hora, se ostentaria sobre aquella mesa onde a velhinha desdobrava a toalha do seu melhor linho!

Gonçalo olhava para o companheiro em quem presentia um mal similhante ao seu.

O Bazaruco batia os ovos; a velha lavava os coentros para a assorda.

— Que tens? perguntou Gonçalo em voz baixa.

O João suspirou. A avó olhava para elle a soslaio, com maternal cuidado.

— Se nunca mais a vejo...! disse atrahido pelo tom carinhoso de Gonçalo.

— Quem? perguntou este. Desde quando a amavas?

— Nem siquer em sonhos a tinha visto! Passou ahi esta manhã n'uma carreta e eu fiquei...

Gonçalo recordou-se do seu repentino amor por aquella que com um simples olhar havia transformado a sua alma. Era um rustico que sentia como elle, e enterneceu-se ao vêl-o pensativo, melancolico, sonhando com uma imagem divina que fulgíra e desapparecêra, como a elle tambem.

— Come, disse-lhe. Senta-te á mesa comnosco e trata-me como a irmão.

— Mercês, mano; não tenho fome.

E deixou-se ficar meditabundo olhando para as fagulhas que corriam sobre as cinzas.

— Que tens tu, enxovedo? perguntou-lhe o Bazaruco, quando, alta noite levantando-se, o encontrou na mesma posição, com os mesmos olhos cada vez mais desvairados.

Gonçalo acabára de montar a cavallo.

— Pobre moço! disse o Bazaruco dando-lhe uma moeda de prata e passando com maguados suspiros a perna sobre a sella. Parece que anda aqui obra de olhos verdes.

— Eram verdes, verdes...! disse o outro olhando para a charneca por onde a carreta havia passado, sem se lembrar siquer de agradecer a esportula.

— Tambem este! disse Gonçalo. Se...!

— Andei mal, pensou o Bazaruco.

E caminhando direitos á Asseca, subiram a Santarem que atravessaram noite fechada ainda, e desceram á Ribeira, onde a barca esperava os passageiros.

O arraes dormia.

— O' da barca! gritou-lhe o Bazaruco.

— Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo, disse o arraes erguendo-se e tirando o comprido barrete de lã vermelha.

— Para sempre seja louvado, respondeu Gonçalo, tocando ligeiramente no chapéo.

Vinha quasi a romper a manhã e um tenue clarão da lua no minguante misturava-se no céo frigidissimo aos primeiros alvores da madrugada. Apagavam-se as estrellas. Um chamariz cantou alegremente de sobre os ramos de um alamo e um chapim respondeu-lhe nos salgueiraes do outro lado. Uma falua, em meio da tremulina pallida, erguia o mastro altissimo e parecia negra. Junto d'uns barcos chatos, de prôa e pôppa reviradas em meia lua, em secco na praia, os varinos tinham accendido fogueiras que o vento fazia ondular; e as sombras dos homens dançavam um baile fantastico no areal immenso.

— Eh! Manuel! disse o arraes zangado. Em que andas a scismar desde hontem que nem pareces o mesmo? Deus louvado, começa hoje cedo a tarefa.

E, deitando a prancha, ajudou os cavallos a entrar na barca.

Depois apontando para grossas nuvens negras que se acastellavam ao sul:

— Vamos ter chuva. D'aqui por trez dias já esta travessia se não faz á vara. Então Manuel...!

E voltando-se para Gonçalo:

— Anda-me assim tonto desde hontem.

Encostando a vara ao hombro, começara a afastar a barca, quando se ouviu o galope d'um cavallo pela calçada da Ribeira.

— Outro passageiro talvez, disse, fazendo signal ao filho.

Um homem gordo, vestido á alemtejana, montando um soberbo cavallo vistosamente arreado, entrou na barca.

—Deus vos salve, disse o arraes.

O homem cumprimentou ligeiramente os outros passageiros e foi sentar-se á prôa sem dar palavra.

—O seu companheiro de quarto em Villa Franca, disse baixo o Bazaruco a Gonçalo.

Este olhou distrahidamente, encolhendo os hombros.

O Manuel mergulhando a vara até ao fundo, com os pés descalços na borda do barco, caminhando sobre ella, vergando o corpo, começou a cantar na toada melancolica das musicas populares portuguezas:

—As estrellas não são tuas,
O céo não roubes assim.
Fizeste os olhos de duas
E deste cabo de mim.

—Então, Manuel, então...! Deixa lá os olhos da cachopa que te não pertence e mais tento na vara.

O Bazaruco, já prevenido, olhou para Gonçalo. Iam no encalço dos olhos verdes não havia duvida! Vinha fóra de tempo qualquer encontro agora.

A barca deslisava serenamente sobre as aguas um pouco turvas, com placas avermelhadas, barrentas. Gonçalo sentado á pôpa deixava-se adormecer embalado n'aquella cantilena triste. A villa com as suas casarias brancas, as velhas torres, as muralhas do seu castello, erguia-se no alto do monte, contando a historia, brilhante por vezes, do seu passado. E elle na grande placidez d'aquella madrugada, ouvindo aquelle canto d'amor que tão bem aconchegava a sua alma deliciosamente commovida, respirando o ar fresco que fazia rumorejar os salgueiraes, com a fantazia recompunha a velha historia d'aquelle castello e jurava por sua dama desaffrontar-se. Ali tinha ao lado a sua espada.

A barca veio encalhar na areia. O Manuel cantava:

—Olhos verdes, olhos verdes,
Que assim olhaes para nós
Fez-vos Deus para perderdes
Quem ponha os olhos em vós!

— Tambem são verdes! pensou o Bazaruco, saltando no areal.

— O caminho para Almeirim? perguntou o homem gordo.

— Por ali, disse o arraes. Chegando ao fim d'esse vallado, tomae á vossa direita.

O Bazaruco fez um gesto de surpreza.

O homem gordo montou rapidamente e, mal se achou em terreno firme, pôz o cavallo a trote largo.

— E nós? perguntou o Bazaruco.

— Para a charneca, respondeu Gonçalo.

E tomaram á esquerda.

Gonçalo cantarolava:

> — Olhos verdes, olhos verdes,
> Que assim olhaes para nós,
> Fez-vos Deus para perderdes
> Quem ponha os olhos em vós!

— Sabe quem é aquelle homem gordo? Ia-o conhecendo pelo roncar, conheci-o agora pela fala e maneira de dizer os RR.

— Quem?

— Um que uma noite em casa da Marianna a Santa sahiu da taberna falando por D. Felippe.

— Que era d'elle o direito e só d'elle a razão?

— Esse.

— Muita gente da côrte acha-se agora em Almeirim. Os agentes de D. Felippe trabalham. Se até dizem que o Duque de Bragança...

— Veremos. A' mão armada um só quererá resistir ao exercito castelhano...

— Por elle serei, Bazaruco.

— Por elle seremos, pelo Prior do Crato.

— Reparaste na canção d'este barqueiro? Como elle cantava os olhos verdes d'essa mulher...! E o outro no Valle e o outro já em Villa Franca...!

— E V. Mercê por toda a parte...!

— Se ella será?

— Quem?

— A minha.

O Bazaruco pôz-se a rir.

— Tudo isso é fome, sr. Gonçalo. Atraz d'aquella moita almoçaremos, que esta legua e meia que já andámos desde manhã pôz-me a barriga a dar horas.

E, encaminhando o cavallinho branco para o ponto que mostrára, ia pensando:

— Máo! máo! se lhe dão ventos da verdade...! Demonio de mulher! Diabos d'olhos!

O vento saltou para o sul e as nuvens vieram caminhando rapidas na direcção do Tejo.

— Temos molho para a jornada, disse o Bazaruco observando o céo. Não teremos abrigo na charneca. Preparemos os estomagos.

E erguendo a borracha nos braços, bebeu d'alto, longamente, até sentir-se consolado.

— Para onde vamos?

— Caminho de Ponte de Sôr.

— Dez leguas sem um abrigo! Encommendemos a alma a Deus.

E rezou baixinho o Padre Nosso, dizendo apenas de rijo, olhando a soslaio para Gonçalo: *seja feita a vossa vontade.*

Era a charneca immensa do Alemtejo. A chuva cahia impetuosa. Os cavallos enterravam-se nos lameiros. Ao fim do dia não tinham andado cinco leguas e achavam-se extenuados.

— Nem Deus ouve as minhas orações, nem o diabo as minhas pragas, disse o Bazaruco saltando da sella, com o cavallo enterrado em lama até á barriga, sem poder mover-se. Maldito judeu, que lhe não dá um ar que o emmudeça e paralyse para sempre, amen!

— Aqui ficaremos, disse Gonçalo.

— Na lama? perguntou o Bazaruco.

— Tens vinho?

— Um resto.

— Bebe-o todo. Eu sonharei.

E, saltando do cavallo, deitou-se sobre a capa.

Anoitecêra completamente. Durante muitas horas a chuva continuou cahindo. Nem uma arvore a que pedissem abrigo contra aquella longa noite de inverno!

O Bazaruco já não falava. Bebera o resto do vinho e, a pé firme, com o dorso arredondado, aguentava

o aguaceiro. Os dois cavallos haviam baixado as cabeças, quasi a tocarem com os focinhos no chão.

O vento soprava e já por duas vezes trouxera até aos ouvidos sempre álerta do Bazaruco como que um lamento cantado, que vinha de muito longe. Benzêra-se. Quem se atreveria a cantar assim em meio d'aquella noite escura? A mesma toada triste mais uma vez passou levada pelo vento. Não eram só gemidos, eram palavras.

— Sr. Gonçalo, disse o Bazaruco, não sei se cantam ou se gemem, se é gente ou alma penada; não ouve? Escute.

E, como a chuva serenasse n'esse momento, ouviram distinctamente uma voz tremula e cançada cantando melancholicamente ao longe.

— Montemos, disse Gonçalo. Os cavallos vêem melhor do que nós na escuridão. Veremos quem é, e se nos quer dar pousada.

Cuidadosamente iam caminhando, quando, n'um pequeno alto:

— Eh! sr. cavalleiro, disse o Bazaruco alegremente. E' como nos romances! Já vejo uma luzita!

— Alguma choupana de pastor deve ser.

— Pastor, monge, gigante ou fada, que importa? Tudo vale um pouco mais que o tecto que Nosso Senhor nos dava para esta noite. O das cantigas! berrou.

A porta da choupana abriu-se.

— Dêem volta pela esquerda por causa do brejo, gritou-lhes uma voz.

Os cavallos deram com o atalho, desceram, rodearam o pantano e treparam alegremente até á choupana.

— Entrae, senhores, entrae, disse o pastor alegremente. Aqui tendes fogueira que vos aqueça. Não vol-a faço maior, que me arde o piorno do palacio.

E ria alegremente, n'aquella grande ventura expansiva do pastor de charneca, que passa semanas e semanas sem vêr viv'alma.

— Sentae-vos.

E offereceu-lhes dois banquinhos de cortiça cheios de lavores feitos á navalha.

— Eu fico bem de pé. Tinha ainda um outro, o mais lindo. Custou-me dois mezes de trabalho. Dei-o hontem. Era o que eu tinha de mais valor.

O Bazaruco foi buscar os alforges e revistou-os cuidadosamente, até á ultima migalha.

— Ainda se arranja ceia para tres. Emquanto a vinho... o cheiro da borracha.

O pastor ria contente. O lume crepitava. Gonçalo e o Bazaruco fumegavam como dois cavallos suados.

— Despi os vossos fatos e botas, que mais devem parecer alcatruzes, e embrulhae-vos na minha manta. A chuva vae serenando, tereis melhor tempo ámanhã. Dormireis áquelle cantinho, que eu entretenho a fogeira.

E, contente da visita, sorrindo alegre, enterrava os dentes vorazmente na grande fatia de pão de milho que o Bazaruco lhe déra com um naco de chouriço para conducto.

— E tu onde dormes? perguntou-lhe Gonçalo.

— Eu já não durmo. Até gosto mais de estar acordado... que é para me lembrar.

O Bazaruco olhou desconfiado. Se aquelle tambem...!

O pastor foi buscar um braçado de piorno e deitou-o aos poucos na fogueira.

— Chegae-vos. Chegae-vos.

Gonçalo no conchego d'aquelle calor vivissimo, sabendo-lhe bem o pão de milho, poz-se a olhar para o pastor que com tanta lhaneza fidalga os recebia. Porque não ficaria ali passando os seus dias, n'uma barraca de piorno como era aquella, sonhando, como aquelle pastor havia de sonhar, cantando como elle ha pouco tambem cantava, tristemente pela noite, mas ainda com uma esperança, o que o outro talvez já não tinha?

— Dize-me o que cantavas. Foi a tua voz que nos trouxe aqui.

— Nada, respondeu o pastor. Dizia coisas ao vento e...

— Chegue-se á fogueira e deixe o homem, interrompeu o Bazaruco já com a pedra no sapato. Deixe-o pensar na sua dama, que já me vae lembrando os pastores das eglogas. Scisme cada qual na sua, que eu recordarei saudoso a Marianninha que tão bom vinho nos dava.

Mas o pastor queria falar.

— Se até aos ventos eu gritava pensando que elles lh'o fossem contar! E' que se a vissem...! Aquelles olhos! Aquelles olhos verdes!

— Máo...! rosnou o Bazaruco.
— Verdes? perguntou Gonçalo.
— Como outros nunca eu vi. Os criados conversavam. Vinham de Lisboa, d'isso me lembro.
— E para onde...?
— Não sei. Pouco tempo ahi pararam e eu tinha um nó na garganta, que nada me deixava perguntar. Dei-lhe o meu tropecello de cortiça que tanto trabalho me déra a compôr, para que ella se lembrasse de mim para onde fosse. E, quando me disse *mercês*, foi a primeira vez que ouvi a voz dos anjos.
— Quem mais vinha?
— Um homem já de edade que lhe chamava filha e uma senhora.
— Esse homem...?
— Tinha muitas cans na barba, mas inda se esforçava por endireitar-se.
— E a senhora?
— Um pouco mais nova que o irmão, mas já com muitas brancas no cabello. Tinha um signal na face, aqui.
— Bazaruco, vamos, a cavallo! bradou Gonçalo como doido.
— Para quê? Que rasto vamos nós seguir por essa charneca fóra em noite assim escura?
— Senhores, deixae romper a manhã.
— Tarda-me o dia, disse Gonçalo impaciente.
— Nem por muito madrugar amanhece mais azinha, respondeu o Bazaruco pachorrentamente, estendendo as pernas d'um lado e outro da fogueira.
— Ella emfim! É ella!
— Pois ella será, sim, ella e elle e mais ella, e diabos levem todos os elles e todas as ellas, que nem sequer na charneca em noite negra como breu, sem pinga de sangue nas veias nem pinga de vinho na borracha, nos deixam descançar, louvado seja Nosso Senhor!
O vento amainára, cessára a chuva.
O pastor espreitou para fóra.
— A manhã não tarda. Seguireis facilmente na lama o trilho do carro e as pégadas das calvagaduras.
— Quantos criados traziam? perguntou o Bazaruco.
— Tres criados bem armados afóra o cocheiro. Mas

ouvi dizer a um d'elles que mais sete os esperavam a meio caminho de Ponte de Sôr.

— Para lá iriam? perguntou Gonçalo ancioso.

— Creio que não, respondeu o pastor. Mas o celebre João Folão tem por ali feito suas proezas com a quadrilha e dez homens armados e bem montados não serão demais.

— Só nos faltava o João Folão! disse o Bazaruco espreguiçando-se e indo examinar o tempo. Parece mais sereno. D'aqui a uma hora poderemos andar; mas isso com juizo por causa de nós tres.

Gonçalo olhou espantado. O Bazaruco explicou:

— Eu e as duas bestas.

O pastor sentia-se triste, miseravel, e, mordido pelo ciume, contemplava com interesse e quasi admiração, aquelle homem, que assim se atrevia a erguer os olhos para a mulher ante a qual elle pobresinho, tivera a tentação de ajoelhar, como se fosse a Virgem, Nossa Senhora, que ali houvesse parado e dito *mercês* com a sua voz celestial.

Calava-se, olhando para a fogueira.

— Em quem falou aquelle criado da estalagem de Villa Franca? perguntou Gonçalo.

— N'ella.

— E aquelle outro parvo do Valle porque andava assim?

— Por ella.

— E a quem eram aquelles versos que o barqueiro cantava?

— A ella.

— E tu sabias?

O Bazaruco affirmou que sim com a cabeça.

— Porque te calavas?

— Porque, se corrermos atraz d'ella, adeus disfarces, adeus socego. Ficamos na primeira cadeia que nos abrir com carinhosa hospitalidade as portas. Ora, má por má, prefiro a de Lisboa.

Gonçalo não podia ter-se. Abafava n'aquella choupana, espreitando a cada instante o céo, onde a lua começava a despontar entre as nuvens esfarrapadas, como uma fita dobrada, muito branca, d'aço em braza, alumiando fracamente a immensidade da charneca ligeiramente ondulada.

O Bazaruco, furioso, deitava olhos de tigre ao pastor linguareiro.

— Vamos: toca a montar! disse Gonçalo. Quantas leguas d'aqui ate Ponte de Sôr?

— Umas cinco, respondeu o pastor.

O Bazaruco espreguiçava-se.

— Cinco leguas por esses lameiros! E nem um naco de pão, nem uma mancheia de cevada! Tudo despovoado! Chegamos lá noite velha.

— Dá uma moeda d'oiro a esse homem, e a caminho!

E sahindo, montou rapidamente a cavallo.

— Toma, disse o Bazaruco, obedecendo ao recado. Tens para toda a vida cebola crua, comida unica que mereces. Pudesse eu metter-te os dedos nas guelas e fazer-te vomitar o chouriço, grande bruto!

O pastor, boquiaberto, estendia a mão, ora olhando para Gonçalo, que já rodeava o brejo a galope, ora para a moeda d'oiro que o Bazaruco lhe entregára. Toda aquella historia o areava e o punha no estonteamento d'um sonho.

O Bazaruco, rosnando pragas, accommodou-se o melhor que soube na sella encharcada e, mettendo esporas ao cavallinho branco, seguiu, conforme poude, a carreira desordenada do amo.

Já longe tornaram a ouvir os mesmos lamentos da vespera. Olharam para traz, e, á luz tenuissima da manhã, que vinha a romper, viram á porta da choupana, sentado, o pastor a cantar.

Um quarto d'hora depois, os cavallos, cheios de fome, com lama até aos pêllos da barriga, fatigados pela longa jornada da vespera, recusaram-se ao galope a que, fustigando-os, Gonçalo os queria obrigar.

— Passinho iremos longe, disse o Bazaruco de accordo com elles. Deixe-os V. Mercê, que ainda não perderam a razão, como muitos de Coimbra. Que pressa tem? Chegando a Ponte de Sôr terá V. Mercê as novas que deseja.

— Cala-te, eramá, cala-te!

E com furia poz-se a fustigar o cavallo, que estacou repentinamente.

— Vê? Creia V. Mercê no que lhe dizemos. De so-

bra tempo terá depois para contemplar a sua dama e então cantar-lhe:

Menina dos olhos verdes,
Porque me não vedes?

Mas agora deixe a triste da azemola, que já outra coisa me não parece o fogoso corcel que tão lindo oiro me custou em Lisboa. Se lhe bate, estaca; se o pica, embica.

Gonçalo convencido abandonou as redeas e, baixando a cabeça, com o olhar vago, o pensamento n'ella, entregou-se pacientemente á sua má sorte. O Bazaruco deixou-se ficar um pouco atraz e benzeu-se.

O dia conservava-se seguro e elles seguiam o trilho do carro, que os guiaria até Ponte de Sôr, livres assim de se perderem. A lama, os brejos que era necessario rodear, prolongar-lhes-hiam a jornada até de noite. Os cavallos, de pescoço estendido, cabeça quasi no chão á procura d'uma hervasinha, olhar triste, seguiam a passo lento charneca fóra.

Pelo meio dia encontraram o terreno em largo espaço pisado.

— Repara, disse Gonçalo.

— Foi aqui que os outros criados os vieram esperar. D'aqui para deante podemos ter a mais o João Folão. Comtanto que cheguemos antes da noite...

Mas os cavallos andavam cada vez menos; a noite vinha-se approximando e as casarias de Ponte de Sôr não alvejavam no horisonte.

Noite velha chegaram.

A porta da estalagem ainda estava aberta.

— Pergunta se ahi estão, ou se partiram, disse Gonçalo a Bazaruco, que, já desmontado, ria de contente com a idéa posta na ceia e n'um bom leito depois.

— Em má hora chegaes, disse um dos criados. Não nos resta nem uma fatia de pão, nem um quartilho de vinho, nem sequer tres grãos de milho para os vossos cavallos.

— Com mil raios! exclamou o Bazaruco.

— Eram tantos! Comeram e o que não comeram levaram com elles.

— Ha quanto tempo marcharam?
— Ha meia hora.
— Adeante, Bazaruco, adeante! disse Gonçalo, que não chegara a apear-se.
— Ao menos...! rogava o triste do escudeiro.
Mas já Gonçalo enterrára as esporas no cavallo, e este, n'um derradeiro esforço, desesperado, galopava pelo caminho do Crato.
— Má sorte minha! chorava o Bazaruco. Ajudae-me aqui, manos.
Os criados, a rir, puzeram-o sobre a sella, e mais uma vez o honrado escudeiro seguiu no trilho perigoso do sr. Gonçalo Vaz, seu amo.
— Adeante! Adeante! gritava este de longe.
E o Bazaruco, com as esporas no ventre do cavallo, a cabeça estendida, agarrado ás clinas, gemendo, gritando, praguejando, julgava ter chegado para elle o ultimo dia da vida.
Ouviu-se um tiro.
— Adeante! Adeante! gritou outra vez Gonçalo.
— O João Folão! disse o Bazaruco. Só nos faltava esta agora!
O cavallo de Gonçalo já não podia. Este, fustigando-o n'um impeto de colera, avistou na escuridão da noite a carreta parada em meio do caminho. Ouviu a algazarra dos homens batendo-se.
— Coragem! gritou.
Um dos da quadrilha apontava um mosquete para dentro do carro. Uma espadeirada de Gonçalo atirou-o abaixo do cavallo. O tiro partiu para o ar, e ao rapido clarão Gonçalo viu no interior, ao fundo, sob a tolda de ramagens, os olhos verdes por que morria. Martha olhou para elle e deu um grito.
— Coragem, senhores, coragem! bradava Gonçalo.
E, com a espada erguida, lançando o cavallo para o grosso da quadrilha, atirou com dois salteadores a terra.
O Bazaruco chegava n'esse momento. O cavallinho, esbarrando n'um corpo estendido, arrojou-o a rebolar sobre a lama. Dois salteadores já sem cavallo atiraram-se sobre elle. O Bazaruco, que não pudera puxar da espada, segurando um d'elles pelas guelas, sentiu-o es-

tremecer como um frango a que se torce o pescoço. Pondo-se rapidamente em pé, com a mão esquerda desviou a punhalada do outro, e, sacando da espada, enterrou-lh'a no ventre.

As senhoras gritavam no carro. Os criados de Martim Corrêa disparavam os mosquetes. O cocheiro cahira morto com o primeiro tiro. Os salteadores não haviam tido tempo de cortar os tirantes. Martim Corrêa pegou das redeas e fustigou as mulas, que partiram a galope.

Gonçalo, fazendo frente aos salteadores, acompanhado pelos criados, impediu-lhes a perseguição. Alguns começaram a fugir. No meio da algazarra, ouviu-se uma voz poderosa:

— Volta!

Era a voz de João Folão, dando o signal de debandada.

Immediatamente os criados de Martim Corrêa correram em seguimento do carro, temendo nova aggressão.

Gonçalo quiz seguil-os.

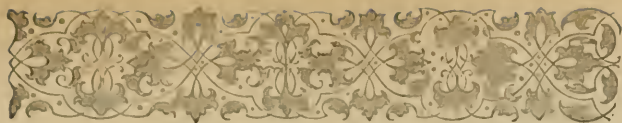
D'um alto dispararam um tiro e o Bazaruco viu o amo e o cavallo rolarem a um tempo na lama do caminho. Correu para elles. O cavallo era morto.

— Sr. Gonçalo! Sr. Gonçalo! Que tem?

— Uma perna quebrada na quéda; nada mais.

Um salteador estava ali estendido de braços abertos, estorcendo-se nas ultimas convulsões. Tinha ao lado o mosquete que não tivera tempo de descarregar. O Bazaruco pegou d'elle. N'um alto avistava-se um vulto negro a cavallo. Então apontou devagar. Disparou. Ouviu-se um grito.

— Tens a tua conta, disse o Bazaruco.

— Era ella! Ella! dizia Gonçalo.

CAPITULO VII

O Solar do Alamo

O SOLAR do Alamo, residencia do alcaide de Castello de Vide, Militão Corrêa, irmão de Martim, era a casa mais opulenta da villa e uma das mais famosas do Alemtejo e Beira.

De antigos tempos pertencente á familia, ostentava na diversidade dos estylos os velhos pergaminhos, desde a entrada byzanthina, sobre a qual ameaçava ruina um grande escudo de granito com as armas dos Corrêas, e desde o pequeno claustro interior do mais puro estylo romano, até á parte nova, restaurada sobre o gothico antigo pelo actual proprietario na sua mocidade, e na qual aos delicadissimos lavores manuelinos se uniam em parca proporção as linhas regradas da renascença.

Construido no extremo da villa, junto da muralha, na parte opposta ao castello de D. Diniz, estendiam-se-lhe aos pés quasi até á ribeira os velhos soutos de castanheiros, emmoldurando as hortas muito estreitas, e novamente trepando na outra margem até meia encosta, onde começavam a amontoar-se os enormes penedos de

granito, sobre os quaes alvejava a egreja pequenina da Senhora da Penha.

Era d'aquelles lados a estrada que deviam seguir Martim Corrêa e sua filha. O alcaide, que de manhã recebera aviso da proxima chegada por um correio enviado adeante, esperava na varanda rendilhada o momento em que devia de apertar ao peito a sobrinha por que suspirava.

Vestido com seus fatos de gala, a mão esquerda marcialmente posta sobre o punho da espada, a direita em quebra-luz junto aos sobr'olhos, o olhar posto ao longe, impacientava-se pela demora, ancioso por vêr a sobrinha, que ficaria representando em epocas não mui remotas, que pae e tio eram velhos, a antiga familia dos alcaides de Castello de Vide.

Militão Corrêa fôra, em seus tempos de mocidade, na India um valente soldado, na côrte um dos mais gentis fidalgos. D'uma e outra condição conservava na velhice traços caracteristicos quer nas maneiras, quer na conversação. Sempre galan, repuxava com gesto marcial as longas guias do bigode branco, e nenhum melhor do que elle sabia com um gesto nobre de mão, bem aprumado nas pernas, dirigir a uma dama um madrigal. Valente, honrado, rico e gentil achou de par em par abertas as portas dos salões da côrte. Mais tarde, depois da sua terceira viagem á India, quando já a edade e alguns excessos de vida o tentavam com o sereno repouso da villa natal, ainda nos salões da Infanta D. Maria fôra acolhido e estimado entre os homens mais illustrados do tempo.

E d'isso gostava de falar, cheio de si, com sorrisos discretos que escondia atraz do longo bigode.

Martim Corrêa, mais novo do que elle uns dez annos casára por esse tempo. Foi para Militão a maior das alegrias. O palacio velho e abandonado foi por elle mandado restaurar e salas e camaras foram ornadas com todo o luxo e opulencia que era de uso em Portugal. Queria que o seu herdeiro, o morgado do Alamo, o futuro alcaide, abrisse os olhos em camara digna d'elle, digna do grande nome que havia de herdar.

E as obras continuavam sempre. Militão mandára vir os melhores architectos e do mosteiro de Belem e das

novas capellas da Batalha os operarios mais habeis. O palacio transformava-se. Ornatos caprichosamente elegantes emmolduravam as janellas. A grande varanda sobre o valle parecia uma fantasia de fadas rendeiras. Vinham de muito longe os marmores acarretados pelos máos caminhos atravez do Alemtejo.

Passaram-se annos e o herdeiro que tão anciosamente se esperava não dava signaes de querer vir ao mundo.

Militão Corrêa olhava desconfiado para o irmão e para a cunhada. Era preciso que soubessem que não era para elles que se estava entregando a todo aquelle trabalho.

As criadas velhas da casa faziam novenas constantes na capella gothica e mulheres virtuosas traziam todos os dias por alto preço remedios milagrosos.

Um dia, porém, Martim Corrêa ouviu cheio de contentamento, n'uma dulcissima alegria, com o coração commovido a estallar-lhe no peito, um segredo que a mulher lhe veiu dizer ao ouvido, cheia de pejo. Guardaram-o durante um mez; mas era a alegria d'elles tão exuberante, eram as confidencias tantas, em meio de todos tanto conversavam com o olhar, que as mulheres virtuosas já não traziam remedios nem as velhas continuavam nas novenas.

Quando Martim Corrêa communicou ao irmão a nova por tantos annos esperada, Militão mandou repicar os sinos e todos os musicos e padres de Portalegre vieram juntar-se aos da villa e tomar parte no *Te-Deum* memoravel.

A camara principal coberta nas paredes por riquissimos pannos de Flandres foi ornada com maravilhosa elegancia, com tudo quanto a India, a China, a França mandaram por esse tempo de mais precioso a Portugal. Grandes vasos de porcelana de caprichosas fórmas e côres foram collocados junto das janellas, que se rasgavam sobre a varanda manuelina em frente ao leito de ebano sobre o qual resplandecia uma colxa da India bordada a oiro. Os bufetes eram cobertos de panno de velludo franjados de prata. As cadeiras e os contadores eram obras primas de talha, e n'um immenso, riquissimo oratorio de xarão, o alcaide mandára collocar as imagens milagrosas dos santos de mais devoção que havia em todo Castello de Vide.

Seis mezes ainda se passaram que Militão Corrêa levou a sonhar. Aquelle herdeiro que lhe nascia quando elle já se achava ás portas da velhice e raros cabellos lhe negrejavam na cabeça, aquelle sobrinho tão anciosamente esperado, que havia de ser, como o tio, um mancebo gentil e um soldado valente, seria mais um nome famoso na chronica da familia, iria denodadamente ás praças da India e Africa buscar mais uma corôa de gloria para enflorar o velho brazão.

E só de pensal-o crescia-lhe a vaidade.

Quando a hora tão desejada se approximou, abriram-se para as preces as portas das egrejas e no immenso pateo do palacio apinhava-se o povo á espera da boa nova. Militão passeava na vasta sala em cujas paredes se perfilavam os retratos antigos de familia até ao sexto avô, fundador da casa. Ao fundo, sob um docel de damasco, um retrato d'El-Rei D. Sebastião, menino, parecia pela sobranceria do olhar, pela altivez do gesto, pela escolha que lhe haviam feito de tão honroso logar, mandar a todos, até ás gerações desparecidas, desfeitas em pó nos tumulos.

Veio anoitecendo e desde a madrugada que o phisico estava na camara. O velho alcaide procurava socegar o coração que lhe batia apressado.

Eram oito horas da noite, quando Martim Corrêa muito pallido entrou na sala, onde se achava o irmão.

— Nasceu. Uma filha.

Immediatamente estrondearam no ar os foguetes e logo os sinos repicaram alegremente. A villa illuminou-se. Luzes de muitas côres desenharam os contornos do castello. Uma só mancha negra, como um agoiro, se estampava d'aquelle lado no alto morro. Era o immenso palacio arruinado de João Vaz.

Mas Militão Corrêa nada via. Aos ouvidos indifferentes chegavam-lhe todos aquelles hymnos de regosijo e nem deu siquer pela nova affronta do velho inimigo.

Dois dias depois, descia as escadas do palacio, a caminho do jazigo que se abria nos subterraneos da capella, um riquissimo caixão de velludo negro bordado a oiro, conduzindo a mãe de Martha. A essa mesma hora parava em frente do vasto portão do pateo, montada n'um soberbo cavallo negro, uma criança de seis

annos, gentilissima, que garbosamente, n'um gesto reverente, tirou o pequeno barrete de velludo emplumado, deixando voar ao vento os numerosos anneis dos seus cabellos negros.

Era Gonçalo, o sobrinho, o herdeiro de João Vaz. Militão Corrêa desviou o olhar, perdida totalmente a esperança de ver continuar a varonia da sua casa.

Vinham de antigos tempos as rivalidades e odios das duas familias, as mais opulentas e nobres d'aquella parte da provincia. Um primeiro casamento do avô de Militão com uma senhora da familia Vaz, o qual todos esperavam fosse o ponto final d'uma lucta de rivalidades que durava havia quasi um seculo, não fez mais do que crear novos odios excitando os muito velhos. Tendo ella fallecido sem successão e elle passado a segundas nupcias em Lisboa, originou demandas taes a contestação do dote que em tempos de Militão e João Vaz ainda os homens de toga enriqueciam á custa do processo. Manejos baixos de inimigos, pequeninas intrigas de villa pequena exacerbaram até exageradas proporções o odio ingenito.

Militão entretanto, mau grado uma quasi inconsciente inveja, afeiçoara-se a Gonçalo. Via-o crescer, passar a todo o galope sob as janellas do solar, domar com energia o cavallo, cumprimentar alegre as senhoras, já mostrando, desde a mais tenra infancia, todas as qualidades viris, gentileza, denodo, coragem de cavalleiro. Era um herdeiro assim que desejaria haver. E aquella criança, que tanto o deslumbrava e lhe levava apoz d'elle os olhos, quasi lhe parecia uma nova affronta de João Vaz. Havia de aquelle velho cerrar em socego as palpebras deixando a herança de seus bens e tradições a tão formoso e galhardo mancebo, emquanto elle, Militão Corrêa, que tanto mais valia em sangue, avós e pessoa, havia de morrer para ali, quasi ultimo d'uma raça, sem ter ao menos a quem legar o nome honrado, que lh'o levasse atravez dos seculos!

Durante os primeiros annos quasi olhou indifferente para Martha, que tão cruelmente lhe viera quebrar o sonho em que se entretinha desde o casamento de seu irmão. Sem poder agora dizer porquê, nunca lhe passára pela lembrança que não fosse para um gentil ca-

valleiro que tão requintadamente havia preparado aquelle berço luxuoso da mais bella seda azul. Aquella criança, que para cumulo de logro e para ter vida, havia roubado uma vida, matando ao nascer a mãe, arruinará-lhe com um sopro todos os castellinhos de vento. A sua mocidade, que já vira recomeçar no herdeiro de seu nome, refloresceu apenas n'um curto verão de S. Martinho mal aproveitado, no estonteamento do acordar á realidade. Passados os dois mezes de luto, tentou esquecer-se na embriaguez de novos amores usando dos processos que n'outros tempos lhe haviam sido mais doceis; sendo-lhe, porém, contraria a gota que o começava aperreando agora e sómente a favor a bolsa sempre aberta.

Para conquistal-o foi preciso que a pequenina Martha dispuzesse de todos os recursos que muitas vezes, sugere o adoravel instincto ás creanças. O tio velho, a principio renitente aos impulsos do coração, deixou-se por fim prender nos bracinhos pequeninos que o enlaçavam pelo pescoço, no dulcissimo olhar que lhe sorria, nas mãos rosadas, cheias de covinhas, que lhe afagavam as barbas brancas.

A continuada meiguice da sobrinha despertou-lhe n'alma uma grande ternura. Foi-se-lhe pouco a pouco afeiçoando por tal maneira que outra coisa já não viam seus olhos cançados. Não sonhava para ella um futuro grandioso nem ao passado ia buscar lições com que a aconselhasse na vida; mas, saboreando egoistamente o presente, sentia toda a sua velhice illuminada por aquelles olhos verdes tão meigos, reaquecida no conchego d'aquelles braços infantis. Ia-lhe sempre assistir ao deitar, e com ella e com a aia resava a oração da noite, que Martha tartamudeava, sem nunca esquecer os que andavam sobre as aguas do mar nem os que batalhavam longe da patria. Ella queria que elle lhe desse a mão, que estivesse ali até fechar os olhos e adormecer. Só então se retirava, nas pontas dos pés, ancioso por que chegasse a manhã e Martha lhe entrasse no quarto a acordal-o com um beijo. Sentava-se a pequenita á borda da cama e elle contava-lhe historias, peripecias de jornadas, batalhas na India, encontros de feras, muitas mentiras, que Martha ouvia com os olhos muito aber-

tos e, uma vez por outra, com um sorriso de ironica descrença.

Tinha Martha cinco annos. Um dia que andavam passeando, Militão escondera-se atraz d'uns castanheiros que ladeavam o caminho; ella, procurando-o, corria alegre, distrahida e apressada, justamente quando Gonçalo a meio galope desembocava d'uma vereda ao lado. Apenas teve tempo de desviar o cavallo; Martha assustada, tropeçava n'um tronco e cahia sobre a areia. Immediatamente Gonçalo apeando-se, descobriu-se respeitosamente e, deitando as redeas do cavallo a um dos criados que o seguiam, dirigiu-se a Martim Corrêa indagando se algum mal havia feito; mas já Martha estava de pé e muito córada, sorria.

— Permitte que beije a mão de minha prima? perguntou Gonçalo a Militão.

E com tanta gentileza o fez, com tanto garbo, bem descahido o braço em cuja mão segurava o barrete, se curvou ante Martha para com a ponta dos dedos, delicadamente, levar a mão d'ella aos seus labios, que Militão não se teve que lhe não dissesse:

— Anda cá, meu rapaz; deixa-me dar-te um beijo.

E, commovido, beijou-lhe as faces rosadas.

Já por vezes se lembrára que poderia talvez um futuro casamento acabar a aborrecida lucta secular.

Gonçalo no dia seguinte passou por sob a varanda onde Militão passeava com a sobrinha, mas nem sequer ergueu os olhos, nem fez a menor menção de cumprimento.

— E' gentil o teu primo, disse Militão a Martha. Queres que seja teu noivo?

— Não, respondeu ella. O meu noivo é o tio Militão.

Mas por esse tempo o Cardeal enviou o habito de Christo a Martim Corrêa e João Vaz teve uma furia tal que logo, dias depois, mandava a gente da justiça ao Solar do Alamo, reavivando novamente o velho processo.

Passado pouco tempo, Martim Corrêa levava a filha para um convento em Lisboa e Gonçalo partia para Coimbra, acompanhado pelo Bazaruco.

Militão Corrêa não tornou a pensar em casamento.

Entretanto lembrava-se, com saudades, da sobrinha.

Por vezes pensava em ir até Lisboa, visital-a ao convento; mas a gota, o incommodo da jornada, a lembrança de deixar por muito tempo o conchego da casa, adiavam de anno para anno esses projectos. Quando Martim Corrêa e D. Lourença haviam partido pela ultima vez, aguçou-lhe o desejo a idéa de vêr a sahida do exercito para Africa, mas ainda então um ataque mais violento da doença deixou-o estirado no leito, d'onde recommendou a Martim que não voltasse tão só como das outras vezes e que trouxesse Martha com elle para alivio de seus ultimos dias.

Deram-lhe fortissimo abalo na saude as novas do desbarate do exercito portuguez. Escreveu ao irmão pedindo-lhe que abreviasse a volta e, encerrando-se em casa, não quiz vêr ninguem, afóra amigos dos mais velhos e intimos, com quem conversava sobre os erros que haviam sido causa de tanta decadencia e sobre a politica do tempo.

Tendo-lhe os amigos contado que João Vaz, como quasi toda a nobreza de Portugal, se mostrava partidario d'El-Rei de Castella na successão do throno de El-Rei D. Henrique, exasperou-se contra tanta falta de amor da patria, que assim enfermava os corações, e, erguendo-se no leito, jurava ir elle só, em seguida á morte do Cardeal, collocar no throno dos reis de Aviz o que mais lhe parecia digno do sceptro, o Prior do Crato, D. Antonio. A lucta entre os dois velhos rivaes promettia mais uma vez encarniçar-se.

Melhorou. Voltou-lhe a energia. A sua velha espada, ha muito em descanço, poderia ainda servir.

A nova da chegada de Martha trouxe-lhe uma alegria á alma em meio do luto que a assombrava. Recordava-se d'ella, pequenina, tão boa para elle, tão meiga, e revia-a já senhora, meiga e boa como fôra em creança, com mais adoraveis dotes agora, percebendo-lhe todos os desgostos do seu coração, todas as esperanças da sua alma. Seriam os seus dedos santissimos que lhe haveriam de tratar as chagas abertas e de no seu logar fazer despontar as flôres.

Por isso ali estava agora na varanda rendilhada, vestido com seus fatos de gala, a mão esquerda marcialmente posta sobre o punho da espada, a direita em

quebra-luz junto aos sobr'olhos, o olhar posto ao longe, impaciente pela demora, ancioso por vêr a sobrinha.

Mal avistou o carro, desceu, pressuroso, as escadas do pateo. Abraçou os irmãos, beijou-os; estendeu os braços a Martha, e, vendo-a tão senhora, tão linda, encheram-se-lhe os olhos de lagrimas.

— Em boa hora chegas, minha filha, meu refrigerio da minha dôr, meu conchego da minha velhice.

Martha quasi não reconheceu o solar. A'quella hora, do cahir da tarde, as grandes arvores do pateo, as arcadas, o grande palacio, aquelle homem tão velho, encheram-a de melancholia.

Deram Ave-Marias. Militão Corrêa, que offerecera o braço á sobrinha, subiu, desbarretado e silencioso, a vasta escadaria. Conduzia-a para o quarto, quando, atravessando a sala principal, Martha parou em frente d'um retrato posto ao fundo, sob um docel.

Recordou-se então d'uma criança que, durante a sua infancia, lhe occupára muitas vezes o pensamento e lhe fizera bater o coração. Era uma memoria confusa d'um tempo muito longinquo. Interrogou o tio com o olhar.

— El-Rei, que Deus haja, disse Militão em tom funebre.

CAPITULO VIII

Em Flôr da Rosa

Eram seis horas da madrugada do dia um de abril. O cura de Flôr da Rosa subiu pé ante pé a escada e veiu bater á porta do quarto de Gonçalo. Abriu-lhe o Bazaruco.

— Como passou elle a noite? perguntou o cura.

— Melhor, muito melhor. Não lhe fez mal o passeio.

— Menos abatido?

— Dormiu toda a noite d'um somno. Já não sonhou de rijo, nem teve, que eu lhe ouvisse, um queixume só.

— Com a saude do corpo, esperemos em Deus, ha de voltar-lhe a tranquillidade do espirito. Que ás vezes não sei se mais valeria contar-lhe...

— Por Deus, sr. cura! Se elle sabe que a mulher por quem anda perdido é filha do sr. Martim Corrêa!... Hontem sahiu pela primeira vez e o meu descanço acabou. Póde algum linguareiro... O caso fez bulha e raro é o dia em que não se fala n'isso cá na aldeia. Deixe-o continuar suppondo que se trata d'uma familia hespanhola que ninguem sabe quem é, nem para onde ia. Que a menina Martha e o pae, honra lhes seja, bem teem procurado saber o nome de quem tão a propo-

sito... Ai, sr. cura, parece-me que ainda o estou vendo! A noite era escura como breu, mas aquella espada despedia cada faisca que illuminava tudo!

— Sobejos trabalhos padece quem tão denodado se mostrou e tão digno é de ser... o que Deus por ora não quiz. Mas esperemos. O Senhor, na sua infinita misericordia, ha de acudir-lhe um dia com a sua justiça.

— Amen, Jesus, disse o Bazaruco reverente. E de caminho afaste a dos homens, que se põe ao lado d'um marrano contra um cavalleiro christão velho.

— Esperemos, esperemos. Agora deixae-o dormir, que bem necessario é o descanço a essa pobre cabeça que mais sonha acordada... Vou dizer a minha missa. Quando elle chamar, dizei-lhe que me espere para o almoço. Temos hoje sopa de lebre, Bazaruco. Depois me dirás que tal.

— Nas mãos da Feveronia confio eu, sr. cura, e em tudo quanto é seu, que maior santo...

— Bem, bem; não tratamos d'isso agora. Adeus.

E o cura, pé ante pé, depois d'este dialogo, quasi murmurado para não interromper o somno de Gonçalo, desceu devagarinho a escada e dando uma vista d'olhos á cosinha, onde a Feveronia se azafamava, sahiu para a missa.

O Bazaruco foi á janella.

— Santo moço! Se não fôras tu!... E querias agora desmanchar quanto fizeste dizendo ao sr. Gonçalo o nome da namorada! Para quê? Para elle abalar por ahi fóra e ser talvez tão bem recebido, apezar do muito que lhe devem, como perro damnado a quem todos atiram. Era capaz de cahir d'ali direitinho nas unhas do onzeneiro e depois... cadeia para consolação da alma afflicta. Deixemol-o estar onde está, que assim está bem. Antes que o maldito Ayres morra, não teremos descanço n'este valle de lagrimas.

E o Bazaruco meditou um bocado.

— Valle de lagrimas não sei porquê. Bem comidos, bem bebidos, a Feveronia uma santa...!

— Bazaruco! chamou Gonçalo do quarto.

— Acordou. Lá vamos á conversação costumada. Olhos verdes, olhos verdes, que tão máo olhado nos lançastes!

E entrando no quarto, abriu de par em par as portas da janella. Um dia esplendido de primavera. O sol entrou em jorros até á cama de Gonçalo.

— Muito bons dias tenha V. Mercê. Trago-lhe uma boa nova.

Gonçalo com um esforço, dorido pelo movimento, sentou-se no leito, interrogando-o com o olhar.

— Sopa de lebre.

Trez mezes passára Gonçalo estirado n'aquella cama, carinhosamente tratado pelo cura de Flôr da Rosa.

Quando o peloiro do salteador lhe havia morto o cavallo e depois que o Bazaruco tão certeiramente disparou o ultimo tiro no combate, disse-lhe Gonçalo:

— E' perigosa a tua demora aqui. Foge e deixa-me.

— Nunca! disse-lhe o outro offendido. Os homens já não voltam, que bem repellidos foram. Até que chegámos, tempo tiveram para encher os alforges; porque hão de voltar? Felizmente o meu ginete está são e salvo. D'aqui até ao Crato não são tres leguas. Lá trataremos de alugar uma liteira que leve a V. Mercê aonde fôr preciso.

E sem uma queixa, ajudado pelo escudeiro, Gonçalo subiu vagarosamente para a sella do cavallinho branco, moribundo quasi de fome e de cançasso. O Bazaruco metteu as redeas no braço e de mosquete ao hombro, despojo da batalha, foi caminhando adeante.

Gonçalo soffria horrivelmente e a posição da perna mais lhe augmentava as dôres. Olhava para o escudeiro tão fielmente dedicado, tão ternamente amigo e sentia na alma uma gratidão immensa por aquelle homem tão bom, a quem arrastára na sua desgraça, nunca tendo uma só queixa que a não embrulhasse n'uma risada.

Mas nem isso agora. O Bazaruco entendia de si para si que não era aquella occasião propria para commentarios, embora demais soubesse que não seria aquella a ultima aventura do sr. Gonçalo Vaz, seu amo.

— Escuta, disse Gonçalo. Deixar-me-has no Crato onde, dando um nome supposto, inventarei um conto para explicar o meu desastre. Tu, logo que possas, irás no encalço d'aquella gente. E' forçoso que eu saiba quem ella é.

— Descance, descance. Eu velarei por isso, no que não deve pensar agora.

— E em que hei de eu pensar, Bazaruco? Tão pouco ainda a conheço e já tanto soffri por causa d'ella! O soffrimento material que me importa? E' a minh'alma que vai ferida. Depois de tamanha ausencia encontral-a para logo assim perdel-a!

O Bazaruco calou-se. Começava a choviscar e elle escorregava na lama, mal vendo onde punha os pés. De quando em quando rosnava uma praga disfarçada n'um grito de animação ao cavallinho branco. A lua minguadissima appareceu entre uns rasgões das nuvens e depois de sete horas de caminho, houveram vista das primeiras casas do Crato.

Deram os dois um suspiro de satisfação.

— Aqui ficará. Vou-lhe chamar um algebrista que lhe concerte esses ossos e eu cá vou atraz da menina dos olhos verdes... Felizmente ainda a bolsa...

Mas levando a mão ao cinturão, o Bazaruco deu um grito.

— Roubado!

— Como? disse Gonçalo com desanimo.

E o Bazaruco deitou-se com a cara no chão, rebolando-se na lama, arrancando os cabellos, gemendo n'uma angustia afflictiva, invocando o nome dos santos e da Senhora da Penha de Castello de Vide, tanto da sua devoção, em meio das pragas contra os ladrões que, tão sem elle dar por isso, lhe haviam logo lançado mão da bolsa, contra o Ayres Gomes, causa d'aquella desgraça toda, contra o máo olhado, contra a mofina que ha tanto o perseguia! E chorava e arrepelava-se e desabafava emfim ou tinha de rebentar!

— Cala-te, disse Gonçalo. Eu não posso mais. Vamos adeante. O cura de Flôr da Rosa é pouco mais velho do que eu; foi o maior amigo que tive em Coimbra: elle me dará pousada. Falta-nos uma legua pequena para lá chegarmos. Vê se apressas o cavallo.

O Bazaruco ergueu o mosquete pelo cano e deu uma forte coronhada na anca da alimaria. Esta, offegante, soprando, deu uns passos de galope n'um derradeiro desespero, e arrebitando as orelhas, cahiu morta.

O escudeiro susteve Gonçalo na queda e escarran-

chando-o nos hombros, deitou a correr. Uns ganhões, que sahiam para o trabalho, julgaram vêr á luz indecisa da lua um fantasma gigante a caminhar para elles e desataram a fugir em altos berros.

E elle corria, corria. Rodeou a villa e tomou o caminho de Flôr da Rosa. O cura ia a sahir para a missa das almas, quando Gonçalo desfallecido lhe cahiu nos braços.

— Santa inspiração teve meu amo! dizia dias depois o Bazaruco á Feveronia na pequenina cosinha do cura, animado pela velha que se pelava pelas historias d'elle e lhe guardava sempre em recompensa um copo de vinho velho para o fim da ceia.

O cura de Flôr da Rosa, apezar da sua mocidade, pois não contava ainda trinta annos, era havido por santo em todos aquelles arredores. Ninguem mais alegre e lhano, tinha para a desgraça mais certeiras consolações; o pobre, o afflicto, o criminoso encontravam na sua bolsa aberta, na sua alma ingenua, na doce caricia dos seus braços fraternaes, o remedio a toda a angustia, a serena paz do espirito.

Em Coimbra, onde tomára o gráo de doutor em theologia, afeiçoara-se a Gonçalo, seduzido pelo genio aventureiro d'este e pela alegria expansiva da sua alma, cujas excellentes qualidades o padre lhe adivinhára atravez a consciencia negra dos feios peccados que o horrorisavam. E ria alegremente com elle, chamava-o, obrigava-o a fazer oração. Gonçalo obedecia, e no dia seguinte o padre sabia de novas aventuras e benzia-se e rezava.

Agora que o antigo companheiro de Coimbra lhe fizera confissão de toda a sua vida, arrependido, infeliz, ferido, homisiado, só com elle contando para salvar-se, mais augmentára a sympathia, que lhe prendia a alma áquella tão opposta á sua, e, sustendo-o nos braços, animando-o, dizia-lhe:

— Hão de voltar tempos melhores, descança. Afasta da tua alma o desespero. Tem confiança em Deus que não ha de abandonar-te, meu querido Gonçalo.

— Manuel, como és bom! Mas tu não sabes, meu amigo, tu não suppões o que é soffrer assim, a amargura da constancia d'esta dôr, este adejar de Tantalo!

Tu tens a fé, sabes que um dia, basta-te o ser virtuoso, has de subir ao teu céo, has de viver em doce paz entre os resplendores eternos. Não queria eu tanto; queria apenas um minuto viver d'aquelle olhar mais luminoso que o teu céo, muito mais.

— Gonçalo! Gonçalo! dizia o padre afflicto.

— Tu, que és tão novo, nunca te doeu o coração a bater, a bater!...

— Porque o meu coração vai com os meus olhos que nunca baixei para as seducções da terra.

— Por isso me não percebes, Manuel! Vês-me desesperado e animas-me, vês-me a soffrer e consolas-me, só porque és bom, mas não percebes. E entretanto vê se não é santo o meu amor! Tu sabes, porque t'o confessei, em que immundo lodaçal havia cahido. Foi o seu olhar d'ella quem me salvou. Hoje, se posso acompanhar-te nas orações que vens aqui rezar comigo todas as manhãs e todas as noites, foi porque o seu olhar veiu illuminar as trevas profundas em que a minh'alma tiritava com frio.

— Socega, socega. Deus será por ti, se o teu amor é santo.

— Quanto eu te devo, Manuel! Não contente da esmola do pão para a minha bocca, só tu pudeste trazer a esperança á minh'alma!

Durante tres mezes esteve Gonçalo estirado n'aquelle leito, carinhosamente tratado pelo cura, pelo Bazaruco e pela Feveronia, que para ali vinha fiar na sua roca, distrahindo-o com historias de lobis-homens, em que ella acreditava com muito segredo do sr. padre Manuel, ataques de lobos no matto, caçadas aos javardos.

Como o cura temia os effeitos d'aquella paixão infeliz que pouco a pouco ia minando a existencia do amigo, que via definhar-se, procurava excitar-lhe quantas virtuosas paixões lhe conhecia, distrahindo-o d'aquelle labutar constante da fantasia inquieta.

Gonçalo sahira na vespera a dar o primeiro passeio. Quando o cura acabou de dizer missa, entrou no quarto e logo depois de se ter informado de como o convalescente passára a noite, disse-lhe:

— E' hoje o primeiro de abril. Logo deve El-Rei dar principio ás côrtes que mandou juntar nos paços da

Ribeira, em Lisboa. Diz-se que hão de nomear quinze fidalgos dos quaes El-Rei escolherá cinco governadores para ficarem com a regencia d'estes reinos depois da sua morte. Hão de elles nomear-lhe successor, mas tão mal inspirado anda o sr. D. Henrique que bem é de temer que sejam por Castella seus escolhidos.

— Pegaremos em armas; defenderemos a patria contra o estrangeiro!

O cura começou a excitar Gonçalo, procurando que uma paixão menos perigosa para a vida e mais util á sua honra enlameada, lhe occupasse despoticamente o coração.

— Temos a patria em perigo, Gonçalo. Lembra-te de Alcacer, de que fugiste.

Gonçalo fez um movimento.

— Cobardia não foi; sei-o. Christovam de Moira, um portuguez! tem contaminado com dadivas e promessas quasi toda a nobreza de Portugal. D. Felippe de Castella mandou a Fez resgatar liberalmente o Duque de Barcellos e o Conde de Vimioso, querendo assim ter a seu lado o filho da Duqueza de Bragança e o maior amigo de D. Antonio. Como se não fôra bastante, offereceu seu filho para casar com a filha da Duqueza e a D. Antonio os priorados de S. João, em Hespanha, e o governo d'este reino. Elles recusaram; mas o Cardeal... Está velho, coitado!...

— Velho! velho! disse Gonçalo raivoso. Obrigou seu sobrinho ás primeiras ordens de sacerdote e, porque o queria obrigar ás de missa e D. Antonio appellou para o Papa, nunca lhe perdoou a offensa. Elle ahi anda desterrado!...

— Um cavalleiro! disse o cura. Ha pouco o vi ahi no Crato, onde fui beijar-lhe a mão. Desterrado como bastardo!...

— Não o foi D. João I? Não quer o povo o bastardo para seu rei? Além de que, não provou elle já que o infante seu pae casára com Violante Gomes?

— O Cardeal impetrou do Papa o ser juiz n'essa causa...

— Ha de o povo, havemos nós de poder mais que toda essa nobreza vendida, que Christovam de Moira, que os terços do Duque d'Alba. Pois morreu Portugal

nos areaes de Alcacer? Pois já não ha portuguezes, pois não ha já filhos d'esse que ahi nasceu?

E Gonçalo apontou para as ruinas do palacio do grande condestavel, que se erguiam negras e formidaveis do outro lado do largo.

— Appareceu um pasquim em Lisboa respondendo ao que fôra publicado pela Camara. Era pela causa de D. Felippe e deu-lhe larga publicidade o favor do Cardeal. Sabeis de quem é? E' do primeiro que, ao menos sem hypocrisia, se pôz ao lado de Castella. E' do secretario da Fazenda, homem que por sua capacidade foi encarregado de importantissimos negocios do nosso reino em Flandres e em Castella. Quereis saber como se chama?

Gonçalo interrogou-o com o olhar. O cura apontou tristemente para as ruinas do velho solar onde nascêra o grande condestavel, o heroe de Aljubarrota, o santo que ainda por debaixo do habito de frade vestia o arnez de soldado.

— D. Nuno Alvares Pereira.

Gonçalo deixou cahir a cabeça sobre o travesseiro.

— Coragem! disse-lhe o cura. E' preciso que vivas. O prior do Crato terá a seu lado mais uma espada fiel.

— Juro! disse Gonçalo.

— Rezemos as nossas orações da manhã, para que Deus illumine El-Rei e as côrtes e salve o nosso reino de maiores vergonhas.

E, ajoelhando junto do leito de Gonçalo, começou a ladainha. O Bazaruco com as ventas muito abertas, aspirando os aromas da sopa de lebre, respondia devotamente:

— *Ora pro nobis! Ora pro nobis!*

CAPITULO IX

A Farandula

Depois que o tempo melhorára, todos os dias Gonçalo sahia a dar o seu passeio, ora pelo braço do Bazaruco, ora pelo do padre Manuel, os quaes, de proposito, e já agora com dobrada razão, evitavam que se encontrasse com quem pudesse reconhecel-o ou contar-lhe inadvertidamente o ataque dos salteadores ao carro de Martim Corrêa.

Pouco a pouco voltavam-lhe as forças, e temiam justamente os amigos que, começando elle a caminhar só, algum mau encontro viesse n'um momento desfazer tanto trabalho havido para conservar o segredo das causas da doença de Gonçalo e das razões que o afugentavam de toda a convivencia.

O padre Manuel e o Bazaruco muitas vezes conversavam a tal respeito.

—Ouvi, Bazaruco. Talvez Deus quizesse...

—Sei o que me vai dizer, sr. padre Manuel; mas com linhas tão tortas como estas nem Deus sabe coser direito.

— Ouvi. Porque vós e Gonçalo m'o haveis contado, sei d'essas luctas de familia, tão vulgares infelizmente em terras de provincia pequenas demais para dois senhores. Mas quem sabe? Talvez...

— Esteve quasi a fazer o milagre o sr. Militão Corrêa, que até uma vez deu um beijo no meu menino, e eu sei, porque m'o contou um dos seus escudeiros com quem me encontrava ás vezes em... por lá, que elle, segundo parece, chegou a pensar em casamento.

— Bom seria. Se os mesmos laços que ligassem pelo amor aquellas duas almas dessem morte a um odio sem razão, que fortuna, Bazaruco!

— Mas diz o meu Chiado:

A fortuna é um legume
Que da hora que começa
Busca em que vos empeça,
E então traz-vos a lume
O que vós quereis que esqueça.

— Tem razão ás vezes o vosso Chiado. Mas como foi...?

— Quando S. Alteza o Cardeal mandou o habito de Christo ao sr. Martim Corrêa e o sr. João Vaz o soube...

— Ciumes?

— Assim foi. Logo a gente da justiça se moveu por ordem do sr. João Vaz e... Emfim nem o sr. Militão Corrêa pensou mais em tal, nem o sr. João Vaz ouviria d'animo sereno qualquer proposta de casamento. Malditos olhos verdes!

— Entretanto que mal nos viria de tratar...?

— Que mal! Supponha V. Mercê que nos pagavam da nossa empreza com uma recusa terminante, julga que o meu sr. Gonçalo não se lhe iria com a esperança a vida? E que loucuras se soubesse quem ella era, essa que um dia nos dará com elle em doido, a fazer penitencia por essas charnecas, qual outro cavalleiro andante! Demais confia V. Mercê n'aquella cabeça d'estouvado, que se um dia sabe do nosso segredo corre ás cegas para achar uma noiva e dá com os ossos na cadeia. Occulto está, e assim está bem; não lhe demos motivo a que se revele.

— Mas dentro de poucos dias achar-se-ha melhor, ser-nos-ha impossivel contel-o em casa. Que faremos?

—Não sei, e isso me preoccupa. O sr. padre Manuel tem sido tão bom para nós! E elle não quererá decerto...

— Infelizmente não sou mais que um triste clerigo de vintem, mas as minhas pobres sopas...

— Que sopas! berrou o Bazaruco sem poder conter a exclamação.

— Milagres de Feveronia, disse o cura a sorrir. Emfim veremos. A Providencia velará por nós. Muita vez a invoco e foi meu unico fim, durante a convalescença do meu pobre amigo, avivar-ihe na alma a confiança em Deus, reanimar-lhe os santos sentimentos que em tão bom terreno tão longe andavam de florescer. Todas as manhãs e todas as noites rezo por elle ao Altissimo, que ha de ouvir as minhas preces, porque Gonçalo o merece. Descancemos na Providencia. O Senhor ha de volver para elle os seus olhos misericordiosos e tambem para vós, meu pobre Bazaruco.

O Bazaruco tirára, o chapéo, cuja pluma de velha e depennada parecia uma grande espinha de peixe, e coçava a cabeça, commovido, sem saber dar resposta.

— Confiemos em Deus, continuou o padre. Portugal vai ter horas de grandes afflicções. Deve estar proxima infelizmente a morte do Cardeal e tão baixo não hemos de cahir que possa D. Felippe de Castella entrar por essas provincias sem muito sangue derramado de portuguezes. O amor da patria acordou finalmente n'aquelle seio onde talvez se abriga uma alma de heroe. Ireis com elle á guerra, Bazaruco. Eu mesmo, se fôr preciso, darei o meu sangue. E' forçoso que esta ideia do grande perigo da perda da nossa independencia e da honra portugueza, conquiste por completo o espirito do meu pobre amigo e affaste ess'outra d'um amor talvez mortal.

— Amen, disse o Bazaruco.

E, quando o padre já ia longe, poz-se a cantar:

> — Ferro, fogo, frio e calma
> Todo o mundo acabarão;
> Mas nunca vos tirarão,
> Alma minha, da minh'alma.

Uma tarde, Gonçalo, que dia a dia melhorava, querendo dar um passeio um pouco mais longe para experimentar a perna, acompanhára até fóra do povoado o amigo, que ia rezar os ultimos responsos ante o cadaver d'um comico ambulante, fallecido n'um curral a um quarto de legua da aldeia.

Ia este lendo o breviario e a soslaio observando Gonçalo, como querendo adivinhar-lhe os pensamentos.

Com a mão ligeiramente apoiada no braço do padre, ia elle pensando no que iria fazer da vida, tanto lhe pesavá assim vel-a a cargo do pobre cura, que já decerto esvasiara por elle o mialheiro das economias.

— E' ali, disse o padre, fechando o breviario.

E apontava para um pequeno curral desmantelado, quasi sem tecto, negro pelo fumo que a humidade depositára sobre a telha vã e na pedra secca.

— Pobre gente! accrescentou.

— Ganha a vida, emquanto eu..., disse Gonçalo, seguindo em seus pensamentos.

— Guarda-a bem, que nos é preciosa. Descança a tua alma, que um dia, breve, precisarás de todas as tuas forças.

— Entretanto estou-te a cargo, roubando talvez algum pobre mais digno...

— Caluda, que me offendes.

Gonçalo calou-se. O cura, querendo sacudir-lhe a idéa de que o via dominado:

— Morreu esta noite passada esse pobre homem que até já perdera o seu nome de christão. Salta-Poças! Era, dizem, um dos melhores da companhia. Não ha dois dias representou no Crato, e agora, jornadeando com destino á Beira, ahi falleceu, n'esse curral, longe de todos os soccorros... Pobre Salta-Poças! Passou a vida a fazer rir os outros e tantas gargalhadas com que tantas faces desenrugou bem mereciam ao menos uma lagrima, que talvez não teve. Não te custa a caminhar, Gonçalo?

— Não. Apenas uma desconfiança. Não acompanharei o enterro. Esperarei ahi, sentado n'uma pedra, que o Bazaruco me venha buscar. Gosto de respirar este ar tão puro, que me refresca o cerebro; adoro o cheiro d'estas estevas em flôr, que me recorda a minha infancia, ali.

E apontou para a serra, para os lados de Castello de Vide.

— Ficarei aqui um instante. Sinto-me bem. Parece que a primavera me trouxe uma alma nova, parece que me rejuvenesceu. Sinto em mim não sei que deliciosa embriaguez que me anima, que me traz uma pequena luz ao meu horizonte. Não sei explicar-te o que é. Um doce presentimento talvez do meu coração; não sei. Soffro ainda, meu padre, mas mais conformado. Devo-o a ti.

— A Deus o deves, que soube tocar-te.

— Terei coragem, mas preciso deixar-te em breve. Estou-te a cargo e não sei se um dia poderei pagar-te...

— Gonçalo, em que pensas? disse o padre offendido.

— O meu homizio nem o recurso me deixa de partir já, como simples soldado, para qualquer d'essas fortalezas d'Africa, onde talvez...

— Socega. Deus te dará tempos melhores. Somos chegados.

A' porta do curral assomou um vulto gigantesco que vendo os dois que se approximavam fez um gesto para dentro, d'onde logo sahiram uns dez homens facetamente vestidos, os quaes com ademanes tragicos vieram ao caminho do cura.

Era o Plutão com sua gente.

— Sr. cura, seja bemvindo. Nós lhe agradecemos a caridade.

Poz um pé atraz, fazendo-o descrever um semi-circulo, e, bem aprumado na perna direita, com a outra ligeiramente dobrada, tirou o chapéo até tocar no chão com a pluma velha, partida em trez partes. No movimento do braço arqueado ergueu a capa no fio, e Gonçalo poude ver-lhe no gibão de seda côr de rosa desbotada os sovacos remendados com estamenha.

Era um homem muito alto, muito magro, escanifrado, com dois olhos pequeninos sob vastas sobrancelhas negras. Faltavam-lhe os dentes da frente e duas profundas covas nas faces provavam a ausencia dos queixaes. Quando tirou o chapéo, o vento fez-lhe esvoaçar as longas farripas que logo puxou para deante a tapar a calva.

— Sou o desgraçado Plutão, disse elle ao terminar os seis tempos do cumprimento, que os outros da com-

panhia imitaram como souberam. Não se arreceiem V. Mercês do meu nome; na minha terra ainda todos hoje me conhecem pelo Bernardo da Bernarda, que S. Bernardo é meu patrono e foi Bernarda minha mãe. Plutão foi o meu primeiro papel na comedia da Rubena do immortal Gil Vicente, que Deus tenha em sua gloria. D'alli me veiu o nome, que mal subi ao tablado e disse:

> Mostra, mostra, companheiro,
> Veremos que rasto faz,

logo ali provei minha vocação para diabo.

Uma velha disse:

— E' verdade, é verdade.

— Minha esposa, continuou o Plutão mostrando ao cura a velha que falára. Foi em Samora, onde toda a nobreza da terra me veio applaudir, que ella me cahiu nos braços. Ha trinta annos que é minha esposa á face da egreja, e hoje, tanto em portuguez como em castelhano, não tem rival em Portugal e Castella. Não tem, nem temos.

E com um gesto circular mostrou toda a companhia, que saudou novamente o cura.

Gonçalo sorria entretido. Faltava ali o Bazaruco para dar a resposta.

O Plutão continuou:

— Sr. cura, e meu senhor, Melpomene e Thalia bafejaram-me no berço. Um histrião não sou. Em toda a provincia da Estremadura Castelhana e nos reinos de Andaluzia todos conhecem *la farandula del señor Pluton*. Quando El-Rei, que Deus haja, andou jornadeando pelo Alemtejo e Algarve, tive a honra em Odemira de dizer a S. Alteza alguns versos da minha lavra depois que se dignou applaudir o auto que nos proprios aposentos reaes representei com a minha gente. Mas se as musas me protegem, não assim a fortuna. Reparem V. Mercês.

O cura e Gonçalo olharam cheios de compaixão para o resto da companhia. Remendos, narizes cahidos, faces e ventres recolhidos, olhos scintillantes de fome.

— Pensarão talvez que tive sempre estes membros de cegonha?

E mostrava as pernas muito finas a chocalharem nas botas largas.

— E agora! agora!... O' meu querido Salta-Poças! Se o vissem!... Era um cavalleiro! O meu D. Duardos! E como falava castelhano! Que mimo dizendo versos! Camões, o meu Luiz, viu-o uma vez na Povòa, onde viera de passeio, e disse-me, depois de ouvir o Rei Seleuco: — « Plutão, quem vê o Salta-Poças adivinha um teu discipulo!» Não podia dizer mais.

A velha poz-se a chorar de rijo:

— O Salta-Poças! O Salta-Poças!

O Plutão zangou-se.

— Então, Corisanda!... Pode o sr. cura pensar...

— Não, meu amigo. Nada penso que vos possa molestar. Um dos vossos companheiros morreu, é justo que choreis por elle.

— A minha vida! A minha sorte! Que hei de eu fazer? Terminou o inverno nosso inimigo; deveriamos ir agora percorrer as grandes povoações com trez autos e sete comedias... O anno passado, apesar da minha Corisanda não ter queda para o castelhano, corri varias terras de Hespanha. Só elle, o Salta-Poças!... Que garbo! Que valentia! Que modos!... E morreu!

— E de que foi, amigo? perguntou Gonçalo.

O Plutão chamou-o de parte e juntamente ao cura, e, com um gesto indicando-lhes o coração:

— D'amor... por ella.

O cura espantado olhou para elle e Gonçalo para Corisanda em cujo queixo uns pellos ruços floresciam viçosos.

O Plutão fez um signal com o dedo, que não, que não era essa. E apontando para o curral:

— A Florisbella, a que está lá dentro, a que, depois de tanto o haver maltratado, agora, depois da morte, o não deixa.

— Maltratado por falta de amor? perguntou Gonçalo com curiosidade.

— Mulheres! Mulheres! disse o Plutão encolhendo os hombros como se esse nome só incluisse todos os enigmas e desse todas as razões. Encontrámol-a no caminho em que iamos de Oliveira para o Porto, fugida, mortinha de fome e de cançasso. Eu andava então des-

contente com uma das minhas damas que tão pouco em portuguez como em castelhano dizia palavra que se entendesse; bexigosa por fóra, por dentro uma alimária, com perdão de V. Mercês, cuja presença olvidei por instantes na esteira da minha historia. Recolhi a pobresinha na carreta e ella, em paga da nossa caridade, cantou-nos as voltas do immortal Luiz de Camões ao mote:

Perdigão perdeu a pena,
Não ha mal que lhe não venha.

E pôz-se a chorar.

— Tambem eu perdi o Salta-Poças; não ha mal que me não venha agora! Se V. Mercês houvessem visto como logo n'essa tarde elle a tratou, que nem se ella fosse a archi-princeza das princezas! Foi o Salta-Poças quem a ensinou a vestir-se de rainha, a andar com ademanes arrastando a cauda, a gesticular a preceito, a cantar com afinação sem esforçar a voz, a tocar, a dançar, a dizer os versos sublimes dos nossos grandes poetas, a chorar, a sorrir por entre as lagrimas, emfim a ser o que ella é. E ella cada vez mais alto, a minha primeira actriz, e elle a definhar-se, a definhar-se,... coitadinho! Ella bem via o amor que lhe elle tinha e homem sabe o que custa ser-se pago de tanta paixão só com um bocadinho de amizade e o coração para outro. Definhou-se, definhou-se, e hontem á tarde chamou-a e disse-lhe: — «Adeus, Florisbella!» Ella pôz-se a chorar. Se não tinha maior amigo na terra!... Elle apertou-lhe a mão, já quasi sem forças... e morreu, afogado n'aquelle poço de virtude.

Gonçalo sentia-se commovido.

— Mas essa Florisbella?... perguntou.

— Tinha outros amores que lhe fugiram ou a quem a roubaram... Não sei. Venha, sr. cura; venha rezar-lhe por alma. Vestimo-lhes o nosso melhor fato. Vai de D. Duardos para a cova, afóra as barbas e a espada, que nos fariam maior falta.

— Vamos, disse o cura.

E voltando-se para Gonçalo:

— E tu que fazes?

— Espero aqui. Descançarei um instante. Apoiado a este bordão atrever-me-hei a ir depois sósinho até á aldeia.

Approximaram-se da porta. Dentro do curral ouvia-se um chôro dilacerante de mulher.

Entraram. N'um estreito esquife, feito de tabuas velhas mal pregadas, estava deitado o cadaver do mesquinho Salta-Poças. Gonçalo olhou-o compadecido. Sobre o seu rosto d'elle, pallido e magrissimo, não havia a morte estendido aquelle véo de placidez que faz sonhar que a morte é doce, que é um sonho que faz sorrir. Dir-se-hia que a alma chagada, que já não podia com a vida, quizera antes de voar para as regiões serenas, deixar estampado todo o seu horroroso soffrimento n'aquellas olheiras roxas, n'aquellas palpebras inchadas, nas contorsões d'aquella bocca, nos sulcos das muitas lagrimas. O corpo mal fazia vulto a mais que o fato sobre as tabuas nuas, e nas pernas magrissimas as meias de D. Duardos, cheias de passagens, enrugavam-se. Era um mancebo ainda, mas o cabello começava a rarear-lhe na fronte onde já muitas brancas alvejavam. Tinha vestido um gibão de seda, remendado, e calçava luvas d'anta nas mãos cruzadas sobre o peito.

Atraz do esquife uma mulher, com a cabeça envolta n'um véo negro e um lenço posto nos olhos, soluçava convulsamente.

O cura começou a rezar a oração dos defuntos.

Gonçalo ouvia a conversação dos comicos, em voz baixa, por detraz d'elle e, ao mesmo tempo, procurava avivar uma lembrança que um chôro assim, parecido com o d'aquella mulher, lhe despertava confusamente na memoria preguiçosa. Aquelles gemidos, aquelles soluços já alguma vez os ouvira assim. Havia mais um perfume tenue espalhado na atmosphera que junto áquella voz lhe abriam o caminho d'uma saudade indefinida, d'um sonho que se desfizéra, cuja teia não sabia reconstruir. Que sentia elle dentro em si? Que velho sentimento adormecido, olvidado, despertava n'elle pouco a pouco?

— Agora chora! disse baixo um dos actores.

— Depois de havel-o morto, respondeu um outro.

Quanto não daria elle em vida por saber que assim lhe haviam de chorar a morte!

— Pobre Salta-Poças, disse o Carlota, assim chamado por ser Carlos, mas fazer, quando era preciso, papeis de mulher. Até depois de morto lembra um burro.

— Não; que lagrimas não são cevada.

— Pois olhae que elle bem valia qualquer outro, e ella, perdendo-o, deve de saber que perdeu um amigo.

— Como outro não haverá. Se até a vida deu por ella!

— Que nem um só beijo lhe dèu em paga de tanto affecto.

— Quiz ser fiel ao outro, de quem não sabe se é vivo se morto, o tal com quem o pae não quiz que ella casasse.

— Como sabes?

— Um fragmento que ouvi d'um dialogo com o Salta.

E ao mesmo tempo que conversavam baixo, iam respondendo em côro ás orações do padre:

— *Amen.*

— *Sed libera nos a male.*

— *Et lux perpetua luceat ei.*

— *Amen.*

O cura olhou para os assistentes.

— Quando quizerdes, disse.

Quatro d'elles approximaram-se do esquife e ergueram-o sobre os hombros.

A mulher que soluçava voltou-se para a parede onde encostou os braços, escondendo n'elles a cabeça, sempre a chorar, n'um desespero que lhe entornou pelas costas, soltos, os bastos cabellos negros.

— Vamos, disse o Plutão.

E approximando-se de Florisbella:

— Queres que fique alguem comtigo?

— Não, respondeu ella, sacudindo a cabeça.

— Vens comnosco?

— Não posso.

— Queres que fique a Corisanda?

— Não.

Puzeram-se a caminho. O esquife ia adeante levado aos hombros dos quatro mais possantes; ao pé o cura

rezando e ao lado o Carlota respondendo. Seguia atraz o Plutão isolado, muito grave, com ar tragico, os olhos baixos, e depois o resto da companhia e n'elle a Corisanda lacrimosa, coxeando.

Gonçalo deixou-se ficar á porta olhando para aquella mulher, cujas lagrimas o commoviam.

Agora chorava! A quem fôra tão fiel que assim deixara morrer á sêde d'um só beijo aquelle homem de quem fôra tanto amiga que lhe regava de lagrimas o cadaver! Que extraordinario coração de mulher era aquelle que tão constante se mostrava a um homem de quem nada sabia, que talvez áquella mesma hora, sem um pensamento só para tão grande amor, sonhasse adormecer nos braços d'outra, cujos desejos andariam talvez voando, voando, para muito longe, muito longe...

E ella chorava sempre.

— Unico amigo meu, porque me fugiste? O' morte, morte, porque me não levaste?

E n'um desespero correu á porta para um ultimo adeus. O véo cahira-lhe, a mão agitava o lenço.

— Aurelia! gritou Gonçalo.

— Gonçalo! disse ella como louca.

E correu para elle, cahiu-lhe nos braços, sem o deixar falar, enchendo-lhe a bocca de beijos.

CAPITULO X

Florisbella

O enterro ia longe. Ninguem ouviu aquelles dois nomes, ninguem aquelles dois gritos, que resumiam dois dramas. Dizia o de Aurelia toda a paixão que afogára no peito, toda a alegria que lhe levava a alma, quando ébria d'aquella visão inesperada, convulsa, todo o seu rosto resplandecia em riso, em cujas prégas as lagrimas corriam espantadas do novo caminho, que se lhes abria. Gonçalo, que tão attento ouvira a conversação dos homens, e que tanto estranhára a constancia do amor d'aquella mulher, comprehendia finalmente, que elle fôra quem havia subjugado o coração de Aurelia, que ali, agora, nos braços d'elle, respondendo-lhe aos beijos, lhe fazia olvidar o mundo e os seus tormentos. E o grito d'elle fôra de quasi triumpho ennuveado por um remorso.

— Aurelia! Aurelia, onde te encontro!

— Gonçalo!

E não podiam falar; explicações e perguntas atropellavam-se-lhes nos labios; nada diziam. Gonçalo beijava

as faces de Aurelia ainda quentes e humidas das lagrimas que chorara pelo outro, e ella mettia-lhe os dedos entre os cabellos, erguendo-lh'os, para vêr bem que era elle, que não era um sonho de que depois havia de acordar para o pesadêlo da vida, pobre Aurelia!

— Gonçalo! Gonçalo, que fizeste? Porque me abandonaste?

— Eu? Pois tu não foste que...?

— Que havias de vir ter comnosco ao Porto, disse-me meu pae, e...

— E pensaste depois que te havia abandonado!

— Não, não. Nem sei o que pensei... Se houvesse pensado tal, não me vias agora aqui. Agarrei-me á vida, porque me dizia o coração que me havias de ser fiel... Oh! perdoa-me, Gonçalo, perdoa-me! Fiz-te mal com certeza, eu sei que te fiz mal. Ai, se tu adivinhasses que remorsos terriveis me dilaceraram depois o coração!... Mas eu não queria morrer; e deixar-te... era morrer!... Gonçalo! Gonçalo! Se te adoro!... Meus Deus! como eu te adoro!

E de novo cahiu-lhe nos braços, agora a soluçar.

Gonçalo, como louco, respirava outra vez o perfume d'aquelles cabellos revoltos, e percebia porque havia abandonado tudo por aquella mulher, e dava a si mesmo razão por ter deixado n'aquelles braços a sua honra de cavalleiro.

— Perdoa-me, perdoa-me, dizia Aurelia. Depois vi o mal que te havia feito, quando já remedio não tinha. Deste-me quanto era teu, deste-me a tua honra; mas eu não via o teu sacrificio. Eu estava innocente. Era o meu egoismo, o egoismo do nosso amor que me obrigava a pedir-te que ficasses, que não fosses expôr-te á morte. E olha, olha como fiz bem! Por isso agora aqui te tenho vivo, vivo, outra vez nos meus braços!... Mas como?... Como estás aqui?

Não respondeu logo. A memoria da vingança que tomára da injuria do Ayres Gomes affligia-o agora. Como contar-lhe a ella...?

—Ando fugido, Aurelia, homislado,... por um crime que não commetti. Receio uma vingança. Já que os teus braços me prenderam quando eu devia ir morrer pela patria...

— Perdão! Perdão! disse Aurelia.

— Quero a todos provar, quero proval-o a ti, minha Aurelia, que não sou um cobarde.

— Não, não, disse-lhe ella, enlaçando-o pelo pescoço, apertando-o tanto contra o seio palpitante, que Gonçalo ficou em duvida sobre o valor d'aquelle *não*.

— Meu pae contou-me tudo depois.

E cheia de rubor, escondendo o rosto no hombro de Gonçalo, puxando para a frente os cabellos:

— Não me obrigues a córar de meu pae.

— Conta-me a tua desgraça, disse-lhe elle, ameigando-a, erguendo-lhe os cabellos, beijando-a na fronte.

— Uma noite, em Coimbra, meu pae entrou no meu quarto. — «Depressa, disse-me, prepara-te. Temos de partir antes da madrugada.» — «E Gonçalo?» perguntei. — «Pódes prevenil-o. Partimos para o Porto. Eu lhe mandarei entregar a tua carta.»

— Bem deves suppôr que a não recebi.

— N'esse momento não tinha laivos de suspeita. Tudo estava prompto. Os nossos bahus n'uma carreta, dois cavallos para nós. Partimos. No Porto disse-me meu pae que me havias abandonado, que não pensavas em mim, e por isso me levára de Coimbra.

— E acreditaste!...

— Ao principio não sei; era uma duvida horrivel. Temos sempre em nossa alma aberto o caminho para acreditar no mal. Não me escrevias, não me procuravas...

— Se não sabia para onde teu pae te havia levado!

— Meu pae queria casar-me com um christão novo, muito rico... Resisti-lhe chorando,... ameaçou-me! Se tinha a minh'alma tão cheia de ti, meu Gonçalo! Então vi claro o jogo de meu pae... Ai, Gonçalo! Gonçalo, o que eu soffri! O que tu havias de pensar de mim!...

— O que eu pensei!... Minha pobre Aurelia!

— Muito mal?... Perdeste-me talvez?...

— Conta. Como é bom ouvir a tua voz!

— Um dia peguei das joias que minha mãe me deixára e fugi. Vim a Coimbra. Havias partido. Ninguem me sabia dizer para onde. Mas o que lá me contaram! E vês? Não duvidei do teu amor, como tu do meu.

— Sim, é verdade. Procurei n'um estonteamento esquecer-te.

— Se eu te conheço! disse Aurelia sorrindo.

— Perdoa. Se tu soubesses quanto mais tens que perdoar!

— Que vida levei, meu Gonçalo, durante mezes! Que insultos ouvi! Que perigos a que me expuz! Sabia que meu pae me havia de perseguir e por isso dormia sempre fóra dos povoados, onde mal me atrevia a entrar para comprar um bocado de pão. Depois comecei a andar ao acaso e já gastára a ultima moeda de cobre, quando estes santos homens me encontraram. A miseria e a saudade iam matar-me e eu já invocava a morte como unico bem da minha vida. Iam de terra em terra e eu levava sempre comigo a esperança de encontrar-te. Ouvi-lhes falar em Castello de Vide d'onde sabia que eras... Havemos de lá ir um dia, creio eu, e era n'essa esperança que eu vivia, — encontrar-te, e andava sempre rezando... Gonçalo! Meu Gonçalo!

Á medida que Aurelia ia falando, não sabia elle definir o que em sua alma se passava. Era um acordar de antigos sentimentos, era como uma vida velha que novamente tornasse a viver. Musicas esquecidas vinham repetir a seus ouvidos encantados, melodias deliciosas; ramos, que o inverno murchára, revestiamse outra vez de flores n'uma nova primavera; os beijos e o seu perfume d'elles espalhavam-lhe nos labios o mesmo gosto, enlevavam-lhe a alma na mesma embriaguez d'outr'ora. Revia-se em Coimbra, feliz ainda, muito feliz, sem sombras de suspeitas, sem laivos de remorsos, fantaziando uma vida aventurada, com glorias de soldado e cavalleiro, adormecido n'um leito de pétalas de rosas de Hungria, sob um céo de perenne abril em que as estrellas brilhavam como diamantes, um pouco menos que os olhos negros de Aurelia, os mesmos que ali o fitavam agora, humidos de lagrimas, tão docemente!

Agora não, agora não lhe mentia ella! E como fôra que ideia tão cruel e injusta pudera entrar em seu espirito, assenhorear-se d'elle, atassalhal-o? Com mais razão poderia uma duvida ter-lhe vindo a ella perturbar-lhe

a constancia d'aquelle amor, que no entanto a mantivéra fiel em meio dos perigos e da miseria.

— Aurelia! disse Gonçalo com voz sumida.

— Aurelia! respondeu ella como um ecco. Ha quanto tempo não ouvia esse meu nome, que tanta vez me repetiste! E eu em sonhos ouvia a tua voz sempre! Eras tu que me chamavas...! Não me mentia o coração. Ainda te vejo! Ainda te vejo!

Gonçalo trouxe-a até á porta. Nem quasi dava conta dos pensamentos que em tropel o accomettiam. Sentia-se feliz, sentia outra vez o grande consolo d'uma affeição a encher-lhe o peito. Depois de tantos mezes sem um só olhar d'amor, aquelles braços que lhe rodeavam o pescoço, aquelles olhos que o chamavam á vida, aquella bocca que lhe falava tão ternamente, aquelle perfume que respirava ao pé d'ella e que era o d'uma primavera, como a que fazia florescer todos aquelles campos por ali fóra derramavam-lhe n'alma uma consolação immensa e elle sentia-se elevar, elevar, n'um movimento muito suave de bater d'azas muito manso.

O sol ia a descer. Agora mudos sentaram-se os dois á porta. Um rouxinol sobre um castanheiro ensaiou um trilo e calou-se, á espera da noite. E as suas almas tambem cantavam, que elles bem as ouviam. Era uma melodia suave, sempre no mesmo desenho, sempre variadas as notas. E um junto do outro nada diziam agora, embebidos n'aquelle cantico que ouviam dentro, n'aquelle delicioso unisono que os commovia. As hervas bravas que cresciam entre os penedos perfumavam a atmosphera. Pequeninas nuvens brancas deslisavam no céo altissimo. As cotovias calaram-se.

O sol ia a descer. Um ultimo raio illuminou ao longe a funebre comitiva do enterro. Caminhavam n'uma pequena elevação do terreno: o esquife adeante, depois o padre, o Plutão muito alto, sempre isolado, depois os outros. Desceram a encosta do outro lado, desappareceram.

Poz-se o sol. O rouxinol começou cantando. Então Gonçalo sentiu no peito como que um bater d'azas. Alguma coisa que fugia. Desvanecêra-se um sonho. E, como tenue sombra, atravessou-lhe o espirito a imagem encantadora da menina dos olhos verdes.

CAPITULO XI

Galaor e Bento

Era noite velha quando o Plutão e a companhia se puzeram a caminho atravez dos campos em direcção ao curral onde mais uma noite haviam de dormir.

Pela madrugada teriam de ir-se para Castello Branco onde pelas festas da Paschoa representariam alguns autos, devendo depois percorrer as principaes villas da Beira e do Alto-Alemtejo. Essa jornada, cuja idéa tanto influira a todos, enchendo-os d'uma esperança de melhor sorte, agora não seria mais que triste palliativo á miseria que anteviam.

Por isso vinham quasi todos cabisbaixos e soturnos. O Plutão adeante, com as pernas muito magras dando passadas formidaveis e vagarosas, meditava, de mãos atraz das costas, com aquelle ar tragico do Imperador Palmeirim dando entrada em seus salões, quando D. Duardos lhe vinha pedir campo com seu filho Primalion sobre o aggravo de Gridonia. O Salta-Poças! O Salta-Poças! Como elle caminhára desde mesquinho

histrião, a rebentar bexigas de porco cheias de vento, até áquelle sublime D. Duardos! Como elle dizia:

Famosísimo Señor,
Vuesa sacra Magestad
Sea exalzada,
Y viva su resplandor
Tanto como su bondad
Es pregonada;
Y los Dioses immortales
Os den gloria en este mundo
Y en el cielo;
Pues sobre los terrenales
Sois el mas alto e facundo
De este suelo.

Outro Palmeirim não haveria senão elle, Plutão, para áquelle D. Duardos responder:

Esforzado aventurero,
Muestra el razonamiento
Que habeis hecho,
Que sois mas que caballero.

E o pobre Salta-Poças lá ficára com seis palmos de terra sobre o corpo, mais feliz do que elle, miseravel Plutão, sempre a sacrificar-se pela arte n'este triste valle de lagrimas!

Quasi ao lado, um pouco mais atraz, signal de respeito que o marido lhe merecia, caminhava coxeando a Corisanda, ouvindo com terna paciencia os queixumes do Baldovinos. Era um rapaz muito novo, esbelto, feliz como o Leonardo da Ilha dos Amores, mas cheio de azedume por causa dos pequeninos papeis que lhe distribuiam sempre. Elle bem sentia qualquer coïsa lá dentro, (e batia com as pontas dos dedos no seio) mas assim não havia meio de caminhar! E volvendo, muito terno, os olhos para Corisanda, que se sentia commovida, pedia-lhe que se interessasse por elle, agora que o outro morrêra. Já não dizia o Amadís ou o D. Duardos, mas emfim... E a Corisanda:

— Descança, descança.

O Motreco, pequenino, de bracinhos curtos, ligeiramente carcunda, voz de falsete e olho muito vivo, o melhor comico da farandula, dizia ao velho galan da companhia, para o intrigar, para o ouvir:

— Repara, Florambel. Olha o Baldovinos com a Corisanda. Todas aquellas festas, aquelles manejos, aquelles galanteios são para apanhar a herança do Salta-Poças.

— Está claro, dizia do outro lado, muito serio, o Tintas, o homem mais util da companhia, actor, alfaiate, musico e sobretudo pintor.

O Florambel, com cincoenta e tantos annos, muito pintado, tendo grande presumpção nas barrigas das pernas e nos seus modos de cavalleiro, aprendidos na côrte desde menino, olhava raivoso para o Baldovinos e respondia com ar superior:

— Se aquelle enxovedo pensa que me ha de molestar, engana-se.

Mas, como era muito cecioso, dizia:

— Fe aquelle enfovedo penfa que me ha de moleftar, engana-fe.

E o Tintas e o Motreco riam baixinho.

Effectivamente o Plutão ou teria de nomear o Florambel para esses grandes papeis de Gil Vicente, de Camões, do Chiado, do Prestes, do Jeronymo Ribeiro, ou havia de excluir do reportorio as mais afamadas peças. E meditava, e não achava a solução do terrivel problema.

Chamou o Alcibiades e o Pavana, homens serios, de bom conselho, experimentados na miseria.

— Amigos, que havemos de fazer agora?

Os dois encolheram os hombros.

— Ha de ser o Florambel, velho e cecioso? Ha de ser o Baldovinos sem letras e sem memoria? Vós dois?...

Os comicos curvaram a cabeça e fizeram com os braços um gesto humilde, que não, que não podia ser.

— Dinheiro?

— Ha trez cruzados, respondeu tristemente o Alcibiades, que era quem tomava conta no sacco.

O Plutão olhou de revez para o Pavana, que, muito avarento, fazia, como a formiga, peculio durante o verão, e trazia o dinheiro escondido no cano das botas. Com elle se achára por trez ou quatro vezes em occasiões de maior apuro. Mas agora o Pavana fingia não ouvir, fazendo-se distrahido com o Carlota que ia a resmungar os papeis para os não esquecer.

—Trez cruzados! dizia o Plutão com modos tragicos e inflexões commovedoras. E' a fome! A miseria! Terei de mendigar uma esmola para vós!

E olhava para o Pavana sempre distrahido.

—Ninguem, ninguem me ajuda! Que sacrificios tenho feito pela arte!

Caminhando atraz, os trez em fila, silenciosos, vinham o Unicornio, o Pedra e o Roldão, os mais estupidos da companhia, talvez por isso, sobrecarregados com trabalhos, cargas e descargas, arranjos de tablados, empurrões nos carros, quando estes se atascavam nos lameiros.

Trez cruzados para todos!

E, todos tristes menos o Motreco e o Tintas, iam-se chegando ao curral com a mira em dois pães de centeio com que o Roldão havia de fazer a assorda, conformado sempre com a má sorte, queixando-se apenas dos pés, quando o pisavam ou que havia mais humidade.

— O peior é se vem chuva, disse o Pavana.

Olharam todos para o céo. O Roldão consultou os pés.

— Não, agora não vem. O tempo está seguro.

— Pobre Salta-Poças! disse a Corisanda, entrando no curral.

Mas deram todos um grito de espanto. Florisbella desapparecêra.

Vieram á porta. Gritaram todos por ella. Escutaram.

— Só faltava esta agora! disse o Plutão deixando-se cahir desanimado sobre uma pedra.

O Carlota correu a uma cisterna que havia proximo. O Pavana trepou ao alto d'um penedo.

— Florisbella!... Florisbella!

A esse tempo, já Aurelia e Gonçalo, em casa do Padre Manuel, conversavam com este, que, afflicto, ora via em Aurelia a salvação do antigo companheiro n'aquelle enorme perigo a que o arriscava o amor por Martha, ora temia as consequencias do resurgir d'uma paixão que, uma vez, já tão fatal lhe fôra.

Gonçalo, ainda commovido pela surpreza d'aquelle encontro, não voltára a si nem dava acordo claro do que se havia passado. Aquella mulher por quem tudo

sacrificára, a quem por tanto tempo dedicára todos os negros odios, alimentados pela má vida que havia levado, ella, que fôra a sua ruina, culpa da perda de seus bens e honra e que o trazia agora miseravel e homisiado, voltára a ser o summo bem d'outr'ora, fonte onde havia de beber toda a alegria d'uma vida nova. E a injustiça com que a tratára, a cruel infidelidade do seu coração eram novo alimento do antigo amor resurgido.

— Escuta, Padre, dizia Gonçalo. Vês? Ainda hei de ter dias felizes. Como eras bom, quando me animavas! Como eras crente, quando, com os olhos no céo, imploravas para mim a clemencia divina, me dizias de ter animo, que Deus me havia de confortar ainda!

E logo, voltando-se para Aurelia:

— E tu perdoaste-me já?

— Se te perdoei! De bom grado soffreria outro tanto e mais, se mais uma vez pudesse ter alegria egual á d'hoje. Mas como? Toda a minha vida agora vai ser uma perennal ventura; que outras alegrias posso ter sobre esta immensa que me inunda o peito?

Só o Padre se calava temendo com uma observação vir ennuvear aquelle bocadinho de céo tão azul que derramava luz sobre a immensa desgraça que affligia os dois.

Gonçalo fazia projectos para o futuro, e o Padre sorria bondosamente, sem contrarial-o, feliz de vêl-o feliz, deixando-o aproveitar aquelle dia curto, como os do norte em que o sol só brilha por um instante entre duas noites immensas.

E abraçando-o, sentia o proprio coração bater mais apressado que o do amigo.

— Havemos de ser felizes e de casar um dia, dizia Gonçalo a Aurelia. Ha de o Padre Manuel casar-nos. Não é verdade, Padre? Verás como havemos de ser felizes.

— Sim, sim, interrompia o Padre.

— Deixa primeiro desafrontar-me.

— Sim, murmurava Aurelia.

— Depois serei digno de ti, e tu, que me haverás dado o valor, serás digna de mim. Deixa desafrontar-me, deixa bater-me, arriscar pela patria a minha vida, a vida que tanto me pesou já e que hoje quero, quero,

para passal-a junto de ti, a teus pés, Aurelia, minha Aurelia.

Gonçalo a falar esquecia quanto havia de soffrer ainda antes que chegasse o dia em que havia de vingar-se, vingando a patria offendida. Na embriaguez d'aquella immensa alegria esquecêra-se da pobreza, da miseria e do homisio; nem siquer lhe atravessára a mente que ha muito vivia das esmolas do pobre Cura.

Aurelia tudo esquecêra tambem para unicamente lembrar-se de que tinha outra vez ali o seu amante, por quem deixára familia, casa, o bem-estar da vida.

Só o Padre Manuel, procurando com um sorriso esconder os fundados receios que lhe assaltavam o espirito, temia o triste despertar d'aquelle sonho que ia na conversação acalentando.

— Sim, dizia, serão felizes. Gosto de ouvir os teus planos, meu Gonçalo.

Conversavam os tres. Este continuava architectando projectos de gloria e ventura, Aurelia deixava-se levar nas azas d'elle e o Padre escondendo receios não queria que uma sombra siquer manchasse tão rara alegria.

Aurelia sentára-se ao lado do amante e, reclinada a cabeça sobre o hombro d'elle, sorria ouvindo-o falar. O Padre passeava pela sala.

— Depois, quando eu voltar, dizia Gonçalo terminando a discripção do sonho, virei aqui depôr a teus pés a minha espada. Portugal estará vingado e eu terei morto na minh'alma o meu remorso. Na historia hão de lêr-se mais umas paginas brilhantes escriptas a oiro pelo ferro das nossas armas. E eu viverei tranquillo a teu lado, teu esposo; beijar-te-hei a tua bocca onde tão boas palavras d'animo fui beber, os teus olhos em cuja luz serena hei de viver para sempre.

— Sim! Sim!... respondia ella.

E o padre passeava.

— Florisbella!... Florisbella! ouviram elles gritar. Eram os comicos do Plutão, pelos campos, em busca de Aurelia.

— Elles! disse ella empallidecendo. Até já me esquecêra...!

— Estás comigo, és minha hoje, disse Gonçalo abraçando-a.

E os gritos cada vez mais afflictivos vinham-se approximando.

— Florisbella!... Florisbella!

— Devo-lhes tudo, Gonçalo, disse ella voltando á triste realidade da vida. Se os deixasse agora...

— Pois quer ainda... ? interrogou o Padre.

— Devo ir com elles, disse. Deixal-os agora seria condemnal-os á fome, á mais negra das miserias, ao horrivel tormento de que elles, só elles, me salvaram.

— Aurelia! exclamou Gonçalo tremendo.

E de repente viu tudo, o passado de Aurelia e o seu passado, o triste estado d'ambos agora.

— Padre! Padre! porque me deixaste assim devanear venturas...! O que tu querias que eu te devesse ainda! E calavas-te prompto ao sacrificio!

— Não, Gonçalo, acredita...

— Cala-te.

E voltando-se novamente para Aurelia.

— Irei comtigo.

N'este momento o Bazaruco entrava com a ceia, mas ao vêr a antiga namorada do amo, deu um grito de espanto e deixou cair nos ladrilhos o coelho guisado para que vinha olhando com toda a ternura dos seus olhos gulosos.

— Ouves gritar essa gente? perguntou-lhe Gonçalo. Vai ter com elles, que soceguem, que Aurelia está comnosco e que ámanhã de madrugada lhes irei falar.

— Florisbella!... Florisbella! gritou o Plutão á porta da casa do Cura.

O Bazaruco não se movia.

— Que tens que olhar? Desce e faze o que te disse.

O Bazaruco desceu. Pela aldeia e á roda d'ella continuavam os gritos afflictos: Florisbella!... Florisbella! que pouco a pouco se foram perdendo ao longe, esmoreceram, cessaram.

O Bazaruco voltou, e os seus olhares, ora cheios de curiosidade se fitavam nos dois amantes, ora rancorosos ameaçavam os podengos do Padre os quaes, de volta com o coelho guisado, cearam n'esse dia muito melhor do que o dono.

Era alta noite e ainda Gonçalo e o Cura conversavam. No quarto ao lado ouvia-se o respirar sereno de Aurelia,

que, abalada pelas commoções d'aquelle dia, fatigada pela anciedade, pelos desgostos, pelas atribulações de quasi um anno de miserias, finalmente tranquilla, vencida pelo somno, fôra transportada nos braços do amante, para o leito do Cura. Em baixo ouvia-se por vezes o roncar desasocegado do Bazaruco que se deitára sem ceia e era perseguido por afflictivos pesadelos. Fóra, na aldeia não se ouvia o mais pequeno murmurio. Os cães do Padre, opiparamente ceados, dormiam á porta com os focinhos bem lambidos encostados ás patas estiradas.

Gonçalo e o Cura conversavam baixinho.

— E natural que me achem serventia para alguma coisa, dizia aquelle. Irei com elles para onde forem. D'alguma fórma me hei de penitenciar dos meus erros. A miseria a que me condemno será mais digna do que a vida ociosa a que a tua caridade...

— Offendes-me, Gonçalo.

— Perdoa-me. Bem sabes quanto te agradeço o generoso sacrificio...

— Sacrificio...?

— Não o era por certo para o teu bom coração. Beijo-te as mãos pela esmola, mas...

— Gonçalo! Gonçalo!

— Não falemos pois em tal, visto que não sei palavras com que te possa exprimir a minha gratidão sem te offender a tua susceptibilidade. Tenho de partir. Estarei ao lado de Aurelia para amparal-a em meio de miseria. Ser-me-ha grato ser seu companheiro. Comerei com ella o pão que ambos ganharemos com honra. O tempo me dará um dia, espero-o em Deus, occasião para mostrar meu sangue de cavalleiro, para vertel-o, se fôr preciso. Tempos melhores hão de voltar. O que eu soffri, meu Padre! Achei hontem os meus primeiros cabellos brancos.

— Saudades de Aurelia? perguntou o Cura com um sorriso em que uns tons de bondosa ironia não escaparam á perspicacia de Gonçalo.

Sorriu-se.

O Padre passou-lhe a mão pelos cabellos com um gesto de meiguice fraterna.

— Cabecinha doida!

— Que o foi, tens razão. Mas hoje...
O Padre sorria.
— Escuta. Entendes tão pouco d'isto...! Ah! felizmente para ti, meu Padre. Nem sei como explicar-te... Eu precisava que uma dôce imagem de mulher me acompanhasse na desgraçada vida que levei, que me amparasse nos meus desanimos, me guiasse a fantasia, me sustivesse com uma esperança no temeroso declive por onde ia descendo, descendo, até... quem sabe? talvez até ao suicidio.
— Gonçalo, que disseste! exclamou o Cura assustado.
— Entendes tão pouco d'isto! Sorriste ao perguntarme se eram saudades de Aurelia que me haviam embranquecido os cabellos. Era um vacuo horrivel e frio que me era preciso preencher, era a moldura sem o quadro onde um rosto tem de nos sorrir. Na sêde horrivel que o abrasa, o naufrago bebe da agua do mar que o consola por instantes.
O Cura teve um novo sorriso a que misturava uma sombra de tristeza, que d'esta vez escapou a Gonçalo.
— Divago. O que te digo é que essa mulher, causa ultima dos meus ultimos, infelizes desastres, guardo-a agora apenas na memoria. Aqui...
E apontava para o coração.
— Tens Aurelia sómente.
— Creio que outra nunca tive.
E seria capaz de jural-o, tão cheio tinha o coração da gloria d'aquelle amor que inteiro agora o possua.
Um gallo cantou no quintal do Cura.
—Deve ser quasi madrugada, Manuel. Vou-me encontrar com os meus novos companheiros. Guardarei no meu coração a lembrança da tua amizade, na minha memoria os teus bons conselhos. Serei digno d'elles. Logo voltarei a contar-te a minha decisão.
—Lembra-te sempre de que se um dia precisares d'um amigo...
—Conto comtigo. Antes de partir virei buscar Aurelia e dar-te um ultimo abraço.
—E o Bazaruco?
—Em casa de meu tio encontrará abrigo para a velhice e boa mesa que o farte. Recommendo-t'o.

Vinha rompendo a manhã. Quando Gonçalo abriu a porta da rua, o Bazaruco acordou.

—Tão de manhãsinha, meu amo, já levantado?

—Vida nova, Bazaruco.

O triste do escudeiro deixou cahir os braços desanimado. Era isso o que temia. Vida nova!

—Para quê, sr.? Para quê? Pois não eramos aqui tão bem? Para que ha de V. Mercê correr atraz da fortuna, se tanto á mão...?

E, emquanto falava, ia tentando lêr nos olhos de Gonçalo o que se teria passado com Aurelia. Porque havia esta mulher de ter novamente apparecido agora que a vida deslisava tão docemente, entre as orações do Cura e os pratos da Feveronia?

—Dir-me-ha V. Mercê como foi que...?

—Não te posso explicar por emquanto, Bazaruco. Vou talvez deixar-te e...

—Deixar-me!

—Será preciso talvez.

—Preciso! V. Mercê enlouqueceu! Olhem o que iria fazer sósinho por esse mundo de Christo...!

—Não devo condemnar-te por mais tempo á negra vida.

O Bazaruco poz-se a rir, não que tivesse animo para alegrias depois d'aquella nova que lhe enlutou alma e entranhas, mas porque realmente lhe pareceu que o amo só por mofa...

—Negra lhe chama V. Mercê? Pois Deus Nosso Senhor nunca d'outra côr m'a conceda.

Gonçalo sorria. O Bazaruco amargurado outra vez deixou cahir o beiço e poz-se a reflectir nos vaivens da sorte.

—Deixar-me! Deixar-me!

—Convem-te o descanço, meu velho. A consciencia do meu dever, o amor d'uma mulher vão arrastar-me talvez para uma vida de miseria a que não devo condemnar o melhor dos meus amigos. E's tu, bem o sabes, melhor m'o tens provado.

O Bazaruco commovido beijou a mão que Gonçalo lhe estendia.

Este continuou:

—Irás para Castello de Vide. Meu tio saberá recom-

pensar-te pela dedicação que sempre te mereci. Já não estás novo, meu Bazaruco; vaes a passos rapidos entrando na velhice. Precisas descançar.

—Mas V. Mercê para onde vai?

Gonçalo encolheu os hombros.

—Deixar-me! Deixar-me! Pois tão más ilhargas encontrou em mim, sempre que para alguma coisa...?

—Não; foste sempre o mais fiel dos amigos, o mais dedicado dos servidores.

—Então porque...?

—Porque vou por esse mundo fóra acompanhando Aurelia.

—Pois outra vez...?

Gonçalo córou.

—Guardarás segredo do que te digo.

—Cuida V. Mercê que sou algum cesto roto

—Longo seria explicar-te agora...

—Essa mulher! Essa mulher!... Pois assim esqueceu já...?

—Não. Nunca o esquecerei para meu tormento, para meu remorso.

O Bazaruco coçava desesperadamente a cabeça. Nada percebia senão que os bons tempos tinham acabado por uma vez.

—Mas emfim quaes são as suas tenções? Posso sabel-as? Vai para casa de seu tio? Vai deitar-se aos pés de Ayres Gomes e implorar-lhe de joelhos a mão da filha?

—Cala-te, Bazaruco. Se injusto demais fui com elle...

—Injusto demais com elle o foi, que o deixou vivo e por isso...

—E por isso hoje novamente posso dizer a Aurelia que a adoro, que a adoro, que nunca adorei outra, que d'ella fui, sou, serei para sempre.

O Bazaruco com os olhos muito esbogalhados, dava pulinhos de espanto, que lhe faziam tremer o ventre, o qual tomára em casa do Cura proporções agigantadas.

—Não vale a pena contar-te agora a historia toda de Aurelia e como eu soube da sua fidelidade ao nosso antigo amor, dos seus tormentos, da miseravel vida que por leviandade minha arrastou por essas terras. Acompanha agora a farandula do Plutão. E' na companhia a primeira actriz. Sigo com ella.

— Para onde?
— Não sei. Creio que para a Beira.
— Vai então representar?
— Se me quizerem.
— Hoje aqui, ámanhã ali, um dia sem almoço, outro sem jantar, dormindo ao relento...
— Assim será. Aurelia não póde, não quer abandonar os companheiros que a livraram da fome, da miseria, quem sabe se até...!

E Gonçalo afastou uma ideia horrivel que lhe atravessou o espirito.

— Não devo abandonal-a, bem vês.
— Eu, sr., não vejo nada. Desde hontem á noite que ando como parvo. Pois ter aqui o pão nosso de cada dia, tão bom, com tão bom conducto, uma vida que é um regalo...
— O pão da caridade.
— O sr. Padre Manuel, tão nosso amigo, a Feveronia, deixal-os assim, que ingratidão!
— Terás em casa de meu tio egual tratamento, talvez melhor. Deixa-me seguir a minha sorte.
— Escute, meu sr. O sr. João Vaz disse-me ao entregar-me V. Mercê á minha guarda de escudeiro fiel: — «Bazaruco, olha por elle.» Quero dar conta do recado. A sua Aurelia vai com a farandula, V. Mercê com a sua Aurelia e eu vou com V. Mercê.
— Bazaruco, pois queres...?
— Quero, meu amo. Quero representar um auto.

Gonçalo sentiu humedecerem-se-lhe os olhos.

— Virás comigo, disse simplesmente.

Sahiram. O Bazaruco ia recitando trechos de comedias, mas sentia o coração oppresso.

Vinha rompendo a madrugada. A aldeia acordára e o cheiro bom do pinho queimado nos fornos espalhava-se pela atmosphera muito serena. Os gallos batiam as azas e cantavam alegremente ás portas das casas. Ouvia-se ao longe o tilintar das campainhas dos rebanhos. Cahira o orvalho durante a noite enchendo de brilhantes tremeluzentes os vastos campos ondeados em que crescia a esteva em flôr. Subiam mansamente os aromas silvestres, e muito alto, muito alto, sob o céo incendiado, cantavam as cotovias. Era um dia de paz que vinha despontando.

Gonçalo caminhando ao lado do Bazaruco sentia encher-se-lhe a alma de toda aquella tranquilidade que descia do céo, que se espalhava pela terra n'aquella hora dulcissima. Dentro d'elle tambem rompia uma nova madrugada e cantavam as cotovias alegres. Gotas iriadas d'um consolador orvalho refrescavam-lhe a alma sequiosa e enchiam-a de scintillações á nova luz do amor. Sentia-se feliz penetrado por todos os perfumes da primavera. Era um rejuvenescimento, um voltar atraz delicioso, um olvido eterno da noite immensa em que vivêra amargurado, oppresso, cheio de saudades e remorsos, procurando o esquecimento na embriaguez do vinho, das mulheres e até d'um novo amor. Um beijo de Aurelia pudera apagar-lhe da memoria todas essas nodoas negras.

Nasceu o sol. O orvalho ergueu-se devagar n'uma ligeira neblina, que se desfez mansamente no ar tepido, como fumo de incenso que a terra grata enviasse ao céo esplendido. Gonçalo fez a sua oração da manhã.

Avistaram ao longe o vulto esguio do Plutão á porta do curral. Gonçalo fez-lhe um signal com o lenço. O director fallou para dentro da casa e logo toda a companhia se reuniu á porta

—Deus vos salve, disse Gonçalo cumprimentando.

O Plutão fez um cumprimento rasgado.

—Que novas me traz V. Mercê?

—Boas novas vos trago de Aurel... de Florisbella.

—Virá comnosco?

—Hoje mesmo, se vos apraz.

—Bemdito seja Deus! disse a Corisanda, juntando as mãos.

—Nunca pensou em deixar-vos; mas ser-lhe-hia hontem doloroso achar-se aqui, onde o melhor dos seus amigos...

—Comprehendo a sua immensa dôr, disse o Plutão com um gesto largo.

O Bazaruco, que nada sabia da historia de Aurelia, procurava achar nas palavras do amo algum fio por onde pudesse guiar-se.

—O sr. Cura, que tão dedicado é em soccorrer miserias, procurou consolal-a com santas palavras. Dormiu socegadamente e está disposta a seguir comvosco,

firme no proposito de mostrar-vos o seu reconhecimento pelo muito bem que lhe haveis feito.

O Plutão respirou fundamente. Passára toda a noite a sonhar que tinha uma mó de moinho sobre o peito.

—Vejo pela maneira por que V. Mercê se expressa que é cavalleiro.

Gonçalo levou a mão direita ao chapéo, tocando-o ligeiramente com os dedos.

—Conhecia já a Florisbella?

Gonçalo ficou-se silencioso. O Plutão virou-se para a companhia e disse pomposamente:

—Respeitemos o segredo de S. Mercê.

—Um favor, porém, tenho de pedir-vos, disse Gonçalo.

O Plutão curvou-se.

—Possuo algumas letras e conheço os nossos melhores poetas, portuguezes e castelhanos. Em Coimbra, onde estudei, muitas vezes, por desfastio, representei e, cantando á viola, obtive applausos. Quero representar comvosco na vossa companhia.

Soltaram todos um *ah!* de espanto.

—Mas afim...! disse o Florambel a vêr que lhe fugiam os papeis ambicionados.

—Não póde ser! acudiu logo o Baldovinos lançando a Gonçalo e Florambel olhares furiosos.

—Silencio! ordenou o Plutão.

E, voltando-se para Gonçalo, já com ares superiores, abandonando a cerimonia do *V. Mercê*:

—Mas sabeis que vida heis de levar comnosco? Sabeis o que é a fome, o frio, e o horrivel tormento de ter de rir quando ha vontade de chorar?

—Ora...! Ora...! disseram a um tempo o Florambel e o Baldovinos.

—Tudo conheço, respondeu Gonçalo.

—Conhecemos tudo, disse o Bazaruco. Quanto ha máo e quanto ha bom.

E disse *quanto ha máo* cheio de raiva, com os olhos faiscantes, a lembrar-se do futuro, e *quanto ha bom* seraphicamente, d'olhos em alvo, com o saudoso pensamento na Feveronia.

—Muito bem, disse o Plutão.

E chamando o Alcibiades e o Pavana, seus conselheiros nos casos gravissimos, accrescentou solemnemente, olhando sobranceiro para Gonçalo:

—Se a fama que haveis obtido e de que vos gabaes fôr tão justa que conquisteis o nosso applauso, ter-vos-hemos por companheiro.

—Que desejaes então que eu diga? perguntou Gonçalo entre molestado pelo exame a que o sujeitavam e risonho pelo apparato comico de que se rodeava o seu futuro director.

— Dizei o que vos approuver.

Formaram em semi-circulo em volta de Gonçalo. O Plutão sentou-se n'uma pedra, traçou em saca-rolhas as pernas magrissimas e, fincando o cotovello sobre o joelho e o queixo sobre a mão, franziu os sobr'olhos com ar entendido. Junto d'elle a Corisanda olhava cheia de ternura para Gonçalo, cujas maneiras de cavalleiro da côrte a tinham captiva desde a vespera. Um pouco atraz o Alcibiades e o Pavana, gratos ao Plutão pela honra que lhes fazia em lhes tomar conselho, assumiam ares graves d'homens sabidos. O Florambel e o Baldovinos sorriam desdenhosamente como criticos superiores. Pratica, pratica, muita pratica, estudo, eis o que era preciso; dez, doze, vinte annos de tablado. Mas o sorriso de desdem sumiu-se-lhes nos labios ao verem o Motreco e o Tintas conversando baixinho, a rirem. De quem ririam elles? Para aquelles dois homens não havia nada sério. Por isso caminhavam pouco na arte. Seria d'elles que se riam? Seria do outro?... O Carlota não sabia ao certo o que havia de pensar. Muito novo, tinha ceado pouco, não tinha almoçado, tinha dormido bem e tinha fome. Aquelle illustre cavalleiro era mais uma bocca. O Roldão, o Unicornio e o Pedra não pensavam nada.

Gonçalo passava a mão pela vasta cabelleira, que continuava usando á moda dos estudantes. Sorria. A Corisanda, sem poder suster o enthusiasmo disse:

—Muito bem.

O Florambel e o Baldovinos deram dois pulos.

O Plutão ordenou silencio.

Os conselheiros piscavam muito os olhos para perceber melhor.

Então Gonçalo erguendo a cabeça, bem aprumado, com um gesto elegante e aquella voz mascula e bem timbrada que deixára fama em Coimbra, começou:

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa juntamente chóro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.

E' tudo quanto sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sae, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio;
Agora desvarío, agora acerto.

Estando em terra, chego ao céo voando;
N'um'hora acho mil annos, e é de geito
Que em mil annos não posso achar um'hora.

Se me pergunta alguem porque assim ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.

A' medida que Gonçalo ia recitando os versos de Camões, tranfiguravam-se as phisionomias dos ouvintes. O Plutão destorcêra as pernas e desfranzira os sobr'olhos. O Alcibiades e o Pavana beliscavam-o por detraz como para avisal-o de que tinham homem. A Corisanda encantada dava pulinhos nervosos de alegria e até o Motreco e o Tintas tinham deixado de rir e o Carlota esquecêra a fome. O Baldovinos empallidecêra e a inveja fazia tremer as azas do nariz de Florambel.

— Muito bem! Muito bem! exclamou novamente a Corisanda, batendo palmas.

—Do nosso Luiz, disse o Plutão.

— Perfeito! disse baixinho o Alcibiades ao Pavana.

Mas Florambel desejou fazer uma pequena objecção aos applausos. Parecia-lhe muito má, muito inferior, a fórma por que fôra recitado aquelle ultimo verso. Deveria ser mais gentil, n'um outro tom muito differente do resto, porque só no fim do soneto é que o poeta se dirigia á sua dama. Deveria então suppôr que ella se achava ali e cumprimentar.

—Que fo porque vos vi, minha fenhora

O Baldovinos approvou:

— Decerto!

— Deserto! Deserto! confirmou o Florambel.

Mas o Motreco poz-se a rir outra vez, o Tintas poz-se a imitar o Florambel e, como a Corisanda começasse a applaudir novamente, o Plutão impoz silencio a todos.

— Mancebo!

E esteve um instante a reflectir, a procurar termos.

— Arduo caminho quereis seguir. Olhae para mim, que fui como vós. Nos máos passos, quando os espinhos vos ferirem, quando açularem contra vós, todos os... todos os... Emfim... Dissestes muito bem.

— Resta ver o castelhano, disse o Baldovinos.

— Se vos apraz ouvir-me...

— Escutemos, disse desdenhosamente o Florambel.

O Bazaruco chegou-se para o pé d'elle, olhando-o de revez. O Florambel foi-se pôr a traz do Unicornio, o que tinha mais força.

— Escutae, disse Gonçalo.

E recitou:

Vos sabreis, Don Galaor,
Y Don Florestan, hermanos,
Que el verdadero loor
Es aquel que sin temor
Se alcanza por las manos;
Y el general morir
Es covardia esperallo,
Y lindeza aventurallo;
Porque hallo
Que en la fama está el vivir.

Y pues vemos de que suerte
La honra tanto se ama,
Sigamos tan claro nuerte,
No estimando la muerte
Por ganar vida á la fama.

— O Amadís! O meu Amadís! exclamou o Plutão. Partamos! Partamos!

A Corisanda abraçava Gonçalo; o Alcibiades e o Pavana sorriam contentes.

— Como quereis chamar-vos? perguntou o Plutão a Gonçalo. Um nome de cavallaria!... Galaor?

— Galaor, respondeu Gonçalo.

— Ide avisar Florisbella. Hoje mesmo seguiremos para Villa Velha. E' prompta a carreta?

— Prompta, respondeu o Unicornio.

— E então eu? perguntou o Bazaruco.
— Vós?
— Fiel escudeiro de meu amo não o abandono.
— Mas que sabeis?
— Tudo. Sei cantar, dançar, bater-me, puchar, empurrar, pintar, cosinhar, tocar, orar, lêr, escrever, contar, mentir, trez discursos, dez sonetos, mil cantigas, portuguez, castelhano, francez, italiano e latim. Tudo isto por um pedaço de pão e muito vinho.
— Ireis comnosco. O vosso nome?
— Quereis fazer-me um favor? Todos me chamam o Bazaruco. Desejaria agora ser o Bento. Assim sahi da pia onde me levou o meu padrinho, que Deus haja, e Bento quero morrer.

Era quasi meio dia quando a carreta do Plutão puchada por duas mulas possantes parou á porta do Cura. Estavam feitas as despedidas. Gonçalo deu a mão a Aurelia e ajudou-a a subir. O Plutão, vendo-o ainda a cochear offereceu-lhe um logar no carro. Gonçalo sentou-se sobre uma das caixas dos fatos entre Corisanda e Aurelia.

O Cura á porta mordia os dedos. Gonçalo sentia as lagrimas a bailarem-lhe nos olhos.
— Prompto? perguntou o Plutão.
— Andemos, disse Gonçalo.

O Unicornio chegou o aguilhão aos bois.
— Adeus, disse o Cura suffocado pelas lagrimas.

E, abraçando o Bazaruco, entregou-lhe vinte cruzados, o resto do mialheiro.

Gonçalo olhou para Aurelia. Ia sorrindo.

O Bazaruco olhou para a Feveronia. Ficava a chorar.
— Adeus, disse o Plutão.

E levava da Flôr da Rosa mais dois actores na companhia: o Galaor e o Bento.

O Motreco para distrahir-se no caminho, ia cantando atraz do carro:

> Verdes são os campos
> De côr de limão;
> Assim são os olhos
> Do meu coração.

E o Bazaruco philosophava.

CAPITULO XII

João Vaz

Passára-se o verão. Expirava o anno de 1579. A peste, que tempos antes assolára Lisboa a ponto que a herva crescêra pelas ruas, fizera nova e terrivel apparição no outomno d'esse anno, afugentando para Almeirim o rei decrepito que levava com elle a morte na tisica que o minava.

O reino, que esperára ancioso que El-Rei nomeasse successor, via com tristeza a morte approximar-se d'elle e começava a ter perdida a esperança de que subisse ao throno de Portugal um rei portuguez.

Formavam-se partidos. Todos se preparavam para a lucta.

Christovam de Moira, apesar de portuguez, principal agente de Felippe de Castella, desenvolve n'esses ultimos mezes toda a sua espantosa actividade. El-Rei de Castella compõe uma junta de doze ministros a que chama da successão de Portugal e o velho monarcha estremece no seu leito de morte, fatigado pelas constantes audiencias a que o obriga Christovam de Moira,

ante as ameaças do Duque de Ossuna, embaixador d'El-Rei de Castella. D. Henrique não encontra em quem confiar-se; sustentado apenas pelo leite que chupa, como uma criancinha, nos peitos de Maria da Motta, ardendo em febre, escarrando sangue, abre-se finalmente com o potente orador, Bispo de Leiria, estrenuo partidario d'El-Rei D. Felippe.

A Duqueza de Bragança, aquella a quem innegavel justiça assistia, achava-se liada pelo imprudente juramento que, depois da reunião das côrtes, o Duque, seu marido, fizera perante El-Rei. Jurára elle que, no caso de D. Henrique não determinar em sua vida a causa da successão, obedeceria inteiramente em tudo e por tudo aos governadores eleitos, não procurando haver a successão ou posse do reino pela força das armas, cumprindo e fazendo cumprir a sentença dos juizes nomeados.

D. Antonio, Prior do Crato, que fôra chamado do desterro para que viesse jurar o capitulo das côrtes, assim o fez com a mesma fórma e mesmas solemnidades do Duque de Bragança; mas, logo no mesmo dia, escreveu a sua reclamação, que mandou intimar ao nuncio por Fr. Miguel dos Anjos, dizendo ter sido contra sua vontade obrigado áquelle juramento por seu tio, que lhe era suspeito pelo grande odio que lhe mostrava havia muito.

E com verdade falava D. Antonio, pois que o Cardeal nem o deixára descançar, nem uma cadeira lhe offerecêra em que se sentasse, quando o Prior lhe appareceu fatigado depois d'uma longa jornada toda feita sob a ardente calma do mez de julho.

O nuncio ouviu as declarações de D. Antonio para a todo o tempo lhe valer e annular, podendo, o juramento.

Os embaixadores de Castella, intimados para jurar, responderam peremptoriamente que El-Rei D. Felippe II não podia acudir como parte onde só como dono deveria entrar.

Andava o povo alterado com tantas e tão diversas opiniões.

El-Rei sempre receioso de que antes da sua morte algum dos pretendentes se atrevesse a pegar em ar-

mas, temendo sobretudo algum arrebatamento do Prior, mandou-lhe notificar que logo ao outro dia depois do juramento se retirasse para o Crato e não ficasse nunca a menos de trinta leguas de Lisboa. E, para que não parecesse que desejava proteger as pretenções do Duque de Bragança, o mandou tambem sahir da côrte, o que o Duque fez, retirando-se para Arrayolos, de que era senhor.

Entretanto n'aquella noite negra que vinha caminhando do lado do oriente e ameaçava toldar o céo de Portugal, brilhava como astro de primeira grandeza uma esperança. A morte d'El-Rei D. Sebastião não fôra confirmada de maneira a desvanecer as suspeitas de que El-Rei escapára vivo das mãos dos infieis. E todos aspiravam porque chegasse o eleito do Senhor, que talvez em algum aduar de alarves soffria tormentos como escravo, penava por seus erros e culpas, se culpa fora o querer juntar á corôa portugueza um diadema de imperador, se erro o suppôr que as legiões dos anjos haviam de bater-se contra perros musulmanos ao lado dos soldados de Christo. Era um archanjo com o seu escudo que haveria de tel-o defendido em meio da grande mortandade em que haviam ficado os melhores dos portuguezes.

Uma virtuosa freira castelhana, Thereza de Jesus, cujo perfume de santidade se espalhava pelos dois reinos de Portugal e Castella, vira subir ao céo as almas dos soldados christãos, vestidos com tunicas brancas, n'uma aureola de luz celestial. Mas não constava que houvesse dito que entre ellas uma avistára mais luminosa, com a tunica mais alva, se possivel fôsse, toda ella bordada, cheia de pedras preciosas, alma a quem os anjos deveriam acompanhar com hymnos gloriosos, tendo primeiro descido do céo á terra. As portas celestes deveriam ter-se aberto de par em par e todo o céo revelar-se em toda a magnificencia. Assim deveria ter subido para os resplendores perpetuos a alma d'El-Rei, e a madre Thereza de Jesus nada contára.

Cada dia corriam, espalhavam-se novos boatos, que faziam estremecer e esmorecer na lucta os que com mais afan se dedicavam á defeza de qualquer das causas.

Só Christovam de Moira não afrouxava e com peitas, subornos, promessas, conquistava para seu partido a melhor parte da nobreza de Portugal. Um lhe faltava; mas o sorriso ironico do zeloso servidor de Castella bem mostrava ter já adivinhado que seria o Duque de Bragança, empunhando o estoque de condestavel, o primeiro a bater com os joelhos nos degráos para beijar a mão d'El-Rei D. Felippe sentado no throno dos reis de Portugal.

Eram esses boatos, essas preoccupações, a duvida do partido a seguir, que alta noite traziam acordado João Vaz em seu solar.

Na vasta sala abobadada, uma das poucas reparadas do velho palacio, cujas janellas abriam sobre a villa, João Vaz, de cabeça baixa e mãos atraz das costas, passeava meditabundo. Na parede velhos retratos de familia, télas meio despregadas em molduras carunchosas, eram fracamente alumiados por um coto de cêra que ardia a um canto n'um antigo tocheiro de ferro. A luz com um grande morrão crepitava e João Vaz, quando chegava ao lado opposto da sala, quasi desapparecia na sombra.

Passeava scismando na grande solidão da noite. Só as resonancias da abobada faziam acompanhamento n'aquella casa ao soar dos passos lentos.

Fóra, as lufadas do vento pareciam gemidos e os vidros fustigados pela chuva zuniam soturnamente nos caixilhos de chumbo.

João Vaz scismava. Na alma travára-se-lhe uma lucta terrivel entre o dever e a ambição, dever confuso, ambição mascarada de virtude.

Sentia-se ali tão só! Que triste velhice a sua!

Uma porta bateu. O vento começou a cantar lugubremente pelos corredores. João Vaz sentiu frio. Embrulhou-se melhor no vasto manto.

Como era só ali! Ninguem que lhe trouxesse com uma caricia um pequeno conchego áquella alma, onde tambem era inverno, inverno cruel, rigoroso, como esse que lá fóra fazia sahir dos leitos os ribeiros e vinha rir sarcasticamente nos corredores do velho palacio, tamanho e tão só!

Não tinha alma já para abrigar amor.

Do sobrinho raras novas tivera. Havia mais d'um anno que nada sabia d'elle. Um christão novo, onzeneiro, viera pedir-lhe a compra de uma cedencia da herança com medo de que elle fôsse morto. Talvez.

Era uma má cabeça. Deixal-o.

Mas como lhe fazia agora falta ali na sua velhice tão desamparada! Lembrava-se d'elle, do seu Gonçalo, em pequeno, tão gentil, tão meigo! Como desejaria tel-o agora, ouvir uma voz amiga dizer-lhe que alguem soffria com elle!

E mais invejava a sorte dos rivaes. Ainda n'esse dia vira Martha. Como era linda! Como o Militão Corrêa ia orgulhoso encostado ao braço d'ella! Vira-os passar e com a fronte encostada aos vidros seguira-os com o olhar rancoroso até vel-os desapparecer nas viellas do castello.

E a grande sombra que envolvia os retratos da familia parecia querer vestil-os de luto.

João Vaz passeava e scismava.

De repente parou. Parecera-lhe sentir bater ao vasto portão da entrada. Escutou attentamente. Sobresaltou-se ouvindo distinctamente uma nova argolada a que, depois d'um pequeno intervallo, succederam duas a fio.

— O Gil Mendes! disse em voz alta.

E, pegando na tocha, foi elle mesmo abrir a porta.

Instantes depois entrou com um homem forte, gordo, papudo, vestido á moda dos lavradores alemtejanos e que falava carregando muito nos RR.

— D'onde chegaes? perguntou-lhe João Vaz.

— D'Almeirim.

— El-Rei?

— Não tem dois mezes de vida.

— Que novas me trazeis?

— As que V. Mercê desejava. Trago-lhe uma carta do sr. Christovam de Moira.

— E El-Rei não nomeará herdeiro?

— El-Rei receia excitar os animos.

— E os governadores escolhidos?

— Contamos com elles. D. Felippe não acudindo á citação andou como prudente; a sua nomeação, porém, é certa. Se falhasse teriamos a força das armas.

— D. Antonio não se opporá?

Gil Mendes sorriu desdenhosamente.
— Com quem?
— Póde o Cardeal nomeal-o na ultima hora da vida.
— O Cardeal, obtendo do Papa que lhe commettesse o juizo da sentença sobre a legitimidade do sobrinho e dando-lh'a contraria, demais provou o odio que lhe tinha. Nunca achará o bastardo digno da corôa de seus avós.
— Que novas ha do Prior?
— Continúa homisiado.
— Dizem que os estudantes de Coimbra...
— Não teem armas com que se opponham aos terços do Duque d'Alva.
— Contaes pois como certa a victoria?
— A nossa victoria. Tenho-a por certa.
— Deixae-me ver a carta de Christovam de Moira e ide descançar, se quizerdes.
João Vaz approximou-se da luz. Um sorriso de triumpho passou-lhe pelos labios ao ler a carta.
Foi á janella. Um relampago illuminou a villa e João Vaz poude ver lá em baixo, no extremo opposto, a casa opulenta da familia rival, o palacio dos Corrêas, o famoso Solar do Alamo.
Mostrou-lhe o punho.
Estalou um trovão enorme.
— Podemos pois contar com V. Mercê e a sua gente? perguntou da sombra Gil Mendes.
— Dizei a Christovam de Moira que beijo a mão de S. Magestade pela mercê que me promette da commenda de Christo.

CAPITULO XIII

Sempre a sonhar

Emquanto João Vaz triumphante mostrava o punho vingativamente ao solar de seus rivaes, suppondo talvez que nem uma só nuvem pudesse ensombrar a felicidade pacifica d'aquella familia, causa principal que o fazia enfiar de inveja, alguem no encantador palacio passava aquella noite, como muitas, a chamar debalde o somno, que lhe trouxesse um momento de descanço ao coração maguado e com um sonho bom um lenitivo á amargura d'uma saudade.

Eram os boatos que voavam, as mil opiniões que se atribuiam aos mais notaveis politicos do tempo, os prognosticos da guerra proxima e tudo quanto por esse fim d'anno mais fazia vibrar os corações dos portuguezes, o assumpto forçado das animadas palestras no Solar do Alamo durante os longos serões do inverno.

A morte d'El-Rei, que se annunciava para muito breve, commovia Martim Corrêa, desde o tempo da regencia dedicadissimo ao Cardeal, que lhe pagára os

bons serviços nomeando-o cavalleiro de Christo. Militão, cujo passado de aventureiro não lhe permittia contar a prudencia entre as virtudes. sentia-se entretanto inquieto, prevendo as luctas a que o reino enfraquecido pela derrota de Alcacer se havia de vêr sujeito e nas quaes fatalmente succumbiria a não ser por um esforço milagroso de patriotismo em que ainda confiava.

Conversavam os dois irmãos horas e horas, emquanto D. Lourença cabeceava com somno. Nem sempre estavam de acordo; Martim, espirito são, prudente, socegado, tentava muitas vezes moderar o irmão, inquieto, arrebatado, sonhador, que via apenas uma liçãosinha no enorme desastre de Alcacer.

—Mas á voz do Prior do Crato, dizia aprumando-se, gesticulando energicamente, quanto houver valido e honrado em Portugal ha de erguer-se, ha de pegar em armas, ha de novamente repellir para além da fronteira o estrangeiro e com elle quem o houver chamado.

E cahia sem forças na cadeira, offegante, ameaçando com o punho para o lado das casas de João Vaz, pagando-lhe assim na mesma moeda, odio com odio. O exemplo do filho bastardo de D. Pedro, o Justiceiro, daria fructo passados quasi dois seculos; um outro bastardo seria fundador de nova dymnastia e pena tinha elle, Militão, de achar-se tão velho, que não pudesse imitar nas façanhas o famoso condestavel.

A todas essas discussões Martha assistia quasi indifferente. Não dava ouvidos aos prudentes conselhos do pae nem á voz do bom senso; gostava mais de ouvir o tio, crente, cheio de esperança, prevendo glorias, inaccessivel ao contagio do desanimo, que levava os outros a ir pedir a El-Rei de Castella a continuação d'uma vida ficticia, peior que a morte. E muito mais, muito mais ainda, applaudiria esse enthusiasmo, essa fé no amor á patria portugueza, se não fosse o coração dizer-lhe sempre, sempre, que um dia, entre todos glorioso, D. Sebastião, preservado da morte por um milagre do céo, havia de voltar, reconquistando a patria para a patria.

Com a sua fé abalára as convicções do proprio tio, pois que ao pae mal se atrevia a falar em tal, encontrando-o sempre mais disposto a ouvir a voz da razão

do que a ajudar a construir castellos de vento, como chamava aos sonhos de Martha.

Sempre que se lhe offerecia ensejo, repetia a Militão a historia que Braz de Pina lhe contára. Esse era o seu maior prazer, já pela forma gloriosa porque se revelava o caracter do querido rei, já porque o tio, de accordo com ella, a ajudava a acalentar o sonho d'um coração, que não queria morrer.

Quando podia, gostava de sahir com o tio, d'ir até ao alto do castello, subir á torre de menagem, d'onde uma extensão enorme de terras se avistava: o velho castello de Marvão no morro altissimo, avançada sentinella da fronteira; os primeiros, immensos degráos da serra da Estrella em cuja encosta alvejavam as casarias de Castello Branco; lá em baixo Niza, e, ao longe, as serras de Hespanha e no ponto mais alto o castello de Albuquerque.

Martha olhava para o oriente.

— Será d'ali que nos ha de vir o mal?

E lá, muito alto, muito alto, d'onde as aguias se vêem pelas costas, deante d'aquelle horizonte immenso, commovida, mais longe da terra, sentia a alma a adejar, a tornar-se mais expansiva. Guardando bem no intimo o segredo, que adivinhado por alguem lhe offenderia barbaramente o pudor, chamava a conversação para o eterno assumpto de seus pensamentos, pensamentos que a matavam, mal em que achava o unico bem.

Militão propunha passeios para mais perto, para o lado da Escusa, para onde não fosse preciso subir tanto. As pernas cançadas, o rheumatismo não lhe permittiam já aquellas ascensões... Mas Martha encontrava sempre meios de convencel-o, afagando-o carinhosamente, deitando-lhe sobre o hombro a cabeça onde os vastos cabellos negros refulgiam, cheios de scintillações, passando-lhe os dedos pelo immenso bigode, namorando-o enternecida com os grandes olhos verdes, humidos, luminosos, meigos, que lhe sorriam. E Militão deixava seduzir-se e lá ia com ella, atravessando a villa, encostado ao seu braço, vaidoso da sobrinha, contente de mostrar-se e mostral-a.

Subia a ladeira enorme e parava offegante á porta da torre, mais cançado ainda pela ideia da immensa es-

cada em caracol por que havia de trepar do que pelo caminho já andado.

— Vamos, vamos, coragem! dizia Martha. Nem parece um velho soldado costumado a subir ás tranqueiras...

E o Militão resmungando, soltando gemidos de dôr, com os joelhos perros, lá se arrastava atraz de Martha, que corria adeante animando-o:

— Vamos! Vamos!

E depois, ambos sentados nos poiaes junto ás ameias, conversavam. E, fosse a palestra qual fosse, havia de cahir no eterno assumpto, a volta d'El-Rei, volta gloriosa, acclamação como nunca houvera.

Tanto se revoltava o coração de Martha contra a morte, tanta fé lhe inspirava o seu desejo, com tanta confiança falava e discutia, que o velho Militão, sempre d'alma aberta para conchegar todos os sonhos, acolhera alegremente mais esse, pedindo muita vez á sobrinha que lhe repetisse a historia que Braz de Pina lhe contára em Lisboa, enthusiasmando-se com ella ante o heroismo d'El-rei e discutindo o valor das razões em que podiam fundar a crença de que elle effectivamente escapára da batalha, incolume, embóra milagrosamente.

Falavam tambem por vezes do Cardeal a quem Militão nunca fôra affeiçoado e cuja decrepidez precoce indignava o velho militar, que dizia sentir-se cada vez mais novo. E, quando se levantava e fazia gestos mais largos, disfarçava com caretas as picadas agudas das dôres rheumaticas. Não tolerava o medo nem a incerteza do velho rei. Sabia que em Salvaterra, quando ia fugindo da peste a caminho de Almeirim, alguem por zombaria ou caridade tinha atado um javali a uma arvore para que lhe atirasse de dentro da liteira, o que fez o Cardeal sem dar pelo embuste, ficando muito alegre quando lhe vieram dizer que havia morto a fera. E Militão na comica meninice d'El-Rei de Portugal via o derradeiro aviltamento da intelligencia.

— E como quer meu tio, dizia Martha, que permittisse Deus, que o sceptro glorioso cahisse das mãos heroicas, que tanta brecha abriram nas fileiras dos moiros, n'essas tristes mãos exangues, tão debeis que nem forças teem siquer para lançar uma benção sobre a nossa des-

graçada patria? Como ha de a corôa que cingiu a mais bella fronte real não pesar sobre uma cabeça cheia de cabellos brancos com que mal póde o pescoço franzino?

E recordou n'um instante a passagem do Cardeal sob as janellas de Joanna da Fonseca, quando ia a caminho da egreja do Hospital para ser acclamado, tão triste, tão sem vida já, com o olhar pasmado, com o corpo derreado, tremulo sobre a mulinha preta, pobre velho decrepito, agora minado pela tisica, expirando em meio dos maiores tormentos, com o medo e a duvida cercando-lhe de espectros o leito da agonia.

E, fosse qual fosse o principio da conversação, era sempre o final o mesmo.

O sol ia descendo. Escondia-se por fim atraz da serra; e os dois ficavam-se silenciosos por muito tempo, acalentando a mesma esperança, deixando-se ambos invadir pela suave tranquillidade da noite que descia, em quanto os cantos longinquos dos ganhões, que voltavam do trabalho, chegavam lá acima amortecidos, ella scismando, elle scismando com ella.

Á noite, Martha, depois de deitada, gostava de conversar longamente com sua aia D. Rosa Rodrigues.

Era uma senhora de mais de quarenta annos, que com menos de vinte enviuvára d'um official morto em viagem para a India. Soffrêra o golpe com resignação; mas as dolorosas circumstancias em que ficára obrigaram-a a acceitar a hospitalidade que lhe offerecia a esposa de Martim Corrêa. Assim assistira ao nascimento de Martha e a havia guiado nos primeiros passos. Conservando ainda na phisionomia traços da antiga belleza, desconsolava-se agora pelo cruel augmento do bigode que, quando simples buço, fora um dos seus maiores attractivos. Confessava-o ruborisada. Inspirára muitas paixões, bem o sabia, e gostava de contal-as a Martha. O proprio sr. Militão, pouco costumado a desgostos de amores, andou perdido por causa d'ella, que tinha artes de sahir sã e salva de todas essas luctas.

Falavam as duas muito baixinho para que D. Lourença, que dormia ao lado, não suspeitasse d'essas palestras, que duravam por vezes até alta noite, D. Rosa contente por mostrar o que sabia e o que tinha feito soffrer os homens, Martha com o olhar scintillante de curiosi-

dade, sofrega por iniciar-se em misterios de cuja existencia durante tantos annos nem suspeitara.

D. Rosa confessava que era extremamente sensivel á adoração dos homens e admirava-se de ver Martha, linda como era, assim tão indifferente, quando, se não tinha coração para amar, deveria pelo menos envaidecer-se pela impressão que certo havia de produzir em quem a visse. D'alguns sabia ella...

Mas Martha não queria ouvil-a. Que lhe importava...? E D. Rosa continuava a falar, cheia de saudades da mocidade, com suspiros profundos que bem demonstravam quanto lhe havia custado a apregoada fidelidade ao fallecido esposo.

Insistia D. Rosa em querer saber os segredos do coração de Martha e ella falava-lhe do convento em que desejava encerrar-se.

Se tudo se acabára...! Tudo? Pois não tinha ainda uma esperança? Pois não convencêra o tio mais uma vez n'esse dia de que devia esperar com ella? Porque havia de desanimar agora? Mas elle...! El-Rei! E se fosse certo o que pensava, que havia de voltar, que estava vivo, que os anjos lh'o haviam de trazer, fechar-lhe-hia isso por acaso o portão da entrada do seu convento? Pois não havia elle de ter o amor d'outra mulher? Não havia de conquistar o coração d'uma princeza linda, opulenta, de nobreza incomparavel, escolhida por Deus desde toda a eternidade para esposa d'El-Rei de Portugal?

E então pedia a D. Rosa que lhe contasse historias de reis que se haviam apaixonado por pastoras. Veridicas ou não, lidas nas chronicas ou fantasiadas pelos poetas, que lhe importava? O que ella queria era o alimento do sonho da sua vida.

Contava-lhe contos a aia, e ella ficava scismando. Era sempre o Amor quem mandava como principe absoluto. Um só olhar de mulher podia mais que o voto dos conselheiros, que as armas dos exercitos.

Martha invejava a linda Ignez, cobarde, barbaramente assassinada, mas que tivera durante annos o amor d'um principe. Tivesse-o ella um momento e que lhe importava a morte? Lembrava-se de Leonor Telles captivando o coração do Rei Formoso que defendêra o seu amor

contra os proprios irmãos e contra as armas. E essa era casada com outro e pelos seus vicios indigna de ser rainha. E que fosse caso unico na historia accender o amor no coração d'um rei... porque não?

Scismava. Pedia então a D. Rosa que se fosse deitar, que a deixasse só. Ficava no leito fatigada, soltos os cabellos sobre a alvura da almofada, inquieta, desejando saber novos misterios do amor, pois bem via que a aia ainda não lhe contára tudo. A's vezes levantava-se; ia ver-se ao espelho. Punha-se então a meditar se a linda Ignez, se Leonor, se as pastoras dos contos de fadas seriam mais lindas do que ella e que haveriam feito para assim conquistar o amor dos reis?

Mas se acabára tudo...? Em vez do throno real refulgente... o claustro sombrio...!

E na lucta enorme do desespero com a esperança, do sonho invocado com a voz da razão, passava noites e noites, ás vezes com a fronte encostada aos vidros a vêr lá fóra cahir a neve, a ouvir os lobos a uivar.

Uma vez, depois de uma complicada historia de antiga cavallaria que D. Rosa lhe contou e lhe deu febre toda a noite, já quando a luz da manhã começava a brilhar nas fisgas da janella, Martha adormeceu pesadamente e sonhou.

Estava n'um convento. Não era aquelle em que passára os annos da infancia e cuja lembrança a enchia de saudades. Era um velho castello roqueiro, de grandes salas abobadadas, em cujos angulos umas enormes aranhas negras, peçonhentas, haviam fabricado as suas teias. Eram seu leito uns feixes de palha postos a um canto. As freiras, suas companheiras, não tinham nenhum dos dôces encantos de suas antigas mestras, nem alvissimas toalhas de linho lhes emmolduravam os rostos; vestiam habitos negros, tinham as faces maceradas e os olhos pisados. Não cantavam canticos gloriosos, hymnos em que as almas se elevam mais alto que o fumo do incenso que espalha o perfume por todo o templo; mas choravam, lamentavam-se n'um côro em que a sua voz d'ella, tremula, cançada, cheia de lagrimas, dava as notas mais agudas. Era um castello isolado, no pincaro d'um rochedo altissimo. Em volta estendia-se a charneca esteril, immensa, desconsolada, sob um céo

pesado, carregado de nuvens enroladas em volutas baixas, côr de chumbo e côr de lama. Nem um passaro cortava com o vôo ondeante a extensão enorme; mas ao pôr do sol sahiam pelas grades das janellas, estreitas como setteiras, bandos e bandos de morcêgos, a girar, a girar, em volta do convento, silenciosamente. Então uma tristeza immensa, desconsolada e fria, baixava do céo sobre a terra como um manto de luto. E o coração de Martha tremia, tremia... Um gigante horrivel vigiava as portas do convento. Era elle quem, de noite, em altos gritos e ás punhadas ás janellas, acordava as freiras para o côro. Seguiam pelos vastos corredores tremendo de frio e medo, batendo os dentes, que se ouvia como uma gargalhada funebre. Entravam na egreja, começavam a rezar, em convulsões, aos gritos como possessas. Uma luz mortiça na lampada a baloiçar-se enchia de sombras pavorosas as obras de talha, as cornijas, os retabulos. Estavam ali todas as victimas das grandes paixões silenciosas, abafadas, que róem como cancros os corações. Á meia noite uma sombra de sacerdote vinha rezar a missa de defuntos. O vento gemia em volta do convento e a lua entre as nuvens derramava uma luz frouxa de fogo fatuo. Um dia, porém, o anão que vigiava no alto da torre dos sinos deu signal com a busina. Caminhava pela charneca fóra uma numerosa cavalgada. As freiras correram para as janellas e estenderam para fóra das grades os braços supplicantes. Á medida que os cavalleiros vinham andando a charneca transformava-se, cresciam altas arvores que derramavam sobre o chão uma sombra fresca, deliciosa, rebentavam fontes e murmurejantes ribeiras corriam sobre tapetes de musgo. O céo abrira-se e muitos anjos vestidos de branco acompanhavam os cavalleiros, batendo mansamente as azas, tocando harpas, violas, flautas e cantando um hymno triumphal. O gigante, guarda do convento, deu um grito e sumiu-se pela terra abaixo levantando uma columna de fumo negro. Approximára-se a cavalgada. Adeante, n'um cavallo mursello, ricamente ajaezado, vinha El-Rei brilhantemente vestido como ella o vira um dia. Chegou-se aos muros do convento e gritou: — «Martha!... Martha!» Ella olhava-o espantada. Mudára-se o rosto d'El-Rei no

d'aquelle estudante que uma vez a estivera contemplando, que uma noite lhe apparecêra para salval-a. Eram os mesmos olhos negros que uma e outra vez tanto a haviam commovido. As paredes do convento abriram-se e ella voou para os braços d'elle, que collou os seus labios aos d'ella.

Martha acordou tremendo.

Desde essa madrugada na sua fantasia confundiram-se as imagens dos dois. E nunca mais poude invocar o rosto d'El-Rei que o não visse com a longa cabeleira do estudante, a barba curta, aquelles olhos negros que elle fitava n'ella, fitava...

CAPITULO XIV

A Barca do Inferno

POR uma tarde chuvosa chegou a Castello de Vide a farandula do Plutão.

O Bazaruco, conhecedor da terra, embora a ninguem o dissesse, offereceu-se para ir adeante tratar de arranjar alojamento para a companhia e cocheira ou palheiro em que pudesse representar, visto o mau tempo não lhe permittir fazel-o em pateos, como costumava.

Bem tosquiado e rapado, deu entrada na villa tremendo de cada amigo velho que n'elle fitava os olhos mais demoradamente. E entretanto como desejaria gritar logo ás portas da Aramenha, por onde entrou: — «Sou eu, o vosso velho amigo, o Bazaruco!» Mas Gonçalo recommendára-lhe prudencia, e a este, accusado como andava d'um crime de roubo, poderia ser-lhe fatal o reconhecimento.

Mas outra coisa havia que o trazia inquieto: era a menina dos olhos verdes, Martha, a filha do sr. Martim Corrêa. Esquecida parece a semente debaixo da

terra e... Esquecido andava Gonçalo de Aurelia e foi vêl-a e nunca mais se lembrar da outra. Se aquillo havia de ser como os alcatruzes...

Metteu a mão no bolso, encontrou uma moedasinha de cobre.

— O vinho aclara as idéas, pensou.

E entrou na melhor taberna da villa. O taberneiro não o conheceu.

— Por este lado vamos bem.

E, emquanto bebia, ia pensando.

Trataria primeiro que tudo de arranjar bom commodo para elle, para o amo, e para a noiva. Noiva! A filha do judeu! Depois trataria de achar palheiro para as representações. Pobre Plutão! Não seria com a magra receita da terra que havia de pagar os atrazados. Mas emfim o sr. João Vaz, seu velho amo era generoso, e o sr. Militão...

Pagou e sahiu. Esteve um momento indeciso. Tomou o caminho do castello.

— Grandes coisas se vão aqui passar, adivinha-m'o o coração, resmungava elle. O sr. João Vaz, o sr. Martim, a menina dos olhos verdes, a outra, o meu amo e senhor, tudo isto me dança a pavana na cabeça. Os outros que se arranjem como souberem, que levantem o tablado, que lá cantem, que lá gritem, a mim que se me dá? O que é preciso é que eu, o meu senhor e a noiva do meu senhor tenhamos bom leito, boa mesa e boa companhia. Ora para isto com alguem me hei de abrir e ha de ser com minha mana, se viva fôr.

E foi direitinho bater á porta da irmã, que, por ventura a que o pobre Bazaruco tão mal costumado andava, era viva e sã.

Viuva, tendo herdado umas hortas ao pé da Ribeira de S. João e recebendo uma pensão de João Vaz desde a morte do marido, velho servidor da casa, a irmã do Bazaruco vivia de suas rendas, remedeada e feliz, na sua casita junto ao castello.

Logo que lhe veiu abrir a porta, o Bazuruco reconheceu-a, apesar dos cabellos brancos que lhe fugiam de debaixo do lenço sobre a testa.

— Schiu! disse elle entrando. Sou teu irmão, o Bento.

Ella mal o reconhecia tão mudado estava, tanto havia perdido os modos militares com que d'ali sahira.

Durante duas horas conversaram, elle contando-lhe muitas das tristes aventuras em que se achára envolvido, ella o que se passára pela villa desde a ausencia do irmão.

Teve assim o Bazaruco conhecimento de toda a historia de João Vaz. Contou-lhe a irmã que o velho amo suppunha já morto o sobrinho, que por toda a parte fôra procurado pela gente da justiça instigada por Ayres Gomes. Este afinal mandára propôr uma composição ao morgado, que lhe comprára a divida do sobrinho por quatro mil cruzados.

— Ladrão! disse o Bazaruco. Ainda ganhou dois mil!

Mas satisfel-o a nova. O amo não morreria de fome. Entretanto bom seria calar-lhe a noticia, não fosse outra vez...

Quem era a menina dos olhos verdes e a parte que haviam tomado na historia dos salteadores calou-o o Bazaruco muito propositadamente, sabendo quanto mulheres são linguareiras em historias d'amor.

Pela irmã soube que Martim Corrêa procurára quem eram os dois nobres cavalleiros que tão a proposito tinham vindo auxilial-os no combate em que seriam talvez vencidos, se não fôra o soccorro providencial das duas valentes espadas. O mysterio que envolvia os nomes dos que o haviam salvo e a sua filha affligia-o sobre-maneira.

O Bazaruco empavonára-se.

— Nobres cavalleiros, valentes espadas com effeito.

Mas guardára silencio sobre o mais.

A irmã deu-lhe um cruzado e elle feliz, sorrindo de satisfação, foi dar uma vista d'olhos ás antigas tabernas do seu conhecimento, onde todos o receberam como a desconhecido.

O palheiro arranjou-o depressa. No dia seguinte teriam tempo para armar o tablado e fazer para a noite os annuncios da primeira representação n'aquella terra do famoso auto de Gil Vicente: — *A Barca do Inferno*.

Bem aquecido o estomago com o jantar da irmã e uma canada de vinho bebida aos quartilhos em quatro tabernas para ter elementos de comparação, foi cami-

nho dos montes, comendo castanhas, á espera do resto da companhia.

Não tardou que os avistasse caminhando pela serra fóra.

Como o dinheiro escasseára e o Plutão se vira obrigado a vender por meia duzia de vintens uma das arcas de fato, que havia custado um dinheirão, fôra a carreta substituida por tres mulas, duas com o resto das arcas e a outra montada por Aurelia que trazia á garupa a Corisanda sempre assustada, pouco costumada áquella maneira de caminhar.

Os homens vinham a pé.

Gonçalo trazia as botas esboracadas e o mesmo ar miseravel dos outros, faces chupadas, olhar faminto. Emmagrecêra muito durante aquelles oito mezes e o fato muito largo adejava com o vento em volta d'elle.

O Plutão considerava-o já o primeiro da companhia e mostrava com orgulho o discipulo, o que era o desespero do Florambel que se julgava abandonado, trahido, e via no enthusiasmo do Plutão o proposito firme d'uma desconsideração pessoal. Invejas. O Baldovinos roia-se, mas calava-se á espera da vingança. Em Fratel encommendára uma ovação, que lhe custára um cruzado, mas os homens, vendo-os a todos de barbas enganaram-se e applaudiram o Unicornio, que desde então ficou scismando porquê. De tanto viver com Aurelia e de tão despresado se ver, elle geralmente tão feliz, cresceu-lhe no peito uma paixão raivosa, que solapava quanto podia desde que uns olhares mais atrevidos lhe haviam sido pagos por Gonçalo com dois valentes pontapés.

O verão havia sido feliz na Beira e o exito de Gonçalo e Aurelia—Galaor e Florisbella—sem precedentes em jornadas da farandula. Mas o inverno começara cedo, o reportorio gastára-se e durante dois mezes haviam vivido das economias juntas mialha a mialha pelo previdente Alcibiades, sempre vigiado pelo Pavana, que não percebia os estragos durante a opulencia para depois se andar a morrer de fome pelos caminhos.

A Castello de Vide chegavam sem um ceitil, esgotados todos os bolsos e as botas do Pavana, que tinham rendido seis cruzados em Portalegre. Já ahi lhes fôra

difficil obter o aluguer das mulas, sendo preciso conceder ao arreeiro o direito de receber o preço das entradas na primeira representação.

A toda essa miseria de bom grado se sujeitava Gonçalo sempre na esperança de dias melhores, contente por ver-se ao pé de Aurelia cujo olhar o animava, cujo amor o conchegava, sempre achando palavras boas que lhe afastavam para longe as menores sombras de melancolia. Contente vivia ella tambem e melhor fortuna não queria até que o Padre Manuel, como lhe fôra promettido, os ligasse um dia para sempre.

—Tudo prompto? perguntou Plutão ao Bazaruco.

—Ides ficar que nem principes. Um palheiro que parece um palacio, palha fresca para cama, porta que fecha, o que é bom por causa das preciosidades, e telhado por onde não passa chuva, o que ainda é melhor por causa dos catarrhos.

—E de comer?

—Sois servido?

E offereceu-lhe duas castanhas.

—Amanhã depois da representação, se a receita der para a ceia.

O Plutão calou-se.

O Bazaruco approximou-se de Gonçalo.

—Então? perguntou este afastando-se um pouco dos companheiros.

—Boas novas. Seu tio tem saude. Pena foi que se bandeasse para os castelhanos.

—Quem t'o disse?

—Nem elle o esconde. Vae com a maré, que já chegou a Castello de Vide.

—Ninguem te reconheceria?

—Nem minha irmã, se lh'o não dissera.

—Merece-te confiança?

—É pedra em poço. Descance.

—Arranjaste guarida para Aurelia?

—E para nós. Os outros contentem-se com o palheiro e deem graças a Deus que o não gabei demais ao Plutão.

Desde que haviam atravessado a ribeira de Niza e que a natureza mudára, Gonçalo começara a sentir avivar-se-lhe a memoria de coisas idas havia muitos an-

nos. Foi primeiro o cheiro do mentrasto, forte, agreste, que lhe trouxe felizes recordações saudosas de passeios pelas tardes de primavera á procura dos ninhos das perdizes; depois foi a giesta que começava a crescer em abundancia entre os penedos: logo no fim de fevereiro começa a encher-se de flores amarellas, pallidas, ao mesmo tempo que o tojo mancha a serra de grandes ramos intensamente doirados que se vêem de muito longe, e, como algumas acacias de flor da côr da giesta começam então a florescer, elle chamava a essa época do anno o tempo amarello, o que fazia rir as criadas; e uma d'ellas tinha uns dentes muito bonitos, e foi a primeira vez que elle teve apetite de dar um beijo em alguem. Mais adeante as rochas começavam a surdir do chão, a crescer, a amontoar-se umas sobre as outras.

Entraram n'um castanhal. A villa estava proxima.

O Bazaruco começou avivando as lembranças de Gonçalo, dizendo-lhe o nome d'aquelles casaes, mostrando-lhe ao longe uma casita branca, a queijeira, onde o pequenito ia tanta vez pela manhã beber leite de ovelha. Dizia-lhe os santos da invocação das ermidas pequeninas, muito caiadas, com as portas vermelhas, espalhadas pelo castanhal. Gonçalo reconheceu um castanheiro velho; o chão por baixo era cheio de ouriços. Sim era aquelle. Por detraz devia de correr uma pequenina fonte. Era o souto do morgado da Aramenha.

Gonçalo entristeceu.

N'uma volta do caminho appareceu-lhe a villa, com o alto castello elegante erguido no topo do monte e cá em baixo, no sopé, entre as casarias brancas encerradas na muralha, o velho solar de João Vaz, ennegrecido pelo tempo, desmantelado.

O coração bateu-lhe apressado.

— Conhece-o? perguntou-lhe o Bazaruco.

Fez um gesto que sim com a cabeça.

Aurelia caminhando adeante não desfitava os olhos d'elle. Ella, que o conhecia bem agora, adivinhava o que iria pensando, a profunda commoção que sentiria ao ver todas aquellas memorias da infancia, e como tristemente o velho solar, os soutos, os campos, os

penedos o haviam de saudar a elle que tudo perdera por causa d'ella! Ali vinha arrastado pelo seu amor ainda; tão estropiado, magro, faminto, esfarrapado!... Por culpa d'ella! Que sacrificios elle fizera! Que remorsos ella sentia!

E olhou para elle como querendo explicar-lhe o que tanto a magoava, pedir-lhe perdão, dizer que o adorava.

Gonçalo percebeu-lhe o olhar e sorriu-se agradecendo-lh'o.

Chegaram.

O dono do palheiro esperava-os desconfiado. O Plutão para ajustar o preço do aluguer assumiu os modos mais pomposos e convidou para a conferencia o Alcibiades e o Pavana, os dois de melhor conselho.

Gonçalo, Aurelia e o Bazaruco sahiram, emquanto os outros estafados se deitaram sobre a palha.

Era quasi noite, quando Aurelia e Gonçalo deixaram a casa da irmã do Bazaruco, para, emquanto esta lhes preparava os leitos e a ceia, darem uma volta pela villa.

— Dá-me o teu braço, disse Gonçalo. Se foramos felizes, era n'esse palacio velho, que ali vês, que haviamos de passar os dias mais alegres da nossa vida.

Mas falar d'uma alegria deante de Aurelia era recordar-lhe barbaramente todo o mal de que fôra culpada. Gonçalo, sentindo-a estremecer, percebeu a imprudencia que havia commettido. Olhou para ella e viu-lhe os olhos negros, muito humidos, fitarem se-lhe nos seus com uma expressão de dolorosa tristeza.

— Nunca m'o has de perdoar, disse ella.

— Dias felizes! Nem sei em que pensava, disse Gonçalo, estreitando-a contra o peito. Dias felizes...! Como se este o não fôra! Tenho-te ao pé de mim, que mais devo querer? Só por ti desejaria ainda...

Passavam pelo solar de João Vaz. O portão vermelho, que dava entrada para a loja da casa, estava entreaberto. Gonçalo espreitou para dentro. Um rafeiro arremetteu ladrando contra o maltrapilho.

— Como tudo está velho...! disse elle, sentindo mordel-o uma melancolia feita de saudades, de dó e de remorsos.

— Chita, cão! gritou de dentro uma voz.

— Vamo-nos, disse Gonçalo.

E continuou a descer silenciosamente pela rua.

Era a hora em que as mulheres voltavam da fonte. Bem aprumadas, com uma das mãos na ilharga, peitos salientes, bilhas ás cabeças, vinham cantando, aos grupos, pela ladeira acima. Versos novos no velho estylo, o mesmo que em pequeno por ali passando ouvira sempre. Cantavam em côro alegremente. O sol descia, espreitava-as por detraz dos soutos.

Fazia frio. Gonçalo tremia mal abafado na capa esboracada, já no fio.

— Demos a volta pela muralha, disse a Aurelia.

E ia-lhe mostrando os campos lá em baixo, dizendo-lhe os nomes das casas e das ermidas. Ia cheia a ribeira que serpeava entre as hortas, onde cresciam as figueiras e as nogueiras enormes. De quando em quando, entre a folhagem verde erguia-se o cimo d'um chopo, que o outomno doirara e que o inverno ainda não desfolhára de todo. Ouvia-se o sussurro das aguas saltando de pedra em pedra.

O côro das mulheres ia-se perdendo ao longe. Uma ultima, velhinha, cançada, desappareceu sob a abobada da porta de S. João. Anoiteceu.

Gonçalo e Aurelia tinham chegado ao extremo da villa.

— A casa dos nossos rivaes, disse Gonçalo mostrando-lhe o solar do Alamo.

A porta do pateo estava aberta, a casa illuminada. Os criados vestidos com a libré das côres do alcaide recolhiam na vasta cavallariça tres cavallos ricamente ajaezados, levando um d'elles uma sella de senhora coberta com um xairel de velludo bordado a oiro.

Então Gonçalo recordou-se d'aquella pequenina, sua prima, como lhe chamava, que uma vez quasi atropellara, quando passava a galope por aquelle mesmo caminho por onde iam agora.

Contou a historia a Aurelia.

Como a memoria acorda ás vezes, pela vista d'um simples objecto, tres notas d'uma canção, um ligeiro perfume! Como tinha esquecido essa pequenina a que tanto se affeiçoára que até, lembrava-se bem agora,

como iam longe esses tempos! lhe chamava ás vezes, n'uns sonhos que o divertiam, a sua noiva! Era tão gentil! Tinha uns longos cabellos pretos, ondeados, uma pelle muito branca, uma bocca muito graciosa, que se enchia de muitas preguinhas aos cantos, quando sorria... E os olhos! Uns olhos muito grandes, verdes... Verdes, sim, eram verdes!... O que elle sonhara! A sua noiva! E era um dos seus maiores prazeres lembrar-se de que um dia, reconciliadas duas familias, havia de dar o braço a uma gentil senhora, linda, com uns olhos verdes...! E' que tambem gostava d'aquelle velho alto, de grandes bigodes brancos, que por ali passava ás vezes, levando pela mão a pequenina e que deixára na India e por onde andara fama de cavalleiro. E era o grupo dos dois tão gracioso, o velho militar e ella, tão gentil, tão pequenina e já tão senhora!... Martha!

E agora contava sorrindo a Aurelia a historia do seu primeiro amor de creança, tão enlevado na alegria d'esse pensamento longinquo, que nem dava siquer pela tristeza que pouco a pouco lhe fôra a ella ensombrando o rosto, alteando a respiração, parando o olhar. A noite escurecêra tanto!

Tinham-se sentado os dois n'um banco de pedra, junto da muralha. Ouvia-se lá em baixo a ribeira cantando. Gonçalo emmudecêra, revendo sonhos. Nas janellas do solar do Alamo apagavam-se as luzes; n'uma só, muito tibiamente, por detraz das cortinas cerradas, apparecia uma ligeira claridade de vela de cêra.

Aurelia, muito calada, sentia o coração oppresso. Um vago presentimento de desgraça comprimira-lhe o peito, desde que se approximara d'aquella terra. Adivinhava como Gonçalo iria tecendo saudades, como o resto da sua vida lhe iria apparecer desgraçado em comparação d'aquelle sonho côr de rosa começado em creança e que talvez agora fosse seguindo, encaminhado no labyrintho dos pensamentos por aquelle fio d'oiro, que viera encontrar depois de tantos annos passados.

—Como deve ser linda agora...! disse Gonçalo de rijo.

Viu estremecer Aurelia.

— Tens frio? perguntou-lhe.

— Tenho. Não me sinto bem. Vamo-nos.

Gonçalo offereceu-lhe o braço. Atravessaram juntos a villa silenciosa.

Só quando chegaram a casa da irmã do Bazaruco é que reparou que Aurelia havia chorado.

— Choraste? perguntou. Que tens?

— Nada. Tambem eu sonhei, emquanto sonhaste. Mas tive um pesadelo.

— Que sonhaste então?

— Gostavas de encontrar tua prima? perguntou Aurelia.

— Decerto, respondeu Gonçalo simplesmente.

— Sonhei que me fugias.

— Tonta! disse elle beijando-a.

A ceia estava prompta. Os dois sentaram-se bem juntos um do outro e ella achou-se ainda uma vez feliz, socegada, sentindo-lhe o coração d'elle bater apressado junto ao seu.

Ao lado o Bazaruco roncava na santa paz da digestão e sonhava que tinha muitas irmãs, muitas irmãs, irmãs por toda a parte.

O mesmo, porém, não succedia a todos. No palheiro dormia-se mal. Os ventres esfaimados não deixavam socegar as cabeças e de todos os cantos sahiam suspiros dolorosos, que a insomnia arrancava até aos mais pacientes. Nenhum tinha ceado e nada mais incerto que o almoço do dia seguinte.

Muito havia que fazer ainda, antes que o palheiro se pudesse transformar para receber dignamente os illustres cavalleiros e formosas damas da villa, que pela primeira vez viriam admirar a famosa farandula do Plutão: limpar as traves das teias de aranha, onde as palhinhas dançavam ao sopro do vento; armar o tablado; dispor os bancos para os espectadores que não mandassem cadeiras; arranjar as duas barcas, a da Gloria e a do Inferno, aquella pequena, para dois passageiros, mas esta grande, com vela, cordas, remos, disposta para n'ella entrarem todos os que o Anjo na sua não quer receber. Era além d'isso preciso procurar quem emprestasse um bode ao Roldão, que não consentia que

lhe encurtassem o seu melhor papel; e não seria isso talvez facil, os proprietarios temendo a fome negra dos actores e receando que o bode fosse animar as artes por forma muito differente do disposto por Gil Vicente. O Roldão tinha de fazer as formas das botas com que havia de apparecer carregado no seu papel de *Sapateiro*, e o Plutão, que se vira obrigado a dispensar a cadeira em que o Fidalgo havia de dar entrada, não queria por forma alguma profanar com mais córtes a famosa obra sua predilecta, com que desejava honrar os nobres habitantes da celebre villa.

Por isso, logo que amanheceu, o Plutão se poz de pé, chamando todos ao trabalho.

Sabia haver n'aquella terra quem comprehendesse todo o encanto dos versos, toda a alta philosophia, a ironia finissima, a alegre moralidade da peça do grande poeta e pareceu-lhe dever mandar logo de manhã convite ás casas de João Vaz e de Militão Corrêa. Não podendo ir elle proprio por não querer abandonar os arranjos a que desejava presidir com toda a importancia do cargo de director, encarregou da missão o Florambel que, muito honrado pela confiança n'elle depositada, sahiu assumindo os ares das grandes occasiões.

O Plutão começou a dar ordens, a fazer recommendações ao Unicornio que possuia o máo sestro de aleijar sempre os trez unicos ditos que tinham na peça.

—Repara bem, repara. Eu digo:

«Despeja todo esse leito.»

Tu estás a trabalhar nos arranjos da barca e respondes:

«Em bonora logo é feito.»

E quando eu digo:

«Alija aquella driça,»

tu respondes:

«O' caça, ó ciça.»

Não dizes mais nada até que entra a Brizida.

— Qual Brizida?

— A Corisanda.
— Sim. sr. *O' caça, ó ciça!*
— Não sr. *O' caça, ó ciça,* é quando eu digo *driça.*
— Qual driça?
— A corda d'içar as velas.
— Quaes velas?
— As da barca. São duas a da Gloria e a do Inferno; a nossa é a do Inferno. Percebeste?
— Sim, sr.
— Quando entra a Corisanda, eu digo:

«Porque não vem ella já?»

— Ella quem?
— A Brizida. A Corisanda. E tu respondes...
— O' caça, ó ciça.
— Isso é antes. Agora respondes:

«Diz que não ha de vir cá
Sem Joanna de Valdeis.»

— Qual Joanna?
— O diabo! respondeu o Plutão furioso. Percebeste agora?
— Agora percebi. E eu quem sou?
— És o meu companheiro, barqueiro do Inferno.
O Unicornio ficou a resmungar para não esquecer:
— O' caça! O' ciça!... O' caça! O' ciça!...
E foi ajudar o Motreco, o Pedra e o Roldão a montar os cavaletes sobre que haviam de estender as tabuas do tablado.

A Corisanda e o Baldovinos passeavam ao longo do palheiro rosnando os papeis. Ella andava coxeando, muito atormentada pelas dores rheumaticas, exacerbadas pelo frio de toda uma noite passada sob metade da capa esboracada do marido, que, por maior desgraça, tivera o somno inquieto e estivera sempre a descobril-a. O Baldovinos, muito cheio de fome, desesperado com o papel de *Procurador,* confundia os versos todos a que não achava o sentido. O Procurador! Tres palavrinhas! Muito melhor era o papel do Carlota, que demais a mais ainda tinha um outro na peça!

Entretanto o Alcibiades e o Pavana deitavam contas ao dinheiro que podiam receber e combinavam maneira de se ver livres do arreeiro, que queria o pagamento do aluguer dos machos á custa dos primeiros ganhos.

E todos se lamentavam até o Tintas cortando as formas no papelão e o Motreco dando martelladas nas tabuas carunchosas.

O Plutão, muito digno, cheio de importancia, calando a voz do estomago, cuidava dever de vez em quando animar a sua gente. Eram martyres porque eram verdadeiros sacerdotes, incumbidos da missão sagrada de sustentaculos da arte dramatica. Como esta decrepitára desde os famosos tempos d'El-Rei Afortunado até á miseria em que se via agora!

— E se não fossemos nós? perguntava de braços cruzados, cabeça erguida, cheio do papel de salvador.

E depois fazia um gesto tragico, recuava uns passos, apontava para o chão com o dedo muito comprido, muito magro, d'olhos fitos, com a expressão aterrorisada de quem vê um espectro:

— A morte!...

Era preciso coragem, confiança.

— Demais sabeis, companheiros, que ainda ha quem nos prese pelo nosso valor. Em muita casa fidalga temos sido recebidos como verdadeiros principes.

— As fidalgas! As fidalgas! murmurou o Baldovinos com um suspiro.

O Motreco riu-se.

— Pelo que te deu a viuva do licenceado... Um annel de cabello!... Que presente!

— Foi em todo o caso uma honra, disse o Plutão, que, desde que não pagava, queria estar bem com todos. Ainda ha pouco em Niza...

— Boa terra, d'onde sahimos a pontapés! disse o Carlota.

— Porque vos portastes mal, comendo e não pagando.

— Com quê? perguntou o Pedra muito espantado.

— Por mim não me queixo, continuou o Plutão. Aquelles ricos lavradores receberam-me como a principe ou como se tivera, pelo menos, prerogativas de

cavalleiro. Eu e Corisanda, cuja boa educação nos dá ingresso em todos os salões, se nos não sentavamos á mesa da familia, não era de certo porque ignoremos as regras do bem viver, ouvir, calar a proposito, conversar sobre assumptos varios, levar a comida á bocca e todos os mais preceitos da fina educação da côrte. E' que o serviço era todo de prata e...

O Tintas pôz-se a rir.

— De prata!

— De prata! repetiram todos com inflexões incredulas.

— Perdão, disse o Plutão offendido. Eu não costumo mentir. Aqui tendes a prova.

E tirou da algibeira uma colher, que mostrou triumfante.

O Alcibiades deu um grito de alegria. Todos perceberam. Aquella colher era o almoço.

O Plutão não teve remedio senão entregal-a ao Roldão, que pouco depois entrava com meia duzia de pães, um pedaço immenso de toicinho, uma borracha com vinho e um bocado de presunto, que espalhou pelo palheiro um aroma delicioso, como nunca ventas de famintos haviam aspirado nos mais opulentos jardins.

Era quasi noite quando se acharam terminados os preparativos para a representação. O palheiro achava-se illuminado com tijellas onde um grosso pavio de estopa ardia no meio do cebo. João Vaz mandára uma esmola avultada dizendo que não podia comparecer. Militão tomára quatro logares, mandando collocar na primeira fila as cadeiras d'espaldar, com o famoso brazão dos Corrêas aberto no couro.

Logo que o Bazaruco chegou, perguntou quem viria das duas familias. Quando viu as cadeiras na primeira fila, deixou, pensativo, cahir o beiço.

— Ora queira Deus... resmungou.

Eram quasi horas de começar. O palheiro enchia-se de espectadores. O Plutão dava as ultimas ordens.

— Logo que S. S.^{as} chegarem, daremos principio á representação.

Era costume velho d'elle dar sempre *Senhoria* aos primeiros da terra. Animava muito a gente.

E por detraz do panno fazia as ultimas recommendações.

— Cuidado com os SS, dizia ao Florambel.

O Carlota estava ainda, já vestido de mulher, a escanhoar-se defronte do espelho. A cabelleira loira estava incapaz.

—Vède, vède, dizia elle ao Plutão, mostrando-lhe as calvas immensas.

Fóra augmentava o borborinho da multidão. O fumo provocava as tosses.

O Pedra passeava com o fato de maltrapilho com que se havia de apresentar em scena.

— Então hoje? perguntou-lhe o Plutão.

— Bem, respondeu o Pedra.

Nunca sabia os papeis; era um inferno. Sempre lhe faziam aquella pergunta: — «Que tal?» E respondia sempre: — «Bem.»

O Bazaruco estava encarregado de soprar a peça. Relia-a mais uma vez, mas tremia distrahir-se. Aquella mulher dos olhos verdes...! O que se iria passar?... Se ella não viesse...! Quatro cadeiras, era a conta. O sr. Militão, o sr. Martim, a D. Lourença e ella.

Aurelia appareceu vestida de branco, com os cabellos negros cahidos pelas costas, duas azas pregadas no collete. Gonçalo pouco depois entrava vestido de cavalleiro da Ordem de Christo.

— Como estás linda! disse-lhe baixinho.

Ella sorriu-se.

— Sabes que vem tua prima?

— Sim; disse elle com a cabeça. Tens ciumes?

Aurelia sorriu-se tristemente.

Ouviu-se fóra um tenir de espadas.

— Cada qual ao seu logar! gritou o Plutão.

Era a familia do alcaide que entrava. Houve um momento de respeitoso silencio.

Os quatro sentaram se nas cadeiras que para elles haviam disposto.

A representação começou.

O Tintas trabalhára o dia inteiro, e soubéra sahir-se do encargo a contento do Plutão. A vista figurava um profundo braço de mar entre altos rochedos. Os dois bateis na praia. Junto d'um d'elles estava Aurelia que

representava o arraes do céo. Gonçalo contemplava-a occulto atraz d'um reprego. Nunca lhe parecera tão linda. O arraes do céo! Como lhe ficava bem aquella tunica tão alva apenas ligeiramente apertada á cintura, os bastos cabellos esparsos pelas costas entre as duas azas muito brancas! Junto do batel do Inferno estavam o Plutão e o Unicornio. O Bazaruco atraz d'um outro reprego apontava os papeis. D'onde estava via Martha, sentada na primeira fila entre a tia D. Lourença e Militão.

— É aquella...! Ora queira Deus...

O Plutão vestido de diabo, com dois formidaveis chavelhos na testa, pés de bode, grandes barbas, a cara toda mascarrada, começara fallando ao companheiro:

— Á barca, á barca, hou lá,
Que temos gentil maré.
Ora venho a caro a ré;
Feito feito, bem está.
Vae ali muitieramá,
E atesa aquelle palanco,
E despeja aquelle banco
Para a gente que virá.
Á barca, á barca, hu!
Asinha, que se quer ir.
Oh! que tempo de partir!
Louvores a Berzebu.
Ora, sus! que fazes tu?
Despeja todo esse leito.

O Unicornio não respondeu logo. O Bazaruco soprou-lhe:

— Em bonora logo é feito.

O actor disse o verso.
Continuou o Plutão:

— Faze aquella poja lesta
E alija aquella driça.

O Bazaruco soprou:

— O caça, ó ciça,

Mas o Unicornio, fiado na sua sabedoria, na certeza de não enganar-se, muito ufano do saber, declarou logo:

> — Diz que não ha de vir cá
> Sem Joanna de Valdeis.

O Plutão fez um gesto de desespero e na rodela mascarrada com rolha a simular olheiras o Unicornio viu os olhos do mestre a scintillarem de raiva.

Mas já o Florambel dava entrada em scena vestido de fidalgo e o Diabo dirigira-se ao novo personagem.

O Unicornio foi tratar dos arranjos da barca, pensando:

— Foi parvoiçada com certeza. Logo emendo.

E dizia o Diabo:

> — Oh! que caravella esta!
> Põe bandeiras, que é festa:
> Verga alta, ancora a pique.
> Ó precioso Dom Anrique!
> Cá vindes vós? Que coisa é esta?

O Florambel não respondeu logo. Tinha a theoria dos grandes silencios. Além d'isso sabia que entre os espectadores alguns estavam que tinham visto as melhores companhias na côrte d'El-Rei de Portugal e até nas estrangeiras. Sentia postos n'elle os olhos de todos os espectadores. O Plutão esperava. O Florambel tomava posições. Por fim disse:

> Efta barca onde vai ora
> Que afim eftá aperfebida?

Uma gargalhada estrondosa eccoou no palheiro. O Militão Corrêa estorcia-se na cadeira. O Florambel tinha as costas viradas para o companheiro do Diabo que estava no batel içando a vela.

— Que demonio faria o Unicornio que se puzeram todos a rir? pensou elle.

Entretanto o dialogo continuava. O Bazaruco distrahido a olhar para Martha deixou de apontar. Quando o Florambel falara, ella sorrira. O Bazaruco conhecia o amo; por uma bocca d'aquellas onde não iria! Era

linda com effeito a menina dos olhos verdes. Olhou para Aurelia e sentiu opprimir-se-lhe o coração.

Mas o Plutão calára-se. Aproximou-se afflicto do reprego.

— Bento! Ó Bento!... Então...?

O Bazaruco continuou a apontar.

— Em que esperaes ter guarida?

E respondeu o Florambel:

— Que deixo na outra vida
Quem rese sempre por mi.

— Quem rese sempre por ti?
Hi! Hi! Hi! Hi! Hi! Hi! Hi!
E tu viveste a teu prazer,
Cuidando cá guarecer
Porque resam lá por ti?

O dialogo continuou até que o Fidalgo vendo que não é comprehendido pelo Diabo vae ter com o Anjo.

Perguntou este:

— Que mandaes?

Gonçalo sempre occulto atraz do reprego contemplava Aurelia enlevado. Porque andava ella tão triste, se tão linda assim nunca a vira? Um anjo descera do ceu com effeito, anjo que lhe trouxera ao coração dorido todo o balsamo consolador d'um affecto. Aquellas duas palavras tão simples pareceram-lhe musica divina. Era o arraes do ceu quem falava.

Dizia o Florambel:

Venha a prancha e o atavio;
Levae-me d'esta ribeira.

Aurelia estava de pé sobre o banco da prôa. Alta, toda vestida de branco, tinha a apparencia d'uma visão. Não se ouvia um sussurro entre os espectadores. Todos olhavam attentos, enlevados.

Respondeu o Anjo ao Fidalgo:

—Não vindes vós de maneira
Para entrar n'este navio.
Ess'outro vae mais vazio,
A cadeira entrará,
E o rabo caberá,
E todo vosso senhorio.
Ireis lá mais espaçoso,
Vós e vossa senhoria,
Contando da tyrannia,
De que ereis tão curioso.
E porque de generoso
Desprezastes os pequenos,
Achar-vos-heis tanto menos,
Quanto mais fostes fumoso.

O Plutão poz-se a cantar com a voz muito quebrada:

— Vos me veniredes á la mano,
A' la mano me veniredes:
Y vos veredes
Peixes nas redes.

Entretanto o Bazaruco espreitava para fóra. O Militão dissera um segredo a Martha que ficara olhando para Aurelia. Sorriu se, disse que sim com a cabeça. O Bazaruco adivinhou a pergunta:—«E' linda não é?» Aurelia, muito pallida, não desfitava os olhos, ainda um pouco avermelhados pelas lagrimas, d'aquella mulher que a contemplava muito meigamente, sorrindo-lhe com o olhar...

O Fidalgo escorraçado pelo Anjo voltára para junto do Diabo.

—Mas esperae-me aqui;
Tornarei á outra vida
Ver minha dama querida,
Que se quer matar por mi.

—Que se quer matar por ti?

—Isto bem certo o sei eu.

—O' namorado sandeu,
O maior que nunca vi!

—Era tanto seu querer
Que me escrevia mil dias.

—Quantas mentiras que lias,
E tu morto de prazer!

—Para que é escarnecer,
Que não havia mais no bem?

—Assim vivas tu, amen,
Como te tinha querer.

—Isto quanto o que eu conheço.

—Pois estando tu 'spirando
Se estava ella requebrando
Com outro de menos preço.

—Dá-me licença, te peço,
Que vá ver minha mulher.

—E ella por não te vêr
Despenhar-se-ha d'um cabeço.
Quanto ella hoje rezou,
Entre seus gritos e gritas,
Foi dar glorias infinitas
A quem a desabafou.

O Bazaruco continuava sempre a apontar distrahido. Não havia cadeira nem moço e os versos que a este o Diabo tem de dirigir haviam sido cortados pelo Plutão. O Bazaruco continuava a ler, o Plutão embaraçado calou se. Então o Alcibiades, julgando que já tardava, entrou d'um pulo em scena. Fazia o Onzeneiro.

— Oh! que barca tão valente!
Para onde caminhaes?

—Oh! que má hora venhaes,
Onzeneiro meu parente.
Como tardastes vós tanto?

—Mais quizera eu tardar.
Na safra do apanhar
Me deu Saturno quebranto.

O Alcibiades era dos peiores da companhia do Plutão. Emquanto falava com este, que lhe explicava para onde ia o batel, os espectadores distrahiram-se. Alguns

levantavam-se; olhavam para traz. Um disse para outro que estava longe, encarrapitado n'uma escada, muito alto, suffocado pelo fumo, que subia para o telhado:

— Eh! Mano! Tens aqui logar ou ficas ahi curado que nem chouriço em fumeiro.

O outro desceu, emquanto todos riam.

O Onzeneiro fôra ter com o Anjo; queria ir para o Paraizo.

— Pois cant'eu bem fóra estou
De te levar para lá.
Ess'outra te levará:
Vae para quem te enganou.

— Porque?
— Porque esse bolção
Tomára todo o navio.

— Juro a Deus que vai vasio.

— Não já no teu coração.

O Onzeneiro voltou a querer convencer o Diabo.

— Hou lá, hou demo barqueiro,
Sabeis vós no que me fundo?
Quero lá tornar ao mundo
E trazer o meu dinheiro,
Que aquell'outro marinheiro,
Porque me vê vir sem nada,
Dá-me tanta borregada
Como arraes lá do Barreiro.

Emfim conformado, entra no batel onde já estava o Fidalgo.

—«Santa Joanna de Valdez!

O Unicornio, ouvindo falar em Joanna de Valdez, cuida que vem agora o dito a proposito e berra, muito ufano e pressuroso.

— Diz que não ha de vir cá
Sem Joanna de Valdeis.

O Alcibiades indifferente ao pouco exito que obtivera, continuou, saltando para o batel:

— Cá é Vossa Senhoria?

Mas o Florambel é que estava furioso. O Unicornio havia-lhe affirmado que nada havia feito quando elle entrara e que até estava de costas viradas. Então porque se haviam rido aquelles nescios? E foi deveras sentido que disse ao Onzeneiro:

— Dá ao demo a cortezia.

Entrou o Motreco, saudado pelos espectadores com uma gargalhada. Muito pequenino, carcunda, com as pernas tortas, muito risonho, a cara mascarrada, corria pelo tablado, com muitos esgares:

— Hou d'aquella!

Fazia o Parvo. E, quando começou a contar de que triste molestia de intestinos havia morrido, eram tantas as gargalhadas, que até D. Lourença, afflicta, punha o lenço na bocca, envergonhada de que a vissem rir tanto e já arrependida de ter accedido aos rogos do irmão, trazendo Martha.

O Parvo acabára de saudar o Diabo com mil injurias e terminara emfim chamando-lhe

Perna de cigarra velha,
Pelourinho da Pampulha,
Rabo de forno de telha.

Fôra immenso o exito do Motreco. O Florambel sentado no barco junto do Alcibiades não podia conter-se. Voltara-se contra o Gil Vicente, cuja graça principal consistia em escrever obscenidades.

O Parvo fôra ter com o Anjo.

— Hou da barca!

— Tu que queres?

— Quereis-me passar além?

— Quem és tu?

— Não sou ninguem.

— Tu passarás, se quizeres;
Porque em todos teus fazeres
Por malicia não erraste;
Tua simpreza te abaste
Para gozar dos prazeres.
Espera entanto por hi;
Veremos se vem alguem
Merecedor de tal bem,
Que deva de entrar aqui.

Emquanto Aurelia falava, o Bazaruco espreitava Martha. Mudara toda a expressão de sympathia com que primeiramente olhara para o Anjo. Agora distrahida, parecia absorta em algum pensamento triste, longe, muito longe d'ali.

Entrara entretanto o Tintas carregado com as fôrmas de sapateiro e começara a discutir com o Diabo, que prompto lhe mostrou como lhe conhecia a vida e os enganos de que vivêra.

— Embarca-te, eramá para ti,
Que ha muito já que te espero.

— Digo-te que re-não quero.

— Digo-te que si, re-si.

Mas, logo depois, convencido pelo Anjo, que o diz escripto no caderno das ementas infernaes, volta para o Diabo.

— Pois, diabos, que aguardaes?
Vamos, venha a prancha logo,
E levae-me áquelle fogo;
Para que é aguardar mais?

O Bazaruco deixou o papel e pegou na viola. Entraram o Pavana vestido de Frade e o Carlota de Moça. Vinham dançando e o Frade fazia a baixa com a bocca. A dança era uma das melhores prendas do Pavana e do talento lhe viera o sobrenome. O Carlota acompanhava-o com dedicação e os espectadores riam ao ver como o Frade alçava a perna e arregaçava o habito, emquanto a Moça mostrava sob o vestido bordado as grossas botas estrompadas, cheias de lama.

Falou o Diabo:

—Que é isso, padre? Que vai lá?

—*Deo Gratias.* Sam cortezão.

O Bazaruco largara a viola e pegara outra vez no papel. Martha continuava distrahida. Nem siquer applaudira a dança do Pavana com que tanto se alegrára Militão. Em que pensaria? Talvez no guapo cavalleiro que uma noite por ella expuzera a vida na charneca do Alemtejo. Ou já esquecida...?

O Bazaruco não estava contente. Verdade era que Gonçalo nem siquer falava já n'aquella celebre menina dos olhos verdes. Mas iria vel-a d'ali a instantes, dentro d'um quarto d'hora...

E entretanto Gonçalo continuava ali perto embriagado na contemplação da formosura do Anjo. Logo havia de embarcar n'aquelle batel. O seu arraes...!

Aurelia olhava para Martha. Como era encantadora! Como era meigo aquelle olhar! Como Goncalo lhe falára da prima! Porque se calára depois? Em que ficára pensando por tanto tempo ao lado d'ella? Dentro em poucos instantes iria vel-a... Em que estaria pensando agora?

Olhou para o lado em que o sabia estar esperando o momento de entrar e viu-lhe os olhos como que deslumbrados fitos nos d'ella. Um sorriso triste illuminou-lhe o rosto.

Dentro em poucos instantes iria vel-a...!

O Pavana obtinha exito egual ao do Motreco. Este e o Tintas, sentados na barca, riam dos ciumes do Florambel.

Dizia o Frade:

—Corpo de Deus consagrado!
Pela fé de Jesus Chisto,
Que eu não posso entender isto:
Eu hei de ser condemnado?
Um padre tão namorado
E tanto dado á virtude!
Assim Deus me dê saude,
Que estou maravilhado!

Não queria acreditar no que o Diabo lhe dizia.

— Como! por ser namorado
E folgar c'uma mulher,
Se ha de um frade de perder,
Com tanto psalmo resado?

Mostrava ao Diabo as prendas que tinha.

— Dê Vossa Reverencia lição
D'esgrima, que é coisa boa.

E o Pavana poz-se a esgremir. O Militão approvava com a cabeça.

— Que me praz, demos caçada.
Então logo um contra sus,
Um fendente, ora sus:
Esta é a primeira levada.
Alevantae a espada;
Mettei o diabo na cruz,
Como o eu agora puz.
Sahi co'a espada rasgada,
E que fique anteparada.
Talho largo, um revés;
E logo colher os pés,
Que todo o al não é nada.
Quando o recolher se tarda,
O ferir não é prudente.
Eia, sus, mui largamente,
Cortae na segunda guarda.
Guarde-me Deus d'espingarda,
Ou de varão denodado;
Mas aqui estou guardado,
Como a palha na albarda.
Saio com meia espada.
Hou lá! guardar as queixadas!

— Oh! que valentes levadas!

— Inda isto não é nada.
Dêmos outra vez caçada.
Contra sus, ora um fendente;
E, cortando largamente,
Eis aqui a sexta guarda.
D'aqui se sai c'uma guia,
E um revés da primeira:
Esta é a quinta verdadeira.

Oh! quantos d'aqui feria!
Padre que tal aprendia
No inferno ha de haver pingos?
Ah! não praza a S. Domingos
Com tanta descortezia.
Prosigamos nossa historia,
Não façamos mais detença.
Dae cá a mão, Senhora Florença,
Vamos á barca da Gloria.

E em passo de dança, dando a mão ao Carlota, que, saracoteando-se, arrastava a longa cauda do vestido da senhora Florença, o Pavana dirigiu-se a Aurelia.

— *Deo gratias!* Ha cá logar
Para minha Reverença?
E a Senhora Florença
Pelo meu ha lá de entrar.

Mas o Anjo nem baixou os olhos para o Frade criminoso. Foi o Parvo quem lhe respondeu.

—Andar muitieramá!
Furtaste esse trinchão, Frade?

E disse o Frade:

— Senhora, dá-me a vontade,
Que este feito mal está.
Vamos onde havemos d'ir.
Praza a Deus co'a ribeira!
Eu não vejo aqui maneira
Senão emfim concrudir.

O Plutão, que se afastara para fazer calar o Motreco e o Tintas que mofavam do Florambel, gritou de longe:

— Padre, haveis logo de vir.

O Frade offereceu outra vez a mão á senhora Florença.

—Si, tomae-me lá Florença,
E cumpramos a sentença:
Ordenemos de partir.

E sempre dançando, fazendo a baixa com a mão, subiu com Florença para a barca do Inferno.

Dera entrada a Corisanda. Pela maneira de vestir, pelos modos, pela doçura do sorriso, pelo ar de santidade com que a todos parecia querer metter no coração, se adivinhava que mister exercera em vida, Brizida Vaz, que entrou falando:

—Hou da barca! Hou lá!

Disse o Diabo:

—Quem me chama?

—Brizida Vaz.

—Eia, aguarda-me, rapaz.
Porque não vem ella já?

O Bazaruco soprou ao Alcibiades:

—Diz que não ha de vir cá
Sem Joanna de Valdeis.

Mas o Alcibiades disse muito seriamente para os outros que estavam na barca:

—Já o disse duas vezes e foi sandice. Em terceira não caio.

O Bazaruco tornou a soprar:

—Diz que não ha de vir cá
Sem Joanna de Valdeis.

Mas de repente sentiu um empurrão nas pernas, que o fez cahir com a cara sobre o tablado. Era o Carlota, que, tendo de vestir-se de Corregedor, se safava de gatas, para que o não vissem. O Bazaruco soltou uma praga.

Entretanto o Alcibiades atrapalhado dizia ao Motreco:

—Não o disse ainda agora, digo-o agora.

E, voltando-se para a Corisanda, disse-lhe com um ar muito fino:

—Ó ciça! Ó caça!

O Plutão e a Corisanda não sabiam o que haviam de fazer, emquanto o Bazaruco atraz do reprego se levantava com difficuldade, praguejando sempre, com as mãos no ventre, onde tinha sido a força da pancada.

Finalmente a Corisanda lembrou-se e disse baixinho ao Plutão, que o repetiu de rijo:

—Entrae vós e remareis.

E ella, muito dengue:

—Não quero eu entrar lá.

E o Diabo imitando-lhe os modos:

—Que saboroso arrecear!

E, quando lhe perguntou o que havia de embarcar com ella e Brizida Vaz começou ostentando o precioso rol do muito que a recommendava, as gargalhadas novamente estrugiram no palheiro cada vez mais afinando a paciencia do Florambel com que o Tintas, muito serio, parecia estar de accordo. O Bazaruco, que n'esse momento se levantara, pegando novamente no papel, viu D. Lourença muito grave, com o ar muito desconfiado, o nariz cahido, raivosa mordendo os beiços. Martha continuava indifferente, absorta em seus pensamentos, como se não visse o tablado nem o que em volta d'ella se passava.

Zangada com o Diabo, Brizida Vaz fôra ter com o Anjo.

— Barqueiro, mano, meus olhos,
Prancha a Brizida Vaz.

— Eu não sei quem te cá traz.

— Peço-vo-lo de giolhos.
Cuidaes que trago piolhos,
Anjo de Deus, minha rosa?

E continuou a apregoar as prendas:

— Passae-me por vossa fé,
Meu amor, minhas boninas,
Olhos de perlinhas finas;
Que eu sou apostolada,
Angelada e martelada
E fiz obras mui divinas.
Santa Ursula não converteu
Tantas cachopas como eu,

Todas salvas pelo meu,
Que nenhuma se perdeu;
E prouve áquelle do céo
Que todas acharam dono.
Cuidaes que dormia eu somno?
Nem ponta! E não se perdeu.

Aurelia só por vezes desviava o olhar de Martha para fital-o amorosamente em Gonçalo que lhe continuava a sorrir. Estava já proxima a entrada d'elle e Aurelia parecia-lhe estar ali assistindo ao botafóra da sua felicidade. Dentro em poucos minutos iria elle ver a sua prima, tão encantadoramente linda, a primeira mulher que lhe fizera vibrar o coração. E comtudo havia tanto tempo! Até elle a havia esquecido... Mas o que soffrêra depois! Sorria-se ainda para ella. E na saudade da tepidez d'aquelle amor, chegava-se para aquelle sorriso, para ir mais aquecida para o frio, que previa. Se mais alguma vez ainda lhe havia de sorrir assim?

Emquanto Aurelia scismava, subíra Brizida Vaz para a barca dos condemnados e entrara o Roldão com o bode ás costas. O Judeu não se dirigia a ella; o dialogo era apenas entre o Diabo e o Parvo. Aurelia continuou a remexer na ferida o punhal, achando um estranho goso no retalhar do proprio coração. E cada vez mais empallidecia ao pensar como Gonçalo seria feliz... se não fosse ella.

O Parvo accusava o Judeu:

— E comia a carne da panella
No dia de Nosso Senhor.

O Diabo atalhou depressa a discussão. O Judeu era dos menos teimosos.

— Ora sus, dêmos á vela.
Vós, Judeu, ireis á toa,
Que sois mui ruim pessoa.
Levae o cabrão na trella.

Entrou novamente o Carlota, mas agora vestido de Corregedor, com grandes barbas, como quasi todos usavam para seus papeis. Como fôra sacristão em tempos e por isso devia de saber latim, o Plutão incumbira-o do personagem, aliás mal desempenhado.

Os espectadores haviam-se distrahido outra vez, pouco interessados com o latim do Carlota.

O Diabo examinava a consciencia do Corregedor.

— *Non est tempus*, bacharel;
Inbarquemini in batel,
Quia judicasti malitia.

— *Semper ego in justitia*
Feci, e bem por nivel.

— E as peitas dos judeus,
Que vossa mulher levava?

— Isso eu não o tomava;
Eram lá percalços seus.
Non sunt peccatus meus,
Peccavit uxor mea.

— *Et vobis quoque cum ea:*
Nemo timuistis Deus.
A largo modo *acquiristis*
Sauguinis laboratorum,
Ignorantes peccatorum
Ut quid eos non audistis.

—Vós, arraes, *nonne legistis*
Que o dar quebra os penedos?
Os direitos estão quedos,
Si aliquid tradidistis.

Faltava apenas para terminar a questão entre o Corregedor e o Diabo que aquelle encontrasse o Procurador, seu companheiro de burlas na vida. Chegou o Baldovinos. Sempre que desempenhava aquelle papel enchia-se de raiva, tanto mais que nem uma só vez tinha de dirigir-se a Florisbella, cuja frieza o molestava e o humilhava na paixão que o máo genio do Galaor o obrigava a solapar. Eram cinco ditinhos apenas. Vinha ali dizer que havia morrido sem confissão.

Perguntava-lhe o Corregedor:

— Confessaste-vos, doutor?

E elle respondia:

— Bacharel sou. Dou-me ao demo!
Não cuidei que era extremo,
Nem de morte minha dor.
E vós Senhor Corregedor?

— Eu mui bem me confessei;
Mas tudo quanto roubei
Encobri ao confessor;
Porque, se o não tornaes,
Não vos querem absolver,
E é mui máo de volver
Depois que o apanhaes.

Aquella quadrinha era o melhor do papel, e o Baldovinos não percebia a graça que achavam ao Motreco, quando este lhes dizia:

—Hou homens dos breviairos,
Rapinastis coelhorum
Et pernis perdigotorúm

O Corregedor dirigia-se ao Anjo:

—Anjos, não sejaes contrairos,
Pois não temos outra ponte.

E dizia o Parvo:

—*Beleguinis ubi sunte,*
Ego latinus macairos.

Riam todos, o que desesperava o Baldovinos.

Estava a chegar o momento de Gonçalo dar entrada. Aurelia olhava para elle. Nem siquer dera pela sahida do Procurador e do Corregedor, que o Diabo mandara saltar para dentro da barca. Já o Pedra, muito medroso, pouco confiado na memoria, estropiava o papel do Enforcado, sempre com o olho no Bazaruco, que ia deitando, a cada verso que apontava, um olhar inquieto para a sala. Gonçalo dava uma ultima vista d'olhos ao fato remendado e concertava a cabelleira. Pensaria elle em Martha, que sabia dever estar alli? Aurelia tremia; percorria-a um frio glacial; sentia esvair-se-lhe a vista. Gonçalo sorria-lhe placidamente. Era ella por emquanto, sim, ella quem lhe occupava o pensamento. Por emquanto. Agora. Mas logo...? Logo...?

O Pedra, muito estupido, sem a menor consciencia do que dizia, recitava os versos de Gil Vicente:

— Pezar de San Barrabaz!
Se Garcia Moniz diz

Que os que morrem, como eu fiz,
São livres de Satanaz!
E disse que a Deus prouvera
Que fôra elle o enforcado,
E que fosse Deus louvado
Que em bo'hora eu nascêra,
E que o Senhor me escolhêra,
E que por meu bem vi beleguins:
E com isto mil latins
Como se eu latim soubera.
E, no passo derradeiro,
Me disse aos meus ouvidos
Que o logar dos escolhidos
Era a forca e o Limoeiro:
Nem guardião de mosteiro
Não tinha mais santa gente
Como Affonso Valente,
O que agora é carcereiro.

E perguntava o Diabo, muito risonho da boa carga que levava a Satanaz:

— Dava-te consolação
Isso, ou algum esforço?

— Co'o baraço no pescoço
Mui mal presta a prégação.
Elle leva a devação,
Mas quem ha de estar no ar
Aborrece-lhe o sermão.

O Bazaruco tremia. Era chegado o momento de entrar o amo. Deveriam ser quatro fidalgos, como dizia a rubrica da peça, cavalleiros da Ordem de Christo, mortos nas partes d'Africa, os quaes deveriam vir cantando a quatro vozes; mas um só havia na farandula que pudesse desempenhar o papel a contento do Plutão e um corte na peça do pequeno dialogo entre o Diabo e dois dos cavalleiros tinha permittido a economia de tres fidalgos.

Gonçalo esperava. De cabeça erguida, a cruz de Christo ao peito, escudo no braço, na mão direita a espada nua, era o perfeito typo do cavalleiro que representava.

— Deus te abençôe, pensou o Bazaruco.

E disse o Diabo:

— Este foi bom de embarcar.
Eia, todos apear,

Que está em sêcco o batel.
Vos, doutor, bota batel;
Fidalgo, saltae no mar.

E, emquanto os condemnados obedeciam ás ordens do Diabo, Gonçalo dava entrada cantando. Aurelia enviava-lhe um sorriso triste como um adeus.

Gonçalo cantava:

—Á barca, á barca segura,
Guardar da barca perdida,
Á barca, á barca da vida!
Senhores, que trabalhaes
Pela vida transitoria,
Memoria, por Deus, memoria
D'este tenebroso caes.
Á barca. á barca, mortaes!

Mas no meio da canção, Gonçalo deu com os olhos em Martha. Não trazia barbas nem traço algum no rosto. Ella reconheceu-o. Ergueu-se um pouco na cadeira.

— Que tens? perguntou-lhe D. Lourença.

Martha não respondeu. Com os olhos, como de doida, fitos em Gonçalo, arquejante, parecia-lhe que outra vez assistia, mas agora accordada, ao desenrolar do sonho que tivera. Sim; era assim que ella o vira por mais d'uma vez em suas visões febris; era assim que elle vinha com a espada nua, livrar-lhe a alma do negro carcere em que vivia. Era aquelle o seu rosto, aquelle o seu olhar. Morrêra nas partes d'Africa e vinha cantando, fitando n'ella os olhos negros.

Foi quando Martha se ergueu que Gonçalo a avistou. Ella! Era ella! Sem desviar d'ella o olhar, adeantou-se dois passos, quasi até á borda do tablado.

Militão ergueu-se. O Bazaruco afflicto deitou meio corpo para fóra do reprego.

Gonçalo tremia. Embriagava-o a luz verde dos olhos de Martha. Era ella, a pequenina a quem uma vez beijára a mão, a fada que primeira espertara em seu coração infantil uma suave luz de aurora; era ella, a meiga visão, anjo da guarda na longa noite que atravessára.

E continuava cantando, sem desfitar d'ella os olhos.

E foi para ella, estendendo lhe os braços, que disse os ultimos versos da canção, cheio de magua immensa:

— Porém na vida perdida
Se perde a barca da vida.

Martha erguêra-se allucinada, deu um grito, cahiu nos braços da tia.

Os espectadores estavam todos de pé, olhando cheios de curiosidade. Os actores, desde que Gonçalo fizera o primeiro movimento para se approximar de Martha, olhavam perplexos, esquecidos da scena que representavam.

Aurelia não se movêra. De pé, á prôa do barco, toda de branco, com os longos cabellos negros esparsos entre as azas nitentes, ergueu, no silencio a que o pasmo obrigava todos, a voz branda e meiga.

Aquella voz!

Gonçalo sentiu como que uma punhalada no peito.

Dizia o Anjo:

— Ó cavalleiros de Deus,
A vós estou esperando,
Que morrestes pelejando
Por Christo, Senhor dos céos.
Sois livres de todo o mal,
Santos por certo sem falha,
....
....

A voz pouco a pouco ia-se-lhe apagando...

Militão disse em voz alta:

— Affligiu-se... Este cavalleiro d'Africa... Levemol-a d'aqui.

E ergueu Martha nos braços.

Aurelia tremia, cambaleava. Os actores correram para ella; mas foi Gonçalo quem a amparou, doido, sempre olhando para Martha que, no meio da confusão dos espectadores, sahia levada pelo tio.

E foi quasi ao ouvido de Gonçalo que Aurelia disse o final do seu papel de Anjo:

— Que quem morre em tal batalha
Merece paz eternal.

— Porém na vida perdida
Se perde a barca da vida.

CAPITULO XV

Quem tem amores

Noite em claro. O que lhe estava reservado, ali, n'aquella terra, onde passára os melhores annos da vida! E havia de ser sempre assim! Não podia o pobre homem julgar-se bem, gosar na vida uns instantes de socego, que não viesse a má sorte arruinar-lhe quantos castellinhos de vento n'um desejo de paz e tranquillidade ia construindo!

Recapitulava na memoria os ultimos annos.

Corria branda a vida em Coimbra, boas mezadas do sr. João Vaz, vinho de primeira qualidade, trabalho pouco, noites tranquillas, compridas sestas. Que lindos passeios ao longo do Mondego, ouvindo cantar as cachopas, de saias arregaçadas, enchendo as bilhas na agua corrente! E elle com o olhar muito terno...! O vinho da Beira! O vinho da Beira! Uns annos venturosos que passaram rapidos, logo equilibrados no prato da desventura por aquella fuga precipitada, aquelles horrorosos dias em Lisboa, sem dinheiro, sem vinho, ás vezes sem abrigo! Voltára a sorte a sorrir-lhe trazendo-lhe aos braços o corpo de Ayres Gomes desmaiado

e ás mãos a bolsa recheada do judeu. E deu, cheio de gratidão, uma lembrança á Marianna a Santa. Foram mais uns dias rapidos a marcar com pedra branca. Logo depois a fuga atravez do Alemtejo, o encontro dos bandidos... Não, decididamente elle, Bazaruco, não nascêra para ser feliz. Era aproveitar a sorte, quando esta lhe apparecesse, certo do rifão que diz que um dia não são dias; e em materia de venturas é elle para lembrar, quando recommenda — não deixes para ámanhã o que pódes fazer hoje. Ainda então por felicidade o Padre Manuel... Que santo homem!... E a Feveronia?... Porque haviam de ter encontrado ali aquella triste rapariga...? Coitadinha! A má vida recomeçara. E agora que toda a fraterna caridade do coração da santa velhinha, sua mana... Que havia muito que o Bazaruco precisava d'um pequenino descanço. Santa irmã! Como o ella recebêra! E agora? Agora?... Onde iria parar agora?

Noite em claro. O ouvido sempre á escuta.

Trouxera Aurelia quasi em braços para casa, e eram aquellas horas e Gonçalo não apparecia...! Que seria feito d'elle?

Toda a noite chovêra. Passava a enxurrada cantando pela porta do Bazaruco e elle sentia-a galgar lá em baixo em cascata as escadarias da porta de S. João.

— Lindo tempo para versos! Que será feito do senhor meu amo?

Cantaram gallos.

— E' quasi manhã. E o sr. Gonçalo Vaz devaneando...! Sempre se me afigurou coisa triste um poeta molhado.

Sentiu um profundo gemido no quarto ao lado, onde a irmã dormia com Aurelia.

— Pobre Florisbella! Parece-me que já cantaste o teu ultimo papel.

Ouviu a irmã falar baixinho, sentiu-lhe os pés nus a andarem sobre os ladrilhos, o vasar a agua da bilha no pucaro e, pouco depois, a voz muito fraca de Aurelia:

— Mercês.

— Tem febre, coitadinha, pensou o Bazaruco.

A luz expirava na candeia. O Bazaruco tinha frio. Foi á cosinha e voltou com um naco de pão de centeio

e um pedacinho de paio que cheirou com soffreguidão. Encheu de vinho o pucarinho de barro novo.

—Coitadinha! Se mais lhe não valêra ter casado com o tal christão novo ou até morrer de fome por esses caminhos... Mas que tenho eu com isso? Não foram os meus conselhos sempre...?

Não concluiu o raciocinio e esvasiou o copo com um grande suspiro de satisfação.

Já que a má sorte mais uma vez lhe mostrava as sombras do futuro, mandava a sã philosophia que aproveitasse o presente. Que palliativo, que consolação poder beber um bom trago d'aquelle vinho novo, tão claro, que cantava tão alegremente no pucarinho, emquanto, ao som da chiadeira, as bolhinhas dançavam!

E, sempre na mesma idéa philosophica, tornou a encher o pucarinho.

Deram uns primeiros chilros muito tristes uns pardalitos escondidos na telha vã, onde se abrigavam da chuva.

—Olá! É tarde, disse o Bazaruco.

Abriu o postigo. Começava a romper a manhã. As nuvens accumulavam-se por detraz da serra, que, n'aquelle fundo muito escuro, parecia mais proxima. Por entre uns rasgões appareciam bocadinhos de céo azul, muito frio, onde empallideciam as ultimas estrellas.

E o amo sem voltar!

O Bazaruco sahiu, fechando muito brandamente a porta para que o não ouvissem.

O poeta era capaz de ter passado a noite debaixo do balcão rendilhado, gemendo endeixas... Um catharro certo.

Que se não fossem aquellas luctas das duas familias... Terras pequenas! Os dois partidos sempre dispostos para o combate...

Aquelle disse de mim;
Eu digo do meu visinho:
Meu visinho faz o ninho
Nas coisas que hão de ter fim...
Mettei-me o mundo a caminho...!

E era assim, como dizia o Chiado. Falam comadres... Que ali andava errado o rifão. Quem lhes cortára a

lingua a todos, que não inventavam senão mentiras, que mal não havia a dizer nem contra o sr. João Vaz, seu amo, nem tampouco contra aquelle espelho de cavallaria...

Mettei-me o mundo a caminho!

O facto era que a lucta, que durava havia seculos, promettia continuar e mal iria o sr. Gonçalo Vaz se se lembrasse de revelar a alguem quem era e porque andava fugido, pobre, miseravel... Eram até capazes de esquecer como elle, para salval-os, havia arriscado a pelle. Odio velho. Odio de sangue.

Não tardou que encontrasse o amo. No lusco e fusco matutino descobriu-lhe a sombra. Estava sob as janellas de Martha, embrulhado na vasta capa esboracada, de chapéo na mão, cabello ao vento.

—Andas ervilhado, amigo, pensava o Bazaruco.

E approximando-se:

—Que é isto, senhor! Tão só!
Farão vossos pensamentos
Dez mil castellos de ventos?

Gonçalo estremeceu áquella voz.

—Caluda! Vês? Ainda não dorme.

E apontou para uma das janellas do solar, onde apparecia uma luzinha frouxa.

Estava encharcado. A capa pingava. A agua escorria-lhe dos cabellos.

—Santa noite para contemplação dos astros, disse o Bazaruco. Vento, chuva, sem contar com a trovoada que dentro em pouco ha de estalar.

—Quero falar-lhe, disse Gonçalo, como não attendendo ás observações do escudeiro.

—A quem?

—A ella! A Martha, que me ama! Que ventura, Bazaruco. Não a viste, quando entrei? Martha... ama-me!

—Onde já vai V. Mercê!... Pois assim tão...?

—Não a viste? Não viste como...? Aquelles olhos! aquelles olhos que por tanto tempo me perseguiram em sonhos bons! E não a soube reconhecer...! Martha! Que luz a dos teus olhos! E assim pude esquecer...!

Tremia de frio.

O Bazaruco, farto de aturar as paixões do amo, já lhes não dava o devido peso. Por isso poz-se a cantar:

—De vuestros ojos centellas,
Que encienden pechos de hièlo,
Suben por el aire al cielo
Y en llegando son estrellas.

Gonçalo não tirava os olhos d'aquella janella alumiada. A villa acordava e ranchos de trabalhadores desciam pelas ruas ingremes em direcção ás portas.

—Vi-a outra vez ali, dizia elle ao Bazaruco, apontando para a janella. Toda a noite ali esteve. Se eu a vi... ! Tinha os olhos fitos no céo. Se eu a vi... ! Escondera-me. Não dormiu toda a noite. Porquê? Se tu soubesses... ! Não dorme quem tem amores. E, quando eu entrei na scena e ella olhou para mim... ! Os olhos de Martha! Era quasi madrugada, quando uma outra senhora a veiu buscar e levou quasi nos braços para dentro... Ainda luz á janella. Não dorme ainda.

—Está todo molhado, meu sr.! disse o Bazaruco piedosamente. Começa a gente a ir para o trabalho. Venha deitar-se. Conversaremos em casa. Deve de beber alguma coisa quente. Isto d'homem andar assim arcado ..

Metteu-lhe o braço, foi-o arrastando.

Passaram pela casa de João Vaz. Um homem sahiu a cavallo n'uma mulinha fogoza. Metteu a trote pela calçada.

—Olá! disse o Bazaruco. Conhece-o?

Gonçalo, embebido em seus pensamentos, não respondeu.

—Aquelle homem! O alemtejano que é por D. Felippe!

Gonçalo encolheu os hombros.

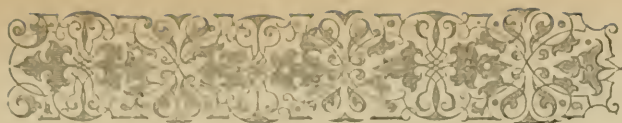
—É pois certo... ! pensou o Bazaruco.

Entraram em casa.

A velhinha appareceu á porta da alcova.

—Schiu... ! disse. Adormeceu agora. Toda a noite esteve ardendo em febre.

—Quem? perguntou Gonçalo.

—Schiu... ! disse o Bazaruco. Se não dormiu toda a noite... ! Não dorme quem tem amores.

CAPITULO XVI

O segredo

Logo que Martim Corrêa poude abrir caminho entre os espectadores, Militão trouxe para o ar livre a sobrinha quasi desmaiada.

D. Lourença, que os seguia afflicta, não poude conter-se.

— Um verdadeiro castigo de Nosso Senhor. Assim se leva uma donzella, duas, a vêr coisas capazes de fazer córar...

Mas Militão e Martim não lhe responderam. Martha respirava mal e, com os olhos entreabertos apenas, murmurava:

— Elle!... Elle!

Amparada pelo tio e pelo pae, caminhou até casa. Ao vel-a entrar, D. Rosa começou gritando em altos berros. Nunca assim a vira tão pallida, tão desfeita. Foi preciso que Militão zangado a mandasse calar.

D. Lourença resava e fazia promessas a S. Roque, á Senhora da Penha, a todos os santos e santas da sua devoção em Castello de Vide.

— Martha, vais melhor? perguntou-lhe o pae afflicto, sentando-a n'uma das cadeiras da sala.

Respirou fundamente. Não respondeu.

Militão afagava o bigode.

— Não é nada. Descança, irmão. Uma cabecinha que não pára e depois... Deixa-a. Amanhã conversaremos com ella, que nos explicará...

E, voltando-se para D. Lourença que continuava a resmungar:

— O' mana, pelo amor de Deus, deixe de lamentar-se. Foi uma triste idéa, foi. Deveria ter-me lembrado que um cavalleiro morto lá nas partes d'Africa... No mais não se queixe do auto, que foi representado na camara da virtuosa rainha D. Maria estando ella enferma do mal de que morreu. Não queira ser mais santa do que ella, que, segundo contam, rio ás gargalhadas.

— Bem sei; dizem. Mas a santa rainha não morreu donzella, e nós...

Martha voltára a si. Olhava para todos com os olhos sem pensamento. Levou a mão ao peito como se sentisse um cançasso immenso.

— Estás melhor? perguntou-lhe outra vez o pae.

Disse que sim com a cabeça e depois com um gesto: — não foi nada.

— Bem, bem, disse Militão. Essa tua cabeça anda-me sempre a ferver... Vai deitar-te, filha. Acompanhe-a, sr.ª D. Rosa. E hoje poucas palestras; sobretudo não lhe conte de romances...

Martha beijou o pae.

— Sim. Quero estar só.

— Dorme, minha filha.

— Sim.

Sorriu-se para o tio e, encostada ao hombro da aia, entrou nos aposentos.

— Elle! Era elle! dizia tremendo.

Na sala Martim e Militão ficaram conversando.

— Que terá Martha? dizia Martim ainda afflicto. Não lhe ouviste dizer quando sahimos da representação: — «Elle!... Elle!»

— Sabes quem? perguntou Militão sorrindo.

— Quem?

— Cabecinhas d'avelã! Põem-se a sonhar, a sonhar e tão crentes andam nos sonhos, que até eu... que até me pegaram a molestia. Saberás que tua senhora filha não pensa n'outra coisa, por outra não anceia senão pela volta d'El-Rei D. Sebastião.

— Que dizes! exclamou Martim. Se nunca em tal me falou!

— E' que ella sabe... que não sabes. Não conheces o prazer enorme de suppôr que uma estrella desce e serve de nucleo ao teu novello, onde vais enrolando, enrolando os fios d'oiro que a fantasia te vai tecendo. E' um prazer que ás vezes, quasi sempre, se transforma em funda desgraça quando a desillusão... Manda a sã razão que nunca a deixemos chegar. Assim foi toda a minha vida e ha de ser a de tua filha. Tu foste sempre um homem serio, gosaste a vida sem nunca temer desillusões. Bem hajas. Deu-te Deus o que alguns chamam juizo. Nós precisamos que nos deixem.

— Dizes então que Martha...?

— Só tem um pensamento: a volta d'El-Rei. Parece que a historia que Braz de Pina vos contou...

— Loucuras. Tudo nos prova que El-Rei falleceu ás mãos dos barbaros.

— Tudo nos prova! exclamou Militão espantado d'aquella certeza com que o irmão falava.

Martim sorriu-se.

— Queres discutir comigo? Não confessaste agora mesmo que eras sonhador?

— Perdão, disse Militão offendido. Se falei em sonhos, poderia tambem ter falado nos motivos muito serios com que posso defender as minhas opiniões. Martha tem sobretudo confiança em Deus que, parece-lhe, nem tanto abandonaria a nossa patria que assim deixasse aluir o throno dos reis d'Aviz.

— Da geração d'Aviz são portuguezes, a Duqueza de Bragança e o Prior do Crato.

— Bem sei. Deus nos assista.

— Já vês portanto...

— Mas, além d'isso, Martha venera D. Sebastião como a santo. Vê n'elle mais que o ungido do Senhor e quasi um emissario de Christo, Senhor Nosso. Pois Deus havia por suas proprias mãos?...

E Militão influido não pararia de falar se não fosse o ver o sorriso de Martim, que lhe perguntou:

—E tu?

—Tenho razão como a tem Martha. Não me convenço tão facilmente, mas na realidade...

E, mudando de assumpto, não desejando ser desmentido nas razões que apresentasse:

—Ora aquelle desastrado moço que fez os quatro cavalleiros, que cantam no fim do auto...

—Desastrado lhe chamas? Pareceu-me até...

—Chamo-lhe pela occasião em que entrou. Aquelle vestuario de cavallario de Christo, o escudo, a espada nua...

—Tinha um olhar altivo. Reparaste?

—Tanto peior.

—Uns modos de cavalleiro.

—Todos os actores...

—Não. Aquelle distinguia-se entre os mais.

—Não reparei. Logo que entrou... Um cavalleiro com aquelle habito, morto nas partes d'Africa...! Vês que havia de affligir Martha, trazendo-lhe á lembrança o pensamento que mais afasta.

Martim poz-se a rir.

—Sabes o que tudo isso nos prova? Se aquelle coração anda tão cheio de saudades d'El-Rei...

—Ainda não falou por certo.

A sombra d'uma duvida passou pela fronte de Militão Corrêa, que ajuntou vagarosamente, como reflectindo:

—A não ser que...

—Se é tão nova...! disse Martim.

—Sim, sim. Apenas dezanove annos. E linda como é...

—Nem em tal reparou talvez. Santa innocencia!

—Tens razão. Se soubesses em que pensei agora...! Santa innocencia. Vamo-nos deitar. Já vês que não é nada de cuidado.

—Uma creancice...

—Uma cabecinha levantada.

Sahiram. Ao passarem pelo quarto de D. Lourença, bateram-lhe á porta.

—Boas noites, minha senhora mana.

—Boas noites, manos. Deus vos faça uns santos.

Seguiram pelo corredor nos bicos dos pés. Ao passarem pelo quarto de Martha, escutaram. Tudo em silencio.

—Já dorme. Boas noites, mano Martim.

—Boas noites, mano Militão.

Aquietou-se tudo no solar.

E os tres velhos adormeceram socegados, julgando em socego o coração de Martha.

Em socego!

D. Rosa, no quarto, nem se atrevia a falar.

Até que finalmente! Sim. Outra coisa não podia ser. Mas quem haveria na villa...?

E, costumada tambem a sonhar, poz-se a fantasiar que um nobre cavalleiro havia chegado e querido, atrahido pela fama da belleza de Martha, vel-a n'aquella mesma noite, um cavalleiro, que vinha talvez de terras longes e houvesse atravessado as Hespanhas, um principe talvez.

Martha nada dizia. Parecia-lhe que uma cinta d'aço lhe apertava a cabeça. Tremia de medo, sentia esvair-se-lhe a razão. Soffria immenso e nunca talvez, nunca, houvesse tido prazer egual ao d'aquelle soffrimento. Era um medo delicioso, um desmaiar que era uma caricia.

Era elle...! Elle...!

D. Rosa apurava o ouvido. Elle quem? Finalmente tinha vibrado aquelle coração que tão insensivel parecia. Os olhos de Martha fixavam-se na luz e enchiam-se de pontos luminosos como estrellas a fulgurarem n'um lago côr de esperança.

O cavalleiro dos seus sonhos...! Era assim, assim tal qual, que ella o via sempre agora! O sonho tomara corpo e elle, cheio de gloria, a caminho da gloria eterna, viera ali dizer-lhe aquelles versos, ebrio d'amor, tristemente:

> Porém na vida perdida
> Se perde a barca da vida.

A realidade valia agora mais que o sonho. Era elle! Tinha-o visto, e elle amava-a!

O coração batia-lhe apressado. Martha respirava a custo.

Sentiu os passos do pae e do tio afastarem-se pelo

corredor. Esperou por momentos ainda que no solar tudo aquietasse.

A chuva batia violentamente na vidraça. Soprava rija a ventania.

Martha precisava d'ar. Abriu a janella.

—Que faz, senhora? perguntou D. Rosa afflicta.

Martha afastou-a com um gesto.

A aia deixou-a. Bem conhecia tudo aquillo. Fôra nova; assim passara muita noite soffrendo e chorando... E agora que saudades...! Sentia a curiosidade a roel-a e ao mesmo tempo um vehemente desejo, que era uma tortura, de, entrando n'aquelle segredo, remexer bem fundo no coração de Martha e servir-lhe de piloto amestrado no mar tenebroso em que ia entrar com toda a innocencia d'um primeiro amor.

Martha olhava para o céo. D. Rosa poz-se a observar o caminho, a vêr se descobria alguma sombra nas trevas opacas da noite.

Pareceu-lhe que sim; pareceu-lhe até que o vento lhe trazia um suspiro...

Porque olhava Martha para o céo tão negro a vêr correr as nuvens? Tanto haviam de correr que haviam de sumir-se, que haviam as estrellas de brilhar.

Passaram-se horas. O vento abrandou. Uma tenuissima claridade deixou vêr na serra a ermida muito caiada da Senhora da Penha.

—Vamos, menina, disse D. Rosa abraçando Martha. Ámanhã tornará a vel-o. Venha, venha deitar-se.

Martha deixou-se levar nos braços da aia. Tremia de frio. D. Rosa despiu-a, metteu-a na cama, sentou-se ao lado d'ella, segurando-lhe as mãos carinhosamente.

Os olhos de Martha foram-se cerrando pouco a pouco. D. Rosa collocou um livro adeante da vela para que a luz não viesse offendel-os. Martha sorria. Entrava no sonho.

—Elle...! Era elle...!

D. Rosa apurou o ouvido.

Vinha rompendo a manhã. Apagou a luz. Mal respirava.

—El-Rei...! murmurou Martha.

D. Rosa sahiu do quarto com o coração a bater, a bater...

—El-Rei...!

CAPITULO XVII

Escudeiro e Aia

PASSARAM-SE dias e Florisbella não melhorava. Entretanto o Plutão não se queixava da sorte. O dinheiro obtido na unica representação da *Barca do Inferno* fòra muito mais que o supposto e, como João Vaz e Militão Corrêa, em tudo rivaes até na caridade, haviam promettido protegel-o, o Plutão passeava pelas ruas da villa descuidado e feliz, assegurando para breve, se Florisbella continuasse doente, uma representação do *Juiz da Beira*, em que a Corisanda se tornava notoria no papel de Anna Dias.

Passeava, bebia, comia e, de quando em quando, dava generosamente aos outros companheiros alguns vintens do muito que lhe sobrava. Assumia grandes ares e tinha gestos largos para dizer qualquer coisa nas lojas. Quando entravam nas tabernas, elle e a Corisanda, comiam sempre em mesas separadas.

Se alguem falava de Florisbella, assobiava por entre dentes. Havia de melhorar. N'aquella edade... Um ataque de ciumes. A Corisanda inclinava-se para algum

mau olhado, beberagem talvez que lhe déra alguem. E desde então olhava com maus olhos para o Baldovinos.

Iam recordando o *Juiz da Beira*, em que Florisbella não tinha papel. Galaor, o grande Galaor do Plutão, tambem não entrava na peça; as farças não eram da sua especialidade. Florisbella havia de melhorar e o Plutão promettia aos mais affeiçoados da grande arte uma tragi-comedia, obra prima d'um amigo seu.

Continuava chuvoso o tempo.

A velha Melicia, irmã do Bazaruco, sempre cuidadosa, passava os dias junto de Aurelia, procurando em carinhoso conchego e na dedicação da mais terna amizade, abrandar-lhe a dôr, que via ir-lhe pouco a pouco tecendo a mortalha. Era uma santa velhinha, que, mais pelo coração que pela razão, adivinhava o soffrimento a cujo remedio dedicára todas as forças bondosas da sua alma simples. Agradecia-lh'o Aurelia com um sorriso muito triste de seus labios descórados. Melicia trazia-a para junto da porta da casa, sentava-a sobre uma almofada, abafava-a, conchegava-a bem, e, ao pé d'ella, sempre que podia, tentava adivinhar o teimoso pensamento d'aquelles olhos negros, brilhantes, enormes, que olhavam profundamente tristes para as pedras da calçada em que a chuva batia.

Vivia Gonçalo no deslumbramento do seu amor pela prima. Nem siquer lia a supplica dolorosa d'aquelle olhar que implorava como esmola uma compaixão que os labios não se atreviam a pedir. Se ás vezes distrahidamente o amante lhe dirigia uma frase mais doce, se lhe vinha á bocca um sobrenome carinhoso para chamal-a, voltava-lhe ao rosto um bocadinho de côr, sorria, animada por uma esperança, que breve se apagava.

Incapaz de resistir ao impulso do coração, Gonçalo nem se demorava a investigar que profundo misterio o obrigava assim, no egoismo cruel de quem ama e nada vê além do seu amor, a não conservar na lembrança juramentos que fizera, saudades que padecêra, alegrias que o animaram. Esquecêra completamente os transportes da sua alma ao encontrar, pobre e desamparada, fiel a sua Aurelia. Gosára tranquillamente, du-

rante mezes, a certeza de ser amado, sonhára com ella uma vida immensa, feliz e sem cuidados, perfumára a sua alma desconsolada na essencia inebriante da paixão d'essa mulher, a ella conchegára sua alma no frio do abandono, em seus beijos achára a força para a vida, a coragem para a lucta. Agora que não precisava d'ella abandonava-a. O remedio na miseria, atirado para o lado na opulencia. E os olhos deslumbrados de fitarem o sol, encandeados pela luz, não viam, no canto escuro d'aquella casa miseravel, a mesquinha que implorava um bocadinho de dó, uma velha frase de ternura deixada cahir como esmola dos labios distrahidos.

O Bazaruco explicava o caso a seu modo. Alcatruzes. Qual de baixo, qual de cima. A nora a chiar era o poeta a cantar endeixas. O boi era elle.

Porque afinal quantos tombos levára na vida todos devia ao fragil coração de seu amo e senhor.

Deus lhe désse juizo, que até já o encontrára disposto a revelar a Martha quem era e toda a sua historia, esquecido da antiga rivalidade das familias e de que, se ali andava feito histrião, devia-o a uma tentativa de homicidio e roubo contra Ayres Gomes, homem do Cardeal, espião do Santo Officio.

O Bazaruco coçava a cabeça desesperadamente. Fazia-lhe pena ver ás vezes tão sandeu seu amo, que desejára considerar seu superior em tudo.

Soubesse primeiro se Martha o amava, pelo menos tanto como aquella, que, por muito o amar, se definhava ali. Depois faria o que entendesse, que, valesse a verdade, melhor era ser esposo da sobrinha do morgado do Alamo do que andar atraz da carreta do Plutão calcando lama, a contemplar os olhos bellos da primeira actriz.

O que o Bazaruco sobretudo desejava era a propria tranquillidade e por isso acabava sempre os monologos com o costumado: — Mas que tenho eu com isso?

Entretanto, apesar de todos os esforços e de chamar em seu auxilio toda a sã razão, que lhe dictava a fraze do costume, sentia o coração estalar de dôr ao pensar na desventurada Aurelia. E' que elle bem sabia quanta dedicação, quanto amor, quanto sacrificio lhe devia o amo. Por isso se desgostava quando este, expansivo

como um ebrio, vinha desabafar com elle as alegrias da sua esperança.

Tão despoticamente o dominava o amor, tão areado o trazia Martha, que nem, passando pelo decrepito solar de João Vaz, sentia de magua apertar-se-lhe o coração. Pobre velho, que tanto o amára, quasi como a filho, que tantas esperanças puzera n'elle e para quem tão ingrato fôra, para quem tanto o era ainda agora talvez, que nem uma sombra vinha manchar-lhe o azul purissimo em que um só astro brilhava.

Bem sabia elle que na lucta, que breve se havia de travar entre portuguezes, encontraria o tio no campo contrario. E que lhe importava? Se a sua alma tinha uma sensibilidade só, um só pensamento, um só desejo!

Mal rompia a madrugada, Gonçalo sahia de casa. A's vezes só alta noite voltava! Vinha faminto. Pedia ao Bazaruco que lhe desse alguma coisa de comer, depressa. Deitava-se vestido sobre a cama, excitado.

Não tornára a avistar Martha desde aquella noite em que a vira, fitos nos seus os olhos d'ella, desfallecer pouco a pouco.

Não lhe mentira aquelle olhar!

Em toda a villa se falava na subita indisposição, que accommettera a sobrinha do alcaide ao fim da representação do auto. Todos ignoravam as verdadeiras causas da doença de Martha; mas sabia-se que esta nunca mais sahira do quarto e que, apesar dos cuidados de D. Lourença e das diligencias do phisico, passava cheia de febre as noites.

Gonçalo todas as madrugadas sahia, dizendo um adeus distrahido a Aurelia, que o saudava apenas com o olhar, os labios já não tendo forças para mentir. Corria para debaixo das janellas do Solar do Alamo, pedindo á sua boa estrella que mais uma vez lhe deparasse o vulto encantador de Martha.

Julgava por vezes ver estremecer os cortinados. Pareceu-lhe até um dia avistar as pontas formosas de dois dedos côr de rosa. Mas, ao gesto que fez para approximar se, fechou-se a nesga entreaberta das cortinas.

E assim passava os dias, parte da noite ás vezes.

O Bazaruco conversava com a irmã.

— Toda a noite esteve inquieta, contava esta. Senti-a gemer, afflicta, muito baixinho para não me acordar ou talvez para que lhe não adivinhasse o segredo. Como se fôra difficil...! Pela madrugada, quando o sentiu sahir, ouvi-a chorando, dizendo palavras, mas tão baixo, tão baixo, que a não pude perceber. A's vezes, depois que é dia, adormece uns bocadinhos, mas sempre inquieta, sempre como se pesadêlos horriveis a viessem mortificar.

— Coitadinha! dizia o Bazaruco, migando pão no caldo verde.

— A's vezes fala de rijo ... Não sei o que diz.

— Deixal-a dormir.

— Não sei se mais lhe vale que a acorde. Ao menos tem-me a mim, que tenho dó d'ella.

O Bazaruco encolhia os hombros.

—E' mal que lhe ha-de passar.

E sentia remorsos d'aquelle mentir com que tentava enganar-se e á irmã.

— Ou não passará! Quando se levanta, não póde com a cabeça. Não se queixa; mas passa a mão pela testa sempre a escaldar. Já não sei o que lhe hei de fazer para ver se come um bocadinho. Por mais que eu faça ... Senta-se ali a ver chover ... sem dizer nada. Se me chego ao pé d'ella, agradece-me. Hontem até me beijou a mão! Pobre menina!

E Melicia limpava os olhos ao avental.

— Mas que terei eu com isto? perguntava a si proprio o Bazaruco muito commovido.

Esvasiava o pucarinho e sahia pouco contente para espreitar o amo.

Lá estava.

Assim passaram dias até que se espalhou pela villa, amedrontando os habitantes, que João Folão com sua quadrilha viera fazer proezas quasi ás portas de Portalegre. Contavam-se historias pavorosas. Um rico lavrador fôra assaltado em meio da sua gente com que voltava do trabalho e preso em refens de grossa quantia exigida. Solto no dia seguinte, dissera ter sido levado pelos salteadores para a serra de Marvão, a que dera busca com a sua gente o alcaide de Portalegre inutilmente. João Folão, segundo affirmava um cabreiro, junto

do qual havia passado com a sua tropa, dirigira-se para o sul. Os alcaides combinaram dar-lhe combate e Martim Corrêa, vendo o irmão impossibilitado, tomára o commando da parte do terço julgada sufficiente para anniquillar de vez o João Folão e dez quadrilhas que fossem.

Reunira-se no largo em frente do solar a maior parte da população da villa, desejosa de assistir á partida da gente de Martim Corrêa.

Entre a multidão passeavam Bazaruco e Gonçalo, esperançado este em ver Martha, que decerto não deixaria de vir despedir-se do pae, e aquelle prompto a evitar qualquer loucura, que o amo desvairado pudesse tentar. O coração de Gonçalo estremecia. Iria vel-a decerto.

O terço estava formado dentro do pateo, onde só tinham entrada os mais intimos da casa. A gente apinhava-se em frente do largo portão guardado por trez criados com a libré do alcaide. Os cavallos relinchavam. Dois moços seguravam as redeas do cavallo de Martim Corrêa. Os homens de pé davam uma ultima vista d'olhos ao armamento.

Appareceu o Plutão. Cada vez mais vaidoso, com a capa traçada, bem levantada a aba do chapeu, onde reluzia a pluma branca arrancada ao capacete do Amadis, falava d'alto, dando grandes passadas, afastando a gente com os cotovellos bicudos.

Desejaria entrar e ver de mais perto.

Avistou Gonçalo e o Bazaruco. Fez-lhes um gesto chamando-os.

—Entrareis commigo.

E, assumindo os melhores ares, muito apparatoso, disse aos criados, apresentando-se:

—D. Plutão.

E mostrando-lhes Gonçalo e o Bazaruco:

—Suas Mercês veem commigo.

Os criados afastaram-se cumprimentando até abaixo. Os trez entraram no pateo.

N'esse momento Martim Corrêa assomava ao alto da grande escadaria. Martha, D. Lourença e D. Rosa acompanhavam-o. Desceram com elle. Militão parou no terraço. Não queria que a sua gente o visse mal

podendo arrastar as pernas quasi completamente tolhidas com aquelle maldito tempo. Já que a falta de saude o impedira de acompanhar o irmão, queria pelo menos admirar o garbo, o denodo da sua tropa, bisonha quasi toda, que o melhor d'ella ficára em Alcacer; mas, apesar da falta de experiencia, galharda, promettendo não desmerecer da fama que o terço dos Corrêas alcançara em toda a provincia.

—A' fé, que não sei para que são tantos, disse Militão.

Verdade era que ninguem sabia ao certo quanta gente trazia agora João Folão ás ordens, e difficil era o ataque, porque o celebre salteador, profundo conhecedor da arte da guerra, procurava sempre, para sua defeza e esconderijo, os pontos mais difficilmente accessiveis das serras penhascosas.

Mal avistou Martha, Gonçalo, deixando o Plutão, approximou-se da escada, seguido pelo Bazaruco que lhe segurava a capa.

—Veja lá o que faz, sr.! Veja lá o que faz!

Gonçalo parou entre a gente, que rodeava Martim, que de todos se despedia.

Vinha este garbosamente vestido, com a cruz de Christo bordada na seda do gibão. D. Lourença olhava para elle desvanecida, tendo sempre dedicado amor especial ao irmão mais novo, cuja sisudeza, contrastando com a extravagante leviandade de Militão, a seduzia a ponto de julgar Martim Corrêa o mais perfeito cavalleiro da côrte. Martha muito pallida encostava-se ao braço do pae e D. Rosa seguia-a, comprimindo muito os beiços para melhor guardar o seu segredo.

Martim saudou a irmã tirando o barrete.

—Deus lhe assista, disse esta.

Abraçou Martha.

—Dentro em poucos dias voltarei, minha filha. Quero ver-te boa de todo. Hoje estás melhor, não é verdade, Martha?

—Melhor, sim, meu pae.

—Quero ver-te novamente com as tuas lindas côres n'esse rosto.

Beijou-a ternamente.

—Adeus, filha.

Pegou-lhe na cabeça, encostou-a á sua. N'esse movimento, Martha deu com os olhos em Gonçalo. A pallidez augmentou, comprimiu um grito. Martim sentiu-a desfallecer nos braços.

—Que tens? disse amparando-a.

Gonçalo ia a soltar um grito.

—Martha!

O Bazaruco com a mão abafou-lh'o na bocca.

Gonçalo corria para ella.

—Sr. que faz?

O Bazaruco susteve-o pela capa.

D. Rosa, muito attenta, vira tudo, para onde se dirigira o olhar de Martha e o movimento de Gonçalo para approximar-se d'ella.

Era pois aquelle...!

—Então, Martha? dizia Martim. Porque não socegas, filha? Que receio tens? Os peloiros nunca me chegaram e não ha-de ser ás mãos de miseraveis salteadores... Vamos, filha, que tens?

Martha reabriu os olhos que logo novamente procuraram Gonçalo. O Bazaruco afastava-o para longe. Felizmente só elle e D. Rosa haviam percebido o que tão rapidamente ali se passára.

—Deixa-me disse Gonçalo. Juro-te que saberei conter-me.

—Leve-a, mana, disse Martim a D. Lourença. Que loucura, minha tonta...!

—Deus o leve em bem, meu pae.

Martim ajudado pelos criados, um segurando-lhe as redeas do cavallo o outro apresentando-lhe o estribo, subiu para a sella. Saudou novamente os amigos, enviou com os dedos um beijo a Martha, que ia subindo a escada amparada por D. Lourença, e, fazendo um gesto com a espada desembainhada, poz-se a caminho á frente da tropa.

O povo no largo acclamou-o.

Martha subia a escada nos braços da tia, procurando sempre com o olhar os olhos de Gonçalo.

—Ama-me tambem! Ama-me! dizia este enlevado.

Sahiu rapidamente.

O Bazaruco ia a seguil-o.

D. Rosa approximou-se d'elle.

— Conheço-o, meu senhor, disse ella.
O Bazaruco parou espantado, afflicto.
— Conheceis-me...!
— Desde ha pouco.
— Então, senhora, por Deus vos peço...
— Socegue. D. Rosa Rodrigues sabe guardar um segredo.
O Bazaruco, cada vez mais afflicto, temendo qualquer loucura de Gonçalo, não sabia o que havia de fazer, se seguir atraz do amo, se implorar a D. Rosa para que nem uma palavra dissesse que pudesse compromettel-os.
— Nas vossas formosas mãos estamos, minha senhora.
D. Rosa fez-se córada que nem uma cereja.
— Comprehende que meu amo...
— Não tenho senão que respeitar as augustas determinações de tão alto senhor. Se não quer revelar seu nome, algum motivo d'alto interesse o obriga.
— D'alto, muito alto, acudiu logo o Bazaruco.
— Mas quanto é meu, d'esta humilde serva, o meu proprio sangue...
— Senhora! disse o Bazaruco espantado. Para que quererá meu amo o sangue da velha? pensou.
— Conte comigo.
— Agradeço-vos, sr.ª D. Rosa. Meu amo saberá pagar-vos a discrição e a dedicação que lhe mostraes.
— Não quero premios, disse D. Rosa tremente de jubilo. Um purissimo affecto...
— Já sei, pensou o Bazaruco. E' a queda que todas as velhas teem para mim.
E aprumou-se fazendo o gesto de retorcer os bigodes, que já não tinha.
— Esse gesto o revela, disse D. Rosa. Bem vejo que os cortou para melhor disfarce.
— Mas como soubestes...?
— Sou um instrumento salvador nas mãos da divina Providencia.
O Bazaruco começou a suspeitar que a dama ensandecera; mas na vida aventurosa que levava, aquella mulher poderia ser um thesouro.

— Conversaremos mais largamente um outro dia. Esta noite, se vos apraz. Sois formosa, D. Rosa Rodrigues.

— Senhor! disse ella ruborisada.

— Ha muito que senhora tão gentil...

D. Rosa baixára a cabeça pudibunda.

— Comprehendo bem que nos aduares d'Africa...

— Agora os aduares..! pensou o Bazaruco cada vez mais espantado.

— Sou viuva d'um escudeiro morto em viagem para a India. Pouco tempo fui casada. E desde então... Ah! Senhor! porque assim me entontece V. S.ª?

O Bazaruco cumprimentou. Aquella *Senhoria* chegara-lhe ao coração.

— E' mina talvez para muito tempo, pensou elle. A minha pobre irmã precisa descançar.

D. Rosa, com os braços cahidos, as mãos cruzadas, os olhos postos no chão, esperava que o Bazaruco falasse.

— Meu amo a quem dedico todo o affecto...

— Desde ha muito, senhor?

— Desde a sua infancia. Melhor amigo nunca teve nem mais fiel companheiro.

— Ah! bem me dizia o coração! Agora sim, agora sei quem é V. S.ª! exclamou D. Rosa, juntando as mãos, jubilosa.

— Pois não sabieis ainda...?

— Apenas quem era vosso amo.

N'este momento Gonçalo tornou a apparecer ao portão. Parou, encostou-se á hombreira, com os olhos fitos na porta por onde Martha desapparecêra.

— Está doido, pensou o Bazaruco. Vamos contel-o.

E, cumprimentando rasgadamente D. Rosa:

— A vossos pés, senhora.

E baixinho, com o olhar muito terno:

— Até logo. A meia noite. No muro do jardim.

D. Rosa, muito vermelha, murmurou:

— Tudo farei por Sua Alteza e por V. S.ª, sr. Christovam de Tavora.

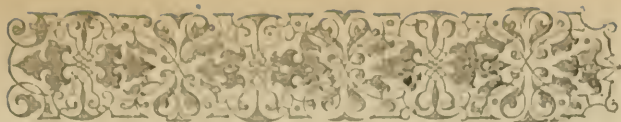
O Bazaruco ia cahindo.

Gonçalo chamou-o:

— Bazaruco!

Traçou a capa, ergueu a aba do chapeu e disse baixinho ao ouvido de D. Rosa:

— Em vossas mãos formosas está a sorte do reino.

E cumprimentou com taes ademanes e sahiu com ares taes, que o Florambel e o Plutão, se o vissem, enfiariam ambos de inveja.

CAPITULO XVIII

A musica

Que modos são esses, Bazaruco? perguntou-lhe Gonçalo. Parece que vais representando alguma tragicomedia.

—Não sei; mas creio que sim. E agora cuidado; já com esse *Bazaruco* ia V. Mercê estragando o meu castello de ventura.

—Novos amores?

—Que quer, meu senhor? Tal amo...

—Falemos a serio.

—Nunca V. Mercê me encontrou para mais avisado lhe falar. O Bazaruco morreu.

—Bazaruco!

—*Requiescat in pace.*

—Não me encontras hoje de molde... Não a viste ha pouco...?

—Vi.

—Quasi teve um novo deliquio!

—Tambem vi.

—E como eu a adoro!

—Sei.

—E ella tambem... sabes?
—Tambem sei.
—Subindo a escada, viste? Olhava para mim... Que ventura, Bazaruco!... Escuta.
—Escute V. Mercê primeiramente.
—E' preciso que eu torne a vel-a.
—Não tornará se me tornar com a alcunha.
—Que lhe fale.
—Não falará, se eu não falar.
—Que lhe oiça dizer-me...
—Não ouvirá, se me não ouvir.
—Bazaruco, estou doido!
—Grande nova me traz V. Mercê! Se o não estivera ter-me-hia attendido, em vez de gastar tanta palavra.
—Se soubesses como a adoro...! Daria a minha vida...
—Se V. Mercê houvesse dado a sua vida metade das vezes que o tem dito, já estaria morto ha muito, ainda que tivesse sete folles como os gatos.
—Já mais alguma vez me viste amando assim?
—Não, senhor, nunca! disse o Bazaruco com ar de convencido.
E estendeu a mão ironicamente, como se jurasse sobre os santos evangelhos.
—E tu ris, e não vês... Ella!... Martha!
—A filha do sr. Martim Corrêa, a qual sabendo que o sr. Gonçalo é o sr. Gonçalo Vaz...
E repetiu o appellido ferindo a syllaba:
—Vaz.
—Bem sei. Que importa? Acima d'uma estulta lucta de familias...
—Está a vontade do sr. Alcaide.
—Mas se a adoro, se presinto que vou morrer, se ella... Olha, Bazaruco...
—E V. Mercê a dar-me a alcunha! Saiba que sou agora...
Empavonou-se.
—Quem? disse Gonçalo impaciente.
—O sr. Christovam de Tavora, o valido de S. Alteza, El-Rei D. Sebastião.
Gonçalo parou e começou a rir-se.
—O que...?

—Não me viu falando com a aia, a sr.ª D. Rosa Rodrigues, que é quem me vai em Castello de Vide abrir as portas do paraizo?

—Ouve, disse Gonçalo seriamente. Não consinto que renoves aqui...

—Perdoe-me V. Alteza, disse o Bazaruco tirando o chapéo e cortejando Gonçalo, se ergo perante V. Alteza a minha voz para humildemente recordar a V. Alteza que muita vez jantou V. Alteza á custa do meu engenho.

—Que estás dizendo...? Em que meada...?

—Creia V. Mercê que d'esta vez não me foi preciso mentir.

—Foi ella...?

—Ella.

—Mas como...?

—Misterio! V. Mercê é El-Rei, eu sou Christovam de Tavora. Como...? Porque...? Não sei.

—Precisamos saber.

—E D. Rosa Rodrigues ama-me!... Ama-me!... declamava o Bazaruco imitando os gestos expansivos de Gonçalo.

—Conta.

—Tudo contei já. Nada mais sei, nem d'ella, nem de mim, nem de V. Mercê.

—E quando tornarás a falar-lhe?

—Esta noite, á meia noite, junto do muro do jardim. Se V. Mercê quer acompanhar-me, daremos uma musica á velha. Eu tocarei viola, V. Mercê tocará telhinha.

—Irei comtigo. Talvez...

—Em tantas aventuras suas tenho embarcado, embarque hoje V. Mercê na minha. Diz-me o coração que não será das peores.

Chegaram á porta da casa de Melicia..

—Entre V. Mercê.

—Não.

—Já ceou?

—Ainda não; não tenho fome.

—A' meia noite...?

—A' meia noite. Irei ter comtigo. Junto ao muro.

—Christovam de Tavora. Não se esqueça.

— El-Rei.

Gonçalo desceu novamente pelas vielas do castello. O Bazaruco entrou em casa.

A ceia cheirava tão bem que se julgou transportado á Ilha dos Amores. Só nymphas poderiam ter composto aquelles aromas. Ia-lhe n'alma uma grande alegria e, como os refogados lhe eram musa inspiradora, começava a cantar, quando a irmã lhe impoz silencio.

— Só agora adormeceu. Não sei como ainda vive!

— E eu... que bruto...! exclamou o Bazaruco. E fui embarcar meu amo n'esta nova aventura sem me lembrar siquer...!

E continuou baixinho:

— Que afinal... Mais tarde ou mais cedo... E se nós ambos lucramos e ella nada perde, que tudo perdeu já...

— Ora que tanto aprendeste a falar sósinho...! disse Melicia com máu modo.

— Conversava comigo. Passou então peor?

— A noite como sempre. Nem uma só vez acordo que a não oiça gemer. Devem parecer-lhe eternas as noites. E eternos tambem os dias que ainda ha de ter de vida. Toda a manhã esteve acordada tambem. Chegou a levantar-se, disse-me que desejava ir ver a partida da tropa. Mas se mal podia arrastar-se! Deu ahi tres passos e logo cahiu de estafada. Passa a mão pela testa e parece que tem uma dôr muito grande aqui, proximo á nuca... E sem uma queixa..! Escuta... Parece-me que falou.

Melicia foi á porta.

— Dorme.

— Voltou pé ante pé.

— Queres cear?

O Bazaruco meditava. Pobre Aurelia! E ia elle agora, esquecido...

— Tirou-me o apetite o que me contaste. E' que hoje esqueci-me d'ella.

E, chamando a irmã, muito em segredo, com fatuidade:

— Sabes? Sou amado, como diz meu amo.

— Sandeu! disse Melicia convencida afinal que bem podia ser. Senta-te e come.

— Pobre Aurelia! dizia o Bazaruco. Dá-me vinho, irmã. Sinto o estomago revolto. Não sou homem para ver desgraças.

E bem repotreado na cadeira de coiro, com o cotovello esquerdo fincado na mesa, a mão sobre a testa, abria enormes fauces de lobo, onde desapparecia a colher de páo acugulada.

Entretanto, conforme o costume, ia remoendo os pensamentos.

— Que afinal o que tenho eu com isso? Amou-a, deixou-a; amou outra, esqueceu-a; esqueceu a outra, tornou a amal-a; viu a outra, recordou-se; amou-a; esqueceu-a; ella, a outra... a outra, ella... E o meu amo que se gaba de avisado faz-me perder o siso. Ora que culpa teve a triste cachopinha, tão feliz em Coimbra, que meu amo lhe fosse tocar guitarra para debaixo das janellas?

O Bazaruco muito sofrego rapava o tacho enorme.

— Queres mais? perguntou-lhe a irmã.

— Poucochinho; não tenho apetite. Enche outra vez o pucarinho... para empurrar.

Com o tacho outra vez cheio, começou a desenrolar a meada dos pensamentos.

— E teve um pae ladrão, que, para em tudo o ser, até roubou a ventura á filha. E, se meu amo a esqueceu, a culpa foi d'aquelle onzeneiro, que o inferno consumma breve. Enche o pucarinho, mana. Foi então que appareceu a menina dos olhos verdes. Linda é ella, que até pelo caminho todos encontrei areados só de vel-a. E se todos teem de sel-o, por isso o foi meu amo. Nunca outra assim eu vi. Nem d'aqui até Flandres, Inglaterra, Allemanha ou Constantinopla, encontrava El-Rei rainha que valesse a menina Martha Corrêa.

Melicia enternecida olhava para o irmão. Gostava de vel-o comer assim.

No quarto ao lado ouvia-se o respirar desasocegado de Aurelia.

— Mais? perguntou Melicia.

— Poucochinho, poucochiuho; não tenho hoje apetite nenhum. O pucarinho, sim, o pucarinho.

E a irmã deitou-lhe vinho e encheu-lhe outra vez o tacho, a trasbordar.

— Ora, quando meu amo encontrou novamente a menina Aurelia, máo encontro teve; que, se um homem tem fome, parece-lhe galinha uma sardinha rançosa. Então, sr. Christovam, para onde deita V. Sr.ª os seus chinellos velhos? E depois ... e depois deu-lhe uma esperança de ventura, senão quando a outra tambem tornou ... Mas que tenho eu com isso?

E desabotoou o collete.

— Que pena não ter fome! Dá-me mais um gole, um golinho só. E, olha, já agora, para acompanhar o vinho ... torna aqui a encher o tacho.

— Que faz o sr. Gonçalo? perguntou Melicia.

O Bazaruco deu estalinhos com os dedos, levantando a mão.

— Grandes façanhas?

— Misterios! grandes misterios!

— Pois nem vê ao menos como esta desgraçada soffre! Enchem-se-me os olhos de lagrimas, cada vez que elle sai, quasi sem a ver... Ella segura-lhe a mão ... Mette dó o seu olhar; parece d'um pobresinho a pedir esmola! Pois que custava mentir-lhe ao menos?

— Misterio! repetiu o Bazaruco.

E para afogar a magua, que lhe causava o estado de Aurelia, emquanto comia duas laranjas, bebeu mais tres pucarinhos.

Ia o sol a pôr-se. Veiu-lhe uma somnolencia. Até á meia noite iam sete horas. Poderia dormir um bocado.

Deitou-se sobre o leito e começou a roncar.

Aurelia gemia devagarinho no quarto ao lado. Melicia poz-se a fiar á luz da candeia. Que fazia o sr. Gonçalo, se não via aquella morte que se approximava, morte bemdita depois d'aquella vida?

Gonçalo! ... Bem se lembrava elle ...! Um só pensamento despotico o dominava, um só desejo lhe fazia palpitar o coração: ver Martha, falar-lhe.

O Bazaruco, em seu confuso raciocinio, penetrára completamente o misterio. Gonçalo achava-se em Flor da Rosa convalescente de longa doença, quasi isolado, triste e pesaroso, sentindo n'alma, em vez da luz por que anciava, a noite d'um remorso. Levava vida de foragido e via negro o futuro. A melancolia e a doença

haviam-lhe avivado nas horas da solidão a fantazia, sempre prompta a montar o fogozo cavallo alado, que ora o transportava ás altas regiões onde quasi veem morrer os acordes das harpas celestes, ora descia com elle ás cavernas escuras onde no chão humido se arrastam os pesadelos. N'esse momento, Aurelia, que tanto amára, appareceu-lhe. A sua constancia fechou-lhe a ferida cruel que a supposta traição lhe abrira no amor proprio. Sobre as cinzas ergueu-se o fogo fatuo do amor brilhando aos olhos fantasiosos do poeta como sol de maio em manhã sem nuvens. E adormeceu contente, embriagado de perfumes. A belleza triumfante de Martha breve soprou a tibia fogueira. E elle não viu que toda a tepidez da estufa, que lhe fizera desabroxar os sonhos, era o calor d'uma vida.

Martha! Só ella agora lhe tinha a alma inteira.

E todo o resto d'aquelle dia passou-o correndo a serra, ancioso por que chegasse a noite, na esperança de tornar a vel-a.

Soavam vagarosamente as doze badaladas no relogio da torre do solar, quando Gonçalo avistou o Bazaruco caminhando encostado ao muro do jardim. Trazia a viola debaixo da capa.

— Boas noites, meu amo.

— Já me tardavas.

— Ainda o relogio não deixou de bater. Pois quasi não preguei olho para não faltar.

Abriu a bocca.

— Faz frio.

— Julgas que ella virá?

— A minha D. Roza com certeza e por ella saberei...

— Dize-lhe então...

— Quem é o sr. Gonçalo Vaz? Para quê? Deixe-me ser, por dias ao menos, o valente capitão dos aventureiros.

— Repugna-me a mentira.

— O sr. Gonçalo...! É um descanço para a minha mana. Deixe-me ser piloto n'esta aventura, porque sempre que V. Mercê é timoneiro, temos naufragado. Espere V. Mercê aqui. A'quella esquina darei á D. Rosa a minha musica. Se ouvir restolhada no jardim é porque a outra, de curiosa, se approxima. Schiu...! Não tussa, nem appareça antes de tempo. Espere.

Falavam baixo. A lama abafava-lhes os passos.

Gonçalo encostou-se ao muro, de ouvido á escuta. O Bazaruco foi andando pé ante pé. As nuvens occultavam quasi completamente a lua e os ulmeiros do jardim projectavam sobre o estreito caminho uma sombra opaca.

— Que lhe hei de eu cantar que ella cuide ser meu? ia pensando o Bazaruco. Camões deve ser lido n'aquella casa... Que hão de elles fazer nos serões em Castello de Vide senão lêr poetas? Ah! Se eu fosse meu amo...! Canto-lhe umas trovas do Chiado. Onde estará ella?

Um amoroso suspiro provou-lhe que a sua dama o esperava ali.

O pigarro atrapalhava-o. Tossiu, cuspiu e preludiou na viola. Depois, muito desafinadamente, cantou:

— Senhora, pois, sou captivo
D'esses olhos, com que olhaes,
Matae-me, pois começaes.

Os males, que de improviso
Veem ao triste coração,
Esses causam perdição,
Que os outros são tudo riso.
Senhora, falo de siso:
Esses olhos com que olhaes,
Prendeis, feris e mataes.

Uma voz meliflua falou de sobre o muro.

— É V. Sr.ª, sr. Christovam?

— Que a vossos pés, D. Rosa, rosa do meu coração, vem depôr humildes versos que inspirastes.

— Que diz, senhor? Com a fama que V. S.ª alcançou na côrte, como póde suppôr a mesquinha servidora sua que sobre ella baixassem os olhos de V. S.ª?

— E' muito bem ensinada esta dama, pensou o Bazaruco.

E, pedindo auxilio á rhetorica, exclamou:

— Bofé, senhora, que por minha espada o juro!

— A espada que livrou V. S.ª das mãos dos infieis!

— Por esta, confirmou o Bazaruco, dando um socco na viola que ficou a zenir.

— Acredito o, senhor...! Como eram lindos esses versos...! São de V. S.ª?

—De quem, senhora, se tão só vossos olhos os merecem e se trovador não houve, tão occulta haveis florescido, como planta em floresta virgem, que com elles se deslumbrasse?

E baixinho:

—Bravo, sr. Bazaruco!

—Se eu acreditasse!... V. S.ª abusa da minha innocencia. A quantas outras damas...?

—Pena tenho, por minha fé, que haja passado o uso dos torneios, que vos provaria meu amor, em quem vos aggravasse, D. Rosa, não jurando que sois a mais bella dama de todos os reinos da terra! Fal-o-hia morder o pó com a minha lança atravessada no peito!

—A lança do sr. Christovam! exclamou D. Rosa.

—A lança do sr. Christovam! confirmou o Bazaruco.

—Se V. S.ª não pesa as palavras que diz...

—Ora essa! Não peso as palavras que digo!

—Sou uma pobre donzella...

—Donzella!

—Ha tanto tempo...! É quasi como se o fosse outra vez. Sinto não sei que doce transporte ouvindo tão insigne cavalleiro. O silencio da noite, o rio que vae no fundo d'esse valle saltando sobre os alvos seixinhos, a brisa que passa n'estas ramagens sussurrantes, tudo, cavalleiro, faz com que o meu peito vibre... vibre...! Ah! não fôra a noite escura, veria como estou ruborisada!

—Acabae, D. Rosa, ou acabae comigo. Ancioso espero a sentença dos vossos labios. Quem faz vibrar o vosso peito?

E D. Rosa disse baixinho, envergonhada:

—Cupido.

Emquanto D. Rosa e o Bazaruco, aquella na mais doce illusão do presente, este construindo planos d'um encantador futuro, conversavam amorosamente, Gonçalo, que se deixara ficar onde o escudeiro se despedira d'elle, attentamente esperava que algum rumor no jardim lhe indicasse a approximação de Martha. Com effeito, passados instantes, sentiu um ligeiro rangido das folhas. Alguem, na sombra caminhava cautelosamente. Adivinhava-se um pé muito ligeiro. Era como um andar de nympha, que mal pousasse sobre as folhas os dedos rosados do pé divino.

Batia tão apressado o coração de Gonçalo, que este receiava que, ouvindo-o, lhe fugisse aquella por quem batia. Foi caminhando devagar. Ao chegar proximo da esquina, parou. Procurava com a vista penetrar as trevas.

O Bazaruco e D. Rosa continuavam discreteando, ella toda requebrando-se, elle esgotando o repertorio de mil coisas aprendidas nos autos que vira em Alfama, nas cantigas que ouvira em Coimbra.

As nuvens afastaram-se; o luar coou-se como chuva de prata entre a folhagem verde, recortada dos ulmeiros. Uma visão branca, muito branca, surdiu aos olhos de Gonçalo entre as ramagens baixas.

—Cante-me outra vez a sua canção, disse com voz tremula D. Rosa.

O Bazaruco preludiou na viola, mas foi Gonçalo quem na solidão da noite ergueu a voz, cantando os olhos de Martha:

—Olhos verdes, minha vida.
Vae-se-me a vida em meus ais,
Olhos verdes, que mataes.

—Boa cantiga, disse o Bazaruco. Veremos agora as voltas.

—El-Rei! exclamou D. Rosa.

—Schiu...! disse o Bazaruco. Deixae cantar Sua Alteza.

E continuou tocando.

Gonçalo approximou-se. Cantou:

—Manda minha sorte avara,
Que me persegue inclemente,
Que veja trevas sómente
Em madrugada tão clara.
De vêr-vos não me queixára,
Olhos que a vida me daes,
Se não vira que mataes.

Não cuidava que assim tinha
Alguem poder nas estrellas,
E que a nós tão só de vel-as
Cruel a morte nos vinha.
Olhos verdes, vida minha,
Sêde brandos a meus ais,
Olhos que assim me mataes.

Martha, sem poder conter-se, arrastada por aquella voz, viera, pouco a pouco, approximando-se.

—Martha! minha Martha! exclamou Gonçalo.

O Bazaruco, recordado de certas lições em Coimbra, encostou as mãos ao muro, arredondando o dorso. Gonçalo saltou-lhe para cima; o Bazaruco ergueu-se; Gonçalo saltou-lhe para os hombros, deitou as mãos ás pedras desconjuntas, n'um pulo galgou para o jardim.

D. Rosa deu um grito.

—Caluda! disse o Bazaruco.

Martha fugira. Gonçalo perseguindo-a na escuridão, parecia-lhe que as roupas brancas de Martha eram luminosas e cuidava ir atraz de um phantasma que o levaria a algum palacio encantado.

—Martha! minha Martha!

O Bazaruco, cá de baixo, chamava por D. Rosa:

—Rosa Rodrigues, rosa d'Hungria, então!... Deixae Sua Alteza.

D. Rosa, não se atrevendo a oppôr-se aos desmandos d'El-Rei, nem sabendo fugir ás preces de Christovam de Tavora, offegante, sem lhe occorrer expediente que tomasse, dizia afflicta:

—Ai, sr. Christovam, não sei que sinto! Creio que vou ter um deliquio. Acuda-me. Faça como Sua Alteza, salte o muro.

O Bazaruco, que, nos poucos dias de boa creação em casa da irmã, assumira as alegres proporções de outr'ora, começou com pés e mãos a procurar entre as pedras desconjuntas a maneira de seguir o exemplo do amo.

—E' que eu não posso pôr os pés nas minhas costas, como elle me fez.

E já ia a meio caminho, quando, pés e mãos faltando-lhe a um tempo, caiu sobre os tampos da viola, que deu um ultimo gemido doloroso.

—Com cem mil raios! exclamou o Bazaruco.

—Cahiu, sr. Christovam? perguntou D. Rosa cheia de cuidado.

—Cahi, sim, senhora; estou ferido.

—Por minha causa! Ferido! Christovam de Tavora ferido por minha causa! E onde?

—Aqui.

—Aqui onde? perguntou D. Rosa toda debruçada.
— Aqui. Não vêdes onde vos mostro?
E batia com as mãos onde estava ferido, que parecia um rufo de tambor.
—Cahi sentado em cima da viola, enterraram-se-me os cacos e agora tão cedo não me posso tornar a sentar.
Gonçalo seguia atraz de Martha, como o namorado Leonardo na Ilha dos Amores em perseguição da nympha, que lhe fugia, esquiva. O mesmo lhe dissera, se pudesse; mas ali, para um e para outro, n'aquella noite escura, aquelle primeiro encontro, depois de tanto sonho, assumia de um sonho toda a idealisação. O clarão branco seguia entre as sombras do arvoredo e mais uma vez era Martha a luz que elle buscava.
E ella fugia, fugia sempre, sem saber porque fugia: um vago receio talvez, uma pequenina revolta do pudor, o medo de attingir finalmente o bem que esperava, o que ás vezes é uma dôr, como esperar um mal póde ser um prazer. Porque fugia? Nem ella o soubera dizer. Viera ali na esperança de vel-o e mostrara-se-lhe arrastada pelo canto que a saudava. Agora fugia-lhe; alguma coisa lhe bradava na consciencia que não era aquelle o homem a quem amava. Os sonhos...! El-rei...! Mas se era assim em sonhos!
—Martha! minha Martha! dizia Gonçalo perseguindo-a.
Sahiram do arvoredo. Agora Martha corria proximo ao lago. A lua brilhou de novo. Gonçalo alcançou-a. Martha deixou-se cair n'um banco e elle de joelhos aos pés d'ella.
Segurou-lhe nas mãos, beijou-lh'as. Martha, sem forças, anhelante, com a cabeça inclinada para traz, os cabellos desmanchados, os olhos meio cerrados fitando o céo, ouvia Gonçalo, que lhe falava.
E parecia-lhe que afinal, a visão, que tantas vezes invocára, tinha tomado corpo. Sentia um desejo immenso de pedir áquelle homem, em quem via um ente quasi sobrenatural, semi-divino, que se erguesse, para que ella visse que era elle, e pedir-lhe depois que a deixasse ajoelhar, que lhe queria dirigir uma oração devotamente.

Gonçalo falava-lhe. Uma alegria misteriosa enchia-lhe a alma d'ella. Parecia-lhe que um perfume delicioso, só feito do pó impalpavel cahido nas vibrações das azas dos anjos, a cercava, a penetrava, dando-lhe uma embriaguez dulcissima, que a transportava a regiões que seus proprios sonhos ignoravam.

Dizia-lhe Gonçalo:

— Martha! minha Martha! Até que emfim me escutas! Até que emfim te falo, a ti, que eu invocava sempre na minha saudade immensa! Deixa-me que eu te veja; baixa para mim teus olhos piedosos, que eu leia n'elles o teu amor, astros que me guiaram ao porto celeste onde é salva a minha vida, a minha vida que é tua. Deixa-me beijar ainda as tuas mãos. Deixa-me viver ou morrer ao pé de ti, á tua escolha, que a vida sem ti é morte, que a morte ao pé de ti vale mil vidas. Deixa-me aquecer ao teu calor, que o frio, longe de ti, matava-me. Martha! minha Martha! Só quero para luz a luz dos teus olhos, para musica a tua voz, para perfume os teus beijos, para vida o ser-te escravo. Adoro-te, Martha! A ti, a ti só, te quiz sempre!

Martha sentia-se enlevada. Gonçalo mentindo nunca fôra tão sincero.

— Sinto-te as mãos a tremerem. Deixa-me ouvir a tua voz. Responde-me. Desde que te vi... Lembras-te? Choravas á janella, eu comtemplava-te da rua... Não sabia então quem eras. Lembras-te? Por quem choravas?

— Por ti, murmurou ella, sinceramente tambem, n'uma confusão de idéas, sem raciocinar sobre o que dizia, como se respondesse: — por aquelle que amava.

Era a primeira vez que Gonçalo lhe ouvia a voz. E assim lhe dizia que o amava!

— Conhecias-me então! exclamou elle. Foste o meu sonho primeiro, o meu primeiro amor. E não te conheci...! Como houvera de adivinhar...? Sim, pelos teus olhos, que outros não ha com tanta luz. Eras pequenina, passavas por ahi e eu amava-te. E não te conheci depois...!

Martha soltára-se das mãos de Gonçalo. Olhava para elle espantada. A que se referia...?

Gonçalo ergueu-se.

— Se te houvera conhecido, que tormentos me poupára!

Sentou-se no banco junto d'ella.

—Lembras-te, Martha? Um dia passeavas aqui junto d'este muro. Eras tão criança...! Talvez nunca mais te lembrasses. Uma criança linda, minha linda aurora! Eu vinha a cavallo. Passavas justamente... Se tu soubesses, Martha, o que eu sonhei comtigo...! Via-te minha esposa, passeando comtigo por essa villa, levando-te pelo meu braço. Tinha inveja d'esse formoso velho, teu tio, com quem te via ás vezes.

— Vamos, dize, depressa... Quem és? perguntou Martha anciosa.

— Eu passava a galope, continuou Gonçalo sem vêr a anciedade com que ella lhe fizera a pergunta, tu brincavas, cahiste... Lembras-te?... Eu apeei-me, beijei-te a mão, como outra vez t'a beijo agora.

Martha retirou a mão. Poz-se de pé, tremente.

Conhecera-o afinal. Aquelle homem tinha um nome, que o tornava egual aos outros. Não era, já não podia ser o ideal dos seus sonhos! Aluira-se um castello! Aquelle homem... odiava-o... agora.

— Gonçalo Vaz! disse ella. Vai-te!... Vai-te!... Odeio-te!

Fugiu.

Gonçalo atordoado pelo espanto não se atreveu a seguil-a.

— Odeia-me! Odeia-me!

Vieram-lhe á lembrança as eternas luctas de familia.

Seria tão sómente por isso?

A lua escondera-se novamente. Desceram as trevas sobre o lago. Grossos pingos de chuva começaram cahindo.

— Antes assim! disse elle. Odeias-me agora, amaste-me, porém. Serás minha.

Procurou o caminho entre as arvores, dirigindo-se nas trevas pela voz do Bazaruco. Alcançou o muro. Saltou-o.

— Deus guarde a V. Alteza, disse D. Rosa que estivera interrogando o Bazaruco sobre etiquetas e pragmaticas.

Ao dobrarem a esquina, viram umas sombras negras a esgueirarem-se.

— Olá! Tivemos ouvintes. E eu que não trago a durindana... Bom é saber-se...

— V. Alteza...! El-Rei...! ia pensando Gonçalo.

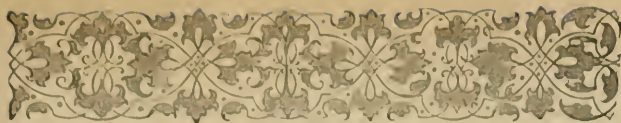
—E d'ahi... talvez caminhantes que retrocederam com medo d'algum máo encontro; que isto d'homens que saltam muros...

Mas Gonçalo não ouvia o Bazaruco.

Chovia torrencialmente.

—Sim...! El-Rei...! Aquellas lagrimas...! Mas então porque disse ella que era por mim que chorava ..? Supporia ella tambem...?

Tomou o caminho de casa. O ciume devorava-o. Sim, era certo, era El-Rei que ella amava.

Debaixo da carga d'agua, o Bazaruco a adivinhar desastre, ia caminhando ao lado de Gonçalo, lamuriando-se, coxeando, muito derreado, com as mãos no sitio em que estava ferido.

CAPITULO XIX

Ciumes

Não se enganára o Bazaruco, quando lhe pareceu vêr alguem esgueirando-se na sombra junto da parede.

Alguem effectivamente ouvira a conversação da aia com o escudeiro, alguem vira Gonçalo saltando o muro do jardim do Alamo.

Haviam-se retirado tarde, haviam talvez sido descobertos; mas isso que importava, se os não haviam conhecido, se já sabiam o bastante? Embora se acautelassem depois o Bazaruco e Gonçalo, tarde lhes chegava a prudencia.

Aquelle homem roubára-lhes a gloria, os triumfos, que sem elle eram certos agora, depois da morte do Salta-Poças. Um homem que nada tinha, nada, senão o ter nascido com uma boa estrella, emquanto elles... Se até, parecia, a conquistára o amor da filha do sr. Martim Corrêa, da sobrinha do alcaide, do senhor do Alamo! Já talvez achasse pouco o amor de Florisbella.

Mas finalmente o Baldovinos e o Florambel tinham a vingança nas mãos.

Havia muitos dias que espreitavam Gonçalo, o mais temivel dos rivaes, rival no tablado, roubando-lhes os papeis, rival fóra d'elle, roubando-lhes as mulheres.

Esfregavam as mãos de contentes.

A' idéa da vingança ligavam agora a da justiça.

Pois havia um histrião de obter, sem nojo de consciencias limpas, o amor de tão gentil fidalga? Seria para que lhe ella fugisse para os braços d'um enxovedo que Martim Corrêa estivera por tantos annos separado da filha, a qual no convento de Santa Joanna, o mais celebrado da côrte, havia recebido uma educação de princeza, como era fama em toda a villa? E Florisbella? A triste Florisbella? Essa ao menos tinha culpa, que o Baldovinos havia muito lhe contára a paixão que lhe inspirava, quando appareceu o galan. Se ella agora, sabendo da traição do amante, volveria em odio o amor que a matava?

E, cheios de esperança, sem remorsos, adormeceram contentes no palheiro. Os companheiros resonavam. Só o Roldão, de quando em quando, gemia. Os pés. Aquelle tempo humido.

O Plutão roncava com solemnidade. Ainda n'esse mesmo dia o sr. Alcaide lhe enviára dez cruzados e seis canadas de vinho. Não havia como a vida tranquilla, sem trabalhos, sem cuidados. Todos contentes. Fôra informar-se de Florisbella. Estava melhor. Não havia engano; ella propria lh'o dissera.

O Florambel e o Baldovinos deitaram-se sobre as palhas quietamente. Ninguem os vira entrar.

Logo pela manhã, porém, ergueram-se. O Baldovinos iria falar a Florisbella, o outro escreveria ao alcaide.

O Baldovinos sahiu. Contaria tudo. Aqui, ali, accrescentaria um ponto ou outro. Mas se Florisbella o não quizesse apezar de tudo? Despedaçaria talvez aquelle coração, mas havia de arrancar-lhe o amor pelo rival.

Subiu a estreita calçada ingreme que conduzia ao castello. A porta da casa de Melicia estava aberta. Espreitou. No quarto de fóra Gonçalo e o Bazaruco dormiam.

— Florisbella...! chamou elle baixinho.

Appareceu Melicia á porta do quarto.

— Que lhe quereis?

— Um mandado. Ainda dorme?
— Ainda não.
— Uma palavra apenas. Dizei-lhe que sou o Baldovinos.
A cabeça muito pallida de Florisbella desgrenhada appareceu em frente da porta, espreitando.
— És tu? Que me queres?
— Schiu...! Que elles não oiçam, disse o Baldovinos chamando-a e mostrando-lhe Gonçalo e o Bazaruco. Dormem. Poderei falar comtigo.
Aurelia approximou-se lentamente da porta. Sentou-se logo fatigada. O Baldovinos da parte de fóra falava-lhe baixinho.
— Como estás mudada! Ha tanto que te não via...!
Aurelia encolheu os hombros.
— Que me queres?
— Prevenir-te Florisbella.
— De quê?
— E' difficil contar-te.
— Vamos, dize.
— Segui o Galaor esta noite.
Aurelia lançou-lhe um olhar de despreso.
— Espiaste-o?
Mas queria saber. Era talvez o ultimo vislumbre de esperança que iria desapparecer. Queria saber tudo.
— Dize.
E toda tremia.
— Por teu bem o fiz. Escuta, Florisbella. Sabes como te amo. Ha quanto tempo...
— Estou doente, Baldovinos. Porque vens incommodar-me?
— Florisbella!... Porque has de dar o teu coração a quem não é digno de ti!
— E julgas talvez...?
— Ouve. Segui-o até...
— Bem sei. Ao Solar do Alamo.
— Sabes! disse o Baldovinos espantado.
Aurelia meneou tristemente a cabeça.
— Esta noite. Saltou o muro do jardim...
Ella sentiu a punhalada. O coração não queria acreditar o que viam os olhos, o que a razão dizia.
O Baldovinos contava o que vira. A mudança de

rosto de Aurelia, o labio convulso, o olhar parado em que não sabia lêr, assustavam-o. Enleiava-se narrando a historia. Aurelia interrompeu-o.

— Retira-te. Não te agradeço a traição.

— Pelo teu amor, sómente...

— O meu amor...! disse ella para comsigo, sorrindo ironicamente. Retira-te.

O Baldovinos foi-se cabisbaixo e ella ficou immovel na cadeira. Era pois certo...!

Olhou para Gonçalo que dormia.

Era o fim. Assim morrêra o Salta Poças. Que soffrimento horrivel! Se ao menos elle sentisse a morte d'ella...! Para que? Como já uma vez corrêra para os seus braços d'ella havia agora de correr para os braços de Martha, que lhe enxugaria com um beijo uma lagrima doida.

O Baldovinos chegou furioso ao palheiro. O desejo de vingança exacerbára-se. Julgava que Florisbella o havia de escolher para companheiro na desforra a tomar do aggravo que o amante lhe fizéra, e voltava ali de orelha murcha como um cão que apanhasse um pontapé.

O Florambel contemplava desvanecido o papel em que, com a sua melhor letra, se dirigira ao alcaide.

— Vais ver. Isto é estylo. Como se passou o teu dialogo?

— Muito bem. Ficou doida contra elle.

— E por ti?

— Doida.

— Escuta pois.

Leu com o receio exagerado pela inquietação do espirito:

«Antes que dê a V. Mercê conta do que me parece dever ser do agrado de V. Mercê saber, comquanto nunca ter sido mais do agrado lhe fosse, permitta-me V. Mercê que eu declare que só o animo com que sou de V. Mercê me obriga á feitura d'esta. Cruel será para o tio, que foi pae e mãe, saber desmandos da doce donzella em que poz seus cuidados. O amor, porém, como dizem os nossos poetas, é cego. A nobre donzella, illudida talvez pela arte manhosa d'um histrião illetrado, ahi conhecido pelo supposto nome de Galaor,

ouviu as endeixas que o bargante lhe foi cantar á noite sob o muro do jardim. Do perigo, a que se acha exposta a infeliz captiva do mais cruel dos deuses, livrou-o, porém, a boa estrella com que nasceu e a fez sobrinha da pessoa de V. Mercê, que pelos seus lacaios decerto mandará castigar, como merece, o auctor do arrojado commettimento. O mais humilde servo da pessoa de V. Mercê, a quem Deus guarde.»

— Achas que assigne? perguntou o Florambel ao terminar a leitura.

Decerto, disse o Baldovinos. Merece recompensa o teu zelo.

O Florambel com a penna sobre o papel meditava.

— O diabo são os lacaios...! E se o Galaor sabe que fui eu... Olha, se queres, assigna tu.

— Eu...!

E, por prudencia, decidiram que fosse a carta sem assignatura.

CAPITULO XX

Outros dois

Apesar de toda a esperança que trouxera a seu vingativo orgulho a carta de Christovam de Moira, João Vaz cada vez mais entristecia no arruinado palacio, em cujos corredores o vento cantava lamentações plangentes de mysteriosos condemnados. Os velhos retratos dos avós cahiam aos bocados nas molduras desdoiradas e o morgado, passeando alta noite no vasto e frio salão, ouvia o caruncho monotonamente roendo a madeira resequida, pouco a pouco desfeita em pó.

Á tarde já mal se atrevia a sahir. Dava uma volta pelo pateo humido em que a herva crescia abundante. Os limos alastravam-se pelas pedras desconjuntas das altas muralhas, enfeitando de verde os buracos das osgas. O antigo brazão ameaçava ruina sobre o arco do largo portão de entrada e na vasta cavallariça um cavallo unico, branco, muito branco, magro, muito magro, tisico e chagado, tossia.

Voltava depressa para dentro, cheio de frio, mais avigorados os sulcos da testa, a bocca torcida, tremulo, o sobr'olho carregado. E, sentado á janella, esperava o

anoitecer, embrulhando-se na capa, ouvindo ao longe cantos alegres de mocidade, só, sempre só, n'aquelle salão vastissimo em que o caruncho tocava monotonamente o psalmo da morte.

Sentia como que um frio intenso no vacuo do coração, na solidão em que o deixara a falta do sobrinho.

Que seria feito d'elle? Se estaria morto?

Se até quem, com tanto interesse o havia procurado, Ayres Gomes, novas não houvera d'elle?

Como era gentil o seu pequeno! Como tornára feliz aquelle palacio, enchendo de bulicios alegres os vastos salões, agora desertos! Fôra alma d'aquella casa, hoje morbida moldura de tristeza desconsolada, tumulo de um vivo, elle mesmo tumulo de um coração.

Se morrêra...?

Recusára-lhe o dinheiro com que havia de sustentar-se; recusára-lh'o ainda, quando, arrependido talvez, quizera com o exercito d'El-Rei partir para a Africa em busca da gloria, cuja luz havia de apagar nodoas ligeiras de leves loucuras de mocidade. Fôra cruel talvez contra o seu proprio sangue, contra o mais santo e puro da sua alma.

Nunca mais houvera noticias d'elle...! Que seria feito do sobrinho?

Cheio de saudades, recordava-se do pequenino ali brincando, enchendo-o de meiguices, unico que sabia com um só beijo afugentar-lhe a melancolia, n'uma só caricia desfazer-lhe as rugas.

Como em charneca arida nunca mais brotára uma só flor n'aquelle peito, onde só cresciam tojos e cardos, plantas resequidas e espinhosas, odios, invejas.

Porque havia de ser mais infeliz do que os rivaes? Por que não havia ao menos de ter uma esperança: poder morrer na certeza de que dois dedos amigos lhe haviam de fechar um dia, carinhosamente, os olhos?

E, desde que Martha voltára e elle a havia visto mais linda do que fôra, com mais ternura ainda amparando o velho tio, fingindo-se amparar a elle, odios, invejas recrudesceram.

Que mal lhe fizera que merecesse aquelle castigo de o virem assim, a elle, só, abandonado, vivendo entre mercenarios, insultar com aquella felicidade expansiva,

que até parecia scintillar nas paredes nitentes do palacio, alvejando alegremente entre as copas cerradas do arvoredo?

Ia frio o inverno e já por detraz do Solar do Alamo, espreitava a primavera, debruçando sobre os muros do jardim os grandes cachos brancos das amendoeiras em flor.

Poder humilhal-os um dia...!

Gil Mendes voltára a Castello de Vide e João Vaz, não podendo desde logo agradecer a Christovam de Moira, como desejava, o alto interesse que tomára pela sua causa, enviara-lhe grossas quantias, afim de ajudal-o nas peitas e subornos, em que era prodigo o partido d'El-Rei de Castella. Promettera mais usar de todas as forças de que pudesse dispôr para que a sua gente, caso a guerra se declarasse, não tomasse n'ella parte activa senão quando, sem receio, se pudesse unir ás hostes do Duque d'Alba, o valente general castelhano escolhido para a cruel missão de dar o golpe de misericordia em Portugal moribundo.

Christovam de Moira promettera-lhe em nome d'El-Rei a commenda de Christo. Era certa a vingança.

Esta idéa o tinha sempre acordado até alta noite. Poder humilhal-os um dia...!

Foi durante uma d'essas noites de amargurada insomnia que mais uma vez ouviu á porta de casa baterem o signal convencionado com Gil Mendes. D'essa vez, porém, sobresaltou-se. Grave negocio devia de ser para assim trazel-o novamente a Castello de Vide desde Almeirim, para onde partira, e d'onde ainda na vespera recebêra carta.

Davam duas da madrugada na torre do Solar do Alamo. A noite era silenciosa.

João Vaz abriu a janella e á tibia luz da lua no poente avistou, cosidos com a muralha, dois vultos d'homens embuçados.

—*Ad majorem Dei gloriam,* disse um d'elles.

E tossiu uma vez e depois mais duas seguidas.

— São dos nossos, pensou João Vaz.

Desceu a escada; abriu a porta.

Os dois homens entraram no salão.

João Vaz observava-os cheio de curiosidade.

Eram ambos novos ainda. Nenhum teria mais de trinta annos; mas o que parecia mais novo tinha o ar altivo de quem está costumado a mandar. Entrou no salão, sem que á porta fizesse o menor cumprimento a João Vaz, que reparava com certo receio no desalinho dos fatos, nas vastas cabelleiras incultas, no ar sobranceiro dos extraordinarios visitantes.

— Sei da parte de quem vindes, porém...

O mais novo fez um gesto ao outro, que tirou do peito uma carta.

— Essa vos explicará o que vos importa saber.

João Vaz rompeu a linha que prendia a folha, fazendo estalar o lacre, e leu.

Era a assignatura de Gil Mendes. Nada faltava. Por baixo da assignatura os tres pontos na disposição convencionada.

— Podeis ler de rijo. Conhecemos o theor d'ella.

Mas João Vaz, convulso, opprimido pelo misterio d'aquella visita nocturna, temeroso, apenas lia em alta voz frazes despegadas:

— «Abandone V. Mercê qualquer idéa d'aquellas por que ha muito luctamos... Ponha-se inteiramente ao serviço dos dois cavalleiros... A paga generosa... A gloria que ha de obter... Sob pena da perda da vida... Discrição... Misterio...»

Cahiu lhe das mãos a carta.

— Não poderei saber...?

— Nada podeis saber por emquanto. Tendes em vossa mão a sorte do reino. Exigimos a vossa discrição, sob pena...

— Já li, sr.

— Nada mais hoje. Tendes decerto um quarto onde possamos descançar.

João Vaz pegou na tocha, que ardia ao canto da sala, e seguiu pelo vasto corredor em cujas abobadas os passos resoavam lugubremente. Ao fundo abriu uma porta.

— Aqui, se vos apraz, disse.

Os dois fizeram, meneando as cabeças, uns gestos de assentimento.

João Vaz, com a tocha que trouxera, accendeu uma vela de cera n'um castiçal de prata.

— Podeis retirar-vos. Discrição. Misterio. Um dia, bem cedo, recebereis o premio.

João Vaz sahiu. Aquelles modos sobranceiros, que pela primeira vez em sua vida era obrigado a soffrer, espantavam-o. Lia-se-lhe o pasmo nos olhos.

— Bravo, João Folão! disse o mais velho dos hospedes do morgado.

E, tirando o chapéo, collocou-o sobre a chave de maneira a evitar que João Vaz pudesse, movido pela curiosidade, espreitar o que ali se passava.

— Estamos dentro da cidadella, meu tenente. E emquanto os alcaides d'essas terras batem moitas á minha procura...

— Com tanto que o Pera e o Farrusco guardem cautelosamente o Gil Mendes...

— Apenas será solto, quando, recolhidas as tropas a quarteis, pudermos voltar ao nosso posto com todas as pratas e dinheiro do sr. Morgado da Aramenha. Desgraçado Gil Mendes! Tal era o susto de que João Vaz tivesse uma só duvida, que nem lhe esqueceu na carta o misterioso signal que tão depressa nos abriu, de par em par, as portas d'esta casa. Verdade seja que uma só duvida de João Vaz custaria a vida a Gil Mendes.

— Quanto tempo nos demoraremos aqui?

— O preciso para socegarmos os animos. Farta colheita faremos. Cuidado com o vinho que te faz linguareiro e lembra-te de que tanto para ti como para o João Vaz a indiscrição...

O tenente todo tremeu. Levou as mãos ás goelas e deitou a lingua de fóra com um estremecimento de horror, esbogalhando os olhos.

— A forca!

— A forca. Tenho confiança em ti. És o meu tenente.

O outro empavonou-se.

— Mas, continuou João Folão, sabes como costumo castigar os erros. Cuidado com o vinho ou a nossa fortuna...

— Silencio! disse o tenente.

A sensibilidade do seu ouvido era celebre na quadrilha.

— Alguem se approxima...

— Já o esperava, observou João Folão sorrindo. A curiosidade. Tira d'ahi esse chapéo, continuou muito baixo. Tudo corre á medida dos nossos desejos e é elle proprio quem vem armar o laço em que ha de cahir.

O tenente olhava com certo espanto a que João Folão encolheu os hombros.

— É tempo de começarmos a comedia.

Ajoelhou devotamente. O tenente imitou-o. Com o ouvido muito apurado percebia junto á fechadura o respirar assustado de João Vaz. Piscou o olho ao capitão, fazendo-lhe signal.

Este benzia-se, persignava-se, batia no peito, juntava as mãos, erguia os olhos ao céo.

O tenente imitava-o.

— Agora, disse João Folão em voz alta, rezemos, conforme é nosso costume, um Padre Nosso pelas almas dos que pelejaram a nosso lado nos campos de Alcacer e que, mais felizes de que nós, já não teem que penitenciar-se das faltas, dos erros, dos peccados commettidos.

Resou, benzeu-se, ergueu-se.

— Como a oração consola as almas!

O tenente deixou-se ainda por momentos ficar ajoelhado. Depois com modos cerimoniosos approximou-se de João Folão, d'olhos baixos, como esperando ordens.

Mas o capitão, de pé, em meio da casa, bem defronte da fechadura, cruzára os braços com aspecto meditabundo, fitando os olhos no chão.

— A gloria é uma palavra vã, disse por fim em tom soturno.

E calou-se.

O tenente ouvia um soprosinho no buraco da fechadura.

— O mais fiel dos meus amigos és tu, continuou João Folão. Viste-me na desgraça e não me quizeste abandonar, Christovam de Tavora.

O tenente ouviu como que um roçar de cabellos pela porta e dois dedos que se encostaram. Devia de ser o João Vaz, que ia cahindo. Voltou-lhe as costas para esconder o riso.

— Ajoelha e beija-me a mão, disse João Folão, baixinho, imperturbavel.

O tenente obedeceu.

— Não! Não! disse o outro tragicamente, obrigando-o a levantar-se. Em meus braços!

Apertou o tenente contra o peito, tirou o lenço, enxugou os olhos.

— Tenho de espiar as minhas culpas. Até que anno e meio passe sobre esta fatal derrota, occultar-me-hei, conforme a minha promessa, viverei como proscripto.

— Senhor! dizia o tenente, agarrando-lhe a mão, sacudindo os hombros, como em choro convulso.

— Tenho conhecido os homens, as suas villezas, as suas traições. Um me falta ainda por conhecer, um, que tem fama de honrado como tantos e que talvez como esses tantos preferisse atraiçoar-me. N'este quero confiar, pelo que d'elle me disse Gil Mendes ao reconhecer-me.

O sopro na fechadura accelerava-se.

— Quando puderes dá-me *alteza*, disse o João Folão baixinho.

E continuou:

— Fal-o-hei rico, fal-o-hei poderoso; dar-lhe-hei na minha côrte o primeiro dos logares. Não viste o seu rosto d'elle? Indica uma honrada tranquilidade. João Vaz será digno da eterna historia.

O sopro tornára-se quasi imperceptivel.

— O homem já nem respira, pensou o tenente.

— E' tarde. Estou cançado. Quero repousar, Christovam.

— Santas noites Deus dê a V. Alteza, disse o tenente cumprimentando.

Junto da porta sentiu-se o baque d'um corpo.

— Um deliquio? perguntou João Folão baixinho.

— Não, respondeu o tenente apurando o ouvido. Sinto-o correr em palmilhas pelas lages do corredor. Foi o assombro.

— Toca a deitar, que estou derreado!

— Santas noites Deus dê a V. Alteza.

— Vai para o diabo.

CAPITULO XXI

Mentiras

MILITÃO Corrêa, que recebera a carta de Florambel, sorrira desdenhosamente da insensatez da denuncia. Entretanto, durante o jantar, não tirára os olhos de Martha, mais afflicta e oppressa, mais distrahida ainda.

—Saudades de meu pae, dissera como explicação.

Nem por um momento o alcaide acceitava a idéa de que a sobrinha, esquecendo quanto devia á posição e nome, pudesse, em sonhos que fosse, admittir que um histrião erguesse, audacioso, para ella os olhos. Deveria ser intriga de invejoso, procurando por esta fórma livrar-se de companheiro que o molestasse em suas ambições. Não se enganava totalmente.

Entretanto, como a calumnia teria, talvez, ainda que vago, algum fundamento, vigiaria de noite o jardim, onde alguem mais atrevido poderia ter saltado com a mira na fructa do pomar ou nas couves da horta.

Para elle o desmaio de Martha durante a representação do auto e toda a tristeza de que a via possuida tinham explicação clarissima na desordenada imaginação da sobrinha e nos impulsos de seu coração facil-

mente vibrando em unisono com os mais complicados caprichos de uma cabecinha estouvada.

Militão, que muitas vezes visitava Martha em seu quarto, depois que esta julgára vêr no cavalleiro da *Barca do Inferno* a imagem querida d'El-Rei, conversando com a sobrinha, notára que ella escolhia sempre para assumpto a discutir a probabilidade da volta de D. Sebastião, de molde, por certo, para sobre ella tecerem como em tear fantastico os mais complicados lavores.

Sabendo-a tão cheia d'esse pensamento, cada vez mais n'elle occupada, como acreditar que aquelles olhos purissimos, parecendo só feitos para fitarem o céo, pudessem baixar sobre coisa tão vil como um dos comicos da farandula do Plutão?

Pobre Gonçalo! A essa hora estava elle roído pelos ciumes, sem poder atinar com a causa que pudesse ter produzido em Martha aquella rapida mudança.

Por quem o tomára a principio? Como a parva da aia, por El-Rei? Mas não o vira Martha em Lisboa, durante horas sob as suas janellas, a primeira vez que o seu rosto d'ella, o seu olhar, o haviam deslumbrado? Sem protesto se havia referido a esse dia, de que ella bem se lembrava.

Aquella subita colera...! «Gonçalo Vaz, odeio-te...!» Aquella repulsão, depois de lhe haver carinhosamente abandonado as mãos, que elle cobrira de beijos...! Pois assim tão odioso lhe haviam dito que havia de ser o nome d'elle? Como admittir que n'aquella alma, que tão santa e pura se mostrava aos olhos d'elle, unica luz por que anciava, se abrigasse tão cruel, insensato sentimento? Não a salvara elle um dia expondo a propria vida? Não o havia ella reconhecido ao clarão do mosquete do assassino? Pois isso não bastára para desfazer em nada velhas, fabulosas offensas de familia?

Se assim fosse...? Era uma esperança. Como lhe seria facil com muito amor lançar no olvido velhos odios sem razão!

Depois lembrava-se outra vez de como a vira chorando á janella de Joanna da Fonseca no dia da acclamação do Cardeal. N'esse mesmo dia, passeando ao longo da taberna da Marianna a Santa, se puzera a scis-

mar no que lhe vira marejar nos olhos. Fôra triste o dia e muitos choravam; mas a dôr nos olhos d'ella não era como a dôr dos outros.

Aquella confusão da aia...! El-Rei...! Vossa Alteza...! Se não era a elle que esperava...? Se outro...?

O ciume trazia-lhe pesadêlos, architectava-lhe historias fantasticas. E Gonçalo descobria tormentos horriveis!

Sentado sobre a arca, junto da porta, mordendo os dedos, raivoso, fito no chão o olhar turvo, no egoismo da sua dôr, com a alma em fatigante desasocego, não reparava como Aurelia, em frente d'elle, lhe ia dolorosamente, anciosamente, lendo no rosto os clarões da esperança, os sorrisos de uma saudade, as duvidas, as suspeitas, os rancôres, os desejos de vingança, o desespero de tudo.

Pobre Aurelia! Sabia o peior que tinha de saber, a perda d'aquelle amor, unico amparo da sua vida triste.

Se por acaso Gonçalo desviava para ella o olhar, sorria-lhe como para consolal-o, como se lhe dissesse que não fosse infeliz, que passam breves as penas do amor, que ainda ali a tinha como d'antes, amiga d'elle, fiel, com o coração cheio de perdões.

E outro que não fosse Gonçalo teria dó da amargura d'aquelle sorriso, d'aquelles olhos pisados de chorar, d'aquella alma que se rebaixava e que para remedio de soffrimentos já dentro em pouco só teria a morte.

Doente, abandonada, sem forças contra o mal nem já esperanças de algum bem, iam-se-lhe cavando as faces, abandonára-se á má sorte, desmaselára-se no vestuario, deixára o alinho dos cabellos, perdêra a belleza. Apenas no rosto macilento brilhavam mais do que d'antes os profundos olhos negros.

Gonçalo, por acaso, n'um d'esses momentos em que todos os seus pensamentos e desejos voavam para muito longe, ergueu do chão o olhar e volveu-o para Aurelia.

E então lembrou-se. Ali estava outra que elle tambem havia amado, a quem a vida teria sacrificado por uma palavra só.

Porque?

Pôz-se por um momento a analysar esse sentimento, de cujos primeiros longes clarões olvidára as causas.

Que lhe havia elle achado alguma vez para assim se deixar dominar, vencer? De que poder misterioso havia disposto aquella mulher? Que sentia elle agora junto d'ella?

E olhou para Aurelia primeiro com indifferença, depois...

Aquellas faces magras, aquellas feições pronunciadas, aquelle olhar profundo...!

O Bazaruco tivera razão um dia. N'aquelle rosto havia traços d'um outro que odiava!

Porque só agora o descobria?

A lembrança detestavel de Ayres Gomes fel-o olhar para Aurelia com desdem.

Percebeu-lhe ella o olhar.

Era o fim de tudo.

Empallideceu. Os olhos cerraram-se-lhe.

— Que tens? perguntou-lhe Gonçalo.

— Nada, nada, respondeu-lhe ella, empurrando-o.

— Soffres? disse ainda Gonçalo procurando dar á voz um tom carinhoso.

— Não.

O Bazaruco passava n'esse instante, vindo de dentro, depois d'um somno reparador, de que bem precisava, visto as violentas commoções da noite.

— Saio comtigo, disse-lhe Gonçalo, sem mais reparar em Aurelia.

Começava a sentir por ella o tedio, que sempre inspira a mulher que se deixou de amar.

A voz perdêra a musica, o seu perfume suffocava-o; pela primeira vez notára-lhe as similhanças com o pae.

— Que tencionas fazer? perguntou Gonçalo ao Bazaruco.

— Voltar.

— Esta noite?

— Esta e quantas Nossa Senhora me proteger.

— Falarás com D. Rosa?

— Emquanto Christovam de Tavora tiver prerogativas de valido de S. Alteza, D. Rosa será por mim que bem preciso.

— Bazaruco!

— Por nós, que bem precisamos.

— Se soubesses com que receio...

— Minha boa estrella m'a deparou, não a abandono assim.

— Lembra-te de quem sou.

— Não ha razões que me demovam. Amo-a!

— E ousas rir...! não vês em que inferno esta duvida horrivel...?

— Vejo, vejo.

— Preciso saber tudo. Por Deus, te peço, Bazaruco...! Pódes lá comprehender o que eu soffro, tu, um coração sem escrupulos...!

— Amo-a!

E o Bazaruco punha os olhos em alvo e a mão espalmada no peito.

Desciam pelas ruas do castello. Encontraram o Plutão, que lhes perguntou por Florisbella.

— Melhor, respondeu Gonçalo. Não tem nada.

Á noite o falso D. Sebastião não se atreveu a acompanhar o escudeiro, que, lembrando-se das sombras suspeitas que avistára na vespera, levava ao lado a espada.

D. Rosa appareceu-lhe tremente. Parecêra-lhe que um negro vulto a acompanhára por momentos no arvoredo do jardim e julgára depois ter ouvido uma gargalhada...

Era Militão que effectivamente vigiáva as portas do palacio e que rira a bom rir, encolhendo os hombros, da aventura em que via embarcada a dengosa aia de sua sobrinha.

— Já não tem risco, disséra philosophicamente.

E n'essa noite, emquanto D. Rosa ouvia as confidencias do Bazaruco sobre a promessa que El-Rei lhe fizera de brevemente lhe conceder o titulo de conde de Castello de Vide, João Folão dava generosamente a mão a beijar ao morgado da Aramenha a quem chamava D. João Vaz.

— Condessa...! Eu...! exclamava D. Rosa a quem o Bazaruco jurára casamento.

— D. João Vaz! dizia o morgado, gosando da inveja que o titulo despertaria nos velhos rivaes.

E Martha no leito luxuoso contava mais uma noite de insomnia e Aurelia na triste enxerga invocava a morte.

CAPITULO XXII

A morte do Cardeal

Trinta e um de janeiro de 1580.

Consumido pela tisica, mortificado pela lucta das ambições travada em volta do leito da morte, o Cardeal emfim expirava.

A noite era limpida. O luar brilhava.

O povo, ancioso por noticias, vendo approximar-se o momento de talvez curvar a cabeça ante um rei estrangeiro, apinhava-se ás portas dos paços de Almeirim.

Na camara real, sentado no leito, com a cabeça muito pallida encostada á grande almofada muito branca, já sem forças para tossir, respirando a custo, o Cardeal, em frente da vasta janella, olhava para o céo, onde a lua brilhava.

O luar entrava pelo quarto estirando no chão uma grande mancha de claridade, que se quebrava na colxa de seda, se estendia pelo leito, trepava pelas roupas brancas do moribundo e ia acabar no docel, na linha curva da sombra do arco gothico da janella.

E as mãos anemicas do velho e os flacidos cabellos eram da côr do luar.

Iã descançar finalmente!

Junto á camara, na vasta sala, mal alumiada por quatro tochas de cera collocadas aos cantos, esperavam a cada momento a nova da morte os fidalgos da côrte e os criados do paço.

E todos em grupo falavam baixo, olhando a soslaio para aquella porta, por onde a morte entrára, d'onde a vida lhes havia de vir.

Christovam de Moira, vendo approximar-se o instante que lhe traria o premio a todos os serviços prestados á causa de D. Felippe, El-Rei de Castella, seu amo, sorria vaidosamente, conservando o corpo em attitude compungida.

O que o seu talento havia conquistado com a ajuda das miseras ambições de toda aquella gente! Alguns ali havia, tão pressurosos da certeza da recompensa, que até, mesquinhos e baixos, tinham querido, implorado como favor, jurar fidelidade ao rei castelhano nas mãos do Duque de Ossuna, seu embaixador!

Ouvia-se lá fóra o rumor do povo. E Christovam de Moira sorria sempre!

Aquelle era por D. Antonio, Prior do Crato, o filho do Infante D. Luiz; mas era só elle, o povo, com poucos fidalgos, os estudantes. Estava preso em Uzeda D. Fernando Alvares de Toledo, Duque d'Alba, pagando por culpas que não tinha e D. Felippe devia-lhe essa desforra, dar-lhe a gloria de vencer os portuguezes. Assim se atrevia aquelle bastardo, com o amor que soubéra inspirar á infima plebe, a vir incommodar o mais poderoso, o maior dos reis do mundo! Mais perigoso era o direito incontestavel da Duqueza de Bragança; mas o Duque achava-se liado pelo juramento feito e os governadores, que d'ali a um dia tomariam conta do governo do reino, confirmavam o rifão que dadivas quebram pedras.

Por isso Christovam de Moira sorria, menos quando avistava D. João Tello de quem o Duque de Ossuna escrevêra a D. Felippe dizendo-lhe que *a D. Juan ó se le avia de cortar la cabeça ó traerle sobre la cabeça.*

Nenhuma dadiva o podia vencer, nenhuma promessa o podia mudar.

O povo, prevendo a lucta, olhava rancoroso para os

muros do palacio, onde áquella hora tantas vis paixões se abrigavam, tantas sordidas esperanças floresciam.

Então uma mulher olhou para o céo e mostrou uma sombra ligeira, que viera cortar os bordos da lua cheia.

Era o eclipse que principiava.

O Cardeal respirava a custo, procurando ainda acompanhar n'um murmurio as orações, que em voz alta, ajoelhado junto do leito, resava o capellão mór D. Jorge de Athayde. Do outro lado, o phisico, silencioso e de pé, segurando a El-Rei o pulso fragil como de criança pequena, contemplava-lhe o rosto em que a morte começara a estender o véo. Duas vélas ardiam junto d'um crucifixo.

El-Rei com os tristes olhos azues já embaciados parecia ainda fital-os, espantado, na lua, que ia caminhando, já roida pela sombra.

A respiração cada vez mais difficil do moribundo soava aos ouvidos do medico como hymno da esperança, cada vez mais certa, do premio, que ao espia de seu amo Christovam de Moira havia promettido. E é possivel talvez que o officio da agonia parecesse ás vezes a D. Jorge um psalmo glorioso.

O pobre velho, cançado da vida, em que fôra pequenina folha á mercê do temporal soprado em volta d'elle pelas ambições, olhava para o céo, talvez pedindo que o amparasse na morte quem na vida lhe fôra tão contrario.

Ouvia-se cada vez mais o povo lá fóra.

E Christovam de Moira sorria. E' que D. Felippe teria para escolher de tres razões a que mais lhe conviesse: o direito, a eleição ou a força das armas.

Mas o borborinho augmentou. Mil vozes falavam a um tempo. Ouviu-se um tropel de cavallos e um tenir de espadas nos degráos de cantaria. Fidalgos apressados entravam. A nova correu as salas.

A Duqueza de Bragança, D. Catharina, filha do Infante D. Duarte e neta d'El-Rei D. Manuel, acabava de chegar de Villa Viçosa.

Christovam de Moira empallideceu.

Um calafrio percorreu aquellas espinhas vergadas pelos annos e ainda mais pela baixeza a que as costumáram as dadivas dos embaixadores de Castella.

Ainda podia ser!... Se El-Rei, á ultima hora, no derradeiro momento, n'um acordar da consciencia, livre emfim de todos os receios, n'um ultimo clarão de amor patrio, deixasse nas mãos da sobrinha portugueza cahir das suas mãos anemicas o sceptro d'Aviz!

Era preciso que lhe não falasse.

Mas no quarto onde El-Rei expirava estavam dois homens da confiança de Christovam de Moira. Um d'elles assomou á porta. Era o phisico. S. Ex.ª podia entrar.

Todos se curvaram á passagem da Duqueza.

El-Rei perdêra a fala. Começara o estertor.

D. Catharina, de joelhos aos pés do leito, invocando a amizade com que o tio tantas vezes lhe valêra, lembrando-lhe quanta desventura poupava ao reino tão castigado já, como sendo justo seria ao mesmo tempo pae misericordioso, rogando a Deus quasi um milagre, implorava do moribundo um derradeiro esforço, uma palavra só, que livrasse a patria do jugo estranho e lhe desse, a ella, que era de sangue real, a corôa, que em lucta fratricida ia ser jogada pelas armas.

D. Jorge de Athayde resava cada vez mais alto, receioso, querendo talvez abafar a voz da Duqueza. O phisico sorria.

E os olhos do Cardeal, muito sahidos, cada vez mais espantados, olhavam para a lua, que se ia sumindo, sumindo, e onde apenas um fio tenuissimo brilhava na escuridão do céo.

A Duqueza ergueu-se. Approximou-se do moribundo.

—Calae-vos, por Deus, disse a D. Jorge.

—*Requiem æternam dona ei, Domine, et lux perpetua luceat ei*, disse este, como resposta, mostrando-lhe o Cardeal com os labios immoveis, o olhar completamente embaciado.

A Duqueza deu um grito. A porta do quarto foi aberta precipitadamente. A cabeça de Christovam de Moira appareceu espreitando.

As velas acabavam de arder nos castiçaes junto ao crucifixo, os pavios dobrados, com grandes morrões. A sombra do docel mal deixava distinguir o rosto do Cardeal. A Duqueza fechou caridosamente os olhos do velho tio, o ultimo rei d'Aviz.

Uma janella abriu-se e uma voz lamentosa gritou:

— Chorae, senhores, chorae, cidadãos, chorae, povo, a morte do vosso bom rei D. Henrique.

A lua desapparecêra de todo. O povo foi-se, caminhando ás apalpadellas, na sombra espessa.

CAPITULO XXIII

Os dois Christovãos

Em Castello de Vide continuava de maré de rosas a vida do Bazaruco, apenas ensombrada pela vista de Aurelia, que, dia a dia, se estiolava.

A irmã, muito pobre, não lhe faltava com os carinhos, mas, mais do que a Melicia, D. Rosa possuia uma alma sinceramente amante, e, além d'isso, as chaves da dispensa bem provida e da famosa adega do Solar do Alamo. Por emquanto continuava a deliciar-se com os versos do Chiado e de Camões que, indifferentemente, como improvisados, o Bazaruco gloriosamente lhe cantava, acompanhando-se na guitarra. Um inferno.

Paios, chouriços, pães, doces, carnes, vinho, tudo o Bazaruco acceitava d'aquella alma condoída da má sorte de tão gentil fidalgo.

—Condessa, Deus vos pagará, dizia-lhe de bocca cheia.

Mas o homem era previdente e, de quando em quando, queixava-se da infeliz sorte d'El-Rei, seu amo, que a ninguem quizera descobrir ainda o segredo do seu viver incognito. Altos misterios da politica, que faziam passar um arrepio sobre a espinha sensivel da feliz amante.

Sob pretexto de acompanhar Sua Alteza, que o não auctorisava a recolher-se tarde, o Bazaruco encurtára o tempo das visitas e mudára-as para mais cedo. Logo que soavam nove horas engolia á pressa o ultimo bocado e retirava-se, deixando D. Rosa debruçada sobre o muro, saudosa, gritando-lhe de longe que viesse cedo na noite seguinte.

E o Bazaruco sósinho:

—Tudo é bom, mas preciso mais. Um dia d'estes, quando me convier, vou fazer annos. Isto acaba, e depois? Preciso levar de D. Rosa uma lembrança duradoura.

Gonçalo esperava-o sempre.

—Novas de Martha?

—Nenhumas.

—Que te disse D. Rosa?

—Que me adora.

—E de Martha?

—Nada.

—Que faz ella?

—Sonha.

—Conta-me.

—Um arrazoado tamanho que me ataranta.

—Como passa os dias?

—Calada a scismar.

—As noites?

—Falando a sonhar.

—Que julga D. Rosa?

—Que a sr.ª D. Martha anda apaixonada por El-Rei D. Sebastião.

—Por El-Rei...!

—Ou por V. Mercê, que tambem D. Rosa quem ama é Christovam de Tavora.

—Porque me fugiu ella? Que se passou n'aquelle instante?

—Misterios, que D. Rosa explica d'olhos em alvo e cujas razões me embasbacam.

—Mas que diz?

—Coisas misteriosas.

—Bazaruco, que não sei como te não afogo!

—Mercês pelos bons sentimentos.

—Mas pergunta-lhe, quero saber...

— Tinha o passaro na mão, porque o deixou voar? Bem faço eu que o seguro com unhas e dentes.

—Porque ha de ella assim querer matar-me? Porque me deu seu olhar uma esperança?

— Coragem, meu amo. D. Rosa affirma que a sr.ª D. Martha está ferida e mal ferida. O que foi não sabe, mas explica, e é isso o peior, que, se m'o não explicassem, mais facil me seria percebel-o. Mas quê! Ella julga falar a Christovam de Tavora e taes termos escolhe que o Bazaruco nada entende. Nem ella, que n'isto de jogos de amor quem está de fóra enxerga o lanço melhor e nós todos andamos n'elle. Deixe V. Mercê passar o tempo e tenha coragem, meu amo.

E, á força de ouvir D. Rosa tratal-o por *senhoria*, quando o vinho era do melhor, julgava por vezes que era verdadeiramente Christovam de Tavora.

Outro, porém, usurpava tambem o mesmo nome e em casa de João Vaz era bemquisto e tratado como se realmente fosse o famoso capitão dos aventureiros, o fidalgo valido do valente rei D. Sebastião.

João Folão educára o tenente a conversar pouco, recommendando-lhe que a tudo apenas respondesse *sim* ou *não*, temendo que qualquer falta de etiqueta pudesse denunciar o antigo escripturario do tabellião de Arronches.

O morgado, apesar da promessa que fizera de conservar segredo sobre a presença d'El-Rei em sua casa, deixava transluzir no rosto a enorme ventura de que o encheram as honras já concedidas e as promettidas ainda maiores. Os seus modos triumphaes faziam scismar os mais intimos da casa, onde o morgado não pudera esconder completamente a estada dos illustres hospedes. Todos scismavam com o misterio e pela villa espalhara-se, sempre muito em segredo, entre os partidarios de João Vaz, que eram de alta estirpe forçosamente os dois cavalleiros, para cujo serviço o morgado fôra desenterrar a antiga baixella de prata doirada, a mais famosa de Portugal.

Tão generoso em promessas se mostrava João Folão, que o proprio morgado da Aramenha, que já obtivera além do *Dom* o logar de trinchante-mór, não percebia como não fôra mais celebrada no reino a liberalidade de tão insigne monarcha.

Então, cheio de rancor, não contente de elevar-se, assoalhava os seus aggravos contra a familia Corrêa, ao que João Folão respondia, batendo-lhe paternalmente no hombro:

— Porque escolhi eu vossa casa, D. João Vaz? Terão de haver-se comigo os vossos inimigos.

O tenente não falava. Ouvia. Ás vezes João Folão tinha dó d'elle e permittia-lhe que se sentasse.

Então o tenente esgotava as garrafas, que o trinchante-mór mandava subir da adega, regalando os hospedes, que tanto o honravam, com tudo o que tinha de melhor.

Entretanto João Folão havia todos os dias noticias certas das goradas tentativas dos alcaides com seus terços dando busca ao terrivel salteador e apenas o inquietava algum excesso de zelo do tenente, que um um dia chegára a esconder debaixo do colxão uma das melhores bandejas da baixella.

Trez cavallos na cavallariça estavam sempre sellados ás ordens d'El-Rei, que assim o exigira. Bom era estar prevenido.

Como homem que tem socegada a consciencia, João Folão dormia toda a noite de ventre para o ar, emquanto o tenente se sentia humilhado da posição secundaria a que o seu amo o obrigava. Ás vezes tomava a serio o papel e lançava a João Vaz olhares rancorosos e sobranceiros, quando este, cheio de attenções para El-Rei, se descuidava de mandar desrolhar as novas garrafas. Uma vez chegou a cair no excesso de uma praga.

O João Folão desculpava-o. O costume de lidar com militares e depois aquelle horrivel ferimento no figado, que lhe transtornára a boa circulação dos humores...

João Vaz nada via. Obcecado pela ambição, certo de poder um dia humilhar com o esplendor de um titulo os antigos rivaes, contra quem dirigira a colera real, não reparava siquer quanto eram espaventosos e comicos os ares, os modos d'aquelles a quem tão ingenuamente franqueára a sua casa, cego pela vaidade.

Ás vezes João Folão, temendo algum maior dislate, dava ao tenente licença para sahir.

— Espero, Christovam de Tavora, que sabereis manter com prudencia o real segredo que vos foi confiado.

Moderae vossa justa colera se alguma palavra ouvirdes que vos magoe vossos sentimentos dedicados a vosso infeliz amo. A hora da justiça breve ha de soar. Ide.

E dava-lhe a mão a beijar.

O tenente sahia cambaleando.

—Aquelle ferimento na perna,... explicava o João Folão.

Havia uma certa dóse de vinho que acordava no tenente iras surdas contra o capitão, que em toda aquella comedia escolhera o papel mais pomposo, mais apto para rodeal-o de attenções. O tenente não via com bons olhos o João Vaz ajoelhar para beijar a mão do capitão, emquanto que para elle apenas se contentava com uma saudação respeitosa. Queria mais tambem. Pois Christovam de Tavora não era primeiro entre primeiros? E tão cheio andava do titulo que, ajudado pelo vinho, uma noite abriu-se com o Javardo, o mais famoso taberneiro de Castello de Vide.

Arripiando o bigode, batendo-lhe familiarmente com a mão no hombro, entre altivo e confidencial, disse-lhe um dia:

—Gosto de ti.

Rebentava por fazer a confissão de quem era, que já o vinho lhe trepára ao cerebro e julgava o sonho quasi uma verdade.

—Mal sabes tu, Javardo, quem tens a honra de servir.

Alguma coisa lá dentro lhe rosnava que era intempestiva e perigosa a confidencia, mas a ambição de tornar-se respeitavel, de ver um homem de joelhos a beijar-lhe a mão, poude mais que a voz da razão que lhe murmurava:—Cala-te, Braz, ou pagas com a vida a indiscrição.

—Vejo que é um cavalleiro, disse o Javardo, baixo, atarracado, com os grossos cabellos negros até aos olhos, cabellos no nariz, ramalhetes de cabellos nas orelhas.

—Upa! Upa! dizia o tenente. Um cavalleiro...!

Teve um sorrriso tristemente ironico.

—Um cavalleiro...!

—Mais? perguntou o Javardo a quem a prata de que andavam sempre cheias as algibeiras do hospede exci-

tava ha muito a curiosidade e inspirava o mais dedicado respeito.

—Muito mais! Muito mais...! A espada, que vês aqui, ficou-me nos corpos de mais de trinta moiros!

O Javardo não percebia. Coçava a cabeça.

—És casado?

—A' face da egreja.

—Não te revelo o segredo. Irias contal-o a tua mulher.

—Não dormimos juntos, meu senhor.

—Mulheres não sabem guardal-os e eu desejaria abrir-me comtigo.

—É uma velha, senhor.

Os olhos do Javardo piscavam cheios de curiosidade.

—Nunca ouviste falar nos aventureiros?

—Ouvi, senhor.

—Na batalha de Alcacer, ouviste? foi zaz, traz, zas! mataram tudo!

—Quer V. Mercê dizer que morreram todos.

—Todos! todos! A flôr da cavallaria!

O tenente limpou uma lagrima; o Javardo limpou outra.

—Ora quem era o capitão? Quem era?

—Oiço dizer... Não sei bem...

—Sei eu, que estava lá. Era o valido d'El-Rei.

—Isso mesmo. O valido d'El-Rei, o qual lá ficou.

—Pois esse valido d'El-Rei, o qual lá ficou, sou eu.

—Ah!

O Javardo ia cahindo.

—Abri-me comtigo não me atraiçoes. Nascer, como eu nasci, em berço d'oiro! Ser criado, como o fui, entre sedas e damascos! Ter visto a côrte de rastos a meus pés, implorando um meu olhar! E agora?... Para ter a consolação d'uma palavra amiga, tenho que dizer-te, a ti, Javardo: — «Vês-me? Sou Christovam de Tavora, homisiado, escondido por culpas que não tive!»

O Javardo tremia. O tenente convencido chorava de commoção lagrimas sinceras dentro do copo vasio.

—Hei de ser outra vez o que já fui. Esse dia vae amanhecer. Ai d'aquelle que me não estimou na miseria.

O Javardo ajoelhou.

— Podes beijar-me a mão e traze mais meia canada.

E d'ahi em diante, como homem previdente, nunca mais pagou.

Ora n'esse dia o Bazaruco lembrou-se de fazer annos. Precisava que D. Rosa lhe provasse com factos o amor de que dizia achar-se possuida. Effectivamente, logo de manhã, o Bazaruco recebeu em caza um mandado da apaixonada noiva. Os olhos reluziram-lhe cheios de jubilo.

Condoida da triste sorte de S. Alteza e do mais dedicado e fiel dos seus vassallos, atrevia-se D. Rosa a enviar-lhes, mettidas n'um pequenino cofre de xarão, todas as economias que pudéra juntar, mialha a mialha, nos vinte annos de serviço em casa do alcaide: duzentos e quarenta crusados.

O Bazaruco nem leu a carta. Duzentos e quarenta cruzados! Uma fortuna.

E, como ella conhecia bem os sentimentos de cavalleiro do sr. Militão Corrêa, não tivera duvidas em retirar da adega, aquella duzia de garrafas do melhor vinho, que remettia n'um caixote. Uma santa!

Boa idéa tivera o Bazaruco. Decidiu logo que o dia seria de festa. O vento era de feição; molharia pois a vela. Uma pequenina folga n'essa noite a seus amores dariam a D. Rosa mais amor e a elle a liberdade d'uma noite. Sempre era tempo de agradecer.

Respirou fundamente. Os ares patrios haviam-lhe feito bem.

Feliz, contente, tendo ajudado a ceia com duas garrafas da prenda do amor, cada vez mais possuido do papel de Christovam de Tavora, do mais dedicado e fiel dos vassalos de S. Alteza, foi dar uma volta pela villa, ajudando a digestão alegre da mais venturosa das ceias.

Cheio da importancia do cargo, caminhava solemnemente, de cabeça erguida, braços largos. Quando encontrava algum dos companheiros, fazia-lhes um pequenino gesto desdenhoso com a cabeça. Para o proprio Plutão olhou por cima do hombro.

Ouviu-o dizer baixinho á Corisanda:

— O Bento parece um fidalgo.

—E é, respondeu, volvendo um pouco o corpo magestoso, traçando a capa e puxando para sobre a orelha direita o chapéu n'uma lastima.

Era o nobre vinho do Militão que lhe subira á cabeça.

Com a algibeira recheada d'oiro, entrou, quasi noite, na taberna do Javardo.

Já por duas ou trez vezes a caridade da irmã lhe havia permittido poder provar as sabias composições do mais afamado preparador de vinhos de Castello de Vide. Não valia com certeza o nectar do sr. Militão, mas a sede apertava, e bom era haver em casa para outro dia de festa com que fazer uma saude.

Entrou e logo com o olho pisco irresistivel enviou uma amorosa saudação á esposa do taberneiro. Para o que desse e viesse, começava a cultivar aquella sympathia, que mais tarde poderia transformar em abundante credito, se fosse precizo.

E a verdade era que a Dorothéa logo da primeira vez que o vira se sentira commovida por aquelle ar com que o Bazaruco se apresentava sempre, ao mesmo tempo altivo nos seus andrajos e suavemente amoroso em suas falas mansas. Assumira o aspecto d'um nobre arruinado, que agradece, cheio de saudades, uma qualquer prova de estima, d'aquellas de que d'antes todos eram prodigos para com elle. Fosse porque fosse, o aspecto do Bazaruco impuzéra-se á velha Dorothéa pelo menos tanto como ao Javardo as moedas de prata do tenente.

N'essa noite, porém, o Bazaruco deixou-se d'ares modestos, que deveriam por certo ficar mal a Christovam de Tavora com as algibeiras cheias d'oiro.

Com este na bolsa e os fumos do vinho na cabeça, entrou arrogante, feliz, conquistador. O olho pisco com que olhou para Dorothéa já não pedia misericordia.

Sentou-se.

Na mesa fronteira, o tenente, recostado á parede, com as pernas muito estendidas, os olhos meio cerrados e o copo meio vazio, saboreava a vaidosa alegria de ver o Javardo a respeitosa distancia, com o dorso muito curvo e olhar attento, para não deixar que se esgotasse de todo o copo sem que outros dois quartilhos o substituissem.

O Bazaruco não gostou de ver o concorrente. Ao sentar-se, ouviu-se-lhe um tilintar d'oiro nos calções. A Dorothéa approximou-se logo com muitas reverencias.

— Que manda V. Mercê?

— Vinho.

E fitando arrogante o olhar no visinho fronteiro:

— Do melhor, do mais caro.

Recostou-se como o tenente, estendeu as pernas.

— Quem será aquelle cavalleiro? pensou.

O outro olhava-o altivo e no olhar curioso parecia lêr-se:

— Quem será aquelle cavalleiro?

A Dorothéa corria apressada.

O tenente bebia devagarinho. O Javardo, com o outro copo já cheio, esperava attencioso.

— Muda, disse o tenente.

O Javardo approximou-se muito curvado.

— Mudae, disse o Bazaruco a Dorothéa. E agora sentae-vos a meu lado, que desejo conversar comvosco.

A Dorothéa olhou para o Javardo; mas este só pensava em derreter-se perante o hospede illustre, que lhe bebia o vinho sem lhe pagar. Muito esquiva, não se atrevendo a acceder por completo ao convite do Bazaruco, encostou as mãos á mesa e esperou sorrindo o que lhe queriam dizer.

— Quem é aquelle cavalleiro, cujo olhar me não perturba mas incommoda?

— Sr. não sei, respondeu Dorothéa.

— Se n'outros tempos me olhára assim, ha muito, que o seu ventre houvera conhecimento de minha espada.

— Não conhece talvez a V. Mercê e por isso...

— Sim, sim, talvez. Ah! que se me conhecêra...! Rodeia-o de attenções vosso marido. Alto personagem deve ser.

— Assim o creio. O meu homem, porém, guarda segredo...

— Segredo de vós!... Pois tanto vos menosprésa?... Ah! os maridos! os maridos!... Não lhe mereceis confiança?

— Indiscreta me julga e...

O Bazaruco estava morrendo por confessar quem era.

— Sr.ª Dorothéa, a discrição é a mais bella prenda da mulher e, formosa como sois, nenhuma virtude vos póde faltar.

Nem elle adivinhava como o seu olhinho pisco fôra n'esse momento incendiar o coração da velha.

— V. Mercê... gaguejou ella.

— Silencio, murmurou o Bazaruco. O segredo de meu peito irá a enterrar comigo.

— Mais vinho! disse o tenente.

E repuxou os bigodes, com um gesto raivoso e aggressivo, vendo que o Bazaruco, interrompendo as confidencias, dava na mesa um socco, que rachava as tabuas, e berrava com toda a força dos pulmões:

— Mais vinho!

O tenente começava devéras a odiar aquelle homem, que, sem algum respeito pelo fidalgo de mais alta valia junto d'El-Rei, se atrevia assim a assumir aquelles modos, a repotrear-se no banco, de chapéo na cabeça. Apenas para humilhar tanta soberba seria capaz de tudo, até de pagar o vinho.

Bebeu o copo d'um trago.

O Javardo, sempre humilde, andava n'uma roda viva.

A Dorothéa continuava olhando para o Bazaruco, cheia de curiosidade.

— Bebei, disse-lhe este, offerecendo-lhe o copo.

Ella fez com a cabeça um signal que não.

— Bebe, flor, disse o Bazaruco muito ternamente. O vinho é melhor quando bebido por onde hajam tocado labios divinos. Se soubesseis quantas gentis damas da côrte...

— E' da côrte V. Mercê? perguntou Dorothéa muito espantada.

— Foge-me o segredo, disse o Bazaruco, mostrando-se afflicto. Sereis discreta, sim?

— Mas...

— Sei o que ides dizer. Tendes-me visto em meio de histriões...!

— E' verdade.

— Mas por muito que tenha aprendido a arte de fingir, trahiram-me a educação, os ademanes, o meu respeito pelas damas.

— V. Mercê tem com effeito todo o ar d'um cavalleiro. Que lá n'isso, a mim, ninguem me engana.

E a Dorothéa, muito vaidosa, bateu palmadinhas no peito.

— O meu padrinho era conego.

O Bazaruco já não podia conter-se. Havia de dizer quem era.

— Fala baixo, muito baixo. Ah! se eu tivesse a certeza de ter encontrado um peito amigo!

— Pois que melhor o quer V. Mercê?

— Escutae, sr.ª Dorothéa. O meu segredo afoga-me! Ha quantos mezes, quantos! que por todos sou tratado como vil histrião, quasi mendigo! Tenho de revelar a alguem quem sou!... Mas, se uma só palavra haveis de dizer a vosso marido...

— Não dormimos juntos, senhor.

No olho torto da Dorothéa luzia a curiosidade.

— Chegae á minha bocca o vosso ouvido. Sabereis que sou Christovam de Tavora.

A Dorothéa ia cahindo.

— Christovam...!

O Bazaruco meneou tristemente a cabeça como dizendo:—«Vê a que ponto cheguei!»

— De Tavora!

A Dorothéa ajoelhou sem querer.

— E é a mim que V. Sr.ª...! Bem me dizia o coração que era um cavalleiro!... Mas é a mim, a mim...! Porquê?

E o Bazaruco, muito serio, pensando em economias:

— Porque te amo.

Decididamente aquelle homem incommodava-o. Com que direito, com que prestigio de nome illustre, com que vangloria, se atrevia a encaral-o assim? Quem era? Que serviços tinha prestado á patria? Que posição occupava na côrte para assim arrostar com os brios de Christovam de Tavora?

O Bazaruco trazia a espada sob o manto. Ali ou lá fóra, onde quizesse.

O tenente levantou-se roçando as costas pela parede a que ficou encostado. O mocho cahiu. Custava-lhe a falar. Engulia em secco. Remexia nas algibeiras, sempre com o olho no Bazaruco. Por fim tirou uma moeda de prata que atirou para cima da mesa.

— Paga-te, disse ao taberneiro.

A moeda rolou para o chão. O Javardo foi de gatas procural-a.

O Bazaruco ergueu-se tambem. Por tres vezes cahiu sobre o banco. Firmou-se nos pés e nas costas. Piscava muito os olhos. Puxou d'uma moeda d'oiro e atirou-a ao chão.

— Paga-te, disse á Dorothéa.

A Dorothéa poz-se de gatas ao pé do marido, ambos procurando.

Os dois Christovãos, de pé, encostados á parede, assanhados ambos, devoravam-se com o olhar. Os bigodes hirsutos do tenente tremiam. O chapéo do Bazaruco cahira e a vasta cabelleira ruiva sob a candeia tinha reverbações de fogo.

— Guarda o troco, tartamudeou o tenente.

— Guarda o troco, berrou o Bazaruco.

Levaram ambos as mãos ás espadas.

— Sabeis com quem falaes? perguntou o tenente fazendo esforços sobre-humanos para despegar as costas da parede.

— A' fé de cavalleiro, haveis de pagar caro a insolencia da pergunta, respondeu o Bazaruco.

— Uma palavra minha bastará para te levar á forca.

— Avança tu e verás como te leva o demonio.

E ambos faziam esforços para avançar.

O Bazaruco conseguira desembainhar a espada; mas não podia mover-se. O ventre immenso estava entalado entre a parede e a mesa.

— Avança! gritava elle.

Dorothéa agarrara-se ao tenente.

— Senhor! Senhor!

O Javardo segurava os braços do Bazaruco.

— Senhor que se perde!

— Reparae, reparae! dizia a Dorothéa. Aquelle cavalleiro...

O Bazaruco começou a vomitar obscenidades.

O Javardo poz-lhe a mão na bocca, offendido pelo sacrilegio.

A Dorothéa continuava a luctar com o tenente.

— Senhor! Senhor! gritava lacrimejante o Javardo. Por Deus, não insulteis Christovam de Tavora!

O Bazaruco deixou cahir a espada. Dissipavam-se-lhe os fumos do vinho. O Javardo empurrava-o para a porta lateral da taberna.

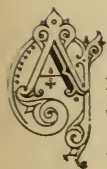
— Reparae no que fazeis, senhor, implorava a Dorothéa ao tenente. Aquelle cavalleiro é o sr. Christovam de Tavora!

Em meio da estupida embriaguez, o tenente viu o perigo a que se achava exposto. A Dorothéa empurrou-o para fóra.

Os dois Christovãos, aos bordos, correndo quanto podiam nas sombras da noite, presos d'uma terrivel agonia, vendo já a forca a erguer-se para elles, iam dizendo, espantados:

— Christovam de Tavora! Christovam de Tavora!

CAPITULO XXIV

A mesquinha

A noticia da morte do Cardeal rapidamente se espalhou por todo o reino.

Dos cinco governadores nomeados, um só, D. João Tello, merecia a confiança do povo, que começava a exaltar-se a favor de D. Antonio, Prior do Crato.

A nova chegou a Castello de Vide no mesmo dia em que Martim Corrêa, farto de bater matto á procura do celebre salteador, voltára a casa, sem que os homens do seu terço houvessem disparado um tiro apenas.

João Folão, segundo a opinião geral, deveria ter-se refugiado em terras de Hespanha, depois de haver talvez definitivamente dissolvido a quadrilha, com que tantas proezas praticára.

Voltava Martim Corrêa pezaroso de não lhe haver podido infligir o castigo que merecia. Mas demais se havia falado em roubos e salteadores, e agora outro assumpto de maior importancia captivava as attenções: a sorte do reino.

Ao abraçar o pae, teve Martha um primeiro reflexo de alegria nos olhos abatidos, um nadinha de côr nas

faces cavadas. As fundas olheiras sob os olhos verdes, que o fixavam ternamente, fizeram a Martim estremecer assustado o coração affectuoso.

— Pois ainda assim te encontro, minha filha? Abatida sempre, sempre tristes esses olhos, que deveriam ser a minha luz!

— Engana-se, meu pae, respondeu Martha com um sorriso em que procurava esconder todo o soffrimento da sua duvida, das suas luctas, da desventura da sua vida. Tinha saudades suas. Voltou; estou tão contente, meu pae!

D. Rosa Rodrigues, sempre de labios muito comprimidos por causa do segredo, nada percebendo das inquietações de Martha, mas muito convencida de que brevemente na côrte o alto cargo de seu esposo a poria muito acima de todos os fidalgos da provincia, não sabia como dirigir os seus cumprimentos ao recem-chegado, não querendo rebaixar-se perante o simples irmão d'um alcaide, mas sentindo ao mesmo tempo um religioso respeito pelo homem, que brevemente poderia vir a ser o sogro do alto monarcha portuguez.

Felizmente para D. Rosa e suas duvidas, Martim Corrêa, todo entregue a seus cuidados pela filha, não dera sequer pelas incertezas da aia.

Militão, afflicto pelas novas que haviam chegado, sentindo no peito ferver-lhe o odio contra o castelhano, anciava por conversar com o irmão e saber d'elle, que vinha de percorrer as principaes terras do Alemtejo, ao sabor de desencontrados boatos, qual era a opinião do povo e da nobreza sobre as probabilidades dos pretendentes á corôa de Portugal.

Infelizmente era certo: só o povo e raros fidalgos estavam ao lado de D. Antonio. Os outros, vendidos, obcecados, ou receiosos de guerra, eram todos por Felippe de Castella.

Vinham as trevas do oriente. A noite descia sobre a patria.

E Militão, conversando com Martim Corrêa, com aquella infantibilidade que tornava santamente alegre a sua velhice, mais uma vez deixou transparecer a esperança da volta possivel d'El-Rei D. Sebastião.

No sorriso triste de Martim Corrêa havia talvez um

bocadinho de inveja d'aquelle sonho em que o irmão se deixava embalar e que lhe dava visões gloriosas em meio do desalento de todos.

Em toda a villa apenas se falava sobre o assumpto, que n'esse momento mais interessava ao reino. Em dois campos se dividia. Os mais intimos do alcaide todos eram por D. Antonio, os amigos de João de Vaz por D. Felippe, estranhando comtudo que o velho morgado tão preoccupado andasse com os hospedes misteriosos, que nem os mais discretos eram attendidos, quando lhe iam bater ao carunchoso portão do pateo.

Ia o Plutão passeiando, sempre muito cheio de si, pelas ruas da villa, conversando com uns e outros. Elle, que tão de perto havia conhecido os homens, desde os mais altos da côrte até aos infimos da infima plebe, deixava, de quando em quando, caír dos labios alguma observação philosophica, cortada logo por uma discreta reticencia, visto serem principios seus o estar de accordo com todos.

E no immenso desastre, que ameaçava o reino preoccupava-o o futuro da arte.

Passeiando, cumprimentando uns e outros, falava pouco e em tom prophetico.

Um capricho levou-o até casa de Florisbella. Queria saber o que dizia Galaor, não que este pudesse influir sobre as opiniões d'elle, mas por lhe parecer conveniente informar-se ácerca das de todos os seus discipulos. Talvez lhe conviesse voltar a Castella. Veria. Havia de consultar os seus melhores conselheiros, o Alcibiades e o Pavana.

Encontrou a porta da casa de Melicia apenas encostada. Bateu. Não obtendo resposta, empurrou a porta. Chamou:

— Galaor!

Esperou um instante. Metteu a cabeça.

— Galaor!

Entrou.

— Sahiriam todos?

E tornou a chamar:

— Galaor!

Sobre a lareira fervia a sopa.

— Cheira bem, disse comsigo o Plutão. O Galaor e o Bento tratam-se como fidalgos. Galaor! disse outra vez de rijo.

Pareceu-lhe ouvir um respirar afflicto na alcova. Apurou o ouvido. Florisbella estaria peior? E ali sósinha!

Bateu á porta.

— Florisbella!

Escutou. Era um gemido triste, quasi apagado já.

— Dorme talvez.

E tornou a chamar.

— Florisbella!

Ia descendo a noite. As raparigas, em bandos, voltando da fonte, com as bilhas ás cabeças, vinham cantando alegremente:

> Se em penhascos brotam fontes,
> Se no cardo nasce a flôr,
> É porque as hervas e os montes
> Não teem cuidados d'amor.

As nuvens, muito vermelhas, accummulavam-se no poente. Uma claridade, côr de rosa desmaiada, tingia levemente as paredes caiadas da cosinha.

O Plutão abriu a porta da alcova.

— Florisbella, que tens tu?

Approximou-se do leito, vendo que lhe não respondia. Pegou-lhe nas mãos.

— Responde. Que tens?

Na tenue claridade crepuscular, que pelas portas abertas penetrava até á alcova, distinguiu os olhos de Florisbella, negros, parados, muito brilhantes. Os cabellos espalhados sobre a alvura da almofada, emmoldurando-lhe em negro o rosto, mais faziam sobresahir-lhe a pallidez mortal.

Florisbella não respondeu, mas os olhos cerraram-se-lhe por um momento, saudando o amigo com uma expressão de carinhoso affecto.

— O Galaor? perguntou este.

Ella, muito cançada, quasi sem forças, respondeu, interrompendo-se para respirar a cada palavra:

— A Melicia foi em busca d'elle.

— Então deixou-te! Abandonou-te! exclamou o Plutão.

Mas logo arrependido, afflicto, sentindo humedecerem-se-lhe os olhos ante a expressão dolorosa do rosto de Florisbella:

— Sim... sim. Ha-de achal-o... e elle voltará.

Um sorriso muito triste dos labios descórados illuminou por um instante o rosto da doente.

— Voltará...!

Ergueu para o alto os olhos n'uma prece muda e logo, desanimada, tornou a fechal-os.

— Florisbella! disse o Plutão. Mas ouve!... ouve!

E vendo que lhe não respondia:

— Que hei de eu fazer? De que morre ella? E aqui sósinha!... Ao desamparo!... Sim, sim, morre do que outro tambem morreu, o meu Salta-Poças!... Não, não deve ser!... E ao desamparo, ao desamparo!

Tornou a chamal-a:

— Florisbella! Florisbella!

Tentou erguel-a. Teve medo que lhe ficasse nos braços aquelle corpo franzino, leve como de passarinho. Pôz-lhe outra vez muito mansamente a cabeça sobre a almofada.

— Pobre Florisbella!

Sahiu correndo, com o chapeu na mão, as longas farripas esvoaçando ao vento.

Iria para ella implorar a caridade, mendigar um auxilio, fosse a quem fosse. Pois assim lhe havia de morrer a mais notavel das actrizes, a sua gloria, o seu orgulho!

Militão era generoso, havia de auxilial-o. E a sobrinha, tão compassiva, quereria decerto trazer umas palavras de carinho para junto d'aquelle leito de dôr.

E, tragico, concertando as melenas, entrou a passos rapidos no Solar do Alamo.

Entretanto, Melicia, perguntando, informando-se, gritando por elle nos soutos da serra, conseguiu encontrar Gonçalo.

Lá estava, do outro lado do valle, em frente do Solar do Alamo, com os olhos postos n'aquellas janellas, sempre na esperança d'uma visão formosa, suavissima, consoladora, que, piedosa, viesse trazer-lhe a luz da aurora ás trevas da noite, que ia crescendo, cres-

cendo, esfriando-lhe a alma, trevas que o asphixiavam. Queria vêl-a uma vez mais, sahir d'aquella incerteza de sonho, que, pouco a pouco, sentia ir-se transformando em angustioso pesadêlo.

Nem deu sequer pela chegada de Melicia, que, inquieta pelo que se passaria durante a sua ausencia de casa, vinha offegante e o chamou, mal podendo falar.

— Sr. Gonçalo!

— Que é? disse este como acordando. Que me queres?

— O que faz, senhor, o que pensa, que tão longe anda d'onde a sua presença é a vida?

— Que dizes?

— Entrou a morte em minha casa pela porta por onde V. Mercê sahiu.

— Pois quem...?

— A sua Aurelia...

Sorriu-se com uma triste ironia.

— Sua...! Se o fosse...!

— Pois que tem ella então?

— Venha, venha. Pois, cego, ainda não viu...?

— Aurelia!... Aurelia!

Gonçalo esfregava os olhos, passava as mãos pela testa, como acordando finalmente.

— Mas Aurelia... Aurelia o que tem?

— Tem que está expirando.

— Expirando! Porquê?

— Venha, venha. Lá saberá.

E arrastou Gonçalo, que ia como doido. As duas imagens das mulheres amadas atropelavam-se-lhe no pensamento. Aurelia ia morrer, Aurelia, que tanto amára! E elle só pensava na outra, na que d'elle escarnecera um dia!

Melicia descia a encosta. Atravessou o rio sobre as passadeiras. Gonçalo seguia-a apressado.

Descera a noite. Rompia o luar. Gonçalo viu illuminarem-se as janellas do solar.

— Depressa! Depressa! dizia Melicia. Comtanto que ainda a encontremos com vida...!

Gonçalo sentia de dòr, de remorsos talvez, apertar-se-lhe o coração.

E murmurava baixinho:

— Aurelia! Aurelia!... Martha!

Melicia mal o ouvia. Já subia a encosta caminho da villa.

Entrou pela porta de S. João. Correu a casa.

— Aqui o tendes! Aqui o tendes! gritou logo da entrada.

Gonçalo cahiu de joelhos aos pés do leito, na alcova escura.

Longe, nos altos do castello, uma voz ainda cantava:

> Se em penhascos brotam fontes,
> Se no cardo nasce a flòr,
> E' porque as hervas e os montes
> Não teem cuidados d'amor.

Aurelia abriu os olhos.

— Sonhava, disse. Sonhava...

Gonçalo apertou-lhe as mãos entre as suas.

— Morreu tambem! O que eu o fiz soffrer!

— Aurelia! Aurelia! gemeu Gonçalo. Mas não, tu não morres! Sou eu, eu que te fallo, minha Aurelia! Perdoa-me!

— Morreu assim tambem. Agora vingou-se. Mas eu nunca lhe menti, e tu a mim... enganaste-me!

O quarto era escuro. O luar ainda muito baixo espreitando entre os altos castanheiros da serra, entrava muito manso no quarto de fóra, mas deixava em completa escuridão a alcova, onde apenas os lençoes do leito tinham nas trevas uma alvura indecisa.

Melicia sahiu para accender a candeia.

— Morreu o meu amigo! O que elle soffreu! Vingou-se!

A voz de Aurelia mudára de tom. Gonçalo, sempre de joelhos abraçava o corpo franzino da amante.

— Não, não morres, dizia. Perdôa-me, perdôa-me tu, unica de quem fui amado. Esqueci-te. Soffrias e eu não via o teu soffrimento! Perdôa. Queres morrer agora... Leva-me então comtigo, tu que já na terra me abriste as portas do céo. Unica de quem fui amado, leva-me comtigo. Se tu soubesses que espinhos me hão ferido o coração!

Gonçalo acordava emfim d'um pesadêlo cruel para mais cruel realidade. Via finalmente claro todo o egois-

mo com que havia despedaçado um coração que só por elle batia, condemnando á morte um anjo que Deus lhe deparára para consolador unico do seu homisio. Corriam-lhe pelas faces lagrimas de sincero arrependimento da sua cegueira, de compaixão d'aquella miseria.

Aurelia, ajudada por elle ergueu-se um pouco. Fez um esforço para falar, sentindo cahirem-lhe nas mãos as lagrimas quentes.

— Assim eu chorei tambem. Bebeste-me as lagrimas com teus beijos. Ella com beijos ha de enxugar as tuas.

— Aurelia! que dizes...!

E não soube definir o que n'esse momento, pensando n'um beijo de Martha, tendo Aurelia outra vez a desfallecer-lhe nos braços, sentiu atravessar-lhe o cerebro, animar-lhe o bater do coração.

Deixou-lhe cahir a cabeça sobre a almofada. Chamou-a duas vezes sem obter resposta.

— Aurelia! Aurelia!

E, com a cabeça junto á d'ella, ficou-se chorando.

Ouviu fóra um murmurio de vozes. Reconheceu a do Plutão.

Era este que voltára acompanhado por D. Rosa e Martha.

Juntamente com uma avultada esmola trazia Martha a Aurelia as consolações d'um coração compassivo. E' tão bom á hora da morte ouvir palavras boas! Saberia ella dizer-lh'as? Talvez. Soffria tanto tambem!

Viera acompanhando os passos rapidos d'aquelle homem, que lhe fôra contar, suffocado em lagrimas, a que o exagero não tirava a sinceridade, a desgraça d'aquella pobre rapariga e juntamente a sua d'elle, reduzido á miseria pela morte, que ia levando os seus melhores artistas. Contara-lhe o abandono da triste n'aquella casa tão pobresinha e a melancolia d'aquelle entardecer de inverno na alcova sombria, onde a morte entrava com o frio, com a solidão, com o desamparo.

Martha commovêra-se tambem. Na dôr alheia poderia achar um lenitivo á sua. Nada como lagrimas para diluir lagrimas.

Disse a D. Rosa que a acompanhasse.

Militão, sabendo do que se tratava, mandou ir adeante a sobrinha. Lá iria ter. Bem conhecia a casa da Melicia.

D. Rosa calava-se. Sabia ser aquella a habitação do illustre amante e a de El-Rei. Iria ver, respirar n'uma choupana os ares da côrte. E não seria aquella doença uma invenção, negaça do sr. D. Sebastião para atrahir aos braços reaes a donzella, rainha de seus sonhos? Sabia-lhe bem achar-se assim tomando tão activa parte n'aquelle romance, que a historia havia de immortalizar.

Melicia beijava a mão de Martha.

— E' um anjo que desce. Se visse como ella soffre!

— E que tem?

— Não sei... ou demais o sei. Como acudir-lhe é que não. Já quasi não fala, não me responde. Morre de dôr.

— E morre-se de dôr? disse Martha, levando a mão ao peito, como para socegar o bater do coração.

— Com que paciencia soffreu!... Agora morre.

Fóra ouviam-se os soluços de Gonçalo.

— Quem chora?

— Elle... n'um arrependimento tardio.

— Elle! exclamou Martha.

O coração bateu-lhe mais apressado ainda. Se fosse *elle!*...

Mas Melicia com a candeia esperava á porta da alcova. Martha procurava serenar.

— E' certo que morre? perguntou.

— Veja-a, disse Melicia.

Martha voltou-se dirigindo-se á aia:

— Rosa, disse, ide com Plutão chamar o cura. Que venha depressa.

D. Rosa e o Plutão sahiram. Martha e Melicia entraram no quarto.

Gonçalo estava ajoelhado junto do leito. Segurava as mãos de Aurelia, beijando-as, chorando sobre ellas. Não deu pela entrada de Martha.

Mas, como n'aquelle dia em que, depois de tantos mezes de soffrimento, encontrára a filha do judeu chorando junto do cadaver do Salta-Poças, no pequenino curral de Flôr da Rosa, um ligeiro perfume espalhado

na atmosphera lhe trouxera recordações confusas d'outros tempos mais felizes, agora tambem, entre as lagrimas que chorava, junto d'aquelle leito, onde morria a mulher que mais o amára, a unica talvez que o houvesse amado, pareceu-lhe sentir uma mudança dulcissima no ar que respirava, como se as vibrações das azas dos anjos, que Deus enviasse a buscar aquella alma, enchessem o quarto do aroma celeste de que vinham impregnadas. Um dia respirara assim aquelle ar inebriante, uma noite, durante momentos, no jardim do Alamo, entre o arvoredo, junto de Martha. E a imagem d'esta, ainda antes que elle a visse, ergueu-se-lhe deslumbrante como fogo de aerolitho cortando as trevas opacas d'uma noite de inverno.

Martha fôra ajoelhar do outro lado do leito, em frente de Gonçalo.

Atrahida ali por um simples, mas ardente, sentimento de caridade, ignorando o soffrimento cruel que vinha encontrar rasgando o peito exhausto da infeliz tisica, porque o Plutão só lhe soubéra contar que a pobre expirava ao desamparo, agora n'aquelle quarto, ajoelhada em frente de Gonçalo, que ainda não reconhecêra, ella que tão facil julgára poder achar nas variantes da propria dôr frazes consoladoras para todas as desgraças, nem uma só palavra sentia subir-lhe aos labios, na impressão confusa recebida logo á entrada, no vago receio que lhe inspirava a dôr d'aquelle homem.

— Gonçalo! disse Aurelia com a voz sumida, procurando dar áquella palavra toda a meiguice com que tantas vezes a pronunciára, reconhecida talvez por aquellas lagrimas, que ainda lhe poderiam trazer um sonho á hora da morte, sonho que Deus compadecido a deixaria talvez sonhar para sempre, na paz da cova.

Mas Martha levantou-se; Gonçalo ergueu a cabeça.

— Martha! exclamou.

E os dois de pé, separados pelo miserrimo leito da moribunda, ficaram extaticos, olhando-se, esquecidos do motivo que ali os trouxera a ambos.

Melicia tremendo mal sustinha nas mãos a candeia, que illuminava o fim da agonia da mesquinha Florisbella.

Entreabriu os olhos a doente, fitou-os em Martha com uma expressão de dôr infinita, depois em Gonçalo

n'um esforço de resignação, n'uma prece. E aquelle tristissimo olhar parecia querer dizer: — « Porque não me deixaste morrer sonhando que ainda era tua ?»

Ia morrer tão bem!

O padre entrou com os santos oleos. O Plutão pozse a chorar.

Duas lagrimas correram pelas faces pallidas, cavadas, cheias de sombras, de Aurelia.

O padre começou a rezar as orações. Ungiu-a na testa em que os cabellos negros se empastaram pelos suores das febres, ungiu-a no peito onde os movimentos do coração finalmente socegavam, nas mãos pallidas, esguias, que tantas vezes se haviam juntado para implorar a compaixão do céo, nos pés brancos, pequeninos, tão feridos, tão molestados pelos caminhos asperos percorridos em busca, atraz do seu amor.

E para tanto infortunio Martha não tinha uma palavra, Gonçalo quasi não tinha um só olhar.

O padre resava. Martha tremia.

Era aquelle o homem que por tanto tempo lhe occupara o pensamento e o coração. Era assim que ella agora o via sempre e, por mais que lhe fugisse, era para elle assim que em sonhos corria sempre agora. No intimo combate, que a todo o instante se travava na alma d'ella, era aquelle, aquelle sempre o vencedor. Andava já exhausta de tanto luctar, no pensamento fatigante, complicado como um delirio.

E nem uma só palavra aos labios lhe acudia, preza ali junto d'aquella enxerga, onde os dedos da morte começavam a apertar a garganta da que morria de amor.

E Martha sentia-se viver. O padre cessára de resar. O estertor começava.

Aurelia comprehendêra tudo.

Abriu ainda uma vez os olhos. Os labios moveram-se.

— Gonçalo !

— Chama-o, disse Melicia.

Gonçalo ajoelhou.

Os labios de Aurelia moviam-se como n'uma prece. N'um derradeiro esforço murmurou:

— Perdão... A tua espada...

E então Martha lembrou-se de ter ouvido contar, que

Gonçalo abandonára em mãos d'uma mulher a sua honra de cavalleiro.

Era aquella!

O padre começara o officio da agonia. Gonçalo olhava para Martha, que desviára d'elle os olhos.

Ouvia-se o respirar cada vez mais espaçado da moribunda.

O Plutão aos pés do leito seguia com o olhar cheio de saudade o desenho, que a morte ia traçando n'aquelle rosto, que tão lindo fôra, que tantas vezes se illuminára, quando aquella bocca, torcida agora pelas contracções da dôr, cantava entre ovações formosos versos. Como era mudado! Que fundas olheiras! Que sulcos de lagrimas! Viu a roupa erguer-se n'um movimento muito lento da respiração. Approximou-se. Ainda uma vez a roupa se ergueu... Depois um ligeiro sopro sahiu dos labios de Florisbella.

O Plutão deu um grito.

Martha estava de pé junto do leito. Nos olhos verdes brilhava-lhe uma luz de loucura. Aquelle homem porque chorava? Sentiu a aguilhoada do ciume.

—Meu amo! Meu amo! gritou na rua o Bazaruco.

Gonçalo puzera-se de pé; caminhava para a porta, fugindo como doido.

—Aonde vae, senhor? perguntou-lhe Melicia retendo-o.

—Em busca da morte, respondeu Gonçalo.

—Não! disse Martha com um grito em que poz toda a sua alma. Já me deste provas da tua coragem. Vai-te em busca da gloria!

—Meu amo! Meu amo! gritou á porta o Bazaruco.

Gonçalo parára olhando para Martha. Aquella voz era a vida

Martha afastava-o com o gesto.

—Vai;... porque te amo!

O Bazaruco entrou ainda cambaleando.

—Venha, venha depressa. El-Rei D. Sebastião está em Castello de Vide com o sr. Christovam de Távora!

Militão Corrêa vinha entrando n'esse instante.

—El Rei! gritou Martha.

—El-Rei! El-Rei! repetiu Militão.

Gonçalo seguido pelo Bazaruco ia já longe.

Aurelia morta!... Martha amava-o!... A gloria!... A gloria!

Martha cahira desmaiada sobre o catre de Aurelia morta.

O padre trazendo a extrema uncção atrahira grande quantidade de povo á porta de Melicia.

— El-Rei...! Que quer dizer isto? perguntou Militão Corrêa.

— Ali! Ali!... Aquelles!

E D. Rosa apontou para dois vultos que se dirigiam apressadamente para a serra, illuminados pelo luar.

— El-Rei e o sr. Christovam.

N'essa noite na serra passaram dois cavalleiros a toda a brida adeante de Gonçalo e do Bazaruco. Um d'elles conduzia um terceiro cavallo carregado com toda a baixella de prata do morgado da Aramenha.

E o povo muito espantado leu pela manhã a seguinte despedida escripta a carvão na parede do velho palacio

EL-REI D. JOÃO FOLÃO I
SAUDA O SEU TRINCHANTE MÓR
D. JOÃO VAZ.

CAPITULO XXV

O pacto de familia

Foi D. Lourença a encarregada de ouvir a confissão de Martha, depois que D. Rosa, entre lagrimas pudibundas, obrigada a falar, ameaçada de expulsão por Martim e de açoites por Militão, declarou a ardente paixão que sentia por Christovam de Tavora, que, a essas horas, já longe, adoçaria as amarguras do desterro com as economias da velha.

As exclamações da aia haviam chamado a attenção do povo, que logo a rodeou, querendo saber quem eram aquelles dois cavalleiros que tão depressa desappareciam.

O Plutão arrancava de desespero as ultimas farripas; mas, ouvindo falar em El-Rei, meio convencido já, querendo convencer a todos, contou, entre soluços, como fizéra conhecimento com o misterioso Galaor, coxo ainda, ferido talvez por algum peloiro em Alcacer. E a imaginação ardente fecundava-lhe esperanças d'altas recompensas futuras para elle o mestre, o director da farandula em que representava o sr. D. Sebastião, rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa.

Foi preciso que Militão puzesse cobro repentinamente á parolagem do Plutão, ás lagrimas de D. Rosa, á curiosidade do povo. O escandalo, perigoso sempre, muito mais o seria agora nos tempos de revolução que o reino por certo iria atravessar. Mandando afastar o povo e recolher o Plutão em casa de Melicia, voltou para o solar, amparando Martha, que caminhava com difficuldade.

Apesar de toda a fantazia com que o alcaide costumava juntar seus bordados ao sonho esperançoso da sobrinha, a duvida de que Christovam de Tavora houvesse tido por confidente aquella velha parva nem por um momento lhe acudiu ao espirito.

Como, porém, D. Rosa não se calava e teimava em acreditar que havia posto coração e bens nas mãos do mais alto cavalleiro da côrte, Martim Corrêa mandou chamar ao solar a Melicia, que, entre muitas lagrimas, com a cabeça perdida, ella tão duramente punida pelo exagero da sua bondade, confessou, receosa de maior castigo, que tivera por hospedes o sr. Gonçalo Vaz, sobrinho de seu amo, e o escudeiro d'este, irmão d'ella, o Bento, por alcunha o Bazaruco, ambos homisiados, perseguidos pela vingança do onzeneiro Ayres Gomes, pae de Florisbella.

Então Martim Corrêa contou ao irmão o que vira em Lisboa no dia da acclamação do Cardeal e como Gonçalo Vaz se vingára no judeu do roubo que traidoramente este lhe fizera, historia demais conhecida em Castello de Vide.

D. Rosa não fazia senão chorar, arrancando os cabellos.

— Bento de Tavora! . . . Christovam Bazaruco!

Que traição do seu coração amantissimo! Que aluir de sonhos!

Agora, cheia de odio, contava as mentiras do Bazaruco, os versos que este lhe cantava e que ella ainda mais estropiava, o titulo de condessa que lhe promettera, os cruzados que lhe roubára, o vinho que bebera e que ella agora tinha na consciencia.

Foi preciso que Martim severamente a mandasse calar.

Poderia a comedia complicar-se nos maus tempos

que iam correndo. Tudo havia agora a temer das intrigas de João Vaz.

Entretanto Martha, sósinha em seu quarto, sentia fugir-lhe a razão, procurando decifrar o enigma d'aquella fuga rapida de Gonçalo ouvindo a noticia que o Bazaruco lhe trouxera. El-Rei estaria em Castello de Vide, alli, agora, elle, o verdadeiro rei! E um momento antes disséra ella ao outro que o amava! Como é que Deus se entretinha assim a fazer joguete do seu coração, que, no momento em que tão sinceramente o enviava todo inteiro a um só, um temporal o desviava do caminho, para tão longe o atirar outra vez, tão longe!

El-Rei em Castello de Vide!

Foi D. Lourença ter com ella, carinhosamente confessal-a.

Martha abriu a sua alma, desafogou. Contou á tia as suas esperanças, o sonho em que vivêra. Nada occultou, porque o segredo afogava-a. Disse tudo, até o que com ella se passára n'aquella noite, noite de eterna memoria.

D. Lourença não percebia, ella que só tivera devoções, todo aquelle emmaranhado da teia urdida pela fantazia ardente da sobrinha e em que a alma d'esta se debatia, como pequenino insecto em ancias mortaes. Confusa, hesitante, emquanto quiz com a razão combater a loucura de Martha, poude finalmente achar, só na sua bondade intelligente, os termos carinhosos com que soube socegal-a, aquietar-lhe o sonho, fazer-lhe entrever a possibilidade d'uma vida feliz, tranquilla, nos braços do esposo, amado só pelo coração.

Gonçalo, que tão corajosamente expozera por elles a vida para salval-os de João Folão e sua quadrilha, agora que tão boa occasião havia de offerecer-se, não hesitaria por certo em lavar-se da nodoa que manchára o seu nome, deixando-se ficar cobardemente nos braços de uma mulher, quando a honra o chamava a combater ao lado de seus irmãos e de seu rei nos campos africanos. Seria um noivo digno d'ella decerto o sobrinho de João Vaz.

Mas este nome veiu novamente accordar a lembrança da lucta das duas familias. E se João Vaz não consentisse?

Rompêra a manhã e D. Lourença e Martha ainda conversavam. Martha sorria acarinhada pela tia. O coração trasbordava; fizera-lhe bem desafogar. Sim, não havia duvida, era Gonçalo que ella amava, Gonçalo que partira para o caminho da gloria, para ser digno d'ella.

Martim Corrêa veiu bater-lhes á porta. Viu Martha sorrindo.

—Sabes quem era El-Rei, que João Vaz abrigou no seu solar?

Martha olhou para elle espantada.

—João Folão que esta noite fugiu roubando-lhe a baixella. Está como doido o pobre João Vaz.

—E sabe quem era aquelle cavalleiro que tanto nos commoveu na representação do auto? pergunta D. Lourença.

—Sei, respondeu Martim Corrêa. Era Gonçalo Vaz, o doido que...

—O homem que d'esse João Folão nos salvou no caminho do Crato, o homem que sua filha agora escolheu para esposo.

—Gonçalo Vaz!

—Meu pae, disse Martha, confessei-lhe o meu amor. Verá que ha de voltar digno de mim. Se eu ia morrendo...!

E n'essa mesma tarde Militão ia procurar o morgado da Aramenha, offerecer-lhe o abrigo de sua casa contra as vaias do povo, dar-lhe a conhecer a vida do sobrinho, prometter-lhe a regeneração d'ella pelo amor. E o velho João Vaz esquecia odios, ambições, vergonhas. Gonçalo era vivo!

O amor dos filhos matava o odio dos paes.

CAPITULO XXVI

D. Antonio

D. Antonio fôra acclamado rei pelo povo em Santarem. D. Felippe de Castella, que cuidava ter por si o direito e que fôra escolhido para reger estes reinos pelos governadores nomeados pelo Cardeal-Rei, decidira-se finalmente a enviar as suas tropas á conquista de Portugal.

Em 21 de junho rendêra-se Villa Viçosa sem resistencia. Logo depois Extremoz, Evoramonte, Arrayolos, Alcacer do Sal.

Castromarim, Tavira e Faro acclamaram D. Felippe. E' que de Ayamonte sahira a esquadra hespanhola, composta de setenta e duas galés, quarenta náus, trinta chalupas e caravélas, á qual se renderam sem resistencia Villa Nova de Portimão, Lagos e Sagres.

A villa de Setubal, onde, pouco tempo havia, D. Antonio fôra recebido debaixo de pallio como rei d'estes reinos, era saqueada pelos soldados do Duque d'Alba, depois da entrega da fortaleza, que lhe defendia a barra.

Nenhuma encontrava o Marquez de Santa Cruz capaz de resistir á sua frota poderosa.

D. Antonio não se acobardava, procurando sempre a lucta. Poucos patriotas o seguiam. Para formar um exercito de pouco mais de quatro mil homens, fôra preciso obrigal-os pela força a pegar em armas. Muitos d'elles nem essas tinham.

Não sabia o Duque d'Alba como passar a Lisboa. Alguns portuguezes traidores, que se achavam na frota, depois de terem ido a Badajoz beijar a mão d'El-Rei de Castella, foram de conselho que se procurasse desembarcar em Cascaes, d'onde o exercito partiria para a capital a encontrar-se com a gente do Prior do Crato. E para que a traição fosse completa, para que o amor da patria se ostentasse nullo, o primeiro a defender essa idéa foi o proprio senhor de Cascaes, D. Antonio de Castro, que se achava na frota do Marquez de Santa Cruz.

Era a villa defendida por D. Diogo de Menezes, que pagou com a cabeça a sua lealdade. Por toda a parte onde o Duque d'Alba chegava só encontrava entre os que tinham por obrigação defender a patria do jugo estrangeiro, cobardias, traições, almas promptas a venderem-se. Indignado com a resistencia do honrado fidalgo, apenas lhe foram abertas as portas da fortaleza, mandou decapital-o, noticia que espalhou o terror entre a população, logo que foi conhecida em Lisboa.

Quiz D. Antonio marchar com a sua gente ao encontro do inimigo, chegando a conduzil-a até Belem, onde Esforza Orsino, gentilhomem italiano, unico conhecedor da arte da guerra que o acompanhava, o convenceu a retirar-se para a margem esquerda do rio de Alcantara, onde mais facilmente com os seus poucos soldados bisonhos, a maior parte d'elles homens de officio, camponezes, escravos, quasi todos mal armados ou completamente desarmados, poderia tentar resistir ao exercito castelhano composto de dezeseis mil soldados veteranos.

O Duque d'Alba fôra encarregado por D. Felippe de chegar a algum acordo com o Prior do Crato. Ao Duque, porém, convinha-lhe a gloria das batalhas. Escrevendo ao que se intitulava rei de Portugal, tratou-o na carta por *senhoria*, respondendo-lhe então o Prior que

os reis eram reis, os capitães capitães, mas que as victorias eram de Deus.

E assentando seus arraiaes em Alcantara, ali esperou que Deus decidisse da victoria.

Entretanto rendia-se a fortaleza de S. Gião; pouco depois a de Belem. A esquadra hespanhola veiu fundear em frente de Lisboa.

O exercito hespanhol puzera-se em marcha, e, luzido, forte, adestrado, bem organisado, commandado por velhos capitães conhecedores da arte da guerra, viera acampar nos altos, em frente de D. Antonio, na outra margem do rio.

Era á noite. De madrugada era certo o combate. Muitos desertavam, receosos da derrota.

O luar brilhava esplendido.

— Dormes, Bazaruco? perguntou Gonçalo, deitado de costas, contemplando as estrellas.

Havia muito que ali estava, com o coração sereno, respirando o ar fresquissimo d'aquelles montes, deixando-se emballar em pensamentos, que ondulavam n'um mar extenso, muito azul, luminoso como aquelle bocado de tremulina, lá em baixo, no Tejo, onde negrejavam as náus hespanholas.

— Não, meu amo, não durmo, respondeu o Bazaruco. Tenho saudades e tenho sêde.

— Em breve, umas e outra has de matar.

— Eu sei...! Saudades dos bons tempos. Voltarão? Sêde de bom vinho.

— Cedo o beberás e do melhor. Consola-te.

— E onde, meu amo?

— Na nossa terra, em Castello de Vide, onde os nossos nos esperam.

— Boa amiga lá tenho, a sr.ª D. Rosa, que não tem feito senão intrigar-me. Fiz-lhe o mesmo alguma vez? Disse alguma vez mal d'ella, meu amo?

— Que mal havias de dizer de quem te entregou todo o coração?

— Boa prenda!

— E os cruzados.

— E' verdade, os cruzados, sobretudo os cruzados. Se não fossem elles, n'aquelles primeiros tempos...

— Já lh'os pagou meu tio.

— Bem sei. Ganhou mais a D. Rosa no negocio que nunca o Ayres Gomes. E ainda se queixa...!

— E a tua irmã?... Santa Melicia...!

— Santa mana...! Aquella sopa d'ovos...!

— Em que pensas sempre!

O Bazaruco sentou-se.

— Não, que não sei o que me vae succeder esta madrugada, quando aquelles malditos castelhanos, que ali estão defronte, começarem a descarregar a artilheria, e quero, antes d'isso, enviar uma despedida saudosa a tudo o que mais amei na terra.

— Não tens então esperança...?

— De que haja sopa d'ovos no céo? Talvez. Que hão de os anjos comer?

Gonçalo conservou-se em silencio por largo tempo. O Bazaruco tornára a deitar-se, erguendo para o ar o immenso hemispherio do ventre.

— A vida!... A vida!... murmurou Gonçalo.

— Mal a temos levado até hoje, disse o Bazaruco, bocejando.

— A vida nova começa ámanhã. Levo as cartas de Martha comigo, sobre o meu coração. Como eu a adoro!

— E seu tio?

— Santo velho! Escreveu-me tambem, mandando-me a sua benção. Comprou por dez mil cruzados a Ayres Gomes a desistencia do processo.

— Dez mil! exclamou o Bazaruco.

— Diz ter sido o que lhe roubaste.

— Mentiroso! Onzeneiro sempre! Nem quinhentos. E que diz a sr.ª D. Martha de seu tio?

— Adora-a. Vae todos os dias ao Solar do Alamo. Falam os dois velhos em politica, jogam as cartas, ralham, põem-se todas as noites outra vez mal e todos os dias outra vez bem.

— Que milagre!

— Um milagre do nosso amor, que é bemdito por Deus.

A lua fôra subindo. Despontava no oriente o setestrello.

— E' tarde, disse Gonçalo. Pouco tempo já poderemos dormir.

Em meio do bulicio do arraial, Gonçalo sentia descer sobre elle toda a paz tranquilla d'aquelle céo purissimo. O pensamento fugia-lhe; um dulcissimo atordoamento das faculdades faziam-lhe cerrar serenamente os olhos. Invocou a imagem de Martha, ante a qual só queria tornar a apparecer limpo da mancha que por tanto tempo o afastára d'ella, d'ella, da querida amada que n'esse mesmo dia lhe escrevêra animando o ao combate, ao cumprimento do dever. Queria vel-o com a aureola dos heroes. E elle tinha fé que Deus lhe havia de conservar a vida, attender as preces dos labios santos que por elle resavam e que um dia havia de beijar reconhecido.

O Bazaruco roncava, mastigando por vezes, dando estalinhos com a lingua, como se provasse um vinho bom.

Gonçalo entreabriu os olhos. A lua no zenith dava-lhe de chapa no rosto. Pareceu-lhe que uma imagem feita de luar descia sobre elle, protegendo-lhe o somno. Era como um anjo da guarda. Tinha cabellos pretos, olhos verdes. Gonçalo adormeceu sorrindo.

No campo hespanhol todos estavam dispostos para a lucta, certos da victoria.

Logo de madrugada, o duque d'Alba mandou dar o signal do ataque. Nem sequer se dignou montar em seu cavallo de batalha; mas, collocando uma cadeira n'um dos pontos mais elevados da serra, d'ali assistiu ao desenvolver do plano, que lhe havia de trazer uma facil victoria. Dez mil homens aguerridos, bem armados, depressa dariam conta dos poucos farroupilhas que tão insanamente se atreviam a oppôr-se a tamanha força.

Pouco tempo durou o combate, apenas renhido sobre a ponte, onde a gente de D. Antonio, a pé firme, resistia denodadamente.

Entretanto uma grande parte do exercito hespanhol caminhava, subindo pelo valle e atacava o extremo da ala direita dos portuguezes, fraca, mal guarnecida de gente. Foi por ali facil a entrada na cidade.

Sobre a ponte os portuguezes retiravam tambem ante as forças formidaveis dos castelhanos. Por cada um d'estes que morria appareciam sete no combate.

Era preciso um derradeiro esforço.

— Adeante! gritou D. Antonio sustendo a fuga dos seus e atirando o cavallo para cima dos inimigos.

— Adeante! gritou Gonçalo.

E os dois acompanhados pelo conde de Vimioso, D. Manuel de Portugal, o velho Diogo Botelho, Duarte de Castro e seguidos por outros denodados partidarios do arrojado monarcha portuguez, fizeram novamente recuar sobre a ponte as massas poderosas do inimigo.

Gonçalo sorria sempre. Vencido ou vencedor, teria a gloria a coroal-o.

— Coragem, meu amo! gritou-lhe uma voz ao lado.

E Gonçalo viu o Bazaruco, de pé, á ilharga d'elle, combatendo como um leão. Levava as mãos negras da polvora e o cabello empastado em suor.

Os escravos, arrebanhados á força nas ruas de Lisboa e a que não haviam dado armas com que pudessem defender-se, começavam a debandar, subindo pela encosta, caminho da cidade. O leito do rio estava coalhado de cadaveres. Os hespanhoes multiplicavam-se.

— Volta! gritou D. Antonio.

E elle e os seus seguiram desordenadamente pela cidade, caminho de Sacavem. O Prior ia ferido, o sangue corria-lhe pelo rosto. Em Coimbra tentaria novamente a fortuna, organisaria um novo exercito.

Lisboa estava perdida. Os soldados castelhanos já punham a saque os arrabaldes.

Gonçalo, sem attender ás ordens de D. Antonio, metteu esporas ao cavallo, que não sabia voltar-se.

Uma cutilada na cabeça prostrou-o em terra.

— O troco! berrou o Bazaruco, enterrando a espada no ventre do castelhano que lhe ferira o amo.

E agarrando este nos braços, abriu caminho com a espada entre os inimigos, recuando, correndo, até que entrou na cidade, cahindo exhausto, pisado aos pés pela turba dos fugitivos.

Pousou Gonçalo no chão, sentou-o junto d'uma porta, escutou-lhe o bater do coração.

— Vive!

Poz-se a resar.

— Ainda hei-de beber bom vinho, disse terminando a oração, depois de benzer-se.

O sangue corria abundante da ferida profunda. O Bazaruco ensopou o lenço em agua, lavou-a.
Estava limpa a honra.

CAPITULO XXVII

A sombra

Um sino na villa tocou Ave-Marias.

— Quasi noite. Voltamos?

— Espera um só momento.

Tarde de outomno suavissima. O sol descia na grande gala d'aquella despedida do verão. As folhas seccas atapetavam o caminho por onde seguiam amorosamente enlaçados Martha e Gonçalo, casados havia oito dias pelo padre Manuel.

Gonçalo mostrou a Martha as nuvens acastelladas, rutilas, do occidente.

— Sinto dentro de mim uma luz assim, resplandecente como aquelle adeus do sol; mas mais serena, serena como o luar. Ainda ha dias, no proprio dia do meu casamento, sentia uma sombra dentro de mim. Tu m'a soubeste desvanecer, Martha, minha consoladora.

— Era a tristeza de vêr a nossa patria moribunda? Talvez as ultimas noticias que tivemos do sr. D. Antonio, tão digno de melhor sorte?

— Teremos um filho, Martha. Elle nos ha de vingar. eu fiz o que pude, bem sabes.

— Sim.

Uma cicatriz profunda sulcava a cabeça, a testa de Gonçalo até ao sobr'olho.

Martha sorrindo ergueu-lhe o vasto chapeu.

— Fica-te bem. Por mim a recebeste. Deixa-me beijar-t'a.

As folhas rumorejavam. Cahiam volteando.

Os labios de Martha e os de Gonçalo uniram-se.

— Pela patria a recebi; tu m'a pagaste. Como te agradeço! Fizeste bem de me levar hoje ao adro da egreja. Aurelia ha de protejer-nos lá do céo. Rezei comtigo por ella. Não sei que peso tinha na conciencia. Tu m'o tiraste.

Martha calou-se.

As primeiras chuvas haviam enchido a ribeira, que lá em baixo cantava uma canção misteriosa, na paz d'aquelle principio tão bello do outomno, entre os choupos doirados. Vozes cantavam ao longe na villa e chegavam até á serra confusas, quasi a expirar. Uma suavissima melancolia cahia do céo, penetrava nas almas, onde espalhava como em lago tranquillo a serenidade d'aquelle anoitecer tão brando.

— Quasi noite. Voltamos? tornou Martha a perguntar.

— Um só momento, repetiu Gonçalo.

E reparando na noiva.

— Estás triste?

— Não, disse Martha.

E muito baixinho:

—Porque choraste ainda agora ao pé d'aquella cova?

— Tens ciumes? perguntou Gonçalo sorrindo.

— Da morta...!

E, vendo Gonçalo a sorrir, poz-se a sorrir tambem.

— Não. Mas tens saudades d'ella?

— Saudades...? Ao pé de ti!

— Sempre ha saudades d'um sonho.

Martha calou-se novamente.

— Resarás muito por ella, não é verdade?

— Sim; muito.

— E ella rezará por nós. Verás como havemos de ser felizes.

Continuaram a caminhar silenciosos. A tarde esfriára.

O cavalleiro passou.

Um mocho piou tristemente n'um castanheiro velho.

Um homem a cavallo desembocou n'uma das voltas do caminho. Vinha embuçado n'um vasto manto. O sol no poente punha-lhe uma aureola immensa, de côres vivas, opulentas. O cavallo era negro e caminhava a passos apressados.

O cavalleiro não trazia espada.

Ao avistar Martha e Gonçalo fez um movimento para puchar o manto para o rosto. Era alto, magro, trazia a cabeça curvada, o barrete puchado para cima do sobr'olho.

Uma brisa fria soprou n'esse momento. O mocho piava sempre. As folhas redemoinharam. Martha sentiu um calafrio.

O cavalleiro passou. Martha, fitando n'elle os olhos, segurou-se com força ao braço de Gonçalo.

Era um homem novo ainda, mas alquebrado, barba pequenina e loira, os cabellos fulvos rutilando no grande incendio do final do dia, os olhos azues fitando melancolicamente o chão.

—Parece... ia a dizer Gonçalo.

Martha tremia sempre. Vira uma vez um rosto assim e nunca mais o esquecera.

—Seria elle?... Vivo!...

As trevas da noite desceram. O cavalleiro continuava a andar. Perdeu-se pouco a pouco nas brumas do oriente.

—Vamos! disse Gonçalo.

—Sim, respondeu Martha.

Uma voz cantava ao longe:

> Se em penhascos brotam fontes,
> Se no cardo nasce a flôr,
> É porque as hervas e os montes
> Não tem cuidados d'amor.

—Que tens? perguntou Gonçalo, vendo Martha ainda a tremer.

—Tenho que te adoro, respondeu ella. A ti, a ti sómente.

INDICE

CAPITULOS | PAG.

Collocação das gravuras

PAG.

Aos nossos leitores

Preparam desde já novos trabalhos romanticos para esta empreza o eminente escriptor o sr. Pinheiro Chagas e o sr. Henrique Lopes de Mendonça, que tão gloriosamente a inaugurou. Temos além d'isso promessas dos notaveis homens de lettras os srs. Antonio Ennes, Souza Monteiro, visconde de Castilho, etc.

OBRAS PUBLICADAS

Os Orphãos de Calecut, romance original de Henrique Lopes de Mendonça, illustrado por João Vaz........................ 800 réis

El-Rei, romance original de D. João da Camara, illustrado por F. Villaça .... 800 réis